

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Officina tipografica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 941

COIMBRA — Domingo, 2 de outubro de 1904

10.º ANO

O discurso da corôa

O discurso da corôa foi o que se esperava. Ninguém ficou surpreendido com a viagem de el rei, ninguém se alegrou por não vêr as novas propostas de fazenda com que se ameaçava o país.

As propostas virão quando o espirito publico o permitir, se o permitir.

Por ora, tudo se vai fazendo com os expedientes antigos.

A viagem d'el-rei era conhecida. O *Novidades* dá a entender claramente que á muito o sabia, e não deixa de notar, com a arretirice que lhe é peculiar, e com que tão mal vai arranjando a sua vida, que escrevera, á muito, que sir Gosselin estaria em Lisboa por ocasião dos ânos de sua majestade.

Tôdo o seu artigo sobre o discurso da corôa é impregnado da ironia velhaca, que a imprensa monarchica finje não perceber, interpretando a sério o que escreve, a rir, aquêlo diabo velho que tanto sabe e tão perigôzo é.

Sabia-e da viagem, e pôde-se afirmar já que ficará barata, apesar da pompa com que se enuncia.

Toda a jente sabe já como virá falsificado o orçamento, para que o povo continue a ignorar como é que se gastão os dinheiros publicos, e não tenha ocasião de vêr quem mais o rouba.

Melhor seria que de vês se puzessem de parte embustes e que, afirmada a necessidade da viagem do chefe do Estado, se dissesse onradamente quanto custava ao sacrificio do tesouro.

Tudo se fás em Portugal como na mais dezacreditada caza bancaria.

A administração publica corre parêlha com a administração dos morgadios arruinados.

E' convicção jeral que não á parçela no orçamento que seja verdadeira, e ainda, á pouco, por ocasião das manôbras, a imprensa deu livre curso aos boatos que corrião — de que se explorava mais uma vês com o patriotismo português para levar a sacrifícios com que mal pôde, e não faltou quem afirmasse que o boato espalhado de que as manôbras avião custado a sôma excessiva de 600 contos, que é mais do que seis vezes o que se poderia ter dispendido, se arredondava assim para enco brir desperdícios que não podião vir a claro no orçamento.

Não ouve uma vós a desmentir a suspeita.

E não ouve ninguém que estranhasse.

E' prática antiga. Nas camaras portuguezas afirma-se bem alto, á 50 ânos, que o orçamento do estado não serve senão para dar pasto e encobrir a corrupção monarchica.

O factô é velho, e não proprio deste reinado.

O que porem é proprio deste reinado é a falta de protêsto das

oposições, é a sobrevida de todas as façôis deante dos desperdícios publicos, é o ar de vil abjeção com que todos se calão quando se lhes fás dizer que o falar lhes pôde trazer o desfavor real.

Assim pássão sem comentarios faltas que os devião merecer dos mais severos e assim se vai animando o vicio da dissipação que nos leva rapidamente á ruina e pode tornar impossivel o resurgimento económico do nosso país.

O que é novo em Portugal é este servilismo pelo inglês.

Em qualquer momento da nossa historia politica a repetição dos favores inglêses, a insistencia no oferecimento dos seus bons serviços seria olhada com desconfiança.

Portugal tem sido explorado pela Inglaterra; mas tem sempre avido no país, mesmo nos bandos monarchicos, quem protêste.

Só agora se não ergue uma vós discordante no côro unizono que entôdo os monarchicos.

A Inglaterra é um aliado antigo, que parece ter a peito querer, com manifestações ostensivas, levantar o nosso crédito que tão baixo deixou com o ultimatum.

Não se pôde negar a sua boa vontade, são conhecidos os seus bons serviços em complicações diplomaticas recentes, e não se pôde negar que na classe média o odio ao inglês tem diminuido deante das provas seguidas de leal amizade que parece dar-nos.

No povo esse odio não é grande.

Para o povo, o marujo inglês é um soldado em quem se bate; para o povo, o negociante inglês é um ómem que se embebêda facilmente e paga jenerosamente a quem o serve.

Odio não á.

O movimento do ultimatum foi provocado por um insulto de ocasião.

Copovo desapareceu depressa. Da classe media desapareceu pela necessidade imperioza comercio.

No coração do povo português á apenas dois odios que tem raizes fundas na sua ignorancia e no seu embrutecimento: o odio ao inimigo tradicional, ao espanhol; o odio ao francês.

Esses mesmos porem vão desaparecendo gradualmente com a instrução e mesmo o odio francês cujas orijens estão no vicio monarchico está oje apagado.

O odio á França e ás suas ideias foi ateado pelos ministros de Portugal que tentávão opor-se assim á marcha invazora das ideias liberaes.

As ordens da intendencia da policia, o trabalho dos seus agentes secretos introduzirão no espirito do povo as ideias que o fizêrão fugir de terror deante do exercito invazor, e que os roubos e atrocidades deste enraizárão mais, mas os francêses são os próprios a testemunhar a bondade dos portuguêses, em contraste com a atrocidade dos inglêses, na ocasião do triunfo.

Os inglêses tem feito tudo para que se esqueça o odio antigo.

As complicações que de todos os lados se levantão á sua politica mostrarão-lhe mais uma vês o valor que a situação territorial dá ao seu velho aliado.

A nenhum partido politico repugna oje a aliança com a Inglaterra.

A viagem do rei só é censurada como motivo de desperdícios faceis.

PARTIDO REPUBLICANO

Vai brevemente elejêr-se a comissão municipal republicana de Benavente, onde o partido republicano conta elementos de grande valor.

Os trabalhos de organização em outras terras do país continúo com perzistencia e boa vontade, esperando-se que em todo o mês de outubro se realize em Vizeu uma sessão solene onde irão representantes das comissões de Coimbra, Porto e Lisboa e se organizará a lista que á-de constituir a comissão de Leiria.

Que todos os nossos correligionários cumpirão o seu devêr, promovendo as eleições das comissões municipais e paroquiais nas terras onde tenham elementos para isso, ajudando assim proficuamente as comissões do norte, centro e sul do país, neste serviço.

As comissões paroquiais podem sêr constituídas por 3 ou 5 membros e as comissões municipais por 5 ou 7, mas, quando se não pôssão organizar estas comissões completas, organizem-se incompletas ou provisórias.

MAIS UM!...

Do *Novidades*:

E' sabido que el-rei D. Carlos devia ao soberano de Inglaterra a visita a Lisboa, solenemente realizada, e ainda acrescentada na sua significação com sêr a primeira que Eduardo VII efetuou depois de coroado.

Do mesmo bem informado diário da capital:

Na entrevista de Balmoral recebeu sir Martin Gosselin as cartas autografadas convidando el-rei e a rainha a irem a Inglaterra, as quais pelo mesmo illustre diplomata fôrão ontem entregues a suas majestades, no paço de Cascais.

Não nos enganemos com a linguagem diplomatica.

O convite de Eduardo VII é uma ordem.

El-Rei devia uma visita, é obrigado a pagá-la.

E' um verdadeiro ultimatum.

Ultimatum de boa educação, mas um ultimatum.

S. majestade, como bom português, deve estar penalizadissimo...

Laboratório de microbiologia

No mês de Agosto fizêrão-se neste gabinete as analizes seguintes: Expetorações, 15; Urinas, 15; Agua, 1; Exame de cabelos, 1; Corrimentos uretraes e vajinaes, 15. Total das analizes efetuadas 47.

A camara, na sua sessão de quinta-feira, rezolveu pedir autorização ao governo para dar nova organização ao pessoal d'obras, ficando diretor destes serviços, e dos do gás e agua, o enjehiro sr. dr. Augusto Barboza.

NA VOLTA

CARTA III

Meu caro:

Como me mandaste pedir, com ares duma curiosidade que não dezarma, a narração mais pontuada da viagem, ai vou á tarefa com unhas e... pena.

Instalei-me, érao nove e dês minutos da noite memorável de 16 de Agosto, numa carruagem de primeira que, aos poucos, se foi enchendo com uma abundancia de passageiros que a lotação não suficientava. Encolhido e aterrado no meu canto, eu via com pavôr aquêla multidão crescer e o compartimento diminuir sensivelmente; cheguei a pensar como quem sóbe em balão, no perigo da asfixia.

Primeira baladada — e como por mola, mais uma familia espreita á porta, seguida por dois carregadores esforçados que, quasi invisiveis, sobraçávão, suspendido, equilibrávão um sortimento variadissimo de malas e chapeleiras, sobretudo chapeleiras. Tu calculas lá quanto chapeu trazia aquêla jente! E a familia tinha, pelo que vi, apenas duas cabeças crescidas; o resto érao bebês. Que bela perspectiva! — uma visjem com *babis*, um réclame de Pear's sem o rezulado prometido. A familia entrou, subiu o pai, guindou-se a mãe, içário os petizes numa gralhada, trepou atrás uma creada e numa manôbra rápida as chapeleiras e as malas fôrão parár lá dentro. Onde couberão? Não sei; eu apenas defendia eroicamente a minha modesta superficialie.

Dois badaladas — á uma ajitação, jente que se levanta effsai, apêtos de mão, beijos trinados, gritos suplicantes de não feche! não feche! dirigidos aos empregados que batem com as portas estrepitôzamente.

A carruagem comêça a alargar, saiu metade do entulho — ião só despedir-se e aproveitando a gare provávão o assento.

Nisto chega açodado um jóven de fâto novo, acedidissimo, imberbe, vitorioso (fãtão-me adjetivos para um môço assim) — e convence a familia das chapeleiras e dos bebês a mudar-se para outro wagon strelado á ultima óra.

A' tempo? Não á tempo? Nós, os passageiros em côro, garantimos que avia tempo, muitissimo tempo, tempo de sobra e — oh! felicidade que acaricias o viajante — apeia-se o pai, desce a mãe, baixão as creanças ruidôzas, salta a creada e a familia vai se apressada — uma magnifica familia em bom estado — enquanto os carregadores arrebanhão outra vês as chapeleiras e as malas cujo numero já me não parece afinal exajerado — as exigencias da moda o bom gôsto, o louvável desejo da espôza em agradar ao marido...

Que joia de rapás aquêlo! Que bela creatura! Ficámos sem conselheiro, o respeitável chefe, que nos dispensou tamanho favôr, só pôde sêr neste país, pelo menos conselheiro, mas conquistâmos espaço que dividido por cinco chegava bem.

Respirámos, mexêmo-nos, experimentámos o funcionamento dos musculos — tudo perfeitamente. E' um ideal viajar assim.

Parêce que o compartimento, num esticção maior, estalou com o apêto, abriu um elçapão tragadôr e afundou todos os outros, tornando-se a unir só lida e confortavelmente para glória nossa — bemaventurados!

Espreito á janelinha do meu canto, vejo uma estrela a luzir por um dos respiradouros do telhado de vidro, no émtanto um dos companheiros comenta ao acendêr o charuto: *Pois senhores, esse rapás (referindo-se ao nôsso libertador de á pouco) é um dos maiores talentos que tenho conhecido.* E outra vês em côro, nós tôdos concordamos

em que o rapás tinha muitissimo talento.

E dêsde éssa óra eu acredito nos eróis de chapê de côco.

Terceiro signal, um apito que vibra, um silvo rouco, muitos adeuzes, algumas lágrimas, azas de lenços no ar, e é o tunel com as suas lanternas eléctricas que, na velocidade que levámos, parêcem borbolêtas de fogo entontecidas pela trêva da abóbada.

O comboio ségue numa prêssa. Pássão entre nuvens de fumo os faróis das estações, os inumeros apeadeiros mal se adivinhão, ranjem agulhas, os *saxbi* trepidão, vôão fãulhas perdidas, cruzão os varios *trawais* que baixão para a cidade e que ao passarem dão, na combinação dos ruidos, a ideia duma grande coiza que se parte.

E lá seguimos sempre guiados pelo penacho negro da maquina que assume de vês em quando o clarão rubro da fornalha bem nutrida.

No interior do wagon, entre as divizorias incomodadas que nos sacodem, sente-se comtudo esse prazêr de caminhar para novas vistas, antegosta-se o inédito e a surpresa que nos rezervão as terras almeçadas do nôsso roteiro, é-se felis, dêssa ventura que um escritor, outro dia, chamava: *le bonheur de se déplacer*.

Não tenho com quem conversar. Lêr é impossivel nestes comboios alumdiados por lamparinas e é por isso que em Portugal se dorme tanto em viagem. Não á distrações, nem sequer a da janêla: a paizagem dorme, repouza a côr, a forma esborçou se, pôde avêr ali belêza mas falta o ómemzinho que a môstre — o môstre só que é quem tem a chave daquilo tudo.

Setil! Quem vai para Vendas Novas muda de comboio.

Outra tirada apressada e o Tejo alarga o seu lindo trecho de Santarem sobrelinhado pela ponte longa onde cochilão luzes.

Comêça-se a dormir; á já quem resone bem. Accêndo um cigárro.

Entroncamento! Demora vinte e sete minutos; os senhores passageiros que vão para a linha de Leste, Beira Baixa ou Madrid ténhão a bondade de sair que este comboio ségue para o nôrte.

Vou cejar, come-se sofrivelmente e paga-se melhôr. E de nôvo a vós de á bocádo:

Os senhores passageiros que vão para a linha do Norte, Beira Alta ou Galiça ténhão a bondade de tomar os seus logares que o comboio vai a sair.

Vólto para o meu canto e vejo caras novas lá dentro. Tres taludos cavalleiros, todos de barba e guarda pó. Discutem toiros, veem de Badajós a prêços reduzidos. Estremêço — aficônados e caçadores são jeralmente os mais empedernidos impinjidôres de historias compridissimas. Felismente estes veem depenados e por conseguinte embuxados, socêgão e adormecem. Eu faço outro tanto e só acôrdo em Coimbra com a sabida cantilena do côxo a mandar:

Coimbra! Demora oito minutos, quem vai para Coimbra sai pelo outro lado.

Num estremunhão pensei que eu tambem ainda tinha de sair pelo outro lado. Foi um momento atrás em que mal acordado, eu revivi a sensação da chegada matutina com sebatas á espêra e zêros amáveis ás nossas ordens. Não ganhei para o susto dêsse angustidôzo segundo em que numa *sinteze conciza os eterojenos elementos sociais se conjugárão para uma negação abstruza da finalidade metafisica do meu destino.* Conhecês o estilo? E' purissima arufada; muito mais falsificadas érao as que a mulhêrzinha abituá

impunha a um passageiro pela portinhola oposta e preciso dizer-te que até Souza, o ómeme devorou três daquelas grandes esponjas tostadas. Avaliarás a velocidade maxilar do alarve!

No Choupel cantava ainda um rouxinol quando seguimos. Adormeci outra vez e tive um pezadão orrível em que me via sepultado sob uma cupula encarnada que, pelo cheiro, reconheci ser uma bórta — uma leitima e franjada bórta dum bastardo de Minerva.

Eu sonhava-me lá dentro quasi assixado por aquelle ar saturado de velhice e estupidez; roíão-me vérmes exquixitos de corpo negro e carapúca rúbra onde avia dísticos cabalísticos e donde saíão muitas antenas farpadas dum feitiço complicado que fazia lembrar R. R. A bicharada cercava-me todo e soltava uns pios lugubres incompreensíveis assim a modo de diga, diga. Tratavão-me por senhór mas ferravão cada picada. Pai do céu! — que picadas de criar... ainda mais bichos...

Despertei em Aveiro — apregoarão-se ovos moles e mexilhão — quando o sol nascente recolhia aos pedações, com cautela, o véo já velhinho que os poetas outrora oferecêrão á noite.

Dai até ao Pôrto a linha é interessante, com a linda fita da ria e os sulcos alagados das marinas que armão nas bórdas castelinhos de sal.

Nas estações correios adorminhados esperão málas e empregados cóção os olhos.

Depois Espinho estende o seu recôrte de mar airozamente e começa a abrir as janélas dos bairros pobres que a prolóngão. Granja, a aristocrática, dorme ainda na soegáda calma das suas persianas e dos seus cortinados arrendados.

E aproximamo-nos do Pôrto; nos apeadeiros á vendilhóis que esperão os primeiros comboios para a cidade: Guilpilhães, Francélos, Madaléna, Coimbróis.

Geia numa confusão de armazens de vinho e depósitos de materiais fornece-nos outra máquina para atravessar a ponte — fica-nos lá a poderosa compound e vamos numa ronqueira Peacock; fás-se a continencia ao Jeneral Torres que parece um conquistador e é apenas uma parájem. E guardando na retina empoeirada o trécho deliziôso da ponte com o Douro, em baixo, cheio de vélas e o Porto, ao lado, cheio de cazas, obsérvas Campunhã soturna e grande e por fim, depois de três túneis em que a lús quasi não chéga a acabar estás em S. Bento.

S. Bento é o Pôrto! Bons dias, ou quér dizer, adeus. Cabe só aqui, muito apertado, um abraço do

Teu

Manoel de Souza Pinto.

Lisbôa, 1904. Set. 26.

Bibliotéca

O sr. dr. Francisco Jozé de Souza Gômes ofereceu á bibliotéca da Universidade a medalha e a luxuôza memoria do cinquentenario do illustre quimico francês Berthelot.

A medalha, ou melhor, placa comemorativa é réctangular, tendo dum lado o busto de Berthelot, e as legendas — Marcelin Berthelot — em cima e — La synthése chimique. La science guide l'humanité —, em baixo.

No reverso, vé-se Berthelot, sentado, pensativo, deante duma meza de estudo carregada de instrumentos de quimica que a França corôa de louros, emquanto a verdade, que a acompanha, se descobre deixando cair os véus que envolvem e levantando ao alto o espe lho simbólico, faiscante de lús.

E' um trabalho delicado, que fás onra á arte francéza e está assinado J. C. Chaplain, um dos mais notaveis escultôres de medalhas da França.

Foi cunhada em 1901 por occasião das féstas do cinquentenario descritas na luxuôza memoria, que o sr. dr. Souza Gômes ofereceu tambem jenerozamente.

A medalha não foi posta a venda.

Esteve em Coimbra, partindo ontem para o Porto o sr. Roque Gamero.

O distincto artista anda recolhendo subsidios para a istória do costume em Portugal desde o coméço do século passado até 1850.

Brevemente voltará a Coimbra em investigações que se prendem com os seus estudos.

ERNÉSTO DA SILVA

Da sub-comissão de auxilio permanente á viúva e filhos de Ernesto da Silva acabamos de receber o relatório do primeiro ãno da quotização, que abranje de maio de 1903 a abril de 1904.

Agradecendo a oferta, não podemos deixar de louvar o zélo e actividade dos iniciadores de obra de tão alta solidariedade humana e os que, diréto ou indirectamente, têm contribuido para a levar a tão bom caminho.

Só quem de perto tenha seguido obras desta natureza sabe como são pouco persistentes e duradouros em Portugal os movimentos altruistas, sempre iniciados com tanto entusiasmo e paixão.

Pouco a pouco vão desaparecendo os que mais se distinguão pelas mostras de fervôr e fica por fim um pequêno número com as responsabilidades.

Não deixou de dar-se ainda desta vez o factô; mas o numero dos que ficarão mostra o culto que ainda ôje tem a memoria de Ernesto Silva, cujo valôr de propagandista, cuja elevação de espirito e de carâter é afirmado neste relatório em palavras que não podemos furtar-mos ao prazer de transcrever:

Traçar o perfil moral e intelectual do propagandista, não é obra fácil. Essa não facilidade provém da complexa organização daquêlle espirito vibratil, em que as ideias se chocávão como espadas de combate; em que os pensamentos se encontrávão e se entrelaçávão como florétes.

Esse rapaz nervôzo, de olhar scintilando, na observação do que o cercava, procurando lêr no fundo das almas os pensamentos e adivinhár as intenções, numa curiosidade ardente de investigador e de estudioso, era incapaz de estar durante dês minutos sem encontrar a chave de um dos muitos enigmas da vida, da sciencia ou da arte, que o ómeme moderno tem diante de si para decifrar.

E' nessa ância de saber, de lús, de perfeição, de refinamento, que o seu espirito se eléva e concentra em novos problémas.

Como todos os que pela vez primeira se lançarão no movimento politico-social, o jacobinismo constituiu a sua primeira faze, má adoçada pela compreensão do integralismo maloniano, que, a principio, excluzivamente orientou a intelligéncia do novel socialista.

Mas o seu espirito não cabia sujeito aos dogmas imutaveis de uma escola, e, por tal motivo, Ernesto, aproveitando do integralismo os seus processos, o método sciéntifico, o seu espirito de illimitada tolerância, de extrêma bondade, sai dos moldes do partidarismo para se lançar anciozamente em busca da Justiça, numa nevroze de maxima perfeição. Foi isso que o derubou para sempre.

Coméçando a vivêr pelo coração, a arrancar ao sentimento toda a beleza dos seus sonhos, para a manifestár em páginas vividas, em discursos vibantes e em scenas fortes da dramaturjia moderna; vivêndo a nevrotica vida dos artistas e dos revoltados, o coração matou-o num momento, arrancou-o ás serenas locubrações, preciazamente quando Ernesto conseguia libertar-se decizivamente de vélnas fórmulas e marcava sudaciôza e brilhantemente o seu logar como pensador moderno.

Não se trata de fazer aqui um estudo critico sobre Ernesto da Silva, pensador e artista, revolucionário e propagandista. Só quêremos accénuar mais uma vez a utilidade da sua obra e consequentemente a gratidão que lhe é devida.

Deixou Ernesto da Silva viúva e filhos que muito estrémecia, porque tinha pelo lar um culto quasi relijiozo. A felicidade, que queria para os seus, deixava-a ardentemente para todos e porque abraçava a humanidade, ele orgulhava-se de possuir familia com quem compartilhava as subitil delicadézas do seu espirito. Não falava dos seus filhos sem alvorôço e sem que a comoção lhe estrangulasse a voz ao recordár o sofrimento longo, dolorôzo, dos que não desaparecem facilmente. E era tambem, porque sofria, que não via sem dôr o padecêr e as lágrimas alheias.

Julgámos ter esboçado o que Ernesto da Silva valeu como apóstolo, como propagandista, como intelectual e como ómeme. Quando se conségue ser assim, quando se conségue fazer parte da pequêna minoria que fás toda

a obra de progresso, cria-se direito á consideração publica, por fórma assente e definida.

Onrar a memoria de Ernesto era proseguir na sua obra de emancipação da consciencia humana e lançar um braço vigorôzo áquêlle lar onde êle viveu tão intensamente, para que não fôsse derrubado a golpes de miséria.

Tal foi o pensamento inicial desta comissão, constituída por amigos e camaradas do luctador extinto.

As dificuldades que têm sobrevivendo a este onrózo empreendimento são estas nos termos, cuja lei úra recomendamos aos nossos leitores, para quem deve ser grato o concurso a obra de tanta filantropia.

Senhores: — Como sempre que se tratão assuntos deste jénero, alguns individuos inscreverão se pelo simples prazer da inscrição, tanto mais que os nomes figurarão nas gazetas. Mas logo aos primeiros mêzes esses subscriptôres figurantes desaparecerão, cançados de pagar a quota e já satisfeitos pelo facto do nome têr vindo em letra redonda. Adiante... Devemos tambem notar que a maioria dos subscriptôres se conserva firme, pagando a sua quota, com a consciencia de que cumpre um devêr. A essa maioria o nôso sincêro agradecimento em nôme de todos que iniciarão esta quota.

Todavia, torna-se indispensavel que os atuais subscriptôres, por todas as fórmas ao seu alcance, angariem novos subscriptôres, para que nunca falte o auxilio que nos comprometemos a dar á familia de Ernesto.

Não nos devêmos escuzár a esse trabalho que ao mesmo tempo que serve a saldar uma divida de graudão, é um protêsto pratico e ativo contra o egoismo dominante na sociedade.

O Novidades arguto e diplomática:

Tinhamos negado que o sr. Gosselin estivesse para deixar o seu posto em Lisboa, onde, ao contrario, annunciámos devêr encontrar-se pela occasião do anniversário dos soberanos portuguezes.

Estão plenamente confirmados esses nossos desmentidos: na entrevista de Balmoral recebeu sir Martin Gosselin as cartas autógrafas convidando el rei e a rainha a irem a Inglaterra.

Pelo que se vê o illustre diplomata sabe tudo á muito tempo.

Nem admira, nas manôbras do Bussaco avia muita jente que já o dizia.

Ordem Terceira

O Relatório e contas da jerencia de 1902 1903, e 1903-1904, que acabamos de receber, mostra que, apesar das lutas que dividirão os irmãos, inspiradas na politica a mais intranzigente, o definitório tratou dos interesses do órdeme realizando obras urjentes e necessarias e fazendo a reforma dos artigos estatutos que á muito tempo se impunha.

Os telhados e o madeiramento do ospital, que ameaçávão ruina proxima, forão reparados, bem como os telhados do claustro; as antigas cauleiras forão substituidas por outras de ferro zincado; beneficiarão se cazas; aumentarão-se os rendimentos da órdeme convertendo em duas cazas de abitação uma que apenas servia de palheiro, e repararão-se e aumentarão-se objetos de culto, diminuindo assim tambem os encargos que avia em alugueres.

A canalização dos esgotos das cazas do Noviciado extinguiu o foco de inféccão da Azinhaga do Carmo, beneficiando assim a saude publica. As lutas que se ferirão na Ordem Terceira são contadas com ironia no relatório e nos curiosos documentos, que o acompanhão e que o recomendamos á curiosidade dos leitores.

E' pena que tais factos se dêem com tanta insistencia nas corporações relijiozas, mostrando o espirito de intolerância e a vaidade do mando que determinão conflitos estereis e só servem para embaraçar e inutilizar esforços e boas vontades.

Agradecemos o exemplar do relatório que nos oferecêrão.

Faleceu a espôza do conceituado e bem conhecido industrial sr. Jozé da Costa Condeixa.

Literatura e Arte

PARA A REVOLTA, por Jozé Augusto de Castro. Lisboa, 1904.

Tarde e a más óras venhô falar dêsse livro sincero que um vivo sópro de revolta anima, e um forte dezêjo de Justiça enobrece, elevando-o e distinguindo o entre as contantes produções do lirismo piégas.

Mas o autor perdoar-me á a demora quando souber que recebi os seus versos na maldadada occasião em que me preparava, com affinco, para rezistir animozamente ás últimas abocanhadélas da Universidade. E que, d'então para cá, tenho passado o tempo a restabelecer-me do envenenamento intelectual que, durante cinco ãnos, agentei como pude e Deus Nosso Senhór quis.

De resto sei que as palavras que vão lêr-se não lhe fazião falta alguma: o sr. Jozé Augusto de Castro tem talento, orientação e conhece a técnica do verso; por isso não precisa de louvôres nem de conselhos; e, por isso tambem, eu direi o que penso do seu livro com a maior sinceridade; que é essa, segundo penso, a melhor maneira de onrar o seu espirito livre e o seu amor pela Vida e pela Arte.

Para a revolta é um volume de versos — pequêno, como o devem ser todos os volumes de versos — em que um coração móço, entuziasta e ardente, grita a sua cólera e a sua indignação contra a iniquidade humana; e, principalmente contra a desgraça e a vergonha da sua patria:

«Patria, bem sei, á uma: a Umanidade inteira
«Muitas? — Todas abraço em um amor igual
«Quando odeio a injustiça eu não ôlho a bandeira
«— seja d'Italia ou França, Espanha ou Portugal!

«Fálo da Dôr humana — a mesma em toda a Terra...
«— mas a que está mais perto é que primeiro vi,
«E se a favor do Bem eu parto para a guerra,
«Começo a combater no Berço onde nasci».

Estas duas quadras são muito belas: o ritmo — é largo, o sentimento — fundo, a ideia — nova. Se me não engano, é o sr. Jozé Augusto de Castro, dentre os poetas da moderna jeração, o primeiro que por assim dizer nacionaliza a sua revolta contra os preconceitos atuais.

Ouve e á ainda, para nosso mal, muitos poetas que nacionalizão as suas desgraças intimas, fazendo-as remontar ao seculo XVI, por modos e artes que sempre forão inexplicaveis para mim. Mas não sei de nenhum que, como êste, queira combater a dôr no seu país, antes de se perdêr nas apóstrofes impessoais e vagas contra a desventura do mundo todo.

E' uma tendencia orijinal do seu espirito, tendencia que poderá têr consequências fecundas, renovando os motivos de inspiração da nossa moderna poesia, que, antes de mais nada se deve lembrar de que é portugueza. Isso não quer dizer que nos fechêmos ás belas ideias, aos pensamentos altos que de fóra nos podem vir. Mas, unicamente, que estamos numa óra de crise em que até os proprios Artistas devem tentar crear uma consciencia nacional.

Foi o sr. Jozé Augusto de Castro o primeiro a tentá-lo: onra lhe seja feita! E pena é que os versos não seã sempre á altura do seu pensamento.

A eléjia, que termina num indignado protesto, sobre os deportados de infantaria 18 — e em que talvez se possam notar influencias do primitivo Janqueiro — é, no entanto, duma grande força de expressão, e dum movimento ascencional e intenso. Mais adiante á belos tercetos; por exemplo:

«A vizão dêsse mar que, vaga a vaga,
«Se levanta, enfurece, estoura em gritos,
«E o velho mundo assola, afunda, alaga!»

que provão um conhecimento completo e um instinto seguro do ritmo e do poder verbal.

E' para lamentar que nem sempre assim aconteça: á versos nêsse livro que deixão de ser vérsos para ser uma insúlza próza rimada:

«O sílabus condéna a Liberdade,
«A civilização moderna, a sciencia,
«Com o Progresso e a Solidariedade.»

Permita-me o sr. Jozé Augusto de Castro que eu lhe diga, com a promessa de sinceridade, que tercetos como êsse, só prejudicão o seu Ideal. Vê se bem que o Poeta não sentiu o que dizia porque se o sentisse — tendo, como manifestamente tem, sólidas quali-

dades de Poeta, — não era provável que exprimisse tão mal o que profundamente sentira; ou que então o seu Ideal não tem grandéza nem beleza suscetiveis de expressão poetica. Couza que eu acho impossivel, porque em toda a vida se podem encontrar assuntos dignos da Arte mais cimeira.

O que me parece é que ouve, da parte do sr. Jozé Augusto de Castro, um desleixo imperdoavel. Foi, decerto, o desleixo que o deixou publicar tercetos como o que citei, e versos como estes:

«O rico e o pobre são peitos do mesmo barro
«que misterioza mão pelo infinito espreme.»

e empregar pedações de retórica velha como bastantes vezes fás.

E' de esperar que num novo livro todos esses defeitos não aparêção, visto que são independentes do merecimento real do autor de Para a Revolta.

Porque o espéro, é que falei dêles com tanto dezassombro, ao dizêr o que pensava dum livro que amo, pela sua jenerôza mocidade, e que admiro pelo muito que anuncia dum Poeta novo, audaciôzo e cheio de talento.

João de Barros.

Pacovice

D'O Dia:

Ouve-se relijiozamente as palavras proferidas por sua majestade. Olha se carinhôzamente aquêlla figura de rei constitucional, dum rei que se preocupa com o destino do seu povo, que vem dizêr-lhe do seu governo.

De cócoras, a pedir um pontapé de nojo!...

Ainda não appareceu o soldado de infantaria, cuja farda foi encontrada abandonada perto do mercado de D. Pedro V.

E' curioso tambem notar que a policia se tem portado com a costumada lentidão, e que no quartel se não tivêsse recebido ainda parte do achado, quando ja se conhecia no Porto e Lisboa.

Não se tem admitido a ipóteze dum crime. O soldado não gostava da vida militar, mas nunca manifestara má vontade contra os seus caros dias. Pelo contrario.

Supô-se por isso que tenha abandonado voluntariamente o quartel para se furtar ao serviço, e que largasse a farda para dificultar as pesquisas, o que indica respeito pela policia que esta parece ter atendido, deixando o fugir em pás.

No dia 5 de Outubro pelas 11 óras da manhã, dêvem dar-se de arrematação, na secretaria da Escola Central de Agricultura, a alimentação dos alunos e prefeitos, concerto e lavajem da roupa dos alunos.

As condições estão patêntes na mesma secretaria, todos os dias uteis das 10 óras da manhã ás 4 da tarde.

As propostas serão feitas em carta fechada, tendo extênamente inscritos os nomes do proponente e o fornecimento a que se destinão, sendo acompanhadas do depozito provizório de 20000 réis para a alimentação dos alunos e prefeitos, de 12000 réis para o concerto de roupas e de 22500 réis para a lavajem da roupa dos alunos.

No dia 20 de outubro corrente será aberto concurso, por cartas fechadas, para a construção por empreitadas jerais, mas independentes umas das outras, dos edifícios para escolas primarias no Botão e Lamarôza.

Os dezenhos e indicações do concurso estão em expozição na camara municipal, onde podem ser analisados com toda a facilidade.

A Santa Caza da Misericórdia concedeu um abatimento de 40 por cento nos piéços de banhos do seu estabelecimento, aos socios da Associação dos Artistas.

Regressarão de veraneár os srs. drs. Manoel Gaio, secretario da Universidade, Carlos de Oliveira, administrador do concelho, e Eujénio de Castro que por doença, felicemente delibada, de sua espôza, recolheu ao país, da excursão em que andava pelo estrangeiro.

O TIRO CIVIL

(Conclusão)

Compuje-me esta indolencia e imprevidencia da generalidade de meus patrios.

Assistem ao desenrolar da Istória em torno de si e clamão indignados quando os grandes esmagão os pequeninos, exultão de entusiasmo atendo ao respeito com que são scavados alguns paizes bem mais pequeninos de que o nosso; e nem o primeiro facto os põe de sobreavizo para o dia de amanhã, nem o segundo os leva a ponderar que igualmente lhes é possível a obtenção do mesmo resultado!

Se sabem que se gástão alguns côntos de réis em preparar a defeza nacional, ei-llos ipocritamente protestando que tal dinheiro é desviado para mau fim; vêem alguns cidadãos correrem ás carreiras de tiro para se adextrar no manejo das armas e amanhã poderem contribuir mais vantajosamente para defendêr o que de todos é, e tolamente se riem da infantildade de «tais ômens que parecem crianças» (sic).

Quêrem saber quem são? São tôdos aquêles e alguns mais que, depois de esquadriñar tôdas as secretarias e officios do continênte, impertinentemente perséguem qualquer influente politico para lhes dar accessão a qualquer sinecúra nas terras d'além mar, preferindo, claro está, perceber largas benesses permanecendo em Lisboa «onde se méte mais figura» a ir para a terra dos pretos. E até muitas vezes, senão sempre, é isso preferível porque se evita assim o grande perigo de ir para lá fazer tôrpes extorsões aos naturais impellido-os por isso á revolta que depois tem de ser sufocada pelos tais «selvagens que empunhão as armas de destruição».

E são êles tambem que emquanto imbecilmemente prezumem saber quantos passos dão os russos e os japonêzes no Extrêmo Oriente (que muitas vezes nem sequer sabem onde seja) e doutoralmente pronuncião quantos nomes arvezçados os jornais publicão do teatro da guérria, nada sabem da sorte das nossas expedições nos sertões do continênte africano que lhes vão arrotiar o terrêno, regá-lo com o seu sangue para a pingue colheita dêles — os tais — que impudentemente se riem e amesquinhão o sobreumão esforço do nosso valorôzo soldado no combate com todos os inimigos que se lhe depárrão pelos pântanos e através dos matos d'África, onde a vida lhes vai ficando irremediavelmente aos pedaços!

Imbecis e tôrpes. Mas será preciso que tudo se encaminhe para a defeza armada do torrão nacional e suas pertencas?

Aplicando nossas inerjias tanto quanto convém á illustração nacional não mais será preciso fazer converjir alguma couza na defeza armada?

E será atualmente suficiente a illustração dum povo para que lhe seja possível manter-se inconcusso entre os demais povos?

A preparação para que uma nação rezista ao embate armado duma outra não carece de ser absolutamente in tensiva, quando previcentemente foi extensiva e continua.

Quando pela guérria franco-alemã, a França invadiu a Alemanha ésta não esbaforiu os seus jenerais em manobras precipitadas, nem açodou seus arsenais no fabrico d'armas. Os exercitos estãvao competentemente instruidos e as armas bastãvao em quantidade e perfeição.

O que se carece é de suficiente illustração e de educação para se caminhar no progresso contribuindo como seu fautor; exercitar a inteliência, robustecer a vontade, temperar os nervos, mas não desprezar os musculos.

Não é incompatível ser um sábio e um bom atirador.

Mas a illustração só, colóquem-na no apojeu, embóra, supônhão, o povo português tôdo uma pleiade de doutores (é este o titulo que se presuppõe) a culminância científica em Portugal mas tirem-lhe a corção disciplinada para batalhar, a dextreza no manejo das armas, o conhecimento da estratégia e tudo isto sujeito a um veto profundo e sistemático e depois.....

E depois a Inglaterra passando bem sem a nossa ciência quando se trate de carecer do nosso concurso á sua politica na Europa ou na Africa deixarã solicita de arriscar as suas armadas em demonstrações navais pe-

rante os portos d'aquêles que intêntem ofendêr a sua secular aliada. Nós por nossa parte que não têmos a suprema ventura de vivêmos no tempo em que os ténos cordeirinhos brincarão com os lóbos nos amênos verjeis semeados de malmequeres e regados de lús, arriscar-nos-emos, quando menos, a passar para o dominio doutros que—grandissimos selvagens desrespeitarão—a nossa vasta erudição, obrigando nos a pegar na estúpida espingarda para defendêr não os nossos interesses mas os dêles.

Terminarei por apresentar um caso bem frizante onde se concretiza evidentemente tudo o que tenho vindo afirmando. Refiro-me a êsse povo illustre que se chama a Suissa.

Pais pequeno, cêrca do nosso Alemtejo, em quantidade territorial, cercado por paizes grandes e não dos mais pacificos, mantem-se tôdavia, sem se encostar a alianças deprimentes, pronto a repelir com tôda a energia dum povo conscienciozo e livre qualquer afronta que de fóra lhe venha.

Para exemplo veja-se o que succedeu com a Italia e ainda não á muito.

E' que o cidadão suizo não viu incompatibilidade em progredir na ciencia (quanto dêles distamos) e ao mesmo tempo realizar um temivel exercito quando por ventura dêle careça; é que o cidadão suizo não responde com bravatas ôcas quando receia qualquer agravo de estranhos; confia na sua força e na destrêza não prezumidas, senão comprovadas em suas manobras e nas carreiras de tiro; é que o cidadão suizo nos atos solênes não se envergonha de entoar em côro com tôdo o entusiasmo dum povo forte e crente o ino nacional; é que na Suissa não se reduzem prêços de combóios para ir aos touros (nossa escola d'eroísmo!) mas para os concursos escolares e cantonais de tiro.

Em setembro de 1902, se a memoria me não falha, realizou-se em Zurich um concurso de tiro e a êle se apresentãvao 2:500 adolescentes de tôdas as classes do cantão. A êste concurso assistiu o Consêlho federal, autoridades locais, professores das escolas primarias, secundarias e superiores de tôdo o cantão.

Pergunto. Não odearãvao tôdos êstes personajens a guerra em principio, ou seriãvao êles mais selvagens do que os nossos eruditos?! — Os ômens de bôa fé que respondãvao. E os nossos conspiciuos cidadãos?

Sêres superiores adejando peias rejiões do pensamento, tirãos os chapêos e ajclham reverentes á passagem do sr. S. Jorje montado no seu cavallo branco, para d'ali a pouco quando passa a bandeira nacional nem sequer darem por ela. Dizem-se republicanos e não sei se «narquistas, capazes de insultar o Chefe Suprêmo da Nação, e quando passa o sr. D. Carlos de Bragança, embora incognito, correm persurôzos a fazerem-lhe mezuras que êle decerto tomará no devido conceito.

De tôdos os dias e vulgarissimo é o factô de nos passeios públicos se conservarem desdenhosamente refestelados em suas cadeiras baratas, ovindo por distração muzical, vibrado nas bandas marciais a «sensaboria» (sic) do ino nacional que apezar de tudo é com a bandeira das quinas uma significativa sintetização da Patria reavivando nos a memoria de tôdo o jenerôzo esforço daquêles portuguezes, dignos dêste nome, que no periodo de 1820 a 1834 lutãvao pela regeneração da Patria e pela conquista das regalias liberdaes. A sua obra foi ludibriada, embora, mas nem por isso deixou de ser nobre e alevantado o seu empenho.

Recapitulando afirmo que a luta é uma couza não só normal mas até necessaria dêste que aja deigualdade de circuntancias, conflito de interesses. Emquanto ouyer fortes e fracos, aptos e ineptos, fartos e famintos, justos e injustos a luta será a consequencia imediata dêste estado de couzas; mas ela propria cavarã a sua ruina fomentando progresso porque cada um tentando suplantar o seu competidor carece de se lhe avantajr em dotes; os capazes caminharão igualmente e os que afrcarem têem de desaparecer porque os vencedores não mais lhe deixão campo de ação e d'ali se infere que tambem por meio dêle se aplanará a sociedade para receber melhores instituições. O que, porém, não é indispensavel é que essa luta tenha por forma a luta armada, tôdavia é sabido que podem dar-se e dão-se realmente cazos de atavismo em que numa sociedade já muito illustrada, embóra, sparêcem ás vezes, sem se saber como e sem precedentes

explicitos, individuos que pertencem relativamente a certos instintos, a uma sociedade já muito distante.

Assim Napoleão é Bismarck não mais serão do que um retrocesso psicolójico a Attila ou a qualquer outro barbaro. Quando depois sêres atávicos como os precedentes dezempñarem funções proeminentes numa nação quem poderá confiar na pás?

Para estigmatizar a guerra tôdos os epitetos são poucos e os raciocinios supêrfuos; éla é abominavel e a sua esulta ferocidade evidente, todavia é preferivel fazê-la a sujeitarmo nos estoicamente a tôdas as vexatorias arbitrariedades de qualquer vandalo que se lembre de nos esmagar, e como os fins justificão os meios quando êstes são unicos é-nos licito e mais do que isso, têmos a obrigação de nos instruirmos na arte de a fazer não para atacar, senão para oportudamente nos defendêmos.

Coimbra, 22 agosto, 1904.

Floro Henriques.

Problema operário por Alves Miranda

É um apêlo, feito numa linguagem que, por ser apaixonada, nada perde da sua corção, aos partidários da república e do socialismo para unirem os seus esforços na luta contra a corção monárquica.

É o primeiro de uma série de livrinhos de propaganda que o nosso correligionário se propôo publicar e que recomendamos aos nossos leitôres.

Termina com os conceituozos periodos que transcrevemos:

«A união das duas democracias é o meio mais fácil, mais viavel, de derrotar o poder conservador — o inimigo comum.

Os principios dos dois partidos democraticos pouco difere da razão de ambos, em frente do conservantismo compête-lhes um trabalho comum, e assim em breve convertêrem em maioria, a minoria em que ôra se encôntra, tirando ao clêro, que fás politica, os seus soldados politicos — o Pêvo.

Trazido o povo — como muito bem dis outra autoridade insuspeita — para o presente, então a evolução poderá continuar-se proveitosamente, praticamente, e cada vês que êla trouxer novas necessidaes, novas ideias, novos sentimentos, uma forma nova de governo virã, sem grandes abalos, substituir uma forma já envelhecida, e as jerações poderã ser cada vês mais felizes e poderã abençoar esta lei que lhes aumenta a felicidade — o progresso.»

Agradecemos a amabilidade da oferta.

Na quinta de Santa Cruz vai muito adeantada a construção da retrête pública que a camara mandou fazer.

Aprovamos o local, que se escolheu numa depressão do terrêno por forma a encobrir com arbustos a construção.

Assim se fás por toda a parte.

Não á perigo em pôr em logar escuzo estas construções, porque esses lugares são os naturalmente procurados por quem pôssa ter necessidade de se servir dêlas. Averã por isso mais de uma surpresa que, crêmos, não deixará de ser agradavel.

A construção é feita com cuidado, mas parece-nos têr-se dado largas de mais ao carpinteiro, que tem ostentado a sua abilidade e sabêr nos caixilhos de portas e janêlas.

A porta é sobretudo detestavel, duma linha gotica deslocada e com uma bandeira de lôja de fazendas brancas de arripiar.

Fás cólicas a quem as não tenha.

É duma linha sugestiva.

Regressou da Figueira da Fós com sua familia o nosso amigo e prestimôzo correligionário Manoel Rodrigues da Silva.

A muzica do 23 tem tocado no passeio do cais e, apezar do tempo e da ôra, tem avido uma concorrência regular.

Lembramos a conveniencia de mudar a ôra, porque, na quadra que atravessamos, não é muito agradavel passar de noite no cais, ao frio.

Salvo melhor opinião.

Vv. Ex.ª quêrem vestir bem? Quêrem vestir economicamente? Quêrem vestir como estando em Paris?

É assinar a *Moda Universal* que apenas custa 480 réis, por ano, quantia que deve ser remetida para a Agencia Nacional, rua Aurea, 178, Lisboa.

A *Moda Universal* referida a Setembro trã numerosozas gravuras na forma do costume, tôdas êlas de novidade, o que não é milagre, e de utilidade, o que é mais raro.

Temos presente o numero de que estamos falando e por isso continuamos de assombro, por vêr que se pôde vendêr por dois vintenos 8 pájinas cheias de figurinos vários.

Do numero que se trata resulta que vá operar-se uma revolução completa nas mangas das nossas muito gentis leitôras.

Não esquecer que a importancia da assinatura pôde ser remetida em estampilhas, ou vale de correio.

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra illustrada com numerosozas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remeter adiantadamente a êsta emprêza a importancia de dêes cadernêtas ou tômos

Brinde a tôdos os assinantes

Aceitão-se pedidos de qualquer numero de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, largo Conde Barão, 50 Lisboa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continete colônias e Brazil. Aceitão-se correspondentes em tôdas as terras do reino.

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal
Diretora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assinatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 55000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 25500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 13300 réis

Cada numero da *Moda Illustrada* é acompanhado dum numero do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapagarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 24 pájinas e 1 crômo ou 32 pájinas de têxto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplar grátis a quem enviãr a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na

A EDITORA, largo Conde Barão, 60 Lisboa

DUBUT DE LAFOREST

Os Ultimos Escandalos de Paris

Grande romance illustrado de numerosozissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mistérios de Paris* e *Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade.

Brinde a todos os assinantes: — Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas côres e com dezênhos apropriados ao assunto tratado no mesmo volume. Um premio da loteria da Santa Casa do Mizericórdia de Lisboa nas condições do prospecto me distribuição.

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR

Livraria editora — Lisboa

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

ANUNCIOS

QUEM ACHOU?

Uma cadêla Setér, raça pequena, castanha, pêlo encarapinhado, que se perdeu á 5 dias.

Dão alviçaras a quem a entregar a seu dôno Paulino Evaristo Ferreira Camôis nesta cidade.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos n.º 7 a 17.

Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários desta lôja pedem a todos os artistas de Coimbra, neste jênero, que vizitem o seu estabelecimento, sito na rua dos Sapateiros, 7 a 11, onde encontrarão completo sortido, em sola, tanto como em cabedais.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste preço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimento garantido, ou se emprêstão sobre ipotêca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

GUARDA SOL

Entrêga-se um a quem provar pertencer-lhe. Foi encontrado no dia 25 do corrente, no tramway que sai de Coimbra ás 6 da manhã para a Figueira.

Nêsta redacção se dis.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobiliaes e estabelecimentos contra o risco de incendio.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois estêue durante 16 annos, efêtivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pôde procura-lo em Sernache dos Alhos.

União Vinícola do Dão

Parceira de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabegas de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, da que é uma revendedora em Coimbra, a Mercearia Luzitana.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquiões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratórios.

Se atenção sempre, e cuido as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, junctamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenciam em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental - S. Lazaro - Porto.

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Oficial de eleição

Preciza-se dum, na relojoaria Araujo. Rua do Visconde da Lus - Coimbra.

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras.

Confecções para ómeme e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómeme.

PREÇOS REZUMIDOS

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no tempo:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 3\$600
Ilhas adjacentes, »..... 3\$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 - Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalinados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando-se de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauceisses. Pudings de diversas qualidades, vistoamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema da Margariete.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 - COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, eifões para retrotes vasos para jardins e platibandas, balaustras, tijolos para ladrilhos de tornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 - RUA FERREIRA BORGES - 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómeme e crianças, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flandés e paços pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómeme como camisarias, gravatas, luvras, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 - Rua Visconde da Lus - 103

Esta caza contri u a fornecer ao publico as suas acreditadas máquin de costura *Memória*. Tem tólos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e b-bine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e prôys destas máquin que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquin usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Mancel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uso e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. - Coimbra.

*SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borges, 27 a 29

Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expêtorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha

e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório - Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores - Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 3 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: - *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: - *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avante

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro - Preço 200 reis

Deposito em Coimbra - PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCARIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professor e perito comercial Joaquim Enríques da Silveira Pásson

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fasciculos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e sem mestre, a organizar, reger ou balançar a escrituração de qualquer caza comercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercêr abilitmente qualquer logar da carteira e a concorrer com a precisa abilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O Guia pratico ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume - Cálculo

Compreêda o ensino pratico das operacões sobre: números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema metrico, regras de três simples e compostas, regra de conjunção, regras de companhia, de liga, de avarias, percentajens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos directo, indirecto e amurgês, câmbios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de crédito de arbitrajens.

2.º volume - Escrituração

Compreêda cinco modelos completos com tólos os livros principais e auxiliares, sendo tódos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo, uma escrita pelo sistema de partidas simples; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contendo oito meses de operacões diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza de commissões e consignações; 4.º, uma escrita duma industria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas podem ser feitas por bilheto postal dirigido á empresa da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra - Moura Márques - LIVRARIA.



VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 3

Tabella de preços de venda a miúdo (20 de abril de 1904)

Marca	Garrafa de 1/2 litro	Garrafa de litro	Garrafa de 1/2 litro
Vinho GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	660	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. - Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vaee o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipografica

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 942

COIMBRA — Quinta-feira, 6 de outubro de 1904

10.º ANO

DEZASTRE

Em Africa acabão de ser trucidados algumas centenas de soldados portugueses.

Este facto, que devia trazer-nos de luto, e ser dito alto com toda a energia de um grito de dôr ao país, foi comunicado, no fim de uma sessão parlamentar, quando as galerias estavam vazias, e só poucos deputados escutávão indiferentes o terminar duma sessão sem interesse.

Ninguém o esperava.

A atitude fria dos ministros não o fizera prevêr.

Tinhão aparenado indiferença, o ar descuidado de todos os dias para dizer a salvo a grande desgraça, evitando covardemente o impeto da primeira cólera.

E' tão grande a desgraça como a covardia da infamia, como a grandêza do crime de lêza nação, praticado friamente por um govêrno que tem coberto o exército português de ridículo e agora o cobre de luto.

A expedição contra os cuanhâmas foi precipitadamente organizada, embarcârão-se soldados para uma viagem aventureira sem munições, expozêrão-se a ostes agueridas na guerra soldados novos e mal armados, mandârão-se para países desconhecidos fôças portuguesas para combater um inimigo ardilôzo, conhecendo hem todos os segredos do terreno que defendia.

Os nossos soldados corrião para um dezastre certo, que foi gritado bem alto aos governantes, e tanto e tão alto falou a opinião pública que o próprio ministro informou oficialmente as autoridades africanas do que corria na imprensa portuguesa, mostrando assim incerteza de opinião que não podia autorizar de modo algum a marcha da expedição.

A ignorancia é indesculpavel.

Os alemães estavam lutando com o mesmo inimigo que lhe infligia revêzes sobre revêzes, e os nossos soldados não podião deixar de ser vencidos, onde o era um povo conhecido de todos os segredos da arte da guerra, operando em grande numero, bem muniçado, numa expedição bem estudada e bem preparada.

Deante da fôrça aguerida daquêles povos os alemães mostrão-se inclinados a abandonar a emprêza que lhe não compensa os sacrificios de ômens e soldados.

Os alemães que têm acima de tudo a glorificação do seu espirito guerreiro, os alemães que considerão a guerra como a mais elevada manifestação da civilização, os alemães que nunca olhârão a vidas quando têm em chèque a sua supremacia militar, mostrão-se irresolutos em continuar a guerra quando nós nos vamos lançar loucamente numa aventura criminôza.

E' necessario combater a lenda da superioridade do soldado português.

O soldado português tem apenas sobre os outros a vantagem de ser peor pago.

De résto é, como se devia esperar, um soldado inferior pela instrução jeral, pela educação cívica, e pela falta de instrução militar.

O soldado português tem continuado em Africa o seu passado aventureiro, o acaso tem-o favorecido, mas só o acaso.

O dezastre, que agora se dá, podia têr-se já repetido muitas vêzes.

As nossas expedições coloniais tem sido péssimamente organizadas.

Os soldados têm ido sem recursos e só o acaso lhe tem dado a vitória.

E' interrogar os que tem visto de perto as façanhas do exército português em Africa, façanhas com que tanto nos orgulhamos.

O soldado vái á ventura, sacrificado ao acaso.

Soldados e officiaes introduzem-se por terrenos desconhecidos dentro, contando com a vitória que o acaso lhe tem dado até agora.

Todos se sacrificão ao capricho, á corajec cega dum official que desconhece o terreno e o inimigo e que conta apenas com a sua corajem.

E muitas vêzes se tem sacrificado centenas de soldados á corajec irreflétida dum official que desconhece completamente o inimigo e o terreno, e é dominado apenas pelo dezêjo de uma ação que o impôna ao país.

Para as manôbras do Bussaco, feitas numa pequena extensão, andou-se um mês a estudar o terreno.

Para uma expedição contra um povo aguerido dispensou-se tanto trabalho.

Uma mobilização de 5.000 ômens dentro do nosso país, levou três mêzes e levar a cabo, com telégrafo, caminhos de ferro, luz eléctrica...

Uma expedição á Africa, num país desconhecido, improvisou-se em alguns dias.

O dezastre de Angola é um crime, cujos autôres são conhecidos.

Seria uma vilêza deixá-lo sem castigo.

Dr. Bernardino Machado

Cabe este ano ao nosso amigo e correligionário o cuidado de fazer a oração de sapiencia.

A oração de sapiencia foi sempre considerada como das manifestações mais altas da vida universitária, tendo-se algumas vêzes celebrado fora da ocasião habitual por deferencia a óspedes illustres.

Nem sempre tem coincido com a abertura das aulas, ou distribuição dos premios.

Este ano é ela esperada com ansiedade por todos os que conhecem as altas qualidades de professor e conhecimento dos problemas de pedagogia moderna que distinguem o sr. conselheiro Bernardino Machado.

Dr. Emídio Garcia

Partiu ontem para Lisboa o nosso amigo e correligionário, cujo nome evoca tantos dias de luta gloriôza para o partido republicano.

Viu-se obrigado a deixar mais cedo a sua quinta dos Malheiros, sonda com o filho e a espôza estremecida vem todos os ânos descançar da vida fadigôza de Lisboa, evocando recordações e revivendo a vida antiga nas conversas saudôzas dos amigos e companheiros de luta.

Boa e feliz viagem.

Regressou a Obidos, o nosso prezado assignante dr. Jozé Pinto, que tem estado a banhos na Figueirã da Fôz.

Propaganda republicana

Aproximamo-nos dum periodo de actividade eleitoral, e comêção a sua vida de intriga os galopins monárquicos.

O periodo da ajitação eleitoral é o mais proprio para uma propaganda átiva e de efeitos mais seguros e duradouros.

E' durante o periodo eleitoral que os partidos da monarchia põem em prática todos os meios da sua ardilôza corrução.

Dêve ser êsse periodo que todos os cidadãos républicanos dêvem aproveitar para mostrar o que tem de falso e de iluzório os expedientes da administração monárquica.

Aos prometimentos das fâçôis monarchicas annunciando uma época de vida de rejeneração administrativa, de probidade e de justiça dêvem os republicanos responder demonstrando istóricamente o que é e o que vale a administração monárquica que tem levado o país ao estado ruinôzo em que se encontra.

Dêve demonstrar o valôr das frâzes que todos os dias se dizem e escrevem nas reuniões e jornais monarchicos, fazer vêr como é falsa e perigôza êssa linguaagem que serve apenas para encobrir as mais tôrpes explorações.

A's obras, aos melhoramentos que prometem, e com que tentão iludir a boa fé dos que facilmente se deixão levar pelo interesse e progresso do seu país, deve responder-se com o exemplo antigo que mostra o valôr dêstes expedientes eleiçoeiros, dêve dizêr-se bem alto que os governantes desperdição os dinheiros publicos seguindo as exigencias da sua conservação no poder e não conforme pedem as necessidades dos povos.

Aos que tudo prometem deve opôr-se as fôrças dos factos que demonstrão que a administração ruinôza do país nos colocou na situação de nada poder dar.

As obras publicas definhão dia o dia, os ministros furtão-se a satisfazer as necessidades mais insdiateis e urjentes das populações, e o pessoal das obras publicas anda com mêzes de atraso nos pagamentos.

E emquanto o operário pobre, o que mais precisa, o que vái morrendo lentamente de fome anda sem ser pago, os empregados superiores, os olheiros, todos os que representam nos trabalhos publicos a corrução, a fôrça do voto, andão bem pagos e passão vida regalada.

E' necessario dizêr e mostrar a quem se interessa pelo progredimento do nosso país que o orçamento das obras publicas, o dinheiro arrancado ao contribuinte com o pretexto de melhoramentos se perde na sua maior parte no pessoal de fiscalização que é imposto pela necessidade do voto.

E' necessario ensinar ao povo que é a sua fôrça que êsse pessoal, que lhes cóme os dinheiros publi-

cos e retarda os melhoramentos do país, vende com o seu voto.

E' necessario ensinar-lhes os seus direitos, torná-los conscios da sua fôrça.

E aos que lhes disserem que os seus esforços serão dominados pela fôrça dos que mandão e mais podem, responda o povo com os exemplos do passado e do presente que demonstrão brilhantemente a fôrça do seu protêsto.

Na classe média o esforço isolado perde-se na engrenagem da corrução monárquica.

Não se perde em absoluto, é certo, mas perde-se na sua maior parte.

O exfôrço colêtivo do povo tem sempre a vitória.

E chegou a ocasião do povo intervir, e de defendêr os seus interesses, de pugnar pela onra da patria que se vai perdendo na luta vergonhóza dos partidos monarchicos que deixârão a defêza das ideias pela ambição e vaidade do poder.

E a luta dos republicanos dêve opor-se a todos os monarchicos, aos que tem conseguido conservar a apparencia de onradês, como aos que estão de todo perdidos no conceito publico, porque a luta não é de ômens é de opiniões politicas.

Deve de vês acabár-se com o preconceito, que, pela ignorancia do povo está ainda enraizado em Portugal e que fás com que se imagine que a onestidade na administração pôde salvar o país dentro do rejimen monarchico.

Não!

Dentro do rejimen monarchico não de esterilizar-se todos os esforços e toda a boa vontade; porque a corrução de um só tudo pôde inutilizar, por tudo dominar.

Um grande vulto do partido republicano lançou um dia um répto a todos os partidos, e a sua vós ficou sem resposta.

Quando Jozé Falcão gritou á monarchia que salvasse o país, se podesse, sintetizou numa apostrofe brilhante toda a ironia da sua grande alma de lutadôr.

Os partidos monarchicos não responderão á sua imprecação.

Mas respondeu-lhe a istória da ruinoza administração dos últimos ânos: a monarchia não pode salvar o país; a monarchia lêva-o á ruina.

Matriculas

Começârão, na época regulamentar, as matriculas da Universidade.

Não se nota já a animação, que antigamente tanto alegrava esta cidade e era o primeiro movimento do despertar de ferias.

A maior parte das matriculas fás-se ôje por procuração, o que constitue a maior fonte de receita da sociedade filantropico-academica, que vive vida dezaçogada, graças á atividade e á dedicação do sr. dr. Julio Enriques, que tem sabido manter esta associação academica quando as outras mórrem na indiferença pensável dos estudantes.

Apezar, porém, de se não notar a alegria ruidôza dos estudantes, o movimento e animação tem aumentado pela volta de muitas familias que tem regressado de férias.

NA VOLTA

CARTA IV

Meu caro:

Chegado ao Porto, desembaraço-me da mala — (a tua conhecida mala conta mais esta façanha na sua velhice aventureira) — que confio a um corrétor ageloado e vou para o otél, sedênto e avido, mergulhar num lustralissimo banho, imperiôzo para a carrada de poeira que eu conduzo.

Não olhei para o espelho mas devo estar preto, enegrecido, enlutado; sinto a péle aspera, absorvo ainda o perfume da marcha nocturna que me incutiu na pituitaria pózinhos negros como restos d'uma dôr esmigalhada por um pé de carvoeiro.

Zás, á agua e como não estou para descrevêr-te um banho, o que santamente praticas todos os dias com essa tua *religião eroica da fôrça, da jinas-tica e do banho frio*, em que fêla o Eça, convido-te a deitar-te sobre a cama do meu quarto á minha espêra e á falta de papelada que remexas, segundo teu louvavel e esquadrinhadôr costume, podes lêr esta carta ainda não escrita.

Perdôa o artificio, que reconheço de mau gosto, mas Já Julio Cezar Machado disse, com graça, que o *folhetinista português, como o côro grego, tem a liberdade de dizer tudo quanto lhe vem á cabeça*. Para folhetinista, como sabes, só me falta o *rodapé*.

Deita-te pois e logo me verás chegar mais aje e purificado pela agua, como um lenço de viuva, amarfanhado e triste das lagrimas que, depois duma barrela, volta fresco e alvo para receber sorrisos e perfumes.

Estava eu sentado num banco de pedra, não sei onde, quando vejo abeirarem-se de mim dois velhos apumados notavelmente parecidos. As largas bôrbas brancas dum êrão exatadamente irmãs em côrte, em brilho, em alvura, ás do outro. Os quatro ôlhos dêle êrão absolutamente iguais — feiçôis, altura, aspêto, era tudo num fielmente copiado do outro. Apenas no semblante do de cá avia mais bonhomia e acolhimento, que, no de lá, se trocarão por gravidade e carranca.

Quem seriam afinal êstes dois identicos exemplares dum mêsmo sujeito? E' verdade, um dêles trajava sinjêlamente um fâto de viagem e trazia a tiracôlo, um binôculo; o outro uzava sobrecazá caapertada e sobraçava uma pasta.

Estes dois velhos que me intrigârão como ambulantes interrogações, dirijrão-se para o banco de pedra em que eu estava sentado não sei onde e tirando das cartêiras parecidas dois bilhêtes iguais apresentarão-mos num mesmo jêsto. Li num: *Bento da Saude* e por cima havia uma campainha. Li no outro: *Bento da Ave-Maria*, encimado por uma locomotiva empenachada.

Comprimentei. Sentârão-se a meus lados no mêsmo banco de pedra, não sei onde.

O do binôculo, expansivo, começou logo a contar-me coisas; o outro, o carrancudo, acenava apenas com a cabeça veneranda e examinava papeis na pasta ampla.

Não respondi nada. Nêsse banco de pedra, não sei onde, scismava em quem poderião ser êsses jêmeos idôzôs que uzávão maquina e campainha por brazôis. Que especie de tratamento poderia eu dar-lhes! Machinista, sineiro, deveria eu dizêr como se disbarão ou visconde segundo as bolinhas da corôa. Eu ignorava por completo esta nova eraldica, talvez democrática, como sempre ignorei a vêlha e continuei cojitando á sômbra duma arvore esplendida que toldava o meu banco de pedra, não sei onde.

E o ancião da direita, o expansivo, começou a dizer-me a seguinte história: Eu já é muito tempo que me reformei — (serião militares?) — vesti-me a moderna, deixei os apozentos lá de cima...

— Lá de cima? — Sim, eu morei muito tempo lá para cima, no Paraizo. A casa não era má de todo mas avia muita jente; estava-se a comêr mal, nem davão dôce á sobremêza e eu como sou muito gulôzo...

— Tem bom gosto! — E como tinha aqui no Porto uma grande caza, disse lá ao senhorio que estava velho, que não podia subir tanta escadaria e vim cá mais para baixo. Não lhe digo nada, meu amigo, tomei um fartêto...

— De? — De tudo, meu caro senhor. Aquilo êrão trouxas d'ovos, fios d'ovos, lãmpreas d'ovos, ovos molles, ovos riais — êrão ovos á má cara — dourava-se com elles o firmamento que bem parecia duma pintura, cá de baixo não se repára, visto ao pé, o senhor calcula lá, já não tem côr.

Eu boquiabria pasmado ante o catão desconhecido do velhote expansivo. — E uns pastéis d'amêndoa que lá fazião... oh! admiráveis... de primeirissima ordem. Qual estrêlas nem quel carapucas.

— Carapucas, estrêlas?... — Sim senhor! Lá em cima davamos ás vêzes estrêlas de escabêche mas aonde ficão as estrêlas, meu caro. Quando as punhão na mêza tinhão muitas vêzes tres séculos de colhidas. Uma bodêgal!

Eu cada vês percebia menos — sentádo no meu banco de pédra, não sei ônde — que raça seria a d'esses seres tão semelhantes que comião estrêlas á tres séculos. E que estrêlas serião êssas! As do ceu? A vulgar sôpa d'estrelinhas?...

— Pois é como lhe digo, desforrei-me da penúria. E depois que mulhêres — e os olhos ardião-lhe como brazas ao vento — aquilo sim, podia-se vêr. Onde ficávão as virjens.

— Não êrão virjens? — Erão mais do que isso, aquilo é que êrão freiras, o mais é uma história. E andava tudo a gabar as onze mil virjens. Eu provi-as tôdas — um orôr! — parecem d'aram. Para palminhos de cara lá o meu convento. Tive lá uma abadessa, meu caro, não quero que me lembre. Umana, meu amigo. Terreal! Porque não diria êle divina, celestia!

— Ouve por lá bocadinhos... as agostinhas de Gondomar e as lindas cachopas que depois vierão de Tarouquela e de Vila-Côva. Bons tempos — e o velho tinha nos olhos ternas saudades úmidas. Depois foi o incendio.

— O do Baquet? — Nada, não senhor. Em 1783, não é do teu tempo, ouve lá no meu convento um grande incendio e lá se foi tudo. Só mais tarde, quando si o meu colêga de Lisboa quis acabar com as cazas divinas é que eu lá tornei a caçar uma môça teatinha que veiu de Monchique.

O outro, o da esquerda, o carrancudo, abanou a cabeça e continou a lêr papeis na pasta ampla, ao som da agua que escorria junto ao banco de pedra em que eu estava sentado não sei onde.

— E depois, como o senhor sabe, deitãrão tudo a baixo para fazer a estação e eu cá ando á espera de caza. — Dê caza? — As obras já começãrão e agora vou têr uma estação catita.

— Nêsse caso o senhor é chefe. — Não senhor, sou o patrono. — Então era para V. Ex.ª que vinha dirigindo um bilhete que ontem adquiri na estação do Rocio.

— Nemmais. — Nêsse caso V. Ex.ª é S. Bento? — Sou e não sou. Eu sou o S. Bento da Ave-Maria o da estação: êsse si é o S. Bento das côrtes, o de Lisboa, mas o verdadeiro S. Bento, o nosso tronco já não existe.

— Bem sei que S. Bento já morreu á muito. — Sim, mas o que o sr. não sabe é êle já se desfêz lá em cima. — Mas então á eternidade, a immortalidade? Histórias! Eu lhe conto. Quando morre algum santo vai lá para cima; ora como elles vão sempre esfomeados em lá chegando enchem o papo. Foi o que aconteceu a S. Bento. Depois meteu-se lá como uma alma de beata — ora as almas de beata são quazi sempre machas.

A de S. Bento era fêmea — as al-

mas dos santos são jeralmente fêmeas — e dêsse acêzo nascêmos nós todos. E' o grande merecimento da santaria — servir para semente. Depois creãrmos-nos, crescêmos e o paizinho mandou-nos tratar da vida e cá viêmos. Eu primeiro, como vinha com aquêlas ideias, tive um convento; ôje, como vê, estou civilizado, vou montar uma estação.

Al o meu colêga — outra ova de S. Bento — meteu-se na politica e é o empraiteiro dos negócios públicos. E temos mais irmãos — Outro seguiu a de voção, endireita ôssos, concerta pernas, e olhe que se arranja bem — é o da Porta Aberta.

Não avia dúvidas já para mim que cruzava de novo a pérna no meu banco de pédra, não sei onde.

Estava metido entre o parlamento e a estação central. S. Bento do Porto e S. Bento de Lisboa — dois pólos da vida nacional. Um é o embarque para os espaços largos, o outro o desembarque para os postos altos; num ajita-se com o lenço aos que partem, noutro com a campainha aos que bêrrão; em S. Bento, no Porto, tira-se o chapêu e põe-se o barrêto, em S. Bento, de Lisboa, tira-se o chapêu e levanta-se a sessão. Aqui, ao chegares, dêsces as málas, ali, ao entrares, sôbes as metáforas. No Porto, em S. Bento, é-se passajeiro ou carregadôr, em Lisboa, em S. Bento, é-se deputado ou pretendente.

Ali comprão-se bilhêtes e despacha-se bagagem; aqui mêrcio-se votos e despachão-se filhados. Ali é o cáis da liberdade para os que contentes tomão o comboio que os transporte ao sonho dos horizontes, á belêza das terras, das cidades novas, ao pitorêco dos caminhos, aqui é a boia da indolencia a que se amarrão com força as cascas de nôz que amanhã, inchando mais, serão o ôco triunfante dentro duma farda bordada.

Acordei, a manhã estava linda. Sai a rua estava fresca.

Al tens tu o resultado do banho — uma imaginie endiabrada, agravada com a história do mosteiro de S. Bento que eu lêra na vêspera. Vai o abraço rijo para te amparar na quêda, pois, se chegáste ao fim, estás decerto a cair com sôno. S. Bento te proteja.

Adeus.

Teu
Manoel de Sousa Pinto.
Lisboa, 1904. Outubro, 3.

Roque Gameiro
Passou ontem por Coimbra o ilustre aguarelista Roque Gameiro, que, como dissemos num dos números anteriores, anda colhendo documentos para a história do costume em Portugal na primeira metade do século XIX.

A história do costume é das mais difíceis de fazer pelo caráter fugaz dos documentos que se modificão e desaparecem com a moda.

Roque Gameiro pôde ainda encontrar exemplares bem conservados de algumas partes dos costumes, e entre elles dois enormes chapêos na rejão de Aveiro.

Costumes completos é porém raro encontrar. Ainda á 40 anos a tarefa seria relativamente facil. Ôje é quazi que impossivel.

As gravuras e litografias que existem desta época e que são na sua maior parte inglêzas fôrão feitas simplesmente sob o ponto de vista pitorêco, e muitas vêzes alteradas pelo gravadôr ou litôgrafo.

O sr. Anibal Fernandes Tomás, o ilustre bibliôgrafo, sempre disposto a pôr a sua livraria ao alcance dos que trabalhão, enviou para Coimbra ao sr. dr. Teixeira de Carvalho as colêccões de estampas e os livros que possuê, alguns dos quais são de primeira raridade.

Roque Gameiro demorou-se em Coimbra apenas o tempo de consultar os documentos fornecidos pelo sr. Anibal Fernandes Tomás, e de tomar apontamentos de alguns exemplares de aguarêlas orijsinaes dos costumes de Coimbra da colêccão do sr. dr. Teixeira de Carvalho.

Essa interessante colêccão de aguarêlas, em que os costumes são minuciosamente detalhados, com a injennidade dum desenhista principiante, encerra, por isso mesmo, documentos preciozôs pela fidelidade e pelo detalhe.

Faleceu ante ontem o sr. Augusto Rodrigues d'Oliveira Palhinha, acreditado negociante do Largo da Portajem.

No sul de Angola

Parêce, segundo o sr. ministro da marinha declarou na camara dos deputados, que as nossas armas sofrêrão um revês na campanha á pouco encetada contra os cunhamas.

O nosso patriotismo manda-nos por enquanto, esperar para em tempo, pedirmos contas a quem tenha a responsabilidade do dezástre se alguém a tivêr.

A campanha contra os cunhamas é superiormente dirigida pelo governadôr jeral d'Angola, Castôdio Bôrja que não conhecêmos senão pelo *aiunt*, que confessãmos não lhe á muito favorável. A coluna d'operaçôis é comandada pelo capitão d'enjenharia João Maria de d'Aguiar.

Este official que foi um laureado estudante da nossa Universidade e onêsto governadôr do districto de Mossamedes, estárá á altura da missãõ que de-zempêna?

A' comissões para que não basta a inteliçencia, a bondade e a bôa vontade.

O dezástre parêce ter sido de bastante gravidade, pois num destacamento de 499 ômens perdêrão-se 254, sendo dêstes 15 officiaes e 13 sarjêntos.

O destacamento parêce têr sido colhido numa emboscada! Era comandada pelo capitão d'artilheria Pinto d'Almeida?

Foi descurado o serviço de segurança?

Marchava ou estacionava?

Estava já além do Cunene?

São interrogaçôis estas a que o tempo se encarregará de responder.

O Cuanhama fica no sul d'Angola, cercado a norte pelos terrenos da Vancala, a sul pelas possessões allemãs, a lêste pelo Cafima e a oeste pelas duas Banjas e o Comato.

E' na margem direita do rio Cunelal, que se encontra a Emballa, rezidência do chefe dos cunhamas chamado Julo, que não é qualquer pretalhãs embrutecido pela cachaca, mas sim um ômem no vigôr da vida, civilizado, falãdo o inglêz e o alemão, montando admiravelmente a cavallo e tratando-se com muitos dos requintes da educação europea.

As incursões dos cunhamas são muito antigas e vão até ás cercanias dos fortes de Cassinga, Maria Pia e Princesa Amelia nas Ganguêlas, entre os rios Cubango e Cunene, estendendo-se mesmo, até ás proximidades de Caconda, já a poente d'aquêle rio.

Seria agora a oportunidade de emprender a campanha?

No interior já dêve chovêr dêsdê o principio de setêmbro, embôra os rios ainda pouco encham e nem trespordem senão para os fins de Dezêmbro.

Quem estudou e determinou a campanha tem de certo o colár da sociedade de geographia.

Pois se até o Pequito o tem... Nos não o temos.

Trasladação

Para o jazigo que o sr. Antonio Maria Pinto mandou á pouco erijir no cemiterio da Conchada, fôrão trasladados, na passada segunda feira, os restos mortais de um seu filhinho, de sua cunhada a sr.ª D. Guilhermina da Conceição Santos e de sua sobrinha Leonôr, espôza e filha do sr. Virjilio dos Santos.

Ponte de Ceira

Vão ser autorizadas obras na ponte de Ceira que ameaçava ruina próxima. A ponte é das mais concorridas das povoaçôis dos arredôres da cidade e tinha pôdre e quazi completamente inutilizada a maior parte do travejamento. O pavimento de madeira estava tambem rôto e mal remendado pedindo a réforma que felismente se lhe vai dar.

Literatura e Arte

Ainda está semana será posto á venda pela Livraria Classica Editora de Lisboa o livro — *Critica e fantasia* — de Olavo Bilac o fino e delicado poeta que num livro de proza dá um encanto novo ás coisas ainda as mais conhecidas do Brazil.

A amabilidade do editôr devemos o poder dar este excerto antes da publicação do livro.

I Marilia

Em Ouro Preto.

A caminho da Vila Rica de outras éras, que é ôje um montão de ruínas, parei nas Lujes, em um sitio que de-mora a cavalleiro do antigo bairro de Antonio Dias, e de onde a vista, depois de abranhêr tôdo um immenso amfiteatro de montanhas vêdes, quêda, repouzada e amorozas, no vale ri ôño que a jente do bandeirante de Taubaté povoou á dois séculos. Sobre uma pedra, quanto tempo fiquei a vê-las, — as colinas amadas das muzas, por onde, como um rebenho, pascêrão os versos apaixonados de Dirceu, ao dôce clarão dos olhos da sua Marilia!...

Era por uma tarde enevoada e fria. Um vento cortante assobiava; rodávão nuvens escuras no ar. E uma tristeza cobria tudo.

Por detrás de mim, a escarpa do môro subia, aspérrima, pontuada de pedrouços ferrugentos. Em cima, e se monte é um como sepulchro do passado, o Campo Santo de uma jerção de aventureiros ouzados: cobrem no muralhas derrocadas, restos de cazas nobres, alicerces sobre os quais duas juntas de bois podem passar á vontade; e, já do ponto em que eu estava, alcançãvo meus olhos, no alto, na lombada da serra, massas informes de ruínas. E, abrindo-se aos flancos da montanha, como feridas profundas, buracos enormes appareciam, assignalando os logares em que a picareta e a polvora dos exploradôres sondaram as entranhas da terra, em busca de ouro.

A minha frente, uma paizagem rude se desenrolava, erigida de colinas, atopetada de rochas, fechada ao fundo pelo Itacolomi cujo pico se encarapuçava de névoas.

Á direita, os dois maiores edificios de Ouro Preto levantavam a sua construção formidável, — a cadeia e o palacio do Governô.

Á esquerda, o Alto da Cruz. No pincaro, a grande cruz protetôra da cidade abria sobre ela os braços nêgros, como a abenço-a; e em torno d'aquêle cume isolado qualquer coisa invizível pairava, um como recolhimento da natureza; a mesma nevoa do céu n'aquêle ponto se adêlçava, franjando-se, rasgando no seu manto párdô uma nésga azul em que se emoldurava o simbolo solitário.

E, por tôda a parte, de um e de outro lado, umas mais perto do céu, dominando o bairro tôdo, outras encastoadas humildemente no concavo fundo do vale as igrejas alvejávão.

Era, primeiro, Santa Ijênia; em seu adro, antigamente, os nêgros, cujo trabalho se capitava nas minas de el-rei á razão de quatro e três oitavas de ouro por cabeça, vinhão dançar ao som confuzo dos cachambús e dos chique-chiques, a *congada* selvagem. Era, depois, Mercês de Antonio Dias; depois, S. Francisco, de largas tribunas rasgadas para fóra, e fachada em que esplendem as esculturas do *Aleijadinho*, em pedra sabão; depois, a Matris de Antonio Dias, o Carmo, e, já meio encobertas, deixando apenas vêr as tôrres *Iluminadas*, S. Jozé e Mercês de Ouro Preto.

Dos meus pés, numa descida abrupta, cheia de blócos de montanhas destacadas de cima, até achar ao fundo as primeiras cazas do bairro secular.

No último plano, mais escondida, mais umilde do que tôdas as igrejas, uma capelinha inacabada apparecia ao fundo de um cemiterio pequenino: Nossa Senhora das Dôres. São as economias dos prêzos que vão pouco a pouco, com dificuldade e fé, custeando a construção daquêle cemiterio, em que, isolados na morte como durante a vida, os corpos dos sentenciados repouzão no seio misericordioso da terra, que, para acolhê-lo carinhôzamente, não quer sabêr se os seus crimes á manchãrão...

Por fim, as ruas de Antonio Dias, tortuosas, estreitas, rasgadas e edificadas ao cazo, á proporção que as correntes colonizadôras affluão á povo-

ção fundada pelo chefe da bandeira paulista. Vistas de cima, algumas cazas que se sustêm a custo, pequênas, com o arcabouço rôido apparecendo no desmantelamento do barro esburacado, — parecêm, descendo juntas e invalidas as ladeiras, uma procissão d'essas velhinhas trôpegas e trémulas, que as romarias strãem aos adros, em dias de festa, dando-se amparo mutuo, na solidariedade do infortunio e do mêdo das quedas...

E foi quando tôda a minh'alma estava cheia das lembranças de outro tempo, deante daquêles despojos de que um cheiro de sepultura saia, — que vi pela primeira vês a caza em que morou a Marilia de Dirceu, e em cujas janellas o seu vulto, na brancura ofuscante das madrugadas nevoentas ou ao esplendôr sanguineo dos ocazos de fogo, costumava mostrar-se de lonje aos olhos apaixonados do Ouvidôr-poeta, a quem a paixão obrigava a trocar a toga solêne de juiz pela túrica de pino grôso de um pastôr da Arcadia.

Caza nobre, que emerge de entre as vizinhas quazi como um palacio, ôje toda azul, olhando para o bairro de Ouro Preto por oito janellas, — foi néla que D. Dorotêa de Seixas appareceu pela primeira vês ao poeta, e néla que a Muza, enquanto o seu cantôr no degredô barbaro enlouquecia e morria, viveu, monotonamente, até os oitenta e quatro anos.

Ainda quando o inconfidente encarcerado alimentava a esperanza de que a tirania o restituísse a liberdade, n'aquêla casa tranquila, ôje toda azul, de oito janellas rasgadas para o bairro de Ouro Preto, é que devem ter chegado aos olhos lacrimozos de Marilia os versos em que o poeta cristalizava os seus desejos e a sua confiança iluzória nas justças de Maria a Louca. As mesmas colinas que ouvirão as eglogas do pastôr da Arcadia Mineira repetidas pela vós da sua Muza, devem ter ouvido por essa mêma vós repetidas as rimas doloridas, de anêceio e de amor, com que Dirceu arquiêtava no sôhno um futuro que não veio:

«Ai minha bêla! se a fortuna volta, Se o bem que já perdi, alcanço e provo, Por essas brancas mãos, por essas faces Te juro renascêr um ômem novo: Romper a nuvem que os meus olhos cerra, Amar a Deus no ceo e ati na terra... Nas noites de verão nos sentaremos, Com os filhos, se os tivermos, á fogueira; Entre as falsas historias que contares, Lhes contarás a minha verdadeira... Pasmados te ouvirão: e eu, entretanto, Ainda os olhos banhare de pranto...»

Em um de seus livros, Lopes de Mendonça, falando incidêntemente de Gonzaga, revolta-se contra a apatia em que D. Maria Joaquina Dorotêa de Seixas se deixou envelhecer burguesamente até á caducidade, na sua caza de Vila Rica.

A alma de Lopes de Mendonça, tomada de orôr deante dêsse envelhecimento pacato, se rebelã contra o espêttaculo da decrepitude da Muza, de face enjelhada, boceta de rapé em punho, babando-se toda de gosto ao revêr-se nos nêtos, batendo chinêlas pela caza triste, e arrastando através dêssa vida sem poesia os seus achaques, as suas saudades e o seu tedio.

Na trajédia de Shakspeare, Hamlet, fóra de si, pergunta a Laertes, que se desgrenha em contorsôis trêficas e lamentaçôes rêtóricas á baira da sepultura da formôza Ophelia: «Que mais queres tu fazer, hypocrita, para ostentar o teu desespero? queres arrojãr-te do alto do Ossa? queres engulir um crocodilo?»

Naturalmente, o autôr das *Recordaçôes da Italia* não desgostaria de vêr a Marilia, desesperada pelo apartamento do seu cantôr, comêter um dêsses atos de prodijiosa superexcitação. Queria o escritôr portuguez que D. Dorotêa de Seixas se precipitasse, como uma Safo, na cascata do Tombadouro? que tragásse «lucinadamente um *caitê* vivo? que, com o volume das *Liras* na mão, se despenhasse do pincaro do Itacolomi?

A mim, confêssô, deixão-me sem entuziasmo todas êssas possíveis soluçôes estardalhaçantes para aquêle idílio. Mais que o espêttaculo de um fim trájico qualquer, — o suicidio da Muza ou a sua morte fulminantemente causada pela dôr da despedida — encanta-me êsse modo, umano e sinjelo, porque Marilia se deixou morrer na sua caza engastada no fundo do vale, vendo, pelas colinas que a cercavão, a descida dos rebanhos brancos que a sanfonia pastoril do seu Gonzaga celebrava.

Um certo misterio cerca ainda ôje a história d'esses amôres. O que parece

A NUNCIOS

Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários desta loja pedem a todos os artistas de Coimbra, neste género, que vizitem o seu estabelecimento, sito na rua dos Sapateiros, 7 a 11, onde encontrarão completo sortido, em sola, tanto como em cabedais.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até este preço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimento garantido, ou se emprestão sobre hipoteca bem garantida. Carta á administração d'este jornal com as iniciais A. B. C.

GUARDA SOL

Entréga-se um a quem provar pertencer-lhe. Foi encontrado no dia 25 do corrente, no trafway que sai de Coimbra ás 6 da manhã para a Figueira. Nesta redacção se dis.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra Cassiano Augusto M. Ribeiro Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou immediatiz.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois estúve durante 16 annos, effectivos, nos jardins dos srs. condes do Amcal, onde ainda hoje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pôde procuralo de Sernache dos Alhos.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de página a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 páginas e 1 crômo ou 32 páginas de texto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplar grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernetas, tômos ou volumes.

Em publicação na A EDITORA, largo Conde Barão, 60 Lisboa

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias—Publicação semanal Directora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 55000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 25500 réis.

Trimestre, 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 13300 réis

Cada número da Moda Illustrada é acompanhado dum número do Petit Eco de la Broderie jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapezarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na Moda Illustrada, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

Vv. Ex.ª quem vestir bem? Quem vestir economicamente? Quem vestir como estando em Paris?

É assinã a Moda Universal que apenas custa 480 réis, por anno, quantia que deve ser remetida para a Agencia Nacional, rua Aurea, 178, Lisboa.

A Moda Universal referida a Setembro tráz numerosas gravuras na forma do costume, idias eias de novidade, o que não é milagre, e de utilidade, o que é mais raro.

Têm presente o número de que estamos falando e por isso continuamos de assombro, por ver que se pôde vendêr por dois vintãos 8 páginas cheias de figurinos vários.

Do número que se trata resulta que vái operar-se uma revolução completa nas mangas das nossas muito gentis leitôras.

Não esquecer que a importancia da assinatura pôde ser renetida em estampa, ou vale de correio.

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

PREÇO 400 REIS

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O producto deste livro reverterá a favor duma Assistencia de creanças doentes que se vae fundar em Amarante.

CONDIÇÕES

Alvo Portugal

Alvo de zonas circulares de 0,20, 0,40, 0,60, 0,80, 1,0 e 1,20 de diametro, valendo respectivamente 6, 5, 4, 3, 2 e 1 pontos.

Arma — Espingarda de 8mm K^m/86. Distancia 300m. Posição á vontade. Numero de tiros 10.

Classificação: Por classes e pelo maior numero de pontos obtidos por cada atirador; 1.ª preferencia: o maior numero de balas; 2.ª preferencia: ser sócio da União. Dezempate por um tiro e em caso de empate por outro tiro.

Alvo Lisboa

(ELECTRICO)

Figura de joelhos, dividida em zonas valendo 1, 2, 3 e 4 pontos. Para todos os atiradores sem distincção de classe. Arma — Espingarda ou carabina de qualquer modelo de guerra. Distancia, 250m. Numero de tiros. Até 10 séries de 10 tiros cada uma.

Classificação: Pelas 3 melhores séries de cada atirador, avaliadas em pontos. 1.ª preferencia pelo maior numero de séries feitas; 2.ª preferencia: pelo maior numero de pontos obtidos em todas as séries.

PREMIOS

Para o alvo de zonas circulares

Para atiradores de 1.ª classe: réis 30000 e 70% a dividir proporcionalmente por 10% dos inscritos. Medalhas com diplomas na proporção de 1 1/10.

Para atiradores de 2.ª classe: réis 20000 e 70% da inscrição a dividir proporcionalmente por 10% dos inscritos.

Para a 3.ª classe: 10000 réis e 70 da inscrição, idem.

Para o alvo eléctrico

3 prémios de 5000 réis ás melhores séries de 38 pontos; 6 ditos de réis 3000 ás séries de immediatamente inferiores; 12 ditos de 1000 réis ás melhores séries de 30 pontos.

CONDIÇÕES JERAIS

Inscrição para os torneios do alvo de zonas circulares: 500 réis. Gratuita para socios da União.

Idem para os torneios do alvo eléctrico: 500 réis cada minuto. Socios da União 100 réis.

Munições. A' custa dos atiradores. Aprovado em sessão do Conselho Jerente, de 28 de Julho de 1904.

O Secretário,

Eduardo de Noronha.

Aprovado pela Direcção Jerál dos serviços d'infantaria.

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR Livraria editora — Lisboa

CAMPEONATO DE TIRO

O programa elaborado pel União dos atiradores civis portugueses e aprovado pela Direcção Jerál dos Serviços de Infantaria, para disputa da Taça D. Carlos 1.º, instituida pe a revista Tiro e Sport, concurso, a que ultimamente nos referimos é feito nas seguintes

CONDIÇÕES

O Campeonato terá logár ancualmente (no último domingo de outubro no corrente ano na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços) e pôdem concorrêr todos os atiradores matriculados nas carreiras de tiro do país.

Arma — Espingarda ou carabina de qualquer modelo adotado no exército.

Numero de tiros — 50.

Alvos — Alvo de zonas circulares de 0,15, 0,30, 0,45, 0,60, 0,75, 0,90, 1,05 e 1,20 de diametro valendo respectivamente 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2 e 1 pontos.

Alvo eléctrico, figura de joelhos, dividido em 4 zonas, valendo 4, 3, 2 e 1.

Posição — Para o alvo de zonas circulares, 10 tiros de pé, a braços; 10 tiros de joelhos; 10 tiros á vontade.

Para o alvo eléctrico 20 tiros á vontade.

Distancias — Do alvo de zonas circulares 300 metros. Do alvo eléctrico 250 metros.

Classificação — Pelo maior numero de pontos obtidos. 1.ª preferencia: o maior numero de pontos obtidos em fogo de pé; 2.ª preferencia: o maior numero de pontos obtidos em fogo de joelhos; 3.ª preferencia: o maior numero de balas acertadas.

Inscrição: 20000 réis, munições não comprehendidas.

PREMIOS

Taça de Oura D. Carlos I

Que ficará propriedade do atirador que a vencer três vezes, medalha de ouro e Inscrição do nome do vencedor na referida Taça.

10 MEDALHAS, sendo 4 de prata e 6 de bronze.

Estas medalhas terão no verso a inscrição d'ordem e o ano do Campeonato, e serão acompanhadas do respectivo certificado.

O Campeonato no corrente ano será no último domingo de Outubro; a classificação será apresentada no primeiro domingo de Novembro e a entrega dos prémios no domingo immediato, salvo se S. M. El Rei, dignandó se distribui los, designar dis.

Aprovados em sessão do Conselho Jerente de 29 de Agosto de 1904.

O Secretário,

Eduardo de Noronha.

Aprovado pela Direcção Jerál dos Serviços d'Infantaria.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Torneios de outubro, em harmonia com o programa aprovado pela Direcção Jerál dos Serviços d'Infantaria em 7 de Janeiro de 1904.

Realizaveis na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, em todos os domingos de outubro, das 12 ás 3 horas da tarde, podendo concorrêr todos os atiradores matriculados nas carreiras de tiro do país.

tempo retêve uma pergunta que estava prestes a escapar-lhe; mas, pouco habituado a combater as suas impressões, perguntou a Rechin, num tom que forcejou por tornar indiferente, se a fada ou o guomo, que lhe servira de guia, tardaria muito tempo ainda a sair da terra, ou a cair das nuvens.

Ao acabar de dizer estas palavras ergueu a cabeça para Rechin; mas não pôde ouvir a resposta do chefe nem ver a expressão sarcónica que animou naquêlle momento o seu rostode cobre; porque duas mãos, que os seus sentidos reconhecerão, se baixáram de repente sobre os seus olhos, e uma vós feminina lhe murmurou ao ouvido:

— Adivinha!

Ombert adivinhou sem dúvida, porque não pôde falar. Quando abriu os olhos, Réchin tinha desaparecido: no seu lugar, estava, de pé, num embaraço graciôzo, uma creatura em que reconheceu o talhe da rapariga que tinha libertado e o perfil do rapás, que lhe servira de guia; mas naquêlle momento se decipára toda a indicição e Ombert contemplava uma muohér.

A boémia infetára-se com o que tinha de mais precioso e de mais raro. Os seus cabellos compridos estavam ornados com uma infinidade de moedas de todos os tempos e de todos os países, que soavão á volta da sua cabeça;

pérolas, pédras preciosas, grãos d'ambar, fios de corál brilhávão no meio das suas tranças pretas; uma grande safira deitava reflexos sombrios no meio da tésta d'êla, o tronco era estreitado por um colête de setim azul, bordado a prata; um vestido largo e comprido de cachemira, fazenda desconhecida então na Eurôpa, rodeáva as suas ancas nevôzas, e, abrindo-se na extremidade do colête, deixáva ver as pernas finas e recondas, envolvidas por um calção de seda branca, ricada de azul; o côlo, o peito, os ombros e os pés estavam nus e a pele escura parecia não sentir impressão alguma com o ar da noite.

Cruzou as pernas, e assentou-se á móda dos orientais, corando de prazer sob os olhares que lhe deitava Ombert; falou e mostrou os dentes negros e luzidios como vidrilhos; e a boca exalava o perfume do benjoim.

Ombert não se admirou de coiza alguma; são assim, pensava, os uzos da Boémia.

— Chámo-me Zêa, disse a rapariga, nasci á treze annos nesta florésta, minha mãi está enterrada debaixo de um carraqueiro de quatro annos; fis-lhe um sinal na cásca. Uma filha da Boémia não conhêce o péi; mas áchão que eu me parêço com o chefe, e sintoqu e o amo, como amáva minha mãi. Tu és

Ombert; na tua tribu chámo-te barão, o que quer dizêr chefe e filho de chefe; só tens uma mulher, não te ama e tu ama-la porque é branca; eu amo-te, e tu não me achas; porque eu sou tri-gueira. Assim é a vida. Assim m'o ensinou minha mãi.

Ao pronunciar estas palavras, Zêa deitou para os braços polidos e para o ombro doirado um olhar que levantou logo com garidice para Ombert; mas avia despertado recordações cuja força ignoráva.

Os olhos de Ombert tñhãõ-se enchido de lágrimas, conserváva-os baixos para encobrir sua fraqueza, e levava lentamente a comida á boca, enquanto Zêa continuáva com o seu chilrear de creança.

De repente interrompeu a para lhe dizer:

— Zês, Réchin, que te falou de Catarina, disse-te porque éla me não amáva?

— Não, respondeu a boémia com doçura, mas adivinhei-o eu...

— Então?... disse Ombert com ternura pegando-lhe na mão.

Lêa pensou um instante e disse, olhando para êle:

— De dia os teus olhos procurão os déla, e de noite os teus lábios não espêrão pelos seus... Ao pé d'êla, suspiras como a rôla nos bosques, e jámes como os mortais que têm ferido

(Continúa.)

provado é que eles não forão uma dessas paixões que alucinão quando se não satisfazem, e em que a alma entra de parceria com a carne, ambas ancozias, ambas exijêntes, ambas unnamente excitadas.

Ainda nos mais apaixonados versos de Gonzaga, não palpita éssa febre, éssa ancia de gozo e de posse, nem apparece uma nota qualquer capaz de provar que uma aproximação de sexos tenha naturalmente consagrado o idílio encantador a que a nossa poesia deve tantas paginas deliciosas.

Para o poeta que, depois de ouvidas as partes cujos interesses pendião do seu juizo, se desbruçava á janela devaneando deante da natureza, — Maria era apenas, talvês, a figura encarregada de dar a nota umana á paisagem arrebatadora. Quando se lêem os versos de Gonzaga, nota-se que o que quasi exclusivamente os inspira é a beleza do campo, a serenidade da vida rustica, a bemaventurança suprema da existencia ao ar livre, mais perto de Deus porque mais perto das couzas e dos costumes simples.

Aqui, é uma ave que o filho aquece entre as azas. Ali, uma vacca que o novilho tenro lambe e afaga. Mais lonje, arvôres que braceião sacudindo o orvalho que as molha. Adeante, escravos que cercão o rio, cavão a terra, colhem no fundo da bacia o cascalho rico em que o ouro vivo fulgura; capoeiras ainda novas que se queimão, ardendo nas quebradas, terras que se adubão, misturadas com cinzas, á espera dos grãos; caçadas alegres em que a vara envisgada espera o passaro incauto; pescarias á ora da sesta; e campos cheios de papoulas, e cercas emaranhadas de rosas silvestres, e pedras d'onde saíta a rama bruta das gamaleiras robustas... Tudo isso não seria humano, não cantaria com tanta vida, não se abrazaria em tanta lús, se uma figura de mulher não pairasse sobre o canto, se um pouco de amor não viesse dar um pouco de perfume novo de poesia ás descrições.

Olavo Bilac.

Banda do 23

Oje das 5 ás 7 da tarde, a banda do 23 executará no corêto do cais o programma seguinte:

1.ª parte

Passo ordinario. El Cabo 1.º, Zarzuela — Cabalero Cantiga ao dezafio, da op. Serrana — Alfredo Keil. Os Ursos, polka carateristica — Galiano. Uma noite em Venéza, pout pourri — Strauss.

2.ª parte

Marcha de la Zarzuela Gigantes e Cabeçados — Cabalero. Pout pourri da Zarzuela, El anilo de ferro — Marqués. Roulette, polka — Becúci. Ino nacional.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 atos

(46) Polhotim da "RESISTENCIA,"

O EXCOMUNGADO

XIV

O campo dos boémios

Por todos os lados se vião o pôtes a brilhar no meio de grupos sem numero; a caça fumegava a lús dos archotes, e o lar atráva para o céu uma colúna de chãmas crepitantes e alegres; tudo revelava o projéto duma orjia dezenfreada.

O barão deixou se dezarmar para ficar mais á vontade; depois, tendo calgado chinélas brilhantes de lantejoulas, embrolhou-se num amplo cafetan e estendeu-se alegremente junto do seu ospedeiro, na primeira esteira que encontrou debaixo dos pés.

Emquanto satisfazia um appetite digno das primeiras edades, o barão deitava os olhos em volta e parecia preocupado; Jehan percebeu isso mesmo, e o seu sorriso maliciôzo quasi que atrapalhou o barão que sentia, sem talvês o confessar, que a sua curiosidade não era inocente; durante algum

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUSITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Lusitana*.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouqui-dões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratórios.

Se atenuão sempre, o cûrão as mais das vezes com o uso dos *Sacarolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcairão, junamento medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os teem uzado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental — S. Lazaro — Porto.

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

O ficial de elcjoeiro

Preciza-se dum, na relojoaria Araujo. Rua do Visconde da Lus — Coimbra.

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

“REZISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 25700
Semestre..... 13350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400
Semestre..... 13200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 35600
Ilhas adjacentes, »..... 35000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jorna for onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta naturêza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, doces e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçes. Pudings de diversas qualidades, visto samente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retratos vasos para jardins e platibandas, balaustras, tijolos para ladrilhos de tornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimaraes & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fates para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flandós e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camizaria, gravatas, luvas, etc.

Pedo-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA
Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE
Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra
99 — Rua Visconde da Lus — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinio. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por al se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta caza acaba de recebêr importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Mancel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expótorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 ¹/₂ ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronicó, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FABRIL

Pelo professor e perito comercial Joaquim Enríques da Silveira Pásson

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fascículos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e **sem méstre**, a organizar, seguir ou balaucar a escrituração de qualquer caza comercial, bancária, agrícola ou industrial, a exercêr ábilmente qualquer logár de carteira e a concorrêr com a precisa abilitação aos concûrsos de bancos e repartições publicas.

O *Guia práctico* ensina a rezolvêr cerca de mil problêmas vários sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Cálculo

Comprende o ensino práctico das operações sobre: Números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, régras de três simples e compôstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de svarias, percentajens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos dirêto, indirêto e annuães, câmbios, juros compôstos, annuães, fundos publicos, papeis de crédito de arbitrajens.

2.º volume — Escrituração

Comprende cinco modelos completos com todos os livros principais e auxiliares, sendo todos os problêmas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo, uma escrita pelo sistema de partidas sinjêlas; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contendo oito mêzes de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza de comissões e consignações; 4.º, uma escrita duma industria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agrícola.

Preço de cada fascículo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas podem ser feitas por bilhete postal dirigido á empreza da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — Moura Márques — LIVRARIA.



VINHOS DE PASTO GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

COIMBRA
Installação revisoia: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (20 de abril de 1904)

Marcas	Garrafa de 6 litros	Garrafa de 4 litros	Garrafa de 2 litros
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	600	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafas levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafas vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafas ou duzia de garrafas.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Officina tipografica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 943

COIMBRA — Domingo, 9 de outubro de 1904

10.º ANO

O CASTIGO

É a palavra de passe da imprensa monarchica. Castiguem-se agora os cuanhamaes e depois se apurarão responsabilidades. Depois, todos comprehendem, após expedições dispendiosas, porque as vantagens que o negro alcançou farão lavar a insurreição, qu'ça ao retorno das tropas victoriosas, só nos de triumpho e discursos pompozos, vazios e sonoros, soarão na rua e na tribuna. É do desastre inicial, e dos desastres prováveis, não curão os politicos. Do principio, porque os mortos, mortos são, dos segundos, porque *prever* não faz parte da bagagem dos nossos estadistas.

Sejamos serenos. Sofoque-se momentaneamente a amargura, o travor de fel que os successos d'Africa fazem subir á garganta e discutamos.

Na camara dos pares, segundo as *Novidades*, orgão governamental, Gorjão falou:

«A sorte não nos quis favorecer no inicio da occupação do pais dos cuanhamaes. Paciencia. É bom tambem que nos habituemos aos azares da guerra.»

Ainda bem que, a frio, lemos estas frazes, como friamente a camara as escutou sem se revoltar, sem indignações, sem que escarriasse sobre quem as proferiu! Justificar a derrota «para nos abituarmos aos azares da guerra» é uma idiotice de génio, assombrosa, se não fora proferida sobre um montão de cadaveres! Desde esse momento, torna-se dum odioso infamissimo. Quem a proferiu não é nem pôde ser um oficial do exercito, não é nem pôde ser um portuguez, não é nem pôde ser sequer um ómém.

Sim, é necessario um castigo que deve recair sobre o individuo que acha as carnificinas justificaveis «para nos abituarmos aos azares da guerra».

«Paciencia. A sorte não nos quis favorecer.» A esse dezonesto que só serve para cumplice de roubos ao Estado, não se lhe pôde dizer, que um ómém de quem dependem as vidas de outros ómens, não é á sorte que confia os destinos deles. A sorte entra na equação que o estadista formula ao organizar um empreendimento. Submete-se a calculos, ponderão-se as probabilidades.

Por certo que, na guerra, a imprevidencia dum comandante, o próprio arrojo doutro, uma ordem intercedida, dezenas de causas secundarias muitas vezes impossiveis de superar, acarretão um desastre onde a victoria tinha, por seu lado, fortes probabilidades. Mas enviar 1:500 ou 1:800 ómens contra quarenta, 50:000 ou mais, e ficar-se depois a invocar o azar quando o resultado inevitavel e necessario até para cégos é vizivel, só um ministro portuguez e no parlamento portuguez!

Desde janeiro deste ano que a Alemanha se vê a braços com uma

revolução que não pôde dominar. Os revezes que a têm assoberbado na Damaralândia, proseguem. Da Alemanha viêrão ordens terminantes para que Portugal combatesse os povos fronteiricos á rejião em armas. Ordens terminantes, sim, por isso que ela está abituada a alterar leis portuguezas, votadas em cortes e sancionadas pelo chefe de Estado, como o sr. Dias Ferreira declarou em leira redonda, sem contestação.

Quando o ministro da marinha obedeceu, os papéis que sustentão o ministro acháráo boas razões para apoiar a chancelaria de Berlim. Então, sem que o ministro se importasse do que se passava na bacia do Cunene, organiza a expedição com o pequenissimo nucleo de verdadeira força e confiança de 700 europeus. Não rememorou sequer desastres anteriores sofridos naquele distrito.

Já depois da expedição em marcha, o ministro recebe noticias de que os cuanhamaes, numa incursão destemida em Cassinga, avião sa queado e devastado o que bem lhes aprouve, forçando a guarnição portugueza a refugiar-se no forte. Ele o sabia, ele o occultou á imprensa, mas como ele professa que as derrotas são boas para nos abituarmos aos azares da guerra, ia sorrindo de contente, por ver que a sorte conduzia a chacina um punhado de ómens de corajem, energia e arrojo.

Esse calculo entrava nos seus planos providenciais. O que não se percebe, é a razão pela qual ele profere a palavra — paciencia! Paciencia para que o suportem mais tempo?...

«Não foi uma aventura, não. Foi uma coisa estudada» — refere ainda o *Diario de Noticias*, que o sr. Gorjão dissera. Por certo. Foi calculada a catastrophe. Tão estudada e tão calculada que o ministro telegrafou a perguntar se o jentio era belicoso e a quanto montávão as forças dos selvajens! Tão estudada que, essa primeira banalidade indispensavel — saber o numero aproximado do inimigo, o ministro o ignorava, ignora-o ainda, o que não impede que ele, com a mesma consciencia do que dis e do que fás, afirma que não são precisas muitas mais tropas.

Á um governante que assim procede friamente, e quem a frio o escuta!

Urje, conseguintemente, o castigo que aqui, friamente tambem, reclamamos. Em nome da lojica apenas. Não apelamos, no lance, para os sentimentos da humanidade. Esse castigo deve recair sobre o ministro, fautor do desastre. E já, já, afastá-lo do poder.

Porque esse imbecil continuará a dirijir, como até aqui governou. Amanhã, se as circunstancias o exigirem, 3 ou 4:000 portuguezes terão de partir para o campo da guerra. Com esse ministro, equivale a remete-los, como rezes ao açougue. Quando o pais exige ómens para jo-

gar a vida, eles acorrem prestes e decididos. Mas o que não pôde continuar, é pôr essas vidas entre mãos dum governante que, reconhecida a sua incapacidade fundamental, não se peja de vir a publico apresentar razões que são um insulto á nação, e um e-carneio para os mortos numa aventura ingloria, em proveito do estrangeiro.

De resto, a demora na publicação de todas as noticias relativas ao desastre, é uma crueldade requintada. Acaso este Gorjão não terá filhos ou irmãos? O sentimento terá baixado, neste individuo, aos derradeiros estadios da animalidade? Estupido e mau? Então é completo.

Que sorte a deste Portugal, submetido a preversissimas bestas.

Ontem, num sobresalto dolorozo, os relatos extensos dos jornais de Lisboa são lidos com sofreguidão. Interrogávão-se pela sorte dum amigo, dum parente. Avia aze lume e lagrimas, e entre os rebates indignados pezava um acabrunhamento morno, depressivo.

É que se olhava para outras vidas, para outros sacrificios que a aventura vai custar, para os milhares de ómens que estão sujeitos á idiotia dum ministro sem cérebro, nem alma. E eis que ao finalizar a leitura das longas colunas referentes ao caso num dos diarios de Lisboa, depara-se-nos um punhado de noticias em contraste com a anciadade dolorosa da nação. E são elas:

El-rei distraía-se de manhã a cavalo, á tarde, de carruagem, e a bordo do *yacht* Amelia.

A rainha andou pela manhã, á pesca na baía de Cascais, e á noite de carruagem, a apreciar tristezas.

O principe real e o infante D. Manuel jogáráo o *tennis* no paço da cidadela.

E a rainha viuva espiareceu no pinhal do sr. Moser «passoio muito do seu agrado» esclarece o jornal.

... O castigo averá de parar no ministro, porque os outros são irresponsaveis... por letra da lei.

Natal

Têve um parto felis a sr.ª D. Rachel Teixeira de Queirós, mulher do nosso amigo dr. João de Barros e filha do nosso correligionario Teixeira de Queirós.

O filho de João de Barros começa onradamente a sua vida por não fazer mentir a imprensa, nem as vózes dos amigos: é forte e robusto sem favor nenhum.

Parabens aos pais e aos avós.

Já se encontrão em Coimbra os nossos prezados correligionarios srs. dr. Fausto de Quadros e Jozé Marques Batista.

Recebêmos o 1.º numero d'A *Critica*, semanario illustrado, critico, sportivo, literario, teatral, noticioso e annunciador, que se publica em Lisboa. Publica os retratos dos srs. Silva Graça, Alberto Bessa e Virjilio Soares. Longa vida.

No sul de Angola

Na sessão da camara dos deputados, d'ontem, o sr. ministro da marinha comunicou novas noticias sobre o revés que as nossas tropas sofrêrão no Comato.

Toda a coluna d'operações tinha passado o rio Cunene em 20 de setembro e o dezastre deu-se num destacamento que operava um reconhecimento offensivo, o qual foi atacado de dia e não surpreendido de noite como a principio se disse.

Ouve pois um combate em que o negro levou a melhor, custando-nos muitas vidas e perdas materiais, e fora o abelo moral de ter a coluna, que á poucos dias tinha travessado o Cunene, de o reatravessar, derrotada em parte, para recolhêr ao Umbe.

A formação de combate que os nossos tomáráo foi o quadrado, e uma das faces, não se sabe bem porquê, — pois a falta de munições ou a sua economia tendo o destacamento levado todas as munições da coluna, como disse o sr. ministro da marinha, não podia ser, — carregou á baioñeta inoportuna mente, dando logar ao dezastre.

A ser assim, porêce que ouve da parte da nossa força um grande erro de táctica de combate, principalmente tendo-se realizado este numa clareira coberta de *salalé* o que avia de embarçar a carga, dando azo ao indijena para se cobrir.

Parece que uma nova força foi destacada da coluna para socorrêr o destacamento, mas já chegou tarde, podendo apenas salvar alguns feridos.

A coluna retirou para o Humbe, passando o Cunene sem novidade, o que não nos parece caso para grandes louvores, visto que os comatas a não perseguirão nem ela mesmo os chegou a ver.

Depois disto devêmos talvez concluir que a occupação do Comato, por agora, é operação para pôr de parte; a época é má, pois as chuvas já principiáráo e por uma forma tal que o governo estêve sem noticias, por avaria nas linhas telegraficas.

Alem disso, como as perdas são importantes, a coluna tem de se recompor.

Pareceu-nos sempre que esta operação devia ter sido feita no alto *cacimbo* e não no tempo das chuvas.

Mas no meio de tudo isto, que papel representa o governador geral de Angola, sr. Custodio Borja, generalissimo desta campanha que até mudou o seu quartel jeneral para Mossamedes, a Cintra da Africa?

Estará veraneando?

Á quem méta a ridiculo o avêr entre os indijenas 5:000 espingardas aperfeçoadas; e se á 5:000 ou só 500 não o sabemos nós, mas que em todos os grupos de cuanhamaes ou comatas que se encontrão lá por aquêles sitios se vêem algumas Martini-Henry ou Mauer, isso é que é verdade.

Mas afinal o que é que nós querêmos occupar?

É o Cuanhama ou o Comato?

Continuáremos informando os nossos leitores, nesta secção, do que fôrmos sabendo e em chegando os primeiros correios é que certamente se são de saber coisas bonitas.

Prometêmos acima de tudo, ser patrióticos; não exploratêmos o dezastre mas tambem não pouparêmos seja quem fôr que nelle tenha responsabilidades.

NO DOURO

O TENENTE DE MELHUNDOS

A quinta onde ultimamente, no Douro, passei uns belos dias, pertenceu e foi casa de residência do tenente de Melhundos, guerrilheiro miguelista, que por ali fêz das suas, e se tornou célebre. Era um ómém curioso, e ex-cêntrico, este tenente, de quem Camilo fôlrou num romance, cujo nome agora me não recordo.

Por várias vezes, nestes dias da minha estadia em Melhundos, em noites de luar, e junto ao grande repucho do jardim, ouvi a uma santa senhora, filha do afamado guerrilheiro historico, muitas historias curiosas da vida de seu pai. Ai vão duas para dezenafiar:

Quize anos estêve prêzo, nas cadeias da Relação do Porto, o tenente de Melhundos. Ora, uma vez, durante o seu cativeiro, foi a cadeia visitada pelo sr. D. Pedro V. Depois de percorrer várias salas, D. Pedro, chegou aquêlla em que se encontrava o ferrenho e inconvertivel miguelista. Bórjes de Carvalho, o tenente de Melhundos, sentado a um canto, nem olhou, nem se levantou.

Aproximou-se o rei, que sabia que se tratava de um prêzo politico, e bateu-lhe num ombro, perguntou-lhe:

— Por que estais aqui, bom velho?

— Por que combati contra o governo de vossa Mãe, Senhor.

— Pois bem. Sabeis que vos perdô-o, e que dentro em breve, saireis daqui.

— Nunca, Senhor, respondeu o velho, receberei favores doutrem que não seja o meu Rei.

— Tomára eu ter seis amigos tão dedicados como tu, retorquiu-lhe então D. Pedro, e entretanto disse a um dos dignatarios que o acompanhávão, que tomásse nota do nome do velho, para tratar-se da sua libertação.

Pouco tempo depois, um dia de manhã, entrou o carcereiro na sala, em que estava o tenente de Melhundos, e annunciava-lhe que lhe ia ser dada a liberdade, mas que antes de sair, avia de vir o barbeiro aparar-lhe as barbas, que á muitos anos se não aparávão. Levantou-se o velho tremulo e irado, tal qual o pai de D. Jaime de Aguiar, e furioso investiu para o carcereiro, clamando:

— Já daqui para fóra, biltre, e atrevido. As minhas barbas, estas barbas que já vão quasi no joelho, nunca as cortarei; nem tu, nem ninguém (vistes?), mas cortarás antes da vinda do meu Rei. Elas contarão os anos que estive prêzo. E mais fica sabendo que não saio daqui.

Pegáráo-se de razões tenente e carcereiro, e dentro em breve entrava na sala, para manter a ordem, o capitão da guarda.

Barafustante e impertigado, o capitão avançou para o prêzo, de espada desembainhada, gritando-lhe:

— Não queres que te cortem as barbas? Pois bem. Cortar-te-ei a cabeça.

Soltou então o velho uma grande gargalhada, pareceu que um vento de felicidade, lhe passou pelo olhar, e palido, arrancando o colarinho e a gravata, e oferecendo a nevada cabeça, disse-lhe:

— Assim, sim. Cortai m'a vilão, e quanto antes.

Escuzado será dizêr-vos, que não lh'a cortáráo, mas que lhe pespegáráo em cima, mais tres anos de prizaõ.

Agóra outra história.

Saira já da cadeia o tenente de Melhundos, e vivia livre, em Lisboa, em casa de seu filho, o fallecido prior da Lapa.

Com ele estava então, um criado antigo, miguelista ferrenho tambem, e fiel companheiro de luta, que nunca o abandonára.

Todas as manhãs, o criado ia buscar a Nação, e ambos, patrão e criado, lia com o maior interesse a gazeta do seu partido.

Começaram a vir notícias da doença que depois victimou D. Miguel. Borges de Carvalho, lia e calava-se. Mas o criado, esse lamentava-se, e pronunciava, dezanímado e triste, a morte próxima do seu rei. Quando o via assim, enfurecia-se o tenente de Melhundos e dizia-lhe:

— Bruto, três vezes Bruto. O nosso rei não morre. Já te disse que não morre (e tremia-lhe a voz). Ainda o ás de vér aqui... aqui... e apontava-lhe para as cazas da cidade.

Um dia o velho criado demorou-se mais, e quando voltou trazia a Nação, toda tarjada de preto, e os olhos marejados de lagrimas. D. Miguel morrera. Ao vê-lo, o tenente de Melhundos empallideceu, e firmando-se na sua velha bengala encastoadá, retezando a sobrecazaca, bradou do alto da escada:

— Quem é que aqui chora, porque um homem morre? Quem? Tu, bruto. Cala-te, e ouve-me.

E tirando o chapéu, rodeado da familia, que accorrêra, ao ouvir os seus brados, gritou:

— Real, Real, Real, por D. Miguel segundo, rei de Portugal.

Não se rião, curvem-se.

C. F.

Covilhã e Guarda

Por a noticia nos ter chegado quando o nosso jornal estava para entrar na máquina não podemos referir-nos hoje aos acontecimentos da Covilhã. Fa-lo-emos no proximo numero.

Manga d'alpaca

A volta do impedimento por doença grave dum professor duma das escolas normais desta cidade, batem as azas, com alvoroço, varios pretendentes, que dezeção a interenidade. Até militares graduados prefereem o conchêgo dos 250 mil réis a um recôntro com os cuanhamas...

No entanto, para tranquilidade das almas, nós vamos citar a lei que fura a pretensão dos politiquieiros,

Réza assim o regulamênto de ensino primário no seu artigo 24.º § 3.º:

— «Na falta ou impedimento dos professores do quadro o governo poderá nomear para a rejeñcia interina das respétivas disciplinas outro professor da respétiva escola, e, se este não quizer acumular, um professor de instrução primária com seis annos de effetivo e distincto serviço.»

E na direção jeral de instrução publica não se desrespeita a lei com duas razôis. Não!

O sr. conselheiro Abel d'Andrade não é desses!...

O larila!

Chegarão no domingo a Coimbra 14 operarios dos que, em tempos, a companhia dos tabacos licenciara no Porto e que vão em visjem para Lisboa a pedir a sua admissãõ ao serviço visto terem sido já admittidas as mulhêres dispensadas tambem na occasiãõ do seu licenciamento.

Tinhão partido 50 do Porto, mas só chegarão 14 a Coimbra por os outros terem abandonado a visjem de cançados.

Dormirão nas esquadrãs e pretendião que pelo governadôr civil lhe fôsse abonada passagem no caminho de ferro, o que conseguirão, por intermédio do sr. dr. Bernardino Machado, seguindo para ali na quinta feira.

O sr. Bispo Conde prezidiu á inauguração da escola movel agricola Conde de Sucena que se realizou em Agueda no dia 2 do corrênte mês de Outubro.

S. ex.º abriu a sessãõ com um discurso sobre as vantajens do ensino agricola, tecendo os mais merecidos elojios á iniciativa do sr. Conde de Sucena que fundou a escola organizada pelo Comêrcio do Porto.

Depois da primeira lição dada pelo sr. Bento Carqueija aos lavradôres, lá foi o inevitavel telegrama a el-rei que continua fazendo uma concorrência ferô a D. Diniz o lavradôr.

Se elle até é protêtôr da Universidade...

EM OBRAS!

Coimbra finje limpar-se. Coimbra caia-se.

E' uma invazão de caiadôres em todas as ruas, cobrindo as frontarias sujas das cazas com camadas de cal que lhe dão a apparencia de lavadas.

As primeiras chuvas, aos primeiros frios, tudo se irá embora.

Se é para louvar esta azáfama agora, não deixa por isso de sêr para censurar o estado de abandono vergonhoso em que se deixão os edificios publicos durante o verão.

Nada mais dezagradavel, para quem tenha em alguma conta os interesses de Coimbra, do que têr de mostrar a um forasteiro a Universidade, suja e abandonada, num desprêzo que accentua a idade de velhice, que é de bom tom ligar a este estabelecimento.

As aulas cheias de pó, em dezalinho do peor effeito.

Nas portas abertas estendem-se telas de aranha, que encobrem os caixilhos das bandeiras, cheios de vidros partidos.

A galeria que corre ao longo das aulas está suja, a caza dos exames privados com o pavimento arrancado; mais adiante um detestavel retrato de D. João terceiro coberto de pó em parêlha com outro rasgado de D. Afonso Enriques, no mais vergonhoso abandono.

Por tôda a Universidade a atmosfera úmida, o cheiro a ratos das cazas abandonadas, o pó e as aranhas das ruinas.

E este abandono contrasta com a pretensão a mostrar-se, a deixar-se vêr como coisa grande e preciosa.

A Universidade com a frontaria vergonhosa que lhes fás a porta férrea e a fachada do colêjio de S. Pedro, manda limpar o largo para que se veja dezagradavelmente a sua miséria.

Mizéria duplamente vergonhosa porque indica desmazelo antigo, e por sêr facil de reparar.

Nada mais facil do que modificar com pequeno custo aquêla apparencia mesquinha do velho solar de provincia abandonado.

As janêlas abrem sobre um corredôr que corre ao longo da frontaria em toda a sua extensão. Pôdem por isso alterar-se a fôrma e numero das janêlas sem ter de lutar com as difficuldades das divizôis internas.

O que á a fazer é entregar o projecto a um arquiteto que o levará a cabo sem difficuldade.

Ao abandono se vai desfazendo tambem a porta da Bibliotheca, cuja ruina é segura e proxima se lhe não valem já.

Na Universidade parêce ignorar-se que Coimbra é vizitada por milhares de forasteiros no verão.

Como em caza de morgados arruinados, conta-se de mais com o respeito do nome antigo.

Ora o respeito já não é grande, nem para os de ao pé, quanto mais para os de lonje.

Alem disso os edificios abonão pouco a antiguidade da instituição.

O ponco que á do seculo XV e XVI fica advogado nas edificaçôis do seculo XVIII.

A sala das festas que podia impressionar pela severidade e grandêza, perdeu com as restauraçôis modernas o seu ar de gravidade e fausto antigo, e, com o seu ladrilho de cavalariça e os doutorais envernizados, tem o aspectum solar antigo, reparado e mobilado por um brasileiro de tôrna-visjem.

Na reitoria, á a mesma impressãõ penôza ao vêr os damascos da sala do trôno caindo de pôdres aos pedaçõs, ao olhar para os retratos dos reitores, mostrando tanta ignorancia e tanta falta de escrupulo em quem pagou aquêlas vergonhosas telas, ao encontrar, ao lado de réstos de magnifico mobiliário antigo, um mobiliário moderno, feito custozamente, sem arte, ridiculo de pretensão a grandêza e sabêr.

E tem a jênte de cançar se a explicar que em Coimbra á artistas, e que os môleis oriveis indicão apenas a ignorancia de quem os mandou sabêr, e a disciplina universitaria de quem os executou.

O! A disciplina....

Tomou pôsse do comando de infantaria 23 o sr. coronel Ribeiro Viãna, antigo comandante da Escola Prática de Infantaria.

A camara enviou para aprovaçãõ superior o seu segundo orçamento suplementar naimportancia de 21:241\$199 réis.

Muzeu de antiguidades

No mês de setembro foi este muzeu visitado por 333 forasteiros.

Vai aumentando dia a dia o interesse que desperta este muzeu, que é por tôdos os visitantes considerado como uma verdadeira necessidade para esta cidade que deveria ter tambem um muzeu de arte moderna, para educaçãõ dos seus abitantes.

Em França, não á pequena cidade que não tenha o seu muzeu de belas artes, onde tem sido recolhidas todas as preciozidades artisticas que se deteriorávão em igrejs ou edificios do estado, e onde se não admira uma ou mais telas dos artistas que mais têmho illustrado a França, se não da quêla rejsão.

Em Coimbra á apenas o muzeu de arqueologia, e o theouro da Sé.

Bom seria que todos os esforços se reunissem para ajudar a boa vontade dos atuais directôres da secção de arqueologia do Instituto que dotarão a cidade com um estabelecimento, que onra a sua illustraçãõ e pôde servir de modelo aos outros do país.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves vai tratar de desenvolver a secção de quadros que por ora é representada por um pequeno numero, comquanto ainda se podêsse reunir um nucleo interessante, apzar do saque jeral que durante quazi todo o seculo passado tivêrão as preciozidades artisticas de Coimbra.

A camara municipal deu um exemplo da comprehensãõ dos deveres que lhe impõe a confiança dos municipes, depositando no muzeu os objectos de valor artistico que possuia.

A colêção historica dos seus padrôis de pêzos e medidas é uma das melhores do país e pôde ser ôje admirada por todos os que visitão Coimbra.

A campainha é uma curioza obra de ourivezaria, digna de sêr conhecida por aquêles a quem interessa a evoluçãõ artistica do nosso país.

Este exemplo da camara devia sêr seguido pelas corporaçôis e abitantes, que deverião concorrêr para o engrandecimento do muzeu, que tanto onra a illustraçãõ dos que o iniciãrão e tem promovido o seu desenvolvimento e progresso.

RELATÓRIO

Da Associação de classe dos empregados do comércio de Vizeu acabamos de recebêr o relatório do primeiro anno social (1903 1904), que agradecemos.

Esta associação que data apenas de 12 de julho de 1903 está, pelo que se vê do relatório, em pleno desenvolvimento, sendo de agourar-lhe um futuro próspero se continuar, com a mesma orientaçãõ, promovendo a elevaçãõ do nivel instrutivo da classe.

Não deixarão de dar-se os conflitos a que levão fatalmente em Portugal os que desconhecem a ideia moderna do principio associativo e pautão tudo pela organizaçãõ rançôza das irmandades.

Conta assim o câzo do relatório:

«Todavia, forçozo é confessá-lo, ainda um mês não era passado quando uma questãõ, aparentemente sem importancia, veio abruptamente destruir a solidariedade entuziástica que tanto brilhára no ato da inauguraçãõ, motivando a saída de bastantes concosios e com ella um desvio de fôrças que, moral e materialmente, muito prejuizo causou na uniãõ da classe e nos interesses desta Associação. Referimo nos á questãõ da bençãõ da bandeira, convocada por um officio que to socios apresentãrão á Assembleia Jeral de 7 de agosto, pedindo que o supracitado distinctivo fôsse solenemente benzido e bazeado o seu dezejo em motivos que os restantes membros da colêctividade não quizerão aceitar e depois repellirão com argumentos diversos, resultando deste chôque de ideias um conflito de veras lamentavel sob tôdos os pontos de vista porque podêsse sêr encarado. Estabelecido o tumulto, impossivel foi lavar áta desta sessãõ, ficando comtudo o cazo devidamente registrado na áta de 6 de março e acompanhado de consideraçôis que a assembleia aprovou unanimemente. Despedirão-se em virtude deste factu, todos os signatários do officio convocatório e outros; mas a Direçãõ, que sempre teve em vista os interesses colêctivos e pessoais dos colêgas, rezolveu em sessãõ de 16 do dito mês readmittir, sem mais formalidades e encargos, todos os

que manifestassem este dezejo por escrito, vantajem da qual ainda alguns, felicemente se aproveitãrão.»

Vencida a difficuldade, a direção organizou cursos de *Português e Arimética*, que teve mais tarde de fechar pelos razôis que expõe no relatório:

«Por um lado, imperou a falta de tempo, que não permittiu a muitos dos alunos, especialmente aos dos estabelecimentos de pãnos, o descañço sufficiente para estudarem as liçõis marcadas; por outro, a pouca vontade de fazer um cêrto sacrificio em prol dos encargos escolares, sem o qual, como é bem evidente, nada se pôde conseguir de util e pratico.

E, se o primeiro motivo nos veiu comprovar mais uma vez a necessidade do immediato estabelecimento do descañço ebedomadario por lei, a fim de os caixeiros gozarem o tempo sufficiente para estudar e instruir-se, o segundo revelou que elles muito necessitãõ tambem de se campenetrarem um pouco mais do sagrado dever que lhes assiste de removêrem, ainda que isso péze ao seu bem estar individual, todas as difficuldades, se não ellas quais fôr-m, que lhes proibem mais ou menos a educaçãõ literaria, de que todos andãõ tão necessitados.»

Do relatório cujas partes jerais transcrevemos, por nos parecêr que tem um pouco applicaçãõ a todo o país, se vê que a direção tratou zelozamente do mandato que recebêra, promovendo o desenvolvimento e progresso da associaçãõ.

O relatório vem acompanhado pela mensajem que o sr. A. Campos apresentou, como representante da associaçãõ, no segundo congresso nacional dos caixeiros portuguezes.

O CASTIGO

É do nosso colêga A *Vós publica* o artigo do fundo, que ôje publicamos com este titulo.

Advôga elle, de uma fôrma brilhante, a ideia que expozemos no nosso ultimo numero.

Á um castigo que se impõe, o dos que atraçãõ a patria para satisfêzr levanamente as imposiçôis do extranjeiro, que pôde compromettêr-lhes a exploraçãõ lucrativa do país.

Voto de louvor

A camara municipal de Coimbra aprovou por aclamaçãõ na sua sessãõ de quinta feira a' proposta seguinte, apresentada pelo vereadôr sr. Antonio Augusto Neves:

«A camara municipal de Coimbra, julgando bem interpretar o sentimento de todos os municipes, reconhecendo o grandissimo serviço prestado pelo seu presidente na aquisiçãõ da fabrica do gás, municipalizando o respétivo serviço, rezolve consignar-lhe na áta da sessãõ de ôje um voto de agradecimento e louvôr.»

A *Livraria Academica* — Editora, do Pôrto, acaba de pôr á venda o discurso que Combes pronunciou em Auxerre e sobre as congregaçôis relijiozas em França.

O discurso de Combes é precedido por um artigo do nosso illustre correligionário dr. José de Arriaga sobre a questãõ relijioza.

A mesma emprêza publicará brevemente a colêção dos discursos de Combes contra as congregaçôis relijiozas, acompanhadas do seu retrato e das mensajens dirigidas á este estado pelos estudantes do Pôrto, e Associação do Rejsito Civil de Lisboa, assim como duma conferencia de Heliodoro Salgado sobre o mesmo assunto.

A banda de infantaria 23 não tocou quinta-feira no cais, como manifestaçãõ de sentimento pelos nossos maus successos em Africa.

Retirou de Santa Marinha da Gandra (Oliveira d'Azemeis) para a sua caza do Porto o sr. dr. Antonio Luis Gômes.

Partiu ôntem para a sua caza de Amarante o nosso amigo e illustre correligionário sr. dr. Antonio Augusto Cerqueira Coimbra. Boa visjem.

Medalheiro

O sr. dr. Mendes dos Remedios anda procedendo á catalogaçãõ das moedas da Bibliotheca da Universidade cuja história vai escrevêr.

A colêção abranje muitas moedas mais do que as expostas, mas que nãõ tem sido estudadas nem catalogadas.

Ignôra-se a orjem do nucleo da colêção, que existia com outras curiozidades no muzeu de história natural que de lá veiu para a bibliotheca e ordem do reitor que, neste ponto, tomou a practica do estrangeiro em que colêçôis de moedas e selos estão no to das bibliothecas.

O monetário foi muito aumentado por João Pedro Ribeiro que se de vez ofereceu oitocentas moedas. Têm d'estes outros donativos.

O sr. dr. Mirabeau, que era o apaixonado colêccionadôr de numismatica, foi o directôr que olhou com cuidado para a colêção que, por abandonada, se não acha intacta.

Os outros directôres pouco se importãõ com a colêção e o sr. dr. Marinho chegou mesmo a removêr do fundo a bibliotheca o móvel de pessimo gosto que o dr. Mirabeau mandara fazer, pelo potem a colêção a bom reato.

Comquanto então se empregassem esforços para a fazer ir para o muzeu de antiguidades, nada se pôde conseguir.

O atual directôr sr. dr. Mendes dos Remedios fez aquisiçãõ de moedas novas e tem tido cuidado muito para lavar com o monetário, como com a bibliotheca entregues ao seu cuidado.

A nossa opiniãõ era que o monetário deveria ser depositado no muzeu de arqueologia.

Al éra o seu logar.

A universidade, se tal fizesse, não mais faria do que fez já a direção de arqueologia do Instituto, entregando ao muzeu de Antropologia a colêção que tinha de antiguidades historicas e colaborando assim no aumento das colêçôis universitarias.

Têm continuado com actividade as obras nos terrênos da associaçãõ academica e observa-se nelas uma recção cuidadosa e intelijente.

A pedra encontrada nas demoliçôes tem sido apartada com cuidado e aproveitada na execuçãõ da obra.

Não se tem encontrado pedras de trabalho antigo, a não ser bases e fustes de colunas romanicas, identicos aos existentes no muzeu de arqueologia que lá fôrão depositados, quando procedeu á demoliçãõ da antiga da associaçãõ academica.

No proprio local, encontrãrão, flôr da terra, a rôcha, ruiva como pedra de Bordalo, e em tudo idêntica que de lonje viêra para a parte de cada da construcçãõ projectada por Bigaglia Nicola.

Tem-se explorado esta pedra que tem fornecido pedra magnifica para os muros de suporte dos terreos em que deverã delinear-se o jato que a Providencia queira seja mais abandonado do que o sapientissimo dim do pátio das Escôlas.

Nota curioza: uma obra recô sobre Portugal, o *Portugal von Guadiana zum Minho*, estudo sobre o nosso país e a nossa jênte, por R. C. raio, pseu dônimo de R. Kessler, e a pajinas 251, como actualidade, e antiga vista do pátio da Universidade quando ainda não avia o jardim, o cêntro estava a aruacaria pequena protegida por uma gaiôla da voracidade dum burro do sr. reitor que por costumava pastar, dijerindo na sua propicia ao estudo.

O mal não é só dos estrangeiros nume de 31 de Julho, da *Mala da ropa* trás uma fotografia de um *trêdo Bussaco* que custa a reconhecer.

Parêce o Bussaco do sr. D. Luis rôte.

Desta vez o roubado não é por o sr. dr. Simões de Castro.

O nosso bom amigo não receberia nesta pazajem o seu Bussaco querido.

Partiu para Rôma, a dar conta pápa, informãõ, da sua diocêze o Antonio Sebastião Valente, arcebispo de Gôa. Santo zelo...

Foi prêzo em Evors o soldado dezertou do 23, abandonando o fôrmento pêrto do mercado de D. Pedro. A Evora foi busca-lo uma fôrça infantaria 23.

Por despacho de 1 do corrente, o ministro do reino pôs termo ao litigio entre a camara municipal de Coimbra e o sr. Antonio Juzarte Pascoal, conformando-se com o acôrdo a que avião chegado as duas partes e pelo qual o sr. Pascoal pagou á camara 3:412\$800 réis, importancia do capital em divida de rendas, e mais 35\$634, differença entre as custas em que fôra condemnado e as do processo de arresto, que no mesmo fôra julgado improcedente, e não 4:369\$917 réis importancia que pediu a camara.

A temperatura, que éra imprópria da quadra que atravessamos, tem-se elevado nos ultimos dias, fazendo o tempo magnifico que o povo consagrou na fraze popular de veranito dos marmellos.

O povo, quanto a verão, está como a Figueira com o S. João; tem um para cada três: o verão dos marmellos e o verão de S. Martinho que este ano á de ser mais festejado do que o S. João na Figueira, que passou de moda, apesar do cuidado do sr. prior em dar lustre novo á festa imprimindo-lhe o caráter relijioso que, esta pouco nas tradições dequella laboriosa cidade.

Banda do 23

Oje das 5 ás 7 horas da tarde, a banda do 23 executará no corêto do Cais o programa seguinte:

1.ª parte

- Passo ordinario.
- Côro de repatriados da zarzuella *Gigantes e Cabezudos* — Caballero.
- Le Venditori di Uccelli*, fantasia — Zeller.
- Os Ursos*, polka caracteristica — Raul Galiano.
- Sene Pittore che*, (n.º 2 e 3) — Messenet.
- Florentina*, mazurka — F. Peixoto.

2.ª parte

- Cantiga ao desafio da op. *Serrana* — A. Keil.
- El Auto di Hierro*, pout-pourri — Marques.
- Butterfly*, pizicatto — Moraes.
- Hino Nacional*.

Está publicado o n.º 9 do quarto volume do *Arquivo Bibliográfico*.

Além das publicações, que ultimamente entrãno na bibliotéca, insere a continuacão do catalogo dos manuscritos, trabalho consciencioso do sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro que continua revelando nelle a sua conhecida erudição, e as poezias inéditas de Fr. Agostinho da Cruz.

Pormenor curioso: o governo não autorizou a tiragem da separata das poezias do Fr. A. da Cruz, apesar da insignificancia em que importaria e do valor literario do orijinal.

(47) Folhetim da “RESISTENCIA,”

O EXCOMUNGADO

XIV

O campo dos boémios

Ombert espantado procurou Zêa com o olhar, e viu a alguns passos de distancia sentada sobre os joelhos dum rapaz da tribo, a quem prodigava as suas caricias mais térrnas.

Sentiu um frio mortal no coração, apertou convulsivamente os punhos, e deitando a mão a um frasco de vinho, que estava perto, esvaziou o dum trago, chamando a embriaguez em auxilio do seu pobre coração a desfalecer.

Naquelle momento um ruido leve fêz-lhe voltar a cabeça, e leu nos olhos de Jehan Rechin a sentença fatal: — Nunca espères duma saia senão perfidia e traição!

O barão irritado com a superioridade que as circunstancias dávão tão frequentemente a um ómem duma ordem tão inferior á sua, tratou o boémio com altivés.

Jehan deixou o exalar o máo umór durante alguns instantes; por fim retomou a palavra:

— Quando o doente se zanga com médico, disse sorrindo, é um sinal de

Pela direção jeral de instrucção pública fôrão concedidas portarias especiais autorizando a matacularem-se no quinto ano de direito os srs. Alvaro Ribeiro da Costa Sampaio e Jeronimo Gonçalves d'Abreu.

A camara municipal foi autorizada a vender, por 360 réis o metro quadrado, ao sr. Manoel Lopes de Quadros, um terrêno municipal na posse d'este senhôr.

ORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Junho de 1904

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

- 6,0 — Tramvai: Figueira.
- 8,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
- 6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
- 8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceros e Sul e Sueste. Os passageiros da 1.ª e 2.ª: para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
- 9,30 — Tramvai; Figueira.

TARDE

- 12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
- 1,25 — Tramvai: Figueira.
- 2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa).
- 3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
- 6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Este comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.
- 6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceros e Beira Baixa.
- 7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
- 9,7 — Rapido: Porto.
- 11,30 — Correo: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

- 12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sábados Vizeu.
- 3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceros, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.)

- 5,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceros, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (todas as classes.)
 - 7,36 — Tramvai directo da Figueira (só no dia 23 de cada mês.)
 - 8,49 — Porto, Beira Alta e Figueira (por Pampilhosa), ás quartas Vizeu.
 - 9,20 — Tramvai: Figueira.
- TARDE**
- 12,6 — Tramvai directo da Figueira.
 - 1,5 — Sud-Express: ás segundas, quartas e sábados.
 - 3,10 — Tramvai de Alfaiates e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira.
 - 4,15 — Tramvai do Porto.
 - 6,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceros e Figueira.
 - 7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes).
 - 7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
 - 9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
 - 11,40 — Tramvai, directo da Figueira.

V. EX.ª quem vestem bem? Quem vestem economicamente? Quem vestem como estando em Paris?

É assinar a *Moda Universal* que apenas custa 480 réis, por ano, quantia que deve ser remetida para a Agencia Nacional, rua Aurea, 178, Lisboa.

A *Moda Universal* referida a Setembro trás numerosas gravuras na fórma do costume, todas ellas de novidade, o que não é milagre, e de utilidade, o que é mais raro.

Temos presente o número de que estamos falando e por isso continuamos de assombro, por vêr que se pôde vender por dois vintens 8 páginas cheias de figurinos varios.

Do número que se trata resulta que já operar-se uma revolução completa nas mangas das nossas muito gentis leitôras.

Não esquecer que a importancia da assinatura pôde ser remetida em estampilha, ou vale de correio.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES (ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de página a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impréssa em magnifico papéi.

Caderneta semanal de 24 páginas e 1 crômo ou 32 páginas de texto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes — Um exemplár gratis a quem enviár a importancia de 10 cadernetas, tômos ou volumes.

Em publicacão na **A EDITORA, largo Conde Barão, 60 Lisboa**

Apesar disso os olhos dêle ficavão abertos, e os sentidos recebião de todos os objetos exteriores percções confuzas, incompletas e falsas; alterava se gradualmente nelle o sentimento da realidade, a vida aproximava-se do sonho e quebrava-se nelle, refletindo-se, como a marjem que se vê alongar tremendo na superficie da agua corrente.

De repente, os grupos de bebedôres abalão, confundem-se, uma força de conhecida leva os numa dança imensa, á rôda, como o vento da tempestade fás voitar, nos tôsques as folhas secas.

Ombert levanta-se e quer fugir, mas busca debalde uma saída. Umaz vezes é uma serpente enorme de escamas de fúria côres que dezemola á roda dêle as suas escamas faiscentes sem fim, outras, debruçado sobre uma torrente rápida, vê passar as ondas e sente-se prezo pela vertigem; mas, eis que das aguas sai uma mulher bêta e nua; a espuma do rio brilha no meio dos seus cabelos pretos, e gotas brilhantes escorrem e saltão dos seus ombros sobre os seus nus e escuros; estende os braços sorrindo com os seus dentes d'ebano: — Vem, dis'êla.

Ombert aita-se, mas a corrente leva o para longe da marjem.

Rolando entre duas ondas, uma das quais vai quebando sempre adeante dêle, enquanto a outra se precipita furiosamente sobre êle, Ombert sonha que é embalado pelo vasto oceano, cuja vôs sãa aos seus ouvidos.

Não quer lutar contra as ondas, que

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias	Da rua Infante D. Augusto
8 ^h 30 ^m manhã	9 ^h manhã
9 30	10
10 30	11
11	11 30
11 30	12
12	12 30 tarde
12 30	1
1 tarde	1 30
1 30	2
2	2 30
2 30	3
3 30	4
4 30	5
5 30	6
6 30	7
7 30	8
8 30 noite	9
9	9 30
9 30	10
10	10 30

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias	Da estação B
3 ^h 10 ^m manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5 55	
8 10	
2 30 tarde	
3 36	
5 55	
6	
6 45	
8 58 noite	
11 22	

Bilhetes de ida e volta

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Univrsidade) — 70 réis.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.
Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.
Recebem-se annuncijs para serem fixados no interior de tôdos os carros em circulação pelo preço annual de réis 120000, sendo os annuncijs e sellos por conta do annunciante.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; vermelho, estação B; branco, Casa do Sal; amarello escuro, reservado.

brincão com êle, abandona se ao capricho dêlas; mas das profundezas do abismo sope até êle uma vôs, estremece, e a sua vista mergulha por baixo das vagas.

Lá, no meio de animais sem nome, entre criacões insensatas que a natureza abandonou longe do sol, a perfida Zêa entréga a boca aos beijos dum velho insolente que Ombert já encontrou debaixo das ondas douradas do Loire.

O velho máo ri das ameaças dum rival desprezado; Ombert transportado pelo furôr, forceja em vôo por chegar ao pé dêle, as ondas mujindo, repelem-no, lêvão no, levantão no até ao céu e atirão com êle inanimado para a praia.

Quando Ombert voltou a si, encontrou se molemente estendido a alguns passos da tenda sobre um leito de urze fresco; os pallidos raios da lua escoregãvão através das folhas dum salgueiro e iluminãvão uma figura dôce, que se desbruçava sobre êle e o contemplava com o ar de uma mãi inquieto; uma boca frésca, pôs-se a sorrir sobre a dêle.

— Apérta me ao teu nôbre coração, meu valente Ombert, lhe dis Zêa, vençêste-me; não tenhas mêdo de me vêr fugir dos teus braços.

XV

Novo encontro

Ao rompêr do dia, Ombert foi despertado pelo relinchar de Gibby, que viu a alguns passos de distancia, selado e arreado,

ANUNCIOS

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Trata-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Vende-se uma caza na rua do Rêgo d'Agua n.º 5 a 7. Bairro Alto.

Para tractar João Favas, Largo de S. João.

OUTONO DE 1904

Raizes de Rainunculos, Jacintos, Tulipas, Anémomas, Narcizos, etc.

Sementes de Amôres perfeitos francezes, semente d'ortelicas nacionais e estrangeiras.

Rua Visconde da Lús, 12

Vende-se uma caza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.ºs 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacôva.

EDITAL

João da Fonseca Barata, Vice ministro servindo de Ministro da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, de Coimbra:

Faço sabêr que, para cumprimento do dispôsto no artigo 68 dos Estatutos, cuja aprovação foi comunicada por officio do ex.º sr. Administradôr do Concêlho, de 14 de Setembro findo, eleição do D. finitório, que, nos termos do artigo 69 á de servir até á posse do que fôr eleito na primeira eleição ordinária, será feita no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na igreja do Carmo, observando-se o que é determinado no capitulo XVI, artigo 50 e seguintes.

E para que chegue ao conhecimento de todos os irmãos se passa o presente que vai sêr afixado á porta da igreja do Carmo, e publicado em dois jornais de Coimbra, e nas pautas a distribuir pelos irmãos.

Coimbra, Secretaria da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, 8 de outubro de 1904.

O Vice-Ministro,

João da Fonseca Barata.

Arrendamento de azeitona

No dia 23 do corrente mês de outubro, na secretaria da Santa Caza da Misericórdia desta cidade de Coimbra, pela meia ora depois do meio dia, se dará de arrendamento, a quem maior lance oferecêr a azeitona do olival da Quinta da Conchada, pertencente á mesma Santa Caza.

Coimbra, 8 de outubro de 1904.

O 1.º Cartorario,

Joze Maria Ferreira Roque.

Zêa tinha o cavalo á mão.

A boémia revestira um fato que se compunha dum vestão de velúdo azul pallido curto, e de umas calças de lã, de riscas vermelhas e pretas, que, muito estreito ao longo das pernas, alargava em cima escandalo em prégas tufadas dã sêda vermelha, e que saia pelos golpeados a curva das ancas da rapariga.

Bertram prendera o cavalo a uma arvore, e apresentava ao barão as divérsas peças da armadura, que brilhãvão aos primeiros raios do sol.

Custou bastante a Ombert a voltar a si; deixava olhares espantados para toda a parte sem se lembrar de nada.

O sono da manhã, depois de uma noite de felicidade, é profundo e difficil de sacudir.

Quando o barão deu com Zêa, que sorria maliciozamente, e cujos olhos brilhãvão na sombra do chapé de feltro pardo, ornado com algumas penas de galo, côrou e apressou-se a montar a cavalo.

Zêa pôs lhe as espóras e saltou para a garupa, depois de lhe têr ido indicado a direção que devia tomar para sair do desfiladeiro dos lobos.

Flint ladrava e saltava doidamente deante de Gibby e Bertram seguiu silenciozamente o dôno.

Numa volta, que formava a entrada do desfiladeiro, appareceu deante d'Ombert, que o tinha esquecido completamente, ou antes que se não recordara dêle, a figura de Jehan le Rechin.

(Continua.)

União Vinicola do Dão

Parceira de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de a istritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a Mercearia Luzitana.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenção sempre, o cário as mais das vezes com o uso dos **Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados dos Milagrosos)** onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenunamento medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencioem em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos **Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados dos Milagrosos)** são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras.

Confeções para ómém e crianças, pelas ultimas figurinas.

Vestes para celexiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómém.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 28700
Semestre..... 16350
Trimestre..... 880

Sem estampilha:

Anno..... 28400
Semestre..... 16200
Trimestre..... 800

Brazil e Africa, anno..... 38600
Ilhas adjacentes, »..... 38000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jorna for onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 - Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos convenientes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, doces e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauces. Pudings de diversas qualidades, visto samente cafeitados. Pão de ló, pelo sistema de Marguerite.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 - COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, tijolos para ladrilhos de tornea, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachas para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todas estas artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 - RUA FERREIRA BORGES - 56 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e mucuidade de preços toda a qualidade de fatos para ómém e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panes pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómém como camizaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra.

CÁZA MEMÓRIA

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 - Rua Visconde da Lús - 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinna de costura **Memória**. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinna que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a **Memória** com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinna usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manceo José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos **Fonografos Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionais e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzica novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenado 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35 - Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borgês

Rua Ferreira Borges, 27 a 29

Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expectorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.

Consultório - Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores - Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua do CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofore Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: - **Arthritismo, Rheumatismo chronic, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.**

Para uso externo: - **Em diferentes especies de dermatoses.**

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro - Preço 200 reis

Deposito em Coimbra - PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCARIA, AGRÍCOLA E FABRIL

Pelo professor e perito comercial **Joaquim Enriques da Silveira Passos**

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fascículos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos o **sem mestre**, a organizar, seguir ou balnear a escrituração de qualquer caza comercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercêr ábilmente qualquer legar de carteira e a concorrer com a prezisa abilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O **Guia pratico** ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume - Cálculo

Comprende o ensino pratico das operações sobre: Números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, regras de três simples e compostas, regra de conjuntos, regras de companhia, de liga, de sarias, percentajens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos dirêto, indirêto e amarguês, câmbios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de crédito d arbitrajens.

2.º volume - Escrituração

Comprende cinco modêlos completo com todos os livros principais e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistema de partidas simples; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contendo oito meses de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza d comissões e consignações; 4.º, uma escrita duma industria explorada per uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agricola

Preço de cada fascicuto em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas podem ser feitas por bilhete postal dirigido á empresa da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao agente em Coimbra - **Moura Marques - LIVRARIA.**



VINHOS DE PASTO GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miudo (20 de abril de 1904)

Marcas	Garrafa de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafa Lotadisa
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	650	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. - Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 944

COIMBRA — Quinta-feira, 13 de outubro de 1904

10.º ANO

A OPINIÃO

Nada mais triste do que o estado da opinião publica em Portugal.

Raras são as vezes em que ella se levanta num movimento forte e duradouro a uma crise da patria.

Não á movimento que não seja irrefletido, exajerado e, como tal, sem duracão capás de o convertêr em utilidade patriótica e social.

E' triste verificá-lo ainda agora.

Tirando a imprensa republicana que continua insistindo pelo castigo dos criminosos, cujo attentado de leza nação é evidente, a imprensa monarchica estende-se em perguicôza indolencia, por lôn-gos artigos, sem enerjia, sem entusiasmo e sem fé patriótica, na pomenorizada e fastidôza reportagem dos crimes sensacionais, escritos mercantilmente para a exploração da ignorancia crédula da jênte sem instrucção.

Nada naquêles artigos sem vida indica uma crença, o batêr dum coração.

E todavia as revelacões são das mais fulminantes para o govêrno por mostrarem o desleixo com que foi organizada a expedicão, apesar dos avizos que de toda a parte vinhão sobre a fôrça do inimigo a vencêr.

Porque é necessario dizê-lo, os povos que nos batêrão são fortes e aguerridos na guerra, mas deverião succumbir fatalmente a uma expedicão bem organizada que, pelos primeiros succêssos, se impozesse, inutilizando pelo terrôr a aliança provavel com povos vizinhos, mas inimigos da raça que combatêmos, e prontos a manifestar-se contra ella, logo que o nosso apoio lhes dêsse probabilidades de vitória.

Não avia nenhum official que não soubêsse, e não o indicasse por isso a necessidade de marchar cautelôzamente e não ferir o primeiro golpe sem a certêza da vitória para as armas portuguezas. Não avia nenhum official que não julgasse necessario o emprego nos combates de tropas disciplinadas, bem municadas, e bem alimentadas, aguerridas para a luta.

E nada disto se fês!

Os documentos são publicados dia a dia pela imprensa e todos dezoladôramente uniformes em afirmar que a expedicão era péssimamente organizada, que os soldados estãvao desmoralizãdos e caminhãvao para o inimigo em manifesta insubordinaçã, rindo e folgando, ouvindo as ordens dos superiores desdenhãzamente, e não as executando.

Onde êrão necessarios soldados disciplinados, enfileirãrão-se coraçães, ômens saídos do crime e prontos para lá voltar.

Onde era necessario combater com patriotismo, assoldadãrão-se indijenas que vierão para a expedicão para arranjar transporte gratuito para as terras da sua naturalidade, e, mal lá chegãrão, fujirão abandonando a expedicão.

E fão enfraquecendo as fôrças, onde era necessario impôr-se pelo numero e pela naturêza dos soldados.

As armas alemãs tinhão por fim conseguido vitória contra os herreiros.

O succêso das armas portuguezas podia pacificar rapidamente Angola dezunindo os povos selvãjens, que não vêem com lons olhos os triunfos que têm engrandecido os seus rivais na luta contra os brancos, e se conservãrão neutrais ou entrarião francamente em lucta contra o inimigo enfraquecido se o succêso das armas portuguezas lhes dêsse probabilidades de uma vitória.

Tudo exijia pois que se preparasse com todas as precauçõs o primeiro recontro, e tudo se deixou ao acaso da guerra que até agora fôra a unica salvaguarda da corãjem portuguezã!

O succêso era tambem necessario para restabelecer a fôrça moral dos soldados portuguezes, que reconhecendo bem o inimigo forte, com que lutãvão, mostrãvão, pela primeira vês, receio de um dezastre.

Porque é êsse o facto que são bem claro de todas as cartas que a imprensa tem publicado, e em que os soldados portuguezes confessão aos seus intimos os receios com que vão, por dever, para uma campanha mal organizada.

O soldado ia com a certêza duma derrota.

Era necessario preparar-lhe uma vitória. Só assim se restabeleceria a confiança abalada na propria corãjem.

Preparou-se pelo contrario uma derrota.

E a imprensa monarchica escreve-o friamente no abandono criminozo dos indiferentes, e discute-o a sangue frio como um oriental supersticiôzo que descobre mais uma vês o fatalismo das coizas.

Ao primeiro impulso irrefletido, succedeu-se a indifferença criminôza.

E' necessario pelo contrario liquidar responsabilidades.

E' indispensavel despertar a consciencia pública adormecida na mais criminôza indifferença.

Esse acordar é necessario, senão estãmos dispôstos a morrer.

O Combate

E' o titulo de um jornal democratico, que comêça a publicar-se na Guarda, sob a direcção do sr. Jozé Augusto de Castro, e se apresenta excellentemente redijido e cheio de desassombro e ativês.

O Combate vem na occasião necessaria, e mostra-se galhardamente, levantando alto o pregão das ideias democraticas.

A sua frente está um carãter, que tem afirmado o seu talênto na defêza dos mais elevados ideais, espirito de lutadôr moderno, cheio de altruismo e de entusiasmo.

Está confiada a boas mãos a defêza dos interesses democraticos.

A Resistencia ajuda o novo colêga e fãs votos de longa vida e prosperidade.

Antiguidades áricas

O sr. Vasconcellos Abreu, distinto professor do curso superior de letras, continua este ãno com o curso de lingua e antiguidades áricas, iniciado á dois ãnos.

Acãba de dar entrada na secretaria da Universidade o programa das liçõs dêsste ãno.

O curso de lingua e literatura P'ali terá duas aulas por semana de ora e meia cada uma, e compôr-se-á de uma parte pratica e outra teorica.

A parte pratica abranjerã: leitura, análise gramatical e tradução do texto canônico búdico *O D-mapada* — Dhammapadã — espécie de Imitação de Cristo, e comparação da morfologia palica com a sanscrita.

A parte istórica e literaria abranjerã O Budismo: lenda búdica; filozofia ortodoxa da Antiga India; doutrina e doutrinação búdica; religião e literatura búdica; os jãtacas, contos, apólogos, parãbolas e fãbulas; a igreja búdica.

Ernesto Loureiro

Faleceu em Lisboa o sr. Ernesto Loureiro, empregado superior das alfândegas.

Noticiando o seu falecimento, não se esquecem os jornais de dizer que a êle se deve a compilação das *Cartas de D. Pedro V ao jeneral Jorje Loureiro*, sem uma só palavra de referencia ao sr. dr. Mendes dos Remedios, director da Bibliotheca da Universidade.

Ora, se são para louvôr os eloijos aos môrtos, não é menos de devêr a justiça aos vivos.

A publicação das cartas foi unica e exclusivamente dirigida pelo sr. dr. Mendes dos Remedios, que as coordenou, anotou, revendo as provas durante toda a laboração da obra, sem que nisso intervisse para nada o sr. Ernesto Loureiro.

Para muitos o trabalho do sr. dr. Mendes dos Remedios pôde parecer pequêno; mas, por isso mesmo, não devia passar esquecido por os que profissionalmente sabem o valôr dêsse trabalho consciencioso e que, nas obras, passa perfeitamente ignorado do maior numero.

Mas, alem da organização da obra e da sua revisão, o sr. dr. Mendes dos Remedios antecedeu dum lãrgo prólogo estudo consciencioso, de espozicão criteriosa dos factos a que êssas cartas se referem, pondo em toda a evidencia o carãter de D. Pedro V, e fês seguir a publicação das cartas de notas elucidativas.

Esse prólogo, escrito com o desassombro que caracteriza todas as obras do sr. Mendes dos Remedios, é o verdadeiro comentãrio aquêlas cartas simples, que revelão o interêsse que tinha pelo país, que governava, o discipulo de Alexandre Erculãno.

O sr. Ernesto Loureiro escreveu apenas o esçôrço psicológico que acompanha a obra, oferecido ao falecido conselheiro Carrilho, e que é interessante pelo trabalho que revela da parte do autôr, a quem tal assunto não era familiar, que desconhecia, na quãzi totalidade até a bibliografia dos estudos môdernos da mesma natureza, e o fês por isso sem este validôzo auxilio e pelo impulso duma leitura do acaso.

Esquecem tambem os biografos a oferta jenerôza que o sr. Ernesto Loureiro fês á bibliotheca da Universidade dos orijinaes das cartas de D. Pedro V, a pedido de seu irmão o sr. Ricardo Loureiro, muito digno sjente do Banco de Portugal em Coimbra.

E não é essa oferta dos atos para esquecer na biografia do illustre extinto.

Sentidos pezames a sua extremôza familia.

No sul de Angola

Sobre o dezastre da expedicão no Cuanhama, a unica coiza que parece saber-se ao cêrto, é a perda que a coluna teve em ômens môrtos ou extraviados e é ella: 16 officiaes, 14 sarjentos, 84 cabos e soldados europeus e 145 indijenas, ou seja um total de 259 ômens!

Já á três versõs sobre a cauza do dezastre:

- 1.ª — emboscada noturna;
- 2.ª — Uma face do quadrado com falta ou necessidade de poupar muniçõs, recorreu ao ataque á baioneta;
- 3.ª — a pouca disciplina do fogo fês com que o quadrado em pouco tempo, gastãse o seu municiamiento e o inimigo percebendo-o, caiu sobre êle em tromba, e, o panico dos indijenas, fês o résto.

As admiraçõs que por si vão sobre o estado do armamento Snyder, e seu cartuchame cauzão rizo, pois desde o mais infimo porteiro do ministério da marinha, fazendo a volta pelo ultramar, ao ministro ninguem o ignora.

Averã quem finja não o sabêr... Quem andã em Africa, com olhos de querêr vêr, e não pense só em *cabêças de gado, bolas de borracha e muleques*, ao vizitar uma senzala, entrando na cubata dum qualquer prêto mais ou menos guerreiro vê o cuidado com que êste conserva as suas muniçõs e a sua espingarda.

Ao entrar na cubata dum soldado indijina, é um dô dalma, vêr como está o seu municiamiento, espingarda e equipamento.

As armas e cartuchos que têm tomado vários banhos em rios e pãntanos, sem que jámais dêles se cuidasse; isto deve constar dos relatórios dos *iróis e não iróis*.

Alguns africanistas das *Portas de Santo Antão*, no furôr de quererem cobrir os responsaveis pelo dezastre, mêtem a ridiculo a cavalaria e o armamento dos cuanhamas, perguntando onde ficou a sua famosa cavalaria e o seu formidavel armamento; não vendo que assim mais triste tornão a situação da fôrça que foi derrotada, por se defrontar com indijenas mal armados, talvez com *laçarnas!*

Ninguém disse nem dis, que conheça os cuanhamas, que êles tem famosa cavalaria nem formidaveis armamentos mas sim bastantes cavalos e muitas armas de sistema aperfeiçoado.

Principião a appareçer cartas de varias procedencias dando a expedicão como mal organizada na qualidade e quantidade das fôrças que a compunhão.

Mas porque não foi isso dito alto e claramente, antes de se entrar em operaçõs?!

Mas á mais e muito grave: na camara um deputado, disse que o sr. Aguiar, em Lisboa, antes de partir para a Africa avia confessado as *apreensõs que tinha sobre o exito da expedicão*.

O sr. ministro da marinha disse não acreditar em tal; logo o sr. Aguiar não manifestou êssas apreensõs ao sr. ministro da marinha. Porquê?

As responsabilidades até gora teem sido lançadas sobre o sr. ministro da marinha pelas faltas cometidas na organização da expedicão e meios com que foi dotada; teem sido lançadas sobre o sr. Aguiar, pelos erros do comando, e quem parece ir-se escapando pela *tanjente* é o sr. Custodio Borja, governador jeral d'Angola e jeneralissimo da campanha, que pela sua posição e situação, nada devia ignorar como nada devia encobrir.

Mas conseguira êle fazêr o seu jo guinho? Talvez!

Serã êle o *tertius gaudet?* Porque seria que o sr. major

Eduardo Costa, governadôr interino da provincia d'Angola, carater acima de todo o clojio, foi substituido pelo sr. Custodio Borja, já muito conhecido desde os seus govêrnos em Macau?

Tal governo, tal governadôr.

At cades ambo.

Algumas coizas extraordinãrias ditas em cartas e entrevistas são erros palmãres ou de quem nunca foi á Africa ou de quem tendo lá ido, ao passar novamente, a linha se desmemoriou por completo.

Já lêmos não sei onde: a expedicão marchou tarde, quãzi na época das chuvas pois que estas principião nos *meados de novembro* e terminam em fim de fevereiro!

Pois lá vai o principio e o fim da época das chuvas num dos ãnos já do corrente século, nas alturas do paralelo 15º e próximo do rio Cunene:

- 1.º dia de chuva — 3 de setembro;
- 1.º dia de grande trovoadã acompanhada já, de chuvas torrencias — 14 do mesmo mez; ultimo dia de chuva — 11 de abril.

Em jeral as chuvas principião na 1.ª quinzenã de setembro e durão até á segunda d'abril ou mesmo primeira de maio.

Grandes africanistas, como se deve dar credito ao que êles dizem! Se é por êles que os dirijentes orientão a sua opinião, não são tão culpados como á primeira vista parece.

Protesto liberal da Covilhã

As festas feitas na Covilhã ao reacionãrio bispo da Guarda pretendião sêr uma manifestação de fôrça, e ao mesmo tempo a glorificação da obra do prelado, que tanto se tem distinguido pelo seu espirito de intolerancia e pela afirmação aberta das suas opiniõs ultramontanas.

Não fôrão, nem uma, nem outra coiza.

Se alguma coiza mostrãrão as festas da Covilhã é a fraquêza dos elementos ultramontanos, que, com quanto tênhão dominado parte do clêro da rejilão, não tem tido ação clara e evidente nas outras classes.

O povo manifestou-se indifferente ou ostil, seguindo as fãzes da manifestação com os rizos com que se recebem as farças mal ensaiadas dos baracõs de feira.

O operariado, que a reacão pretende explorar e que esperava levar a uma manifestação, que embôra se esperãse sêr pouco intensa, e não ligar todos os elementos, se imaginava ser bastante para aparentar fôrça e aplauso, fês pelo contrario um brilhante acolhimento ao protêsto que publicãmos, e que teve o maior succêso no publico.

Com prazer trancrevêmos o onrôzo documento.

Concidadãos: — Os liberais não se propõem destruir o sentimento relijioso; propõem-se unicamente combater as superstiçõs que perturbão, aviltando-o, êsse sentimento e resistir a tôdas as tentativas absorventes duma tenebroza politica, que de relijioza se mascãra, e a que em tôdo o mundo cristão tem sido dâdo o nome de *clericalismo*.

O clericalismo não é o cristianismo; é o partido que se propõe, por suas tendencias odientemente reacionãrias, a rasgar fôlha a fôlha, na pratica, o Evangelho de Jezus e os direitos que a sociedade saida da Revolução nos garantiu.

Jezus dissera: «o meu reino não é dêsste mundo». E os ômens dêsse partido aspirão a dirijir as sociedades, impondo-se ao poder civil, e subordinando se ás prescriçõs contidas no *Syllabus*, que é a magna carta dos inimigos da Liberdade.

Jezus dissera: «mizericordia quero e não sacrificio». E os ômens dêsse par,

tido, depois de terem proclamado impudicamente que «o liberalismo é pecado», porque o liberalismo parte do reconhecimento da liberdade religiosa no individuo e do indiferentismo religioso no Estado, reclamam a abolição de todas as leis protetoras da liberdade de pensamento, e chegam ao impudor de reclamar para a Igreja o poder de punir materialmente os pecados contra a fé, como se a fé pudesse ser obra de violência e não obra de persuasão.

S. Paulo ensinára: «onde está o espirito de Deus, aí está a liberdade». E os ómens desse partido, na ansia de estrangularem todas as liberdades conquistadas e legadas por nossos pais, declaram petulantemente que «o pontífice romano não pôde nem deve reconciliar-se ou conformar-se com o liberalismo, o progresso e a civilização moderna».

S. Paulo proclamára: «examiná tido; adotá o que é bom». E os ómens desse partido vizão a tornar prática civilmente a intolerância dogmática do catolicismo, recusando-nos o direito de exame de critica, negando nos a liberdade de imprensa; a liberdade de ensino, a liberdade de associação e de reunião, e sobretudo a liberdade da eleição da doutrina a que o nosso intellecto dê adezão, como expressão da Verdade.

Jesus dissera: «eu destruirei o templo» pois, que, «Deus, sendo espirito, é em espirito e verdade que deve ser adorado». E, conformes com esta doutrina, os primeiros apolojistas do cristianismo chasqueavam dos deuses pagãos que precisavam de cázas para se abrigarem das intemperies do ar e do céu». E os ómens desse partido, incapazes de se elevarem espiritualmente até Deus, porque apenas o conhecem para em seu nome explorarem a injenuidade dos povos, os ómens desse partido sũgão as mágras aljibeiras do proletariado, extorquindo-lhes esmólas para a manutenção e edificação de santuários que repugnão á espiritualidade cristã.

Jesus dissera: «quando quizerdes orar, não façais como os publicanos e farizeus que para isso procurão os logares onde se são vistos; fechai-vos no quarto onde só Deus vos verá, e orái». E os ómens desse partido em nada mais pensão do que em ritos espetaculosos, festas de igreja, procissões faustozas caracterizadamente pagãs, concios de que assim captarão a jente inculta, a quem tantas apparencias fascinão, sem a converterem nem moralizarem.

Jesus dissera: «Andai descalços e sem alforjes; não queirais ouro nem prata nos vossos cintos». Pois olhai e vede como os ómens desse partido trazem os seus bispos ricamente ajazados, cobertos de ouro e de pedrarias, insultando com a insolencia do seu luxo, roubando ás lágrimas do pobre, a indijencia do Filho do Homem que se lamentava de não ter «sequer uma pedra onde repouzar a cabeça».

A um ómem cumpridôr dos mandamentos, que perguntava o que podia faltar-lhe para ser perfeito, respondeu Jesus: «Vende o que tens e dá-o aos pobres». E os ómens desse partido vierão dizer aos pobres que se despojem do que têm, para o darem a eles, que são ricos.

É a estes ómens, que de bom grão verião restaurada a iniquização, que os liberais combatem: não é ao sentimento religioso.

Emquanto na natureza, na vida, na consciencia e na Istória, ouver um mistério, seja o que for de indecifrável, emquanto o ómem, traçando uma interrogação de fogo no meio das trévas que de toda a parte o rodeião, não encontrar respósta a essa interrogação; emquanto para trás de nós o infinito e para diante de nós o infinito nos alçam a alma na continjencia duma existencia efémera: existirá o sentimento religioso no coração do ómem. Porque a religião náda mais é do que esta espécie de piedóza ansiedade com que procurámos decifrar o Unívérso, e nele a incógnita da nossa própria existencia.

Mas o que tem isto, este subir constante da alma para a sua orijem desconhecida, com a politica desses ómens sem piedade, que apenas respirão ódio ás conquistas do direito moderno e a avides de se locupletarem á custa da nossa ignorancia?

Procurão õje explorar a vossa credulidade piedóza, apresentando vos como bandeira a Virjem Imaculada...

Todas as religiões antigas tiveram a sua virjem immaculada. Não primão pela orijinalidade esses infelizes plajários. Mas no christianismo de Jesus e dos apóstolos podia existir esse culto?

S. Paulo ensinou categoricamente que de todos os filhos de Adão um só foi izento de mácula: Jesus Christo. Como se através desses apostatas do Evangelho a contradizêr S. Paulo, inventando, ou antes, dezenterrando do muzeu das religiões esse exemplar archeolójico da Imaculada?...

A razão é simples. Quando a Internacional Negra de Santo Inácio previu que era chegada a hora da derrocada do poder temporal do papa, quis que essa perda fosse resarcida mediante um aumento de autoridade e de força espiritual. Como?...

As duas formas distintas, incompatíveis, inconciliáveis, de soberania na sociedade civil.

Ou a soberania rezide toda, omnipotente, nas mãos dum ómem, e temos o regimen absolutista; ou a soberania rezide no povo, anterior e por isso superior ás dinastias, e o povo governa por meio dos seus delegados, e temos o regimen representativo.

Verdadeira republica comunitária, o Christianismo gozou por largo tempo do regimen representativo. Os bispos são eleitos pelo povo; e os concilios são os parlamentos livres da Igreja.

O clericalismo afastou o povo. Os bispos são creados pelo papa, e, por isso mesmo, cúmplices de todas as suas maquinações contra a liberdade dos povos. Era porém pouco para os desejos da Internacional Negra. E então os jesuitas fizeram do papado uma ditadura espiritual permanente. O regimen representativo foi abolido na Igreja. Para que mais concilios, se houve um concilio que teve a abjção coléctiva de abdicar nas mãos omnipotentes do papa, proclamando-o infalível?...

O papa infalível não precisa de consultas nem discussões. Decide de ciência certa e poder absoluto como os reis da idade média.

Ora o primeiro ato desta ditadura ostensiva de Pio IX foi exactamente a proclamação da *imaculada Conceição de Maria*, devoção supersticiosa tendente a hizonjejar o espirito da mulher E os Jesuitas, solénizando com tanto brilho o jubileu dessa impiedade, pretendem implicitamente exaltar a memória odióza do auctor do *Syllabus*, ultimo algós de Róma, e sobretudo cousagar a vitória do espirito absolutista da seita sobre a véliha democracia cristã.

Estas manifestações aparentemente religiosas são, pois, de facto, manifestações politicas — e da peor politica: a que, interiormente procura impulsionar uma obra de retrocesso juridico, que, representando a fuzão ibrida do trõno e do altar, seja uma especie de *realizaçã teocrática*, de absolutismo ao serviço dos padres; e a que, internacionalmente, jera um conflito permanente com a Italia liberal, afrontando-a, na proclamação inepta da legitimidade do poder temporal do papa, — felizmente para sempre quebrado.

Se o povo da Covilhã vive satisfeito na obscuridade de espirito que lhe tem creado a matilha clerical; se está contente com a exploração sobre ele constantemente exercida em nome de Deus por uns presumidos representantes do Cristo que nem nos apresentam mandato nem procuração em forma; nós é que temos o devêr moral de lhe sacudir as energias civicas, gritando-lhe que saia desse torpôr que o mata.

E' indecorózo que um povo, em pleno seculo XX, se deixe ludibriar e roubar por uns ómens, cuja intelligéncia fossilizou na idade média.

Não pedimos aos covilhanenses quaesquer actos de intolerância contra tais ómens. Mas, porque nos é impossivel, sem desdouro para ómens do nosso tempo, acceitar as suas doutrinas, afastemo nos d'elles. Desprezemos as suas festas. E quando elles nos chamárem ao templo, digamos lhes como Santo Agostinho, que o trabalho é a melhor das orações, e digamos-lhe por nossa conta que a instrução é o mais vivificante dos pais eucaristicos, porque nos põe em communhão com o progresso e com todos os apóstolos da causa da Umanidade.

Viva a liberdade!

Os liberais da Covilhã.

As festas da Guarda tiveram um resultado inesperado assim: derão orijem a uma manifestação que mostra o progresso das ideias democraticas em Portugal, e demonstrarão pelo seu confronto com as festas passadas a D. Tomás Gomes d'Almeida, festas que andão na memória de todos pelo seu extraordinário brilhantismo, que o ultramontanismo perdeu, na Covilhã, a simpatia que o cléro liberal soubêra conquistar e manter.

O progresso das ideias liberáis é incontestado, convem não o deixar afrouxar na sua marcha, e empenhar com mais vigôr a luta a que á-de vir fatalmente agora o partido reacionário, que teve uma demonstração tão clara da sua falta de força, da antipatia manifesta com que são recebidas as ideias ultramontanas, da ostilidade que despertão os manjões dos jesuitas que se descobrião por confiar de mais na sua jente, por se julgarem já em pais conquistados.

Foi sempre de bõa tática de guerra aproveitar as primeiras vantajens sobre o inimigo, Agora é a ocasião para ativar a propagação das ideias democraticas, que tão brilhantemente se afirmãõ nas chamadas festas da Covilhã.

Louvôr

O diretôr dos correios de Coimbra, sr. Antonio Maria Pimenta foi louvado superiormente pela direção dos serviços telegrapho-postais em Luzo e no Busaco durante as ultimas manobras.

Por o mesmo motivo forão louvados os srs. Ruben Dias da Conceição, Antonio Dias Simões de Carvalho, Enrique Dias da Conceição, aspirantes auxiliares, e Antonio Bãtista Ferreira da Costa e Miguel Nunes Esteves encarregados das estações de Luzo e Busaco.

O serviço foi na verdade exemplar, não avendo reclamações, apesar da sua violencia que obrigou alguns dos empregados a passarem mais de uma noite sem dormir, sendo, apesar disso, contra o bom costume português, da maior correção com todos os que pe dião os seus serviços.

«O Povo de Guimarães»

Suspendeu a sua publicação este nòsso prezado coléga, que tanto se distinguia na defêza das ideias republicanas.

Cai na luta por não ter sacrificado as suas ideias ás exigéncias dum industrial ganancioso.

Dezapparece onrozamente.

Aborto

Foi enviada para juizo Maria Victoria, natural de Taveiro, pelo crime de aborto, com cumplicidade de sua irmã Virgínia Vitoria.

Esta foi posta, porém, em liberdade por se verificar não ter tomado dirêta, ou indirectamente, parte no crime.

O crime fôa participado a autoridade policial pelo sr. dr. Jacinto de Freitas Morna, médico municipal, que no mesmo officio de parte acuzava Domingos Cenáculo, barbeiro no Ameal, como tendo receitado os medicamentos abortivos.

A mãe confessou o crime, apresentando-se na esquadra com o filho morto, dizendo que nascêra sem vida e que, com medo do pai, que igoorava o seu estado, o deitara sobre umas palhas, á espera que o seu Manuel, o pai da criança, o levasse a enterrar escondidamente ao cemiterio.

A policia porém vizitando o curral, antes de ter ouvido a Maria, encontrou uma cova recente, dizendo-lhe a irmã dela que éla o tinha enterrado ali.

A Maria Vitoria néga dezembarradamente o crime.

Está de luto pelo falecimento de sua espóza o sr. Manoel Ferreira Lopes, conceituado negociante desta cidade.

Jozé Vãs Romeiro, da Nazaré, queixou-se á policia de uma paulada que lhe atirara á cabeça Antonio Dias Boneco e seu irmão Jozé Dias Boneco.

A Bibliotheca da Universidade aderiu ao congresso orientalista que vai realizar se na Arjélia.

DESPEDIDA

Alberto Machado de Figueiredo, despede-se por esta forma dos seus amigos, por não o poder fazer pessoalmente e offerce os seus prestimos em Manaus.

Literatura e Arte

A MÓRTE DE UM ERÓI

Entre todos os que lá ficarão, vitimas do devêr, nêsse lonjinho país dos cuanhambas, a minha saud de exúrema essa linda figura, romantica e cavalheiresca, do tenente Roby. Se a minha mágua não distingue os officiaes dos soldados, nessa centena de valentes, trucidados á zagaia pelas ordas ferózes dos cunenes, é sobre o corpo do meu pobre João — o mais nôvo de todos! — que eu os choro. A mocidade tem os seus privilegios na morte, como os tem a velhice na vida.

João Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira, tenente da armada real, cavaleiro e official da Torre e Espada, cavaleiro da Ordem do Merito Naval de Espanha, antigo chefe do estado maior da divizão naval do Índico e da coluna expedicionaria de Gaza, sub-chefe do estado maior na campanha do Barué, antigo comandante militar do Zumbo, capitão dos portos de S. Tomé e Príncipe, intendente do governo e ajudante consular no Niassa, comandante da esquadilha do Zombeze, condecorado com a medalha da rainha D. Amélia, era filho do dr. Jozé Borjes de Faria, da familia dos Borjes Pachecos Pereiras, da casa de Infias, em Braga, pertencendo lhe ainda os apellidos de Bourbon e Menezes pelo casamento de seu avô na casa das Ortas. Na ascendencia do seu sangue illustrissimo estava Duarte Pacheco,

«O grão Pacheco Aquiles luzitano»

o vencedor gloriózo dos Naires, no passo Cambalão, a quem Camões dedicou nos *Luziadas* quatorze estrôfes, comparando-o a Alexandre e Quinto Fabio.

O neto do grão Pacheco morre com vinte e nove años, tendo combatido em sete campanhas, vitima desse hereditario arador belicózo, que o levava a suplicar a cada campanha de Africa — por não as avêr na Europa! — um posto na colúna de guerra. Companheiro de Mouzinho de Albuquerque e de Azevedo Coutinho nas operações dos Namarrais e do Barué, êle era um verdadeiro cazo patológico de retrocesso atávico, reproduzindo, com as variantes do meio e da época, o tipo nôbre, aventureiro, vagabundo e eroico dos capitães do século XV e XVI. A vida contemporanea é pouco propicia aos erois e entretanto êle conseguiu vivêr, mercê das guerras de Africa, uma existencia cavalheiresca e varonil, pelejando desde os vinte años e concorrendo para restaurar o prestijio fidalgo da carreira das armas com os seus impetos temerarios e romanescos. Ele foi sempre, desde o coléjio em D. Quichote, na acção nobilissima da imagem.

Mas um D. Quichote que encontrou mais do que moinhos para combater e que morreu com todas as onras militares da guerra; um D. Quichote que soube ainda encontrar, no seculo XX, o país esvaído dos cavaleiros andantes; um D. Quichote que conseguiu sêr valente como Brás Garcia, poeta como D. Francisco Manoel de Mello, e infelís como o seu antepassado Duarte Pacheco! Ele foi a ultima flor da cavalaria, abrindo miraculosamente no Portugal utilitário do nosso tempo. Essas almas anacronicas e extraviadas passão sempre, no seu caminhar apressado para o tumulo, através o espanto das jerações.

Esses ómens desrelacionados com o seu tempo, são verdadeiros fenomenos sociais. João Roby foi uma dessas criaturas anacronicas, não porque fês a guerra mas porque amava a guerra; não porque era valente, mas porque o sabia sêr com galhardia! Ele viveu mais com as almas dos avós do que com a sua. Ele foi mais do que um ómem: foi uma familia. João Roby representava em linha viril uma das cazas mais nobres e mais turbulentas do Minho. Os Infias forão sempre romanescos e estroinias, valentes e pródigos, vivendo essa vida de dissipações e violencias, apanajio das grandes cazas morgadias da provincia.

Ainda durante todo o seculo XVIII e o principio do seculo XIX, a caza dos Pachecos Pereiras, de Infias, era em Braga, sobre as cazas rivais das Ortas, dos Biscainhos, e dos Falcões, a dominante. Os arcebispos primazes considerãvam na a sua diocézana de maior jerarquia. Em 1807, as mulheres

dos Pachecos offercião as suas joias alfaias e bixélas ao país para custear a guerra, como agora o seu neto — na flor da idade — lhe offerceu a vida! Se a morte é apenas o vestibulo escuro de uma outra existencia mais clara, a estas óras esses avós jenerózas e agueridas, que tirãõ do pescôço as suas gargantilhas de diamontes, ás primeiras noticias da invazão do exercito de Baiona, dêvem estar abraçadas ao neto gentilissimo, a esse môço official da Torre e Espada, morto nas lonjinguas parajens da Africa, massacrado pelos guerreiros cumstas. Se a caza de Infias se continuasse no céu, o môço erói devia á estas óras estar contando ao seu antepassado Duarte Pacheco os seus feitos de guerra e o seu bizavô Pedro, com a sua peruca empoadada e a sua cazaca vermelha, apoiado ao bastião de punho de ouro lavrado, devia sorrir com vaidade para o bisneto eroico, que lhe conservou as tradições belicózas da caza!

Mas á sempre um tumulo onde os mortos vivem é na istoria. E tu viverás, meu pobre João, apesar de morto num sitio desconhecido de Africa, com essa vida imortal, de que ainda vive o teu avô, vencedor de Samorim, morto num ospital pela ingratição do seu rei. A minha saudade evoca te desde esses lonjinhos tempos do Coléjio da Glória — vai bem á istoria da tua vida o nome do teu coléjio! — quando tu eras um rapazinho franzino e pálido, de pescôço comprido, as pernas magras, o olhar inquieto e vivo, e vinhas para a varanda do meu quarto declamar os *Doze de Inglaterra!* Vagamente me recordo de que ambos escrevemos os primeiros capitulos abominaveis de um romance terrível e de que uma tarde nos batemos á pedra, na Pasteleira, contra um rancho de garçotos!

João Roby morava então na rua de Cedofeita, entre a Boavista e a Torrinhã, e estava fazendo, como eu, o curso dos liceus. Estudava muito. Desde criança que lhe conheci esse orgulho, que foi um dos distinctivos da sua linda figura moral, e esse instrutivo terror da umilhação, que lhe punha lagrimas nos olhos, se tinha de calar uma resposta a professor. A' noute, á luz de um candieiro de *abal jour*, e sob a vijilancia amorável da mãe, que se revia, embevecida, nêsse filho idolatrado, êle passava óras curvado sobre os livros. Da mãe erdo eu o sentimento delicado de poeta. Porque no peito desse soldado avia um coração lirico, com sensibilidades femininas. Os versos desse guerreiro juvenil erão quasi piégas! Já então, no fundo do seu temperamento, sussurrava a audacia. A aventura já lhe falava ao coração com a sua vós de se-reia. Predileções atavicas chamãvam no para o mar.

O curso da Escola Naval trouxe lhe a felicidade de uma lua de mel.

Depois, um navio de guerra levou-o para a Africa. Separamo nos. Durante muitos años, não nos vimos. O amor conseguiu demora-lo, no intervalo de duas campanhas, apenas uns mêzes no Porto, servindo sob o comando de Ferreira de Almeida, na corveta *Estefania*. E é então que nos encontramos, por ocasião da ultima vizita de el-rei e da rainha. Inaugurava-se a estatua do infante D. Enrique. O povo enchia a grande praça declivóza, numa onde escúra, que engrossava na rua dos Ingêzes e em frente da igreja de S. Francisco. Os rejimentos da guarnição tinham formado na rua Mouzinho da Silveira e mercado de Ferreira Borjes até á rua das Flôres, ladeando o edificio da Bolsa e do Banco Commercial.

Um borborinho impaciente elevava-se até ás varandas, onde pendião colchas de damasco. E, de repente, para os lados da Alfandega, são vózes ásperas e metálicas de cornetas e os grumetes da *Estefania* aparécem, marchando em cadencia, sob o comando de João Roby. O povo, diante desse rejimento de crianças, não se afasta. Estabelece-se a dezordem nas companhias. O môço tenente grita e ajita a espada. O povo perziste em opôr uma muralha a esses marujos imberbes, comandados por um tenente imberbe. O guerreiro aparece então de repente, chamado pela afronta, nesse corpo frágil de erói. E á frente dos seus marujos, êle só, transfigurado pela cólera, fas fêce á multidão, abre passájem á cutilada pelo povoléu e fórma os grumetes numa clareira de pânico. E foi assim que pela ultima vês o vi.

Pobre João! Essa fortuna, que te seguiu, como uma mulher apaixonada e seduzida, nas campanhas dos Namer

ORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Junho de 1904

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

- 6,0 — Tramvai: Figueira.
- 3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
- 6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
- 8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Cáceres e Sul e Sueste. Os passageiros de 1.ª e 2.ª para Santarém, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
- 9,30 — Tramvai; Figueira.

TARDE

- 12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
- 1,25 — Tramvai: Figueira.
- 2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa)
- 3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
- 6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Este comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.
- 6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Cáceres e Beira Baixa.
- 7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
- 9,7 — Rapido: Porto.
- 11,30 — Correo: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

- 12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sábados Vizeu.
- 8,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Cáceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.)

TARDE

- 12,6 — Tramvai directo da Figueira.
- 1,5 — Sud-Express: ás segundas, quartas e sábados.
- 3,10 — Tramvai de Alfaielos e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira.
- 4,15 — Tramvai do Porto. Lisboa, Beira Baixa, Leste, Cáceres e Figueira.
- 6,40 — Porto, Minho e Douro, 1.ª e 2.ª classes (rapido).
- 7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes).
- 7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
- 9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
- 11,40 — Tramvai, directo da Figueira.

ANUNCIOS

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondego, agua e gás.
Trata-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

OUTONO DE 1904

Raizes de Rainuculos, Jacintos, Tulipas, Anémonas, Narcizos, etc.
Sementes de Amôres perfeitos francezes, semente d'ortaliças nacionais e estrangeiras.

Rua Visconde da Lús, 12

Vende-se uma caza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.ºs 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao seu proprietario Alipio Leite, de Gavinhos de Penacóva.

Vende-se uma caza na rua do Rêgo d'Agua n.ºs 5 a 7. Bairro Alto.
Para tractar João Favas, Largo de S. João,

Venda de bens

No dia 30 do corrente mez de outubro, pelas 10 horas da manhã, em Pereira e casa do Ex.º Sr. dr. Abilio Mendes Pinheiro de Magalhães Mexia, vender-se-hão, convindo o preço, os bens abaixo descriptos e confrontados, pertencentes á Ex.ª Sr.ª D. Maria Eduarda Seabra Couceiro de Frettas, de Formozelha. Os preços das arrematações são livres para acredora. Os arrematantes depositarão no acto da arrematação 20 % do preço dos predios arrematados.

N.º 1

10 agulhadas ou 5400m² de terra lavradia no campo de Formozelha, a confrontar do norte com a valla da insua, sul com a linha ferrea, nascente com D. Emilia Sarmiento da Costa, poente com Antonio Rodrigues Pinto. Foreiro á confraria do Santissimo, de Santo Varão em 900 réis annuaes.

N.º 2

14 agulhadas ou 7560m² de terra lavradia, no campo d'Ourique e sitio do Batafal, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com José Simões das Lapas e poente com Manoel Gonçalves d'Azevedo.

N.º 3

7 agulhadas, ou 3780m² de terra lavradia no dito campo, e sitio da Agreira ou Silveirinha, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com Diogo Barata e poente com a misericordia de Montemor-o Velho.

N.º 4

12 agulhadas ou 6480m² de terra lavradia no campo da Carapinheira e sitio de Treixedo, a confrontar do norte com dr. José d'Ornellas sul e nascente com os herdeiros de Antonio Pedro Couceiro e poente com o padre Simões Dias.

N.º 5

12 agulhadas ou 6580m² de terra lavradia no dito campo e sitio da Vagem da Cova; confrontam do norte com dr. Roxanes, sul com dr. Tavares Lebre, nascente com Algiva da Camara e poente com a estrada do Campo.

N.º 6

6 agulhadas ou 3240m² de terra lavradia no dito campo e sitio do Seical ou Mata Lobos; confrontam do norte com a valla do norte, sul com Vagem da Ponte da Cova, nascente com Antonio Augusto de Oliveira e poente com Luiz Antonio de Souza.

N.º 7

3 agulhadas ou 1620m² de terra lavradia no dito campo e sitio do Cadaval ou estau do Rolho, a confrontar do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com os herdeiros de Joaquim Urbano Sampaio, nascente com Gervazio de Vasconcellos e poente com Antonio Mendes Laranjeira.

N.º 8

3 agulhadas ou 1620m² de terra lavradia no dito campo e sitio dos Redemoinhos, confrontam do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com a insua do Delegado, nascente com José Brandão de Mello e poente com Viscondessa de Maiorca.

N.º 9

3 agulhadas ou 1620m² de terra lavradia no campo do marachão e sitio das travessas, confrontam do norte com João Maria Sant'Iago, sul com Antonio Tavares, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 10

3 agulhadas ou 1620m² de terra no dito campo e sitio a confrontar do norte com Antonio Rodrigues Pinto, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 11

3/5.ª partes ou 2 hectares de terra lavradia no Monte de Santo Varão e sitio do Coelhal a confrontar do norte com João Maria Baptista e Alfredo Barjona de Freitas, sul com José Lopes, nascente com a estrada publica e poente com os herdeiros de Luiz Soares. Tem este predio 157 oliveiras.

N.º 12

Um olival de terra lavradia no dito monte e sitio das Relvas, com 56 oliveiras, confronta do norte com Carvalhos, do Sebal, sul com Manuel Jorge Martinho, nascente com a estrada publica e poente com João Miranda.

N.º 13

Um olival com terra lavradia, ribeira d'arros e com 40 oliveiras em Santo Varão, a confrontar do norte com Antonio Coelho de Seabra, sul com José Joaquim Pereira e poente com João Maria Sant'Iago.

N.º 14

Uma matta com matto e pinheiros, no sitio do Parizól, freguezia d'Arazede, que mede 264 agulhadas ou 142:560m² a confrontar do nascente com Francisco Breda e Visconde de Seabra, sul com Jeronymo Magdaleno e herdeiros da viuva Pinheiro, nascente com os herdeiros de Fernando de Souza e poente com Visconde de Seabra e a estrada da Gandara.

rais, do Barué, de Maganja, de G za, de Macatorre e de Saggi, depressa te abandonou! O mção comandante militar do Zumbo, chefe do estado-maior da divizão do Indico, neto eroico do vencedor dos Naires, nunca mais, á frente dos teus gumetes da Estefania, acutilarás o povo desrespeitôzo como um lião ofendido! Nunca mais, nos bailes do Club Portuense, ostentará os teus colares de Torre e Espada, as tuas medalhas de campanha, as tuas dragonas doiro, a tua farda de gala! Nunca mais, nas avenidas do Passeio Alegre, caminharás, sorrindo, ao lado da tua noiva!

E as minhas lagrimas caem, uma a uma, sobre esse nunca mais...

Carlos Malheiro Dias.

No jardim Botânico, o gás da iluminação infiltrou-se por uma rotura da canalização em um cano d'agua, que atravessa o pequeno larho em que está a estatua de Brotêro, levantando com explosão as lajes que o cobrião superiormente, sem porém cazar dano algum á estatua.

Falleceu vitimado pela tuberculôze o sr. Jozé Vicente da Piedade Siqueira, que fazia a sua formatura em direito na Universidade.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor—Moura Marques

Acaba de sair:

PÃO NOSSO

ou

Leituras Elementares e Enciclopédicas por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 páginas, adornado de inúmeras e admiráveis estampas, em ótmo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudão na escola primária. E o livro *post escolar* por excelencia, indispensavel a todos, por ser formado daquella série de conhecimentos, que é imperdoavel — vergonhoso até! — não possuir.

Preço... BROCHADO... 500 réis
CARTONADO... 600 "

Do mesmo autor:

PARA AS CRIANÇAS

A B C do Povo, para aprendêr a lêr brochado... 50
O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
O Segundo Livro de Leitura " 250
O Terceiro Livro de Leitura " 350

Todos estes livros, editorados em Paris, são preciosos liç's de coizas, illustrads com admiráveis gravuras.

LIVRARIA AILÁUD

Rua do Ouro, 242 1.º

LISBOA

E em todas as livrarias

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra illustrada com numerôzas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 páginas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remeter adiantadamente a ésta emprêza a importancia de des cadernêtas ou tômos.

Brinde a tôdos os assinantes

Acetão-se pedidos de qualquer número de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, largo Conde Barão, 50

Lisbõa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colônias e Brazil.

Acetão-se correspondentes em tôdas as terras do reino.

União Vinícola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaio & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NÁ

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Ló...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curião as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenunamento medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (casa d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestea para eclesiasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS RESUMIDOS

"REZISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 25700
Semestre 15350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 25400
Semestre 15200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 35600
Ilhas adjacentes, » 35000

ANÚNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha 40
Réclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta naturéza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçisses. Pudings de diversas qualidades, visto samente enfeitados. **Pão de lo**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retrotes vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo FONOGRAFOS

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lus — 103

Esta cáza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Tem todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bubine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valór.

Pianos

Esta cáza acaba de recebér importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

Manceo José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expétorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 ¹/₂ ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bóca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, no: Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCARIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professor e perito comercial Joaquim Enriques da Silveira Pásson

Diplomado pela Escola do Comercio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fasciculos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e sem méstre, a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquer cáza comercial, bancária, agrícola ou industrial, a exercêr abilitmente qualquer logar de carteira e a concordiêr com a precisa abilitação aos concúrsos de bancos e repartições publicas.

O *Guia práctico* ensina a rezolvêr cêrcas de mil problémas vários sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Cálculo

Compreêde o ensino práctico das operações sobre: Números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, régras de três simples e compostas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentajens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos dirêto, indirêto e amarguês, câmbios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de crédito d' arbitrajens.

2.º volume — Escrituração

Compreêde cinco modelos completo, com todos os livros principais e auxiliares, sendo todos os problémas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo, uma escrita pelo sistema de partidas sinjélas; 2.º, uma escrita duma cáza comercial, contende oito mêzes de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma cáza de commissões e consignações; 4.º, uma escrita duma indústria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agrícola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas pôdem ser feitas por bilhêto postal dirijido á empresa da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — Moura Márques — LIVRARIA.



VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

COIMBRA

Installação, reviso:ia: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (20 de abril de 1904)

Marcas	Garraffo de 6 litros	Garraffa de litro	Garraffa horzánea
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	600	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garraffes ou duzia de garraffas.

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garraffo (360 réis) nem a das garraffas (60 réis para a garraffa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garraffes levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garraffas e garraffes vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 945

COIMBRA — Domingo, 16 de outubro de 1904

10.º ANO

A Universidade e a Nação

Oração inaugural do anno lectivo de 1904-1905, recitada na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1904

EX.º PRELADO!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES!

A tristeza que sinto, quando penso no nosso ensino!

Professor, ambicionei consagrar-me sobretudo á causa da educação nacional.

E foi, cheio de esperanças, que fiz por ella as minhas primeiras armas, crendo assegurados os seus triumphos pelo ardor com que os mais estrenuos caudilhos de todos os partidos acadêmicos, á porfia, a sustentavam nos seus escudos. Luctava-se então, mas de esforços para bem a servir.

Dentro em pouco, porém, o scenario da nossa vida publica mudou.

A governos liberais, amantes da instrução, seguiram-se, quasi sem interrupção, governos reaccionarios apostados a exterminá-la.

Com a abolição do pariato electivo, desaparecia a representação parlamentar dos estabelecimentos de ensino. Extinguiu-se o ministerio da instrução publica.

O corpo docente deixou de ter um conselho de sua eleição junto ao ministerio.

Centralizou-se o ensino primario, monopolizou-se o ensino secundario, e até as regalias do ensino superior se foram cercando, ao ponto de se reformar dictatoralmente a nossa Universidade, sem consulta sequer do seu magisterio.

Não se atacavam só as franquias do ensino, feria-se rudemente a sua existência: fecharam-se escolas primarias tanto de instrução geral como de instrução profissional, acabou-se com os museus agricola, industriaes e commerciaes, supprimiram-se, quasi por toda a parte, as aulas de instrução complementar, inicio da educação geral da classe media, não se abriram os lyceus femininos, mal sorteados logo ao nascer, e regatearam-se aos institutos de instrução, de todos os graus, os mais indispensaveis meios de acção.

E todos estes agravos á causa do ensino foram feitos por diplomados das nossas principaes escolas, e todos se fizeram, não só sem que d'ellas se levantasse o minimo protesto colectivo, mas até mesmo, por vezes, com a sua expressa adhesão. Eis porque a nação, apartando-se dos poderes publicos que a opprimiam, se foi apartando tambem de nós, tornando-nos grandemente responsaveis por essa oppressão.

E com razão.

A reacção não provém só da forma de governo, mas tambem da forma de ensino.

Ai! eu sei dolorosamente, por crua experiencia, o pernicioso influxo que o mau governo tem no ensino, e como é difficil e arido proclamar principios na aula, quando, fóra d'ella, reina o arbitrio.

Num paiz onde a selecção se não opera pelo saber e pelo merito, como se ha de amar e desenvolver a instrução?

A propria corrupção governativa instilla-se pela aula, e vai-a dissolvendo. Mas a reciproca não é, comtudo, menos verdadeira: o ensino exerce incontestavel influencia no governo.

Ensinar é governar.

Pelas ideias se afeioam costumes e instituções.

Por isso, quando um povo quer cimentar a integridade da patria, fuz o que nós fizemos, implanta nella uma Universidade; e, se intenta firmar sobre

outro o seu predominio, procura apoderar-se da sua educação, é como sempre se tem feito.

Assim o comprehendem com plena lucidez a Alemanha, enviando professores a toda a parte do estrangeiro onde conte uma colonia, e a Suissa, que até para os filhos de estrangeiros domiciliados no seu territorio cria, a expensas suas, escolas.

Quanto o ensino decide do governo e do destino das nações, diga-o agora mesmo o tremendo duello travado entre duas d'ellas, que personificam relevantemente nos ultimos tempos o carinho e o descaroamento educativo, entre a Russia, que excommunga o pensamento em Tolstói e açoita e deporta os alumnos das suas Universidades, e o Japão, que espalha e subsidia a sua juventude estudiosa pelas primeiras Universidades do mundo para que de lá tragam para o torrão natal as sementes civilizadoras de maior preço.

O que é necessario, é um bom ensino.

Desde a escola se fazem monarchias ou republicas, erguem-se ou aluem-se imperios.

Ensino despotico: governo despotico; e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amor, produz fatalmente o enfraquecimento e a ruina das familias e dos estados.

Só ha uma educação salvadora, e para a qual nos cumpre urgentemente apellar, para transformarmos este apoucado Portugal d'hoje no grande Portugal d'amanhã, digno herdeiro e continuador do heroico Portugal d'outrora, honra e gloria da humanidade: é a educação liberal.

Uma Universidade deve ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade. Nem o professor é um pontifice, nem o discipulo um catechumeno.

Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a intelligencia, a copiar, decorar e a repetir as idéas e até as palavras do mestre, para acarear as suas boas graças no precario exame final, que admira que, concluido o seu curso de servidão, com um falso diploma que o não habilita para emprender nada por si, vá engrossar a nossa miseravel turba de pedintes que estendem humildemente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobeis que elles sejam?

Na obediencia passiva ninguem se prepara para as varonis resoluções da vida.

Por mais maravilhosa que seja uma machina pensante, não passa de uma machina: ella precisará sempre de um conductor que a ponha em movimento.

Nós temos de aprender as leis do universo, não automaticamente, para executarmos espectaculosos prodigios de acrobatismo mental, ao mando de ninguem, mas, como homens e não como manequins, para briosamente nos dirigirmos por nós mesmos, pela força viva que tambem somos, pela nossa vontade. Ser instruido é ser livre. Uma nação sem originalidade, que nada cria, inventa e descobre, e apenas vive de empréstimos materiaes ou espirituaes, se, pelo prestigio do nome herdado, ainda conserva a sua autonomia, não está longe de perdê-la. O que enaltece os individuos como as nações, é a grandeza de character, é o vigor e o rasgo da sua iniciativa, a sua perse-

verança inquebrantavel, o seu desassombro, a sua hombridade. Taes são as molas profundas que é mister, vigi-lantemente e discretamente, não deixar amortecer nunca nas gerações novas. Como todo o bom governante, o bom professor disciplina, mas não paralysa as vontades, não escraviza, emancipa.

O liberalismo da escola crystalliza no discipulo. Assim como ella não deve formar servos, tão pouco deve formar despotas.

A instrução não representa um meio novo de aristocratização.

A verdade é accessivel a todos.

Ninguem, ainda os mais incultos, o povo, as multidões, deixa de possuir uma parcella de saber, quando não são mesmo quasi só esses que o possuem, como succede hoje entre nós, que de raros espiritos cultos contemporaneos podemos timbrar, e a cada passo ahi topamos com documentos que authenticamente attestam a valia da arte, da industria, e até da sciencia popular.

Quem mais sabe em Portugal, não são os seus dirigentes ociosos e egoistas, é o seu bom povo trabalhador, são os analfabetos.

O despotismo aniquila o proprio despotas.

Por isso nos cumpre proclamar bem alto aos nossos estudantes que elles não frequentão as aulas para, fidalgos já pelos dons da natureza e da fortuna, que vão dissipando senhorialmente, se investirem dentro d'ellas, sem ser mesmo em premio da sua proficiencia, nas prosapias da fidalguia do talento, não menos vã e ruinosa.

Nada de super-homens, que ás antigas tyrannias clericas e plutocratas venham acrescentar outra, igualmente revoltante, a dos intellectuaes, que tudo se julgam permitido, a titulo da sua supremacia doutoral, até o mais escarnento desdem pelos ignorantes, e todos os preitos de vassalagem exigem, sem que já mais prestem a algum o minimo auxilio por que se não paguem logo leoninamente.

Com taes oligarchas, a sociedade não dispense só uma, mas muitas listas civis.

Eduquemos cidadãos, não principes.

Busque-se a verdade, não para a fechar e deter como um mysterio, um monopolio, um privilegio, para a converter, em summa, numa autocracia, mas para enriquecer com ella o patrimonio commum, derramando-a a flux por todos os espiritos.

Lastimosa pedagogia a que, para encurtar caminhos do saber, alonga os da virtude.

Nós não estudamos a physica, a chimica, a biologia, as sciencias da materia e as sciencias do espirito, senão para, atravez das suas leis, como atravez de lentes cada dia mais poderosas, irmos concentrando em nossa alma o calor e a luz da lei moral.

Esta é que é o fecho, o coroamento de todas as outras.

Quem a ignora, por mais que presume saber, fica na peor de todas as ignorancias, na do dever, e infringindo-a, perde a liberdade a que o homem mais aspira, a de fazer o bem e por elle sobreviver perduravelmente na sua obra, porque o laço que nos une aos nossos contemporaneos, é o mesmo que nos ha de ligar á posteridade.

Na inacção moral, todas as faculdades se estiolam e atrophiam: a imbecillidade é sobretudo do character. E, na aberração ou na alienação do dever, que é para o mundo moral o mesmo

que a gravitação para o mundo physico, ninguem edifica nada para a eternidade, nada duradouro.

A grande revolução a fazer no ensino, em toda a parte, mas muito especialmente no nosso paiz, é identificar o estudo com o trabalho, de tal modo que a sociedade se não divida em duas castas, uma que só estuda e quasi nada produz, outra que só trabalha e quasi nada consome.

Como é que aquelle que passou annos e annos nas escolas, parasitariamente, — todos a amarem no e elle a ninguem, todos a servirem-no e elle a ninguem, todos a pensarem nelle e elle em ninguem —, como é que ha de, ao sahir d'ellas para a sua profissão, transfigurar-se de subito num cidadão exemplar?

Que preparatorio!

Difficilmente o virá a ser nunca.

Uma Universidade é um laboratorio, uma officina modelo, onde professores e discipulos, como verdadeiros operarios e aprendizes não têm por occupação consumir idéas, mas produzi-las.

E uns e outros não se pertencem só mutuamente a si mesmos, não labutam exclusivamente pelo seu bem-estar e progresso, não produzem apenas para o seu proprio consumo; devem-se a todos, e, mais que a ninguem, aos mais entretrecidos na ignorancia e superstiçào.

Como o proprietario soberbo e avaro, que prefere que lhe caiam no chão e apodreçam os fructos que lhe sobram, a colhê-los e a reparti-los com quantos careçam d'elles, não deixemos corromper-se em nós o nosso saber.

Que cada conhecimento nosso, seja um serviço publico, franco, desinteressado.

Nenhuma sciencia cerra magicamente os seus cultores num palacio encantado, acima de toda a realidade, em tamanha abstracção, que elles vivam na terra como viveriam na lua, em Portugal como na China.

Pelo contrario, nem uma unica que se não haja de aprender concretamente, chãmente no convivio e na intimidade dos seres familiares, que não precise de um berço e de uma patria, até para poder crescer e alar-se a todo o mundo.

E quanto nos falta o conhecimento do que é nosso, desde o solo até ás almas!

Quem sabe como vive entre nós o cavador, o mineiro, o proletario, como vivem os nossos doentes, e, de todos os mais desventurados, os nossos criminosos, como vivem ou antes como vão morrendo de corpo e de espirito?

Estude-se a mathematica, fazendo estatistica de tudo, calculando todos os tesoiros que se encerram sob este ceu, nesta nossa terra, na nossa raça e no nosso genio nacional, avaliando bem todas as nossas forças e todos os nossos recursos, e proporcionando-lhes exactamente os nossos committimentos e aspirações, quando não medindo mesmo os sacrificios que nos sejam necessarios, e são-nos tantos!

Estudem-se todas as sciencias e todos os seus capitulos, como, registrando o barometro dos nossos observatorios metereologicos, lançamos um aviso que, bem aproveitado, poderá acudir ás populações ribeirinhas dos nossos rios e do nosso mar, a revêzes injuriadas e dizimadas pelos assaltos de improviso das cheias e tempestades.

Que todas as Faculdades da nossa Universidade communguem sagradamente com a nação, como ainda este anno a de Medicina, celebrando aqui mesmo neste historico solar, pela ini-

ciativa de alguns dos seus preclaros membros, e, salientemente, sem desluzimento para ninguem, do grande clinico e grande philanthropo dr. Daniel de Mattos, o 3.º Congresso da benemerita Liga nacional contra a tuberculose; e, como ella tambem, que dispensa a toda a hora socorros no seu banco do hospital, ponha cada uma das outras Faculdades, ao lado das suas aulas, uma banca permanente de consultas, principalmente para os pobres.

Mais!

Nenhuma se quede no seu recinto academico, mas váo, umas e outras, em fervorosa emulação, por toda a parte, ás cidades e aos campos, á fabrica e á mina, onde estejam as nossas creanças, as nossas mulheres e o nosso povo, instruindo, missionando, apostolando a verdade, a liberdade.

Numa palavra, socialize-se a escola e que de dentro d'ella irradie por sobre todo o paiz um direito novo, fulgente e audaz, o direito dos humildes e dos fracos.

Não é facil á campanha, oh não!

A verdade não encontra adeante de si sómente o erro, que basta denunciarse para logo se rebater em placidas discussões, encontra tambem interesses, muitos d'elles ponderosos, encontra tambem paixões, uma mentidas e hypocritas, sinceras outras, que reagem, e em todos os campos tem de luctar.

E que não precisa para vencer, para se elevar da simples verdade scientifica a toda a alteza da verdade moral, da justiça, supremo ideal, onde ella então, no auge do seu poderio, inquebrantavel e pura como o diamante, domina todas as paixões e interesses, porque funde harmonicamente em si todo o amor a todo o bem!

Cavalleiros da verdade, até para a servirmos, temos de o ser tambem da justiça.

Não só aos que d'entre nós professam o direito, incumbe defendê-lo, mas a todos nós.

Todos somos mais do que homens de sciencia, somos cidadãos, membros d'esta triplice cidade, religiosa, economica, politica, que começou na familia constitue já a nação e cada dia mais vai vingando abranger a humanidade inteira.

Professores e alumnos, declaremo-lo primeiro de tudo, nós temos uma religião.

A intelligencia não se desenvolve á custa do coração, empedernindo-o. Repercutam sympathicamente na nossa alma todos os soluços, todos os gritos de dor.

Levemos com a nossa palavra a todos que soffrem, o conforto, a esperanca.

Que não haja entre nós grosseiros, devassos, mas demos sempre o exemplo, a lição, da cortezia, da delicadeza de sentimentos, da bondade.

Amemos ternamente os pequenos, os necessitados.

Quanto mais rotos e sujos os virtuosos, mais nos aproximemos d'elles, não sentindo senão só uma repugnancia, pelo mal.

E ainda, atacando de rijo o mal, demonstraremos o nosso humanismo até na nossa piedade pelos maus.

Tome igualmente cada um de nós o seu posto em meio das contenções economicas da sociedade.

O saber não confere direito a ser perdulario, nem venal.

Trabalhadores, esforcemo-nos te-
zadamente, com o mais fiel cooperati-
vismo, por melhorar a sorte dos que
trabalham, por alliviar-lhes as cancel-
ras e as miserias, tamanhas ainda em
nosso tempo.

Finalmente, que cada escola pulse
da mais intensa laboração politica.

O progresso vai-se tornando ir-
resistivelmente uma conquista, um dom,
d'este supremo poder social, o poder
civil, de seculo a seculo, mais livre,
maior e melhor, que, se tantas vezes
tem sido destruido, em lances mesmo
tragicos, bem merece todavia a nossa
dedicação e os nossos sacrificios, por-
que ampara e garante, pensosamente
mas indefessamente, como nenhum
outro, a nossa fragilidade individual.

A indifferença por elle não significa
um requinte de intellectualismo, mas
uma complicitade tanto mais cul-
posa, quanto mais alto collocado, em
logar mais proeminente para a acção e
defesa social, está quem se lhe entrega
negligentemente.

Uma Universidade pôde lá deixar
de ser politica?

Não é dentro d'ella que se ministra
o mais alto ensino de direito publico?

Se os pensadores não governarem,
governam os interesses e as paixões,
sem o freio da razão.

Infelizmente, quantos dos nossos
homens de sciencia, para se esquivarem
aos descommodos e contrariedades,
aos riscos, da vida publica, que é
e tem de ser sempre afinal uma luta
accesa, se não dedignam de accorren-
tar-se á sorte dos aventureiros politi-
cos de peor fama, á espera de que
tudo lhes chegue sem custo um dia
com a victoria cortezã dos magnates
que os capitaneiam!

Desempenhemo-nos de todos os
nossos deveres cívicos, com energia,
com coragem, com denodo, militante-
mente, sem que nada jámais nos que-
bre ou entorpeça sequer o animo, nem
o asco que nos causem os vicios cynicos
de tantos dos nossos homens publicos.

E, fazendo-o, não receemos esquecer
demais a mocidade escolar, já de si
tão ardente, convertendo as escolas
em focos perigosos de revolução.

Não!
Um discipulo é naturalmente um
correligionario, no professor está acon-
selhá-lo com perfeito tacto, dirigi-lo
para bem.

Hoje o ensino, cheio de desconfian-
ça por elle, como se elle encerrasse em
si os subversivos gergens do peccado
original, enclausura-o, sequestra-o á
sociedade, e portanto á disciplina que
só no lume vivo da sociedade lhe pôde
ser inculcada, até para que elle desinte-
ressadamente, altruistamente, se vote
com seria applicação ao estudo.

Toda a vida de libertinagem lhe é
dado levar: estragar a saude, contrahir
dividas, requestar empenhos e favores,
seduzir.

Iniciar a vida livre e nobre de ci-
dadão, isso é que não.

Se tal ousa, descorregam se sobre
a sua cabeça criminosa os mais seve-
ros golpes.

Perdão! um direito lhe permitem
exercer, o de petição: poder pedir os
feriados que quizer... Porque?

Porque é ainda um menor, porque
os rapazes ainda estão verdes para os
graves encargos e cuidados da vida
publica?

Pois por isso mesmo é preciso que
a façam; para amadurecerem.

Não pretendemos confiar ás suas
mãos inexperientes o leme da gover-
nança; mas não faltam serviços de
guarnição em que á sua tenra idade
seja dado intervir, e em que elles vão
desde logo destramente preparando o
o seu noviciado civico.

Vejam a Inglaterra e os Estados
Unidos, o desvelo com que os seus
professores assistem e presidem ás
debating societies, torneios oratorios,
que são verdadeiros comicos dos seus
alunos, onde se têm estreado nota-
velmente muitos dos seus principaes
estadistas.

Emquanto, entre nós, se demoliu,
para não mais se reconstruir, o Theatro
Academico de Coimbra, (*) — de sobre
cujo tablado, a capa galhardamente
traçada, como uma toga pretexta,
foram avultando para a tribuna na-
cional contemporanea quasi todas as
suas primaciaes figuras, — lá são as
propias Universidades que protecto-
ramente offerecem os seus mais vastos
salões para lição de tão auspiciosos cer-
tames.

Pois tão pouco ha cá dentro dinhei-
ro bastante para nada, e bibliotheca,
gabinetes e museus, laboratorios, obser-
vatorios, jardim botanico, hospital da
nossa Universidade debatem-se, quan-
do mesmo não agonizam, na mais tor-
mentosa penuria.

E, assim como nada acorda a nossa
classe dirigente para o governo econo-

Assim, e só assim, nestas intimas
requestas, é que, contrapondo se idéas,
combatendo-as e defendendo-as rija-
mente, com a vivacidade e a flamma
dos seus annos, mas sem exaltação
que não seja ainda generosa, discutindo
tudo, mas amando-se sempre, perden-
do o cego fanatismo da propria opinião,
e, com elle, a superstição, entre nós
arraigada que diríamos quasi atavica,
de que todo adversario é um hereje,
um energumeno, que merece, com a
excommunhão, os maiores doestos, as
maiores torturas e todas as penas per-
petuas e eternas, a mocidade escolar
aprenderá a coordenar se, a moderar-
se, a ser justa para com todos, a prac-
ticar a tolerancia, que é a virtude so-
cial, por excellencia, e é e deve ser a
grande virtude universitaria.

Numa Universidade até os proprios
que professam da cathedra os dogmas
do passado, procuram argumentos para
os sustentar.

E, por isso, ainda os mais conser-
vadores dos membros do seu corpo do-
cente, por mais provas a que se sub-
mettam de orthodoxia, são sempre
suspeitos de sacrilegio aos olhos tor-
vos da reacção, das oligarchias abso-
lutistas.

Assim, e só assim, neste tirocinio
fraternal, é que na alma das novas ge-
rações se irá tecendo a trave de todas
as divergencias e contrastes indivi-
duaes, o liame indissolvel da unidade
da patria.

E como é mesmo exequível isolar
socialmente a escola?

Onde a muralha estanque que não
deixe lá penetrar as correntes da histo-
ria, os rumores da rua, as noticias dos
desastres nacionaes, o brado angustioso
dos vexames e das indignações popula-
res?

Só ha um meio de romper essa es-
treita solidariedade, é fechar a escola.

A elle effectivamente tem recorrido
a cada passo a tyrannia.

Levntemos a voz perante o paiz e
os poderes constituídos, exercamos, jun-
tos, a nossa soberania de cidadãos e
eleitores, até para reivindicarmos os di-
reitos augustos do ensino, intervindo
sem subservencia e desaire no seu go-
verno.

As mesmas questões agitam a so-
ciedade e a escola, e reverberam de
uma á outra.

Ambas têm uma questão religiosa,
uma questão economica e uma questão
politica, e no fundo, uma questão de
trabalho, que é identica para ambas.

A theocracia alça lá fora o seu pen-
dão, tentando imperar, mesmo contra
a legislação estatuida?

Tambem aqui dentro da nossa Uni-
versidade tenta ainda impôr, contra a
civilização, resas e juramento religioso,
velha liturgia já abolida por toda a parte,
até na visinha Espanha, a que a nossa
inercia commodista e transigente não
liga importancia, mas que importa na
realidade uma affronta flagrante á liber-
dade de consciencia e o prejuizo e a
exauctoração aviltante de todos os que
têm por officio precisamente oppôr ás
abusões, aos preconceitos, ao erro, a
verdade, á fé no milagre a fé na lei.

Secularisar a sociedade e secularisar
a escola é tudo um e o mesmo pro-
blema, que ha que resolver igualmente,
isto é, com a mesma equanimidade,
com o mais largo respeito por todas as
crenças, e respeito filial por aquella que
tão intimamente se entrelaça aos epicos
feitos da nossa linhagem, e que, na pu-
reza da sua doutrina, tanto tem contri-
buido para o saneamento moral da hu-
manidade.

Lá fóra vai a derrocada financeira?
dissipam-se improductivamente os im-
postos, accumulam-se só deficits sobre
deficits no tesouro, e o dinheiro não che-
ga para o mais pequeno melhoramento,
para acudir ás necessidades publicas
mais instantes, nem sequer á indigencia,
á orphanidade, como o deve fazer
toda a nação, em massa, e como o exi-
gem os sentimentos compassivos do
coração portuguez, que, por mais pa-
ciente que seja, não pôde ver desperdi-
çados os nossos bens e em perigo a
saude e o futuro de nossos filhos sem
que o atravessem irreprimivelmente os
rebates da revolta e da raiva?

Se pouquissimos dos seus membros
se dedicam esforçadamente á causa pu-
blica, ao povo, como esse, cujo nome,
por imposição de reconhecimento, re-
salta para nós nesta occasião em que
elle está prestes a findar a sua gerencia
tão intelligente e infatigavel e tão pro-
ficua, o actual presidente do municipio
conimbricense, dr. Manuel Dias da Sil-

ve, quanto mais raros não são os que se
possam apontar como o sabio botanico
abalizado lente tambem da nossa Uni-
versidade, dr. Julio Augusto Henriques
que, presidindo paternalmente á Socie-
dade Philantropico-Academica, tem
sido nos ultimos annos a providencia
dos estudantes desvalidos?

Em Portugal, o povo e a juventude
vêm-se muito só.

E, não obstante, — admiravel condão
da nossa raça, feita e humanada nos
trabalhos e nos perigos! — em ninguem
palpitam tanto os sentimentos de ca-
maradagem entre nós, e são o povo e
a juventude portugueza que nos vão
mesmo effusivamente internacionalizan-
do, approximando-se do povo e da ju-
ventude da nação nossa irmã, a Espa-
nha, d'onde, em jovial competencia de
affectos, já revoam de vez em quando
até nós os cantantes bandos das suas
donosas estudantinas.

O que disse das liberdades publicas,
digo da liberdade do trabalho, que to-
das as liberdades individuais resume,
a de viver e a de pensar, sentir e agir:
ella soffre as mesmas attribuições do
regimen social e do regimen educativo.
Faltam officinas do paiz?

Não faltam menos ao ensino aulas,
escolas, Faculdades, Universidades.

Faltam tanto, que, assim como te-
mos ali legiões de famintos de pão,
que emigram para longe em demanda
de trabalho remunerador, temos-las de
famintos de instrução, que, pudessem
muitos d'elles, e emigrariam tambem
para melhores terras á busca de estudos
e cultura.

O trabalho é excessivo?
Não dá diariamente, nem semanai-
mente, descanso bastante ao corpo e
ao espirito do operario?

Tão pouco o tempo tomado pelas
aulas o dá ao estudante para elle viver,
espiarecer, avigorar se, polir-se, e, ro-
busto e gentil, desempenhar-se para
com a familia e a sociedade do tributo
commum de serventia e de affabilidade,
de que ninguem deve isentar-se, e que
até a uma creança é tão facil pagar nos
bizarramente, porque basta para isso
que a deixem sorrir-nos.

O lemma dos tres 8 veiu mesmo
da propaganda da moderna pedagogia
para as recentes procissões annuaes do
operariado no 1.º de maio.

O trabalho, além do excessivo, é,
em si mesmo, mecanico, forçado?
faz-se policialmente, com um livro de
inscripção de faltas e ao toque da si-
neta na officina?

Tambem na escola.

Numa o chefe talha a tarefa, na
outra o mestre marca a lição.

Numa impõe-se o modelo, o padrão;
na outra o texto.

Numa e noutra, operario e alumno,
estão, a cada momento, submettidos á
pressão de uma regra uniforme, que
aperta, tortura e esmaga, com rigidez
de ferro, a variedade fecunda dos livres
movimentos e aptidões das suas facul-
dades.

Na officina, a repetição invariavel
do mesmo trabalho, que hypnotiza e
amputa o espirito.

Na escola, uma prolixidade, uma
pulverização de cada programma, que
pouca differença faz da repetição hy-
pnotizante do mesmo estudo; e, pas-
sada a escola elementar e passado o
lyceu, onde ha já differenciação dos
estudos, mas contrafeita e tumultuarria,
no ensino superior, na nossa Universi-
dade, uma estreitura de plano, muito
parecida com a invariabilidade do tra-
balho na officina, que tem por effecto mu-
ltar, como ella, o espirito, separando
os estudos inultrapassavelmente por an-
nos, quando não é mesmo por Facul-
dades, como se uma sciencia não se
podesse aprofundar especialmente, an-
tes de outra, e não houvesse mas é,
com a autonomia de cada uma, uma
perfeita solidariedade e interdependen-
cia entre todas ellas, de tal modo que
o que mais aproveite, por exemplo, a
um geologo para se perfazer idonea-
mente na sua especialidade, pôde ser a
philologia, ou reciprocamente.

Por causa d'esta erronea e funesta
idéa da subordinación dos estudos e
cadeiras, o nosso mathematico despreza
a physica, que applica a mathematica,
o nosso physico, a mineralogia e a bio-
logia, que applicam a physica, e o nos-
so homem de sciencia a arte e a indus-
tria, que applicam a sciencia.

Pois até a arte e a industria não
se applicam, por sua parte, menos á
sciencia, e em todas ellas, numa como
nouras, se elabora e depura o calculo,
a mathematica, que não é senão a mais
perfeita, a mais lucida, a mais rigorosa
e mais subtil linguagem do raciocinio.

De certo que entre os diversos ra-
mos da actividade humana ha classifi-
cação, mas reversivel, á semelhança do
que acontece com a propria arvore
natural, onde até os ramos se podem
transmudar em raizes e as raizes em
ramos.

O que não ha, é subordinación de-
primente, de superior para inferior;
como a não ha, de um para outro ra-
mo, entre os profissionais que os cul-
tivam.

Todos homologos, todos irmãos.

E e a mesma fraternidade devia
reinar entre os membros de cada pro-
fissão.

Mas não; e é ainda a escola a
consectaria da sociedade nesta tyrannia:
uma distribue desegualmente o capital;
a outra, a instrução.

Se não existe uma escala de accesso
francamente aberta a todos, por onde
cada official suba a mestre e cada mes-
tre a director de fabrica ou empreza, é
mesmo, em grande parte, porque tam-
bem os graus de ensino, primario, me-
dio e superior, não estão liberalmente,
democraticamente, hierarchizados.

Ha categorias fechadas de estu-
dantes, como trabalhadores.

Em tudo, eu identifico, no meu
pensamento e no meu coração, a ima-
gem da escola com a imagem da patri-
a, em tudo, nas minhas tristezas
pelos seus revêzes e decadencia, como
na minha inextinguivel confiança no
seu resurgimento.

E a ambas, confundidas no mesmo
amor, dirijo d'este logar as mais voti-
vas saudações, muito especialmente a
esta minha muito querida Universi-
dade, aos seus professores, aos seus
professores, aos seus alumnos, e ás
suas alumnas, que lhe vieram trazer,
com o encanto educativo das suas gra-
ças, o delicado realce dos talentos e
virtudes do seu sexo, e a esta saudo-
sissima Coimbra, nossa sempre sorrin-
te hospedeira, que, agora mesmo,
ao reabrir das nossas aulas, nos acolhe
tão festivamente, espargindo sobre
nossas cabeças as folhas d'ouro dos
seus lendarios choupos.

Bernardino Machado.

EROÍSMO

Conta o Novidades:

E' no sabado proximo que se efétua
no parque de *Sporting Club*, em Cas-
cais, o torneio de automoveis que tanto
está entuziasmado os frequentadores
da elegante praia.

As provas são tôdas de destrêza,
como bem se compreênde, não se ad-
mitindo como *chauffeurs* senão amadô-
res. A' premios de El Rei, do Senhor
Infante D. Afonso, conde de Paçõ Vieira,
conde de Molina, Rodrigo Peixoto e
Bleck. Os carros são ornamentados
com verdura e flores, levando tres se-
nhoras cada um, e avendo um premio
para o que se apresentar mais elegante
no seu conjunto. O prezidente do juri
é Sua Magestade El-Rei.

Estão já inscritos três automoveis,
guiados pelos seguintes srs.:

Sua Alteza o Infante D. Afonso,
conde de Molina, Manuel de Castro
Guimarães, Erédia, Jorje de Mendonça,
Eduardo de Mendonça, Lui O'Neill,
Jozé Perestrello de Vasconcelos, Rodrigo
Peixoto e Jorje Bleck.

Calcula-se em mais de 20 a totali-
dade dos carros que tomão parte no
volteio.

Está o sr. infante crismado em
amadôr.

E nunca ouve mais bem pôsto
nôme.

Quadra-lhe como a ninguem a
designação popular de *furiôzo*!...

Resta sabêr o nome eroico das
jentis damas que se atrevem a mon-
tar o automovel do sr. infante
D. Afonso.

E' uma corajem só compara-
vel á das damas russas da crúz
vermelha.

Arrêda...

No dia 21 terá logar nesta cidade
a conferencia annual dos directôres dos
observatorios, devendo reunir-se o sr.
dr. Santos Viegas, directôr do observa-
torio da Universidade; os srs. conse-
lheiro Pina Vidal, directôr do observa-
torio da Escola Politécnica, Paulo
Azevedo, directôr do observatorio do
Porto e Afonso Chaves, directôr do
observatorio de Ponta Delgada.

(*) Inaugurado pela mocidade liberal de
1834 com a representação do *Catão*, de Garrett.

No sul de Angola

Do deazastre no Cuamato nada mais tem sabido.

Na camara, o sr. presidente do conselho respondendo ao deputado sr. Aurenço Caiola, fêz uma dissertação sobre o sul de Angola acerca dos territórios compreendidos pelos rios Cunene e Obango a que sua ex.^a chamou Cuangol.

Parece lingua de preto, mas não, é lingua de príncipe!

Ontem o deputado sr. Antonio Cabral não foi mais feliz com o sr. ministro da marinha.

Dis O Mundo:

«O sr. capitão Aguiar por requerimento entregue no ministério da marinha, pediu a sua exoneração do comando da expedição por julgá-la insufficiente e sem destino.»

«O sr. capitão Aguiar foi forçado pelo governo a retirar o seu requerimento e por um dever moral marchou para Angola.»

Então com que o sr. ministro da marinha disse, em plena camara, que chorava que o sr. Aguiar tivesse creanças sob o exito da expedição?

Toma, á certa, a responsabilidade desta e outras mentirozas...

Mais se diz: o ministério da marinha ordenou á columna expedicionaria para combater antes do dia 28 de setembro — aniversário dos reis — a fim de esse dia, estar em Lisboa telegrámas annunciando victoria!

Vitória para o dia de anos, só de menores.

No Século de ante-ontem, lia-se:

«Segundo consta, os proprietarios das roças de S. Tomé, telegrapharão para Paris ao sr. conde de Val Flôr, pedindo-lhe que interceda junto do governo, para continuar governando a provincia de Angola o sr. Custodio Borja.»

Isto dá certo com o seguinte facto passado á três dias em Coimbra, na casa da Sophia: ao encontrar um amigo meu, que contava estivesse aquélla ora em Africa, disse-lhe: fazia-o nos Cuamamas?!

Não, venho do Jerês, de concertar o sr. e fuji de Loanda com medo do Custodio Borja me prender e contratar como servicial para S. Tomé.

O quê, perguntei, isso está lá assim? Esta! Depois que o Custodio Borja, governador geral de Angola, quiz que se prendem nas ruas de Loanda os pretos que não têm dono, a cordel, para os contratar para S. Tomé.

Talvez no proximo numero explicaremos o que é uma contrata de preto; verão que é uma coisa muito edificante.

Tempo de milagres...

O anniversario do dogma da Imaculada começa a assinalar-se por verdadeiros milagres.

Em Lisboa, em Coimbra, no Porto, por toda a parte uma verdadeira ecstasie.

Nem a degolação dos innocentes de trajica memoria lhe iguala.

Em alguns liceus não escapou um!

Portalégre mesmo, que por um fenomeno inexplicado do clima, costuma ter rejeição favoravel a meninos ameaçados nos seus estudos, Portalégre mesmo esse sanatório da instrução secundaria, portou-se desta vez com rigôr inesperado.

Só Braga constitue uma excepção.

Em Braga ficatão aprovados todos os alumnos que fizerão exames em Outubro.

Foi milagra da Virgem do Sameiro.

Coincidencia para notar: foi em Braga que fizerão exame os filhos do sr. conde de Sabugoza que por lá tinham ido, talvez, em peregrinação de caridade...

A empresa dos americanos, estabeleceu carreiras de ôje em diante, carreiras de meia em meia hora aos domingos e dias santificados para o bairro alto e carreiras extraordinarias no fim dos espetáculos.

ILHA DO PRINCIPE

Ex.^{mo} sr. redatôr da *Resistencia* — Já que v. ex.^a com tanta independencia e tão jentilmente tem franqueado as columnas do seu conceituado e sulto jornal, á minha modêsta próza, noticiando o que se passa nesta pequena parçela de terreno portuguez, cumpre-me agradecer á jentileza de v. ex.^a, e, sem querer de modo algum abuzar d'ela, ainda me permito tomar-lhe mais algum espaço, para continuar a relatar as proezas do já bastante célebre sr. Viégas Junior que, por fatalidade dos abitantes do Principe, ainda não se demittiu do cargo de governador do distrito. Bastante já disse de semelhante entidade, mas, muito á que dizer, e até seria um nunca acabar se merecesse a pena prolongar uma campanha contra quem, francamente, não merece a pena quebrar lanças. Mas, como das principais verdades, ainda nem metade está ao alcance do publico, não posso deixar de curar, pelo menos das que mais temem dado que falar.

Não me occorreu, um dos melhores capitulos, que devia ter figurado na primeira carta, o qual ainda nos vem certificar das qualidades aguerriadas e eroicas do sr. Viégas, pois que, no dia da eleição, passado que foi o mau bocádo em que teve de pôr a pósto todas as suas artimanhas, coragem e força armáda, fartou-se de dar telegrámas ao conselheiro Cabinda, perdão ao sr. governador geral, dando a terra em estado sitio e pedindo um socôrro de 50 praças urjentemente! O omemzinho, meteu-se-lhe na caixa vazia que os proprietarios e roceiros da ilha o tão agredir e por ventura desprestijiar a pseudo-força armáda; ideia que, pela orijinalidade, diga-se em abôno da verdade — não vimos por cá ninguem que fosse capaz de a enjêndrar. Bem andou o sr. Cid, em não dar credito a tais receios, pois apenas enviou e com pouca urjencia, 10 praças que faltávo ao destacamento.

Consta de boa fonte, que o sr. Viégas, está prevenido com duas peças de campanha, postadas no pavimento cimentado, por debaixo da varanda da sua rezidência. Para que será isto?!

Sua ex.^a pouco sai á rua, ou porque está de relações cortadas com o povo, ou porque tem receio de qualquer ataque á sua pessoa — e esta ipóteze é a mais correntia — mania que lhe subiu á cabeça desde que os electoires dignos da ilha, que tôrão tôdos felizmente, lhe disserão umas verdades em plena assembleia eleitoral, onde o sr. Viégas, como governador, não devia ter apparecido, a não ser para votar, o que omens com a devida linha não fazem.

Começou ali o descalábro da sua força moral — mas, rematando o fio, dirêmos, sempre que, se por acázo sai de vizita ao *Pensão Agence*, vem guardado, e no regresso fás se acompanhar por 4 tôchas. E' manifesta e enraizada, a ideia que o domina de que o perséguem, de que lhe querem fazer mal; e de noite, até mal passa pelo sono com receio de um assalto! Por este motivo pessoas de toda a competência, tem motivos para supôr que o sr. Viégas venha a ser um doente com a mono mania da perseguição. Fazêmos votos, para que tal não succeda, e sua ex.^a bem pôde evitar esse mal, retirando se, que é o unico e natural expediente a tomar.

Para fazer efeito, crêmos, fêz-se espalhar, que o sr. Viégas fôra eloijado num offico da direcção geral do Ultramar, pela forma como tinha conseguido o bom êxito da eleição do Principe; elojio que nos parece inventado, apezar de não ser a primeira vez que se elojitávo autoridades por motivos idênticos, o que náda altera a nossa maneira de vêr sobre a moralidade que lávra por esses ministérios fôra. A ser verdade, é mais uma manifestação Cabralina, própria do sistema que assambarcou o quêro, pôsso e mando.

Já nas minhas anteriores me referi ao vice-presidente do municipio de S. Tomé, fazendo de presidente, muito bom rapas antes de o fazêrem politico, e ôje, vem a tâlho de foices; agradecer ao illustre *Muzico* a classificação que nos deu, de garôtos, a tôdos nós, que uzamos livremente do direito que a lei nos concêde, de votar no cidadão da nossa confiança ou simpatia. Este epiteto, não se dis gratuitamente, ainda mesmo que se diga de baixo da impressão espirituôza duma respeitavel cervejeite. Nessa mesma occasião o mesmo *Muzico*, que apreciava o sr. Viégas Junior, em publico

bilhar do Pirelito, a diante de quem quis ouvir, chamou ao sr. Viégas um simples rejedôr ás ordens do sr. Paula Cid! Isto, com quanto fôsse verdade, é impudico dizêr-se, porque é mais uma afirmativa de que o sr. Paula Cid não foi de todo estranho aos abuzos praticados no Principe para se conseguir a eleição. E o sr. Miranda que o dis, é porque o sabe, visto êle ser muito chegádo á Caza dos 24 Isto de Caza dos 24, carêce duma explicação, pois é obra do invento do sr. Castro e Moraes; o qual lembrando-se da célebre caza de artes e officios criada pelo imorredouro marquês de Pombal, caza onde funcionávo 24 officios diferentes que dávo o tipo official do trabalho, e onde os candidatos a mêtres fazião os exâmes — entendeu o sr. Moraes, que em S. Tomé, numa certa caza muito frequentada por funcionarios avia de tudo: puxava-se a lustro, engraxava-se, cortávo-se cazacas, fazião-se barbas, pin tãvo-se alguns, frija se, etc., etc., entendeu pois e muito bem que bem podia ser a reedição da Caza dos 24. E chegádos a esta illustre Caza á umas figuras cêrtas e sabidas, como D. Safú, dr. Breloque, D. Salustio, Muzico, Miopia Senior, dr. Rejistro e outros menôres cada um do seu offico, onde tudo se fabrica visto avêr pessoal competente.

Já esta vai um pouco longa, por isso vou rematar com algumas noticias jheiras, tendo ainda de adiar o cazo da menor orfã, a que já me referi, para outro dia e varias outras couzas que forem occorrendo, porque, nem tudo lembra duma vez, nem a *Resistencia* tem espaço para longas cartas.

O comércio e a agricultura, tem atravessado uma longa crize, sendo o motivo principal o retraimento de crédito do Banco Ultramarino, e além disso as condições onerosas em que fás os seus empréstimos ipoteczários, copiando mais ou menos os velhos processos da companhia do Crédito Predial, que, como se sabe, tem sido a ruina da agricultura na metropole. Com relação ao desconto de letras, ao juro de 7 1/2 % ao anno, é aumentádo de 7 1/2 para 11 1/2 % logo que se faça qualquer réforma! Eis como, sr. redatôr, por aqui se pôde vêr com dezafojo, com tais juros, que não fazem invêria ao das afamadas cazas preguistas. Este assunto carêce ser tratado com vigôr, e para isso se torna necessaria a cooperação do levantado e briço carâter de v. ex.^a

Tem-se dado, agora, como dan tes, mas mais descabelada mente, roubos a bordo das lanchas de descarga, pertencentes ao ajente da Empresa Nacional.

Terminamos por felicitar o nosso amigo sr. dr. Manoel Correia do Rêgo pela sua formatura.

Príncipe, 21, Setembro. Urbano.

P. S. A entidade Empresa Nacional de Navegação, que tanto tem engordado á custa dos moiros que explorã a Còsta occidental d'Africa, está, desde á muito, fazendo serviço sem contrato com o governo central, achando se portanto em tôda a sua plena liberdade de impôr as tarifas que muito bem entender, porque, nem a isso se oppô o governo por não existir contrato, nem tem receio de concorrência, que infelizmente não á. Assim, vái fazendo serviço a seu belo capricho, sustentando uns prêços elevadissimos de cargas e passajens, sem que ninguem intervenha na audaciôza marcha da opulenta empresa. As passajens, fôrão aumentadas, á cerca de quatro annos, a titulo de carestia da ulha, e tendo esta voltádo depois quazi ao antigo prêço, não mais pensou a empresa em restabelecêr o antigo prêço das passajens, que elevou apenas com 15 por cento!

Porque não reclamão os principais carregadôres? Perguntarão as pessoas que nos derem razão. Mas a resposta é rapida e facil. Os grandes carregadôres, que por isso mesmo são os grandes passajeiros, têm no fim de cada anno, um chorudo bonus com que a opulenta empresa os brinda, não só para fazerem politica mansa, como para não pensarem em carregar noutros barcos que não seião os dela.

A empresa, ôje, é um estado no estado impõe se, pôe, dispõe, manda e tudo consegue, visto ser altamente protegida e têr o monopolio da navegação d'Africa.

Os seus representantes no ultramar, por isso mesmo, dão-se ares de absolutos, pouco ou nada atendem, como suce-

de no Principe, onde é temporeddo reclamar contra quaesquer roubos praticados constantemente por tripulantes cabindas, ao serviço das lanchas do ajente sr. Jerônimo Carneiro.

NOTA

Por erro de pajinação não entrou no ultimo numero do nosso jornal a noticia que indicava que aviamos tirado o artigo — *A morte de um eroi, do Comercio do Porto*.

Pedimos desculpa da omissão involuntária, tanto mais que tivemos verdadeiro prazer em o transcrever, por serem das poucas palavras sentidas o que a imprensa publicou a proposito das pobres victimas.

Está de passajem em Coimbra o nosso amigo e valiozo correligionário sr. dr. Antonio Luis Gômes, que veio acompanhar um sobrinho á sua matricula na Universidade.

Boas vindas.

Têve ante-ontem logar a congregação da Faculdade de matemática para a distribuição de cadeiras.

Foi distribuida a cadeira de Mecânica celêste ao sr. dr. Luciano Pereira da Silva e a de Cálculo, ao sr. dr. Sidiônio Bernardino Cardôzo da Silva Páis.

Continua grassando a variola em Trouxemil, Vil de Mattos, Rios Frios, Costa de Rios Frios e Alcarraques.

Começou ontem a notar-se a animação, que dão á cidade os estudantes. Chegãro em grande numero nos comboios de ontem e de ôje.

A matricula na Universidade foi muito concorrida em Direito, notando-se porém diminuição sensivel no numero dos alumnos que se apresentãro para matricula em Mathematica e em Filozofia.

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5:000 réis.

Semestre, 25 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2:550 réis.

Trimestre, 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1:300 réis.

Cada numero da *Moda Ilustrada* é acompanhado dum numero do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os gêneros, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapézarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Ilustrada*, a tradução em portuguez daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de pajina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e imprêssa em magnifico papêl.

Caderneta semanal de 24 páginas e 1 crômo ou 32 páginas de texto — 60 réis. — Tômó mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplar grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernetas, tômos ou volumes.

Em publicação na

A EDITORA, largo Conde Barão, 60 Lisboa

ANUNCIOS

Leilão de Penhores

A Caza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario, João Augusto S. Favas.

FARMACIA ASSIS

SERVICÓ PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu proprietário fornecendo-se directamente das principais fábricas de productos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estrangeiros; está a párd do desenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possui uma collêção variáda das mais modêrnas substancias e productos quimicos.

O aviamento de todo o receituário é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direcção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a ora do dia ou da noite.

Analizes completas

de urinas, expetorações, sangue, corrimientos ureterais o vajinaes, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azetes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excêpcionaes

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquêlle serviço, pois estêve durante 16 annos, cêtivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pôde procura-lo de Sernache dos Alhos.

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COÍMBRA

MADERAS nacionaes e estrangeiras: riga, fiandres, mógno, vinháuco, pau preto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalipto e pinho em tôdas as dimensões. Têlha masçlha e portuguezã, tijoulos, louza para coberturas e em tôdas as suas applicações. Cimentos de diversas márcas, cáld idraulica e jêsso. Louças sanitárias. Azulejos. Manilhas de grês e barro. Ferrãjens para construcções civis, pregaria, ferro, chumbo, zinco, estãlho e ferro zincádo etc. *Laca Japoneza*, tinta de esmalte para ferro e madeira. Oleos, tintas, vernizes, pinceis asfalto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos processos mais modêrnos

Encarrêga-se de construcções completas ou pequenas reparações

Executam-se tôdos os trabalhos em carpintaria, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoal devidamente abilitado.

Alugã-se apparelhos para elevár materiais até ao pézo de 3:000 kilos.

Vigãmento de ferro. Concêrtos em pulverizadôres. Tubos, discos, cônes, esfêras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadôres de diversos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões.

Depôzito de côfres á prova de fogo e fogôis de ferro.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

União Vinícola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gailo & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a Mercearia Luzitana.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquiões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e cûrão as mais das vezes com o uso dos Sacarolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) onde os efeitos maravilhosos do alcairão, jenuamento medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com o uso dos Sacarolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real

dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecclesiasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 3\$600
Ilhas adjacentes, » 3\$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha 40
Réclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauzeisses. Pudings de diversas qualidades, visto samente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 21 - COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balsustres, tijolos para ladrilhos de tornos, tijolos grosseos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 - RUA FERREIRA BORGES - 56

(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 - Rua Visconde da Lús - 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinas de costura Memória. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Niuguem compre sem visitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memória com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitação-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitação-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manceo José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos Fonografos Edison de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazênão 900 decalitos de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. -Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgjico

Análizes clinicas

(Expetorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha

e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes. Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório - Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogofores - Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: - *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Litiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: - *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro - Preço 200 réis

Deposito em Coimbra - PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professor e perito comercial Joaquim Enríques da Silveira Pásson

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fascículos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e sem méstre, a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquer caza comercial, bancária, agricola ou industrial, a exercêr ábilmente qualquer logar de carteira e a concorrêr com a precisa abilitação aos concûrsos de bancos e repartições públicas.

O Guia prático ensina a resolver cerca de mil problemas vários sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume - Cálculo

Compreêdo o ensino prático das operações sobre: Números inteiros, decimaes, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, régras de três simples e compôstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentajens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos dirêto, indirêto e amarguês, câmbios, juros compôstos, annuides, fundos públicos, papeis de crédito e arbitrajens.

2.º volume - Escrituração

Compreêdo cinco modelos completo, com tôdos os livros principaes e auxiliares, sendo tôdos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo, uma escrita pelo sistema de partidas simples; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contende oito mêzes de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza de comissões e consignações; 4.º, uma escrita duma industria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agricola

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas pôdem ser feitas por bilhêto postal dirijido á empresa da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra - Moura Márques - LIVRARIA.



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Tabella de preços de venda a miúdo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de litro	Garrafa de litro	Garrafa botallera
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	420

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. - Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rollhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 946

COIMBRA — Quinta-feira, 20 de outubro de 1904

10.º ANO

CONVERSANDO

Vão a sumir-se lentamente em Portugal as coisas velhas; á como que o alvorocer dum dia novo, povoado ainda das imagens vaporozas do passado, flutuando incertas e vagas, rompendo-se á luz do sol nascente.

O que á de mais inalteravel se transfigura, e á nas coisas amadas um rizo novo.

Três vezes a sala dos capêlos se alegrou em festas da vida nova da sciencia, modernas no sentir e na expressão.

Por três vezes, aquelles damascos, em que parece correr o brilho dos círios acêzos, se abrirão num rizo novo á luz viva do sol entrando á vontade pelas janélas rasgadas, clarificando a atmosfera poeirenta daquella sala dos capêlos de estilo bafênto, na linha dura dum cerimoniel de cõrte de sacristia.

As festas em ónra do dr. João Jacinto da Silva Corrêa, consagrando a fraternidade que une professores e alunos, as sessões do congresso da Liga Nacional contra a tuberculozê, afirmando o carâter social da sciencia, a sessão de abertura d'êste anno, proclamando a força social do ensino, iniciarão uma era nova na história da Universidade, tão rica em exemplos de dedicação e patriotismo.

A comunidade, a successão d'êstes factos, a sua força progressiva alegrão-nos por mostrarem que não assistimos a uma manifestação esporádica do facil e irreflexivo entusiasmo nacional, mas sim ao movimento progressivo do ensino em Portugal, que consêgue evidenciar-se apesar de todos os estôrvos que lhe tem pôsto a ruindoz e desmoralizadora administração dos governos monarchicos.

A oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado faria a ónra dum professor em qualquer Universidade do mundo, pela elevação do conceito, pelos altos conhecimentos pedagógicos que afirma, pela clarezza com que foi exposta, pela independência que revela, e pelo sentimento com que foi escrita e pronunciada, indicando um espirito apaixonado pelo ensino e crente na sua força para o resurgimento da sua patria.

A resposta, que entendeu devêr dar-lhe o sr. dr. Avelino Calisto, mostrou a oportunidade da afirmação publica de ideias, que a pedagogia moderna afirma serem essenciaes para o progresso do ensino, fonte de toda a a força nacional, e mostrou-o, não porque os argumentos do illustre professor de direito representassem uma orientação que fosse necessario abandonar; mas sim porque o sr. dr. Avelino Calisto é o exemplo mais frizante do que pôde o mau ensino, mesmo nos individuos de maior intelligência, mesmo nos de mais força de carâter.

As ideias do sr. dr. Avelino Calisto não são d'êje as de ninguem na Universidade.

Não! A' muito que perdêrão a força.

O sr. dr. Avelino Calisto não é o chefe dum movimento, o sr. dr. Avelino Calisto é apenas uma opinião, é apenas um retardado no movimento universitario contemporaneo.

Mas a sua intelligência, a força do seu carâter independente, o arêr que ainda d'êje manifestada pela Universidade e que o prende aos estudantes, ainda os mais novos, num cuidado carinhôzo que encobre com aspereza apenas aparente, demonstrão a força deprimente do velho ensino universitario que inutilizo tão brilhantes qualidades.

O sr. dr. Calisto não poderia responder ao sr. conselheiro Bernardino Machado; porque o sr. dr. Avelino

Calisto é um exemplo da força esterilizadora do velho ensino universitario.

Para poder responder ao sr. dr. Bernardino Machado seria necessario conhecer todo o problema do ensino, e o sr. dr. Calisto ignora o; porque a pedagogia é uma sciencia moderna, e o sr. dr. Calisto é um exemplo vivo do professor, como o descreveu o sr. dr. Bernardino Machado, começando a sua vida, môço, sem obra sua, pessoal de sciencia, conhecido apenas pelos seus successos de estudante.

E a afirmação da sua vida científica está ainda nos seus ruidôzos successos de estudante, porque a sua longa carreira de professor correu sem a publicação de trabalhos scientificos novos, embora com a demonstração da mesma intelligência brilhante nas discussões das aulas e dos atos grandes, desdenhando de todas as descobertas modernas, rindo alto de cada conquista nova da sciencia, de que não mostra senão o conhecimento superficial que dá o acáo da convivência universitaria.

O sr. dr. Calisto tem vivido apenas da sua intelligência, dos deslumbramentos que éla produz, e, na sua cadeira, como no tribunal, vence deslumbrando pela intelligência creaturas ignorantes.

Ainda d'êsta vês o illustre professor na resposta ao sr. dr. Bernardino Machado confiou unicamente na sua intelligência e entregou-se ao acazo duma improvisação.

E atrição no a sua intelligência e a força de improvisação a que deve os seus successos nos tribunais.

Assim devia sêr; por isso se apposou de todos um tão grande mal estar, quando o sr. dr. Calisto começou a falar: todos vião que ia acabar a iluzão no espetáculo de velha e gasta retórica universitaria, e essa impressão ia-se accentuando á medida que, seguindo os velhos hábitos, o sr. dr. Calisto lembrava os ános da sr.ª D. Maria Pia e a sua inconsolavel viuêz, falava na ternura paternal do fóro academico, proclamava a necessidade do juramento, garantia do cumprimento do devêr, elojivava o primeiro estabelecimento scientifico do país que tinha dado tantos ómens conhecidos pela sua alta sabedoria, dominando as forças físicas, afirmava a excelência do culto, chamando a Cristo o maior revolucionario.

Era um discurso môrto, sem a originalidade duma ideia, pobre de conceitos e de fóra, sem a força sugestiva que dá á palavra uma convicção sentida.

Ao discurso do sr. dr. Bernardino Machado, estudado tão cuidadosamente, cheio de um espirito scientifico tão alto, concebido com tanto respeito de todas as opiniões e de todas as crenças, falando em linguagem clara, sem encobrir-se com ideias de falsa jenerozidade ou delicadêza, oração moderna, vibrante de patriotismo sentido, o sr. dr. Avelino Calisto julgou-se na obrigação de contrapôr num improviso, todos os logres comuns da velha retórica universitaria, desconhecida pelo ridiculo no espirito publico.

E os professores não podião deixar de se sentir vexados por se vêrem pela retórica universitaria, transformados em eróis classicos reunidos ali para depôr as armas nas aras de Minerva.

E não avia nada nem na lei, nem nas praxes academicas, que obrigasse o sr. dr. Avelino Calisto a tomar a palavra, e quasi em ar de censura, por ter auido a omissão dum cumprimento á realêza, por avêr esquecido na oração do sr. dr. Bernardino Machado a comemoração dos lentes falecidos.

Quem conhêce a alma enternecida do dr. Bernardino Machado, quem leia o Instituto, ou quem acompanhe os funerais dos lentes falecidos, sabe como éla levanta a sua vós no elojio das virtudes dos seus colêgas da Universidade.

Nunca morreu nenhum do mais umilde ao mais el-vado em distincões sociais, que o sr. dr. Bernardino Machado não tivesse palavras da mais enternecida saúdade e do mais levantado elojio para o companheiro, que tantas vezes ia bem dezancompanhado para a sua ultima jazida.

Como o não faria agora, quando lhe impunhão êsse dever as leis e as praxes academicas?

E' que nem leis, nem praxes academicas mandão acompanhar a oração de sapiencia de cumprimentos realengos e de prantos funebres.

Não foi um facto isolado a omissão do sr. conselheiro Bernardino Machado. Tem-na auido mais vezes sem reclamação dos reitores.

O sr. dr. Bernardino Machado mesmo, na oração de sapiencia que recitou no dia 16 de Outubro de 1883, não fêz sombra de referencia nem aos ános de sua majestade nem aos professores môrto.

Isto deu-se em 1883.

A oração veio publicada no annuario sem merecêr repáros para ninguem, senão pela forma superior com que fóra escrita e pronunciada.

Isto em 1883!

O sr. dr. Bernardo de Serra Mira-beau, o mais devotado cultor dos estudos istóricos universitarios, que nunca esqueceu o obreiro mais umilde, e que elaborou a memoria histórica da faculdade de medicina, êle, a quem são caras esta comemoração, quando em 1886 lhe coube fazer a historia da Universidade, não aproveitou a ocasião azada de mostrar o seu sabêr numa comemoração dos lentes falecidos.

E o mesmo fazia em 1892.

E nêsse áno morrêra, após um padecimento cruciante, o dr. Fernando de Mêlo, lente de medicina e um dos seus maiores amigos.

Nem uma palavra.

E' que não são da lei nem da praxe semelhantes comemorações.

O sr. dr. Rocha Peixôto, começando a sua oração de sapiencia em 16 de Outubro de 1887 por se congratular por vêr vivo o seu colêga e amigo dr. Garret, não teve uma palavra para os professores môrto e, tendo o elojio funebre de A. Augusto de Aguiar, não deixava de consignar que deveria parecer extravagante aos outros que éle deixasse o assunto forçado da oração da sapiencia para se deixar arrastar por o que julgava um devêr, como o tinha concebido na sinceridade da sua alma.

E tinhão morrido nêsse áno dois lentes de prima.

Não fêz tambem êsta comemoração, unica omissão que poderia extranhar-se no discurso do sr. dr. Bernardino Machado, o sr. dr. Antonio dos Santos Viêgas em 1888.

E não fêz o sr. dr. Viêgas referencia á morte do professor Albino Jeraldes, um dos vultos mais importantes da Faculdade de Filozofia.

Não o fêz tambem em 1890 o sr. dr. Luis Maria da Silva Ramos, apesar de não ter faltado aos cumprimentos elojiozoz a s. m. a sr.ª D. Maria Pia.

E tinha, morrido nêsse áno, o dr. Antonio Bernardino de Menêzes, lente de prima da mesma faculdade do sr. dr. Luis Maria da Silva Ramos.

Não! Nem na lei, nem nas praxes,

o sr. dr. Calisto pôde achar desculpa para a sua intervenção illegal e inoportuna.

Falámos sem espirito partidario. Nunca nos cegou.

O sr. dr. Avelino Calisto é um adversario politico pouco para temer.

Falamos sim contra o arbitrio a impôr-se aparentemente de lei.

Não! Nem leis nem praxes autorizo tal procedimento.

A verdade é que, apesar de todo o tradicionalismo que ostenta, o sr. dr. Avelino Calisto não está ao facto das praxes academicas.

A pag. xxiii do Anuario da Universidade de 1901 a 1902, lê-se, na oração do sr. dr. Fernandes Vás: «A comemoração dos lentes falecidos durante o áno létivo costuma deixar-se aos reitores na solenidade academica da distribuição dos prêmios».

E tanto assim é, que no Anuario do ultimo áno létivo a pag. 10, 11, 12 e 13 da alocução do reitor da Universidade, sr. dr. Pereira Dias, proferida no ato da distribuição dos prêmios, a 8 de dezembro de 1903 se encontra a comemoração da morte do professor Costa Simões que, tão ao de leve, como em tudo o mais, foi novamente fazer, o domingo passado, o sr. dr. Avelino Calisto.

Não á que discutir as opiniões do sr. dr. Calisto no discurso pronunciado em opposição á oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado.

São argumentos velhos que d'êje ninguem perflha.

Que objectar á sua convicção municipal de que devem atacar-se á pranchada os manifestantes pacíficos para evitar que êssas manifestações dejenêrem em tumultuárias e criminosas, ou á sua pitoresca teoria de que por cauza dos ambientes da atmosfera luminôza e quente em Portugal, fria e enevoadada na Alemanha os nossos estudantes tem de ser necessariamente descuidados e os estudantes alemães applicados?

Ora tudo o que, com largo jêsto, expôs sobre o govêrno e sobre o ensino orçou por isto.

O que se não pôde deixar sem protesto são as arguições feitas ao carater e ao saber do dr. Bernardino Machado, dando a entender que na oração inaugural deixara de fazer a comemoração, que lhe cumpria, dos lentes da Universidade: ultimamente falecidos, acuzando-o de ter alterado a verdade na exposição dos factos, negando-lhe a palavra para se defendêr de arguições tão graves.

Todos conhêcem as sobejas prôvas, que na situação de presidente do Instituto, tem dado o dr. Bernardino Machado, de respeito pelos colêgas môrto, que muitas vezes tem encontrado só nêle uma palavra de respeito e de saúdade.

Não podemos deixar de protestar tambem contra a afirmação de que o sr. dr. Bernardino Machado fóra inexato, quando declarou avêr-se feito a última reforma da Universidade, ditatorialmente, sem consulta do ministêrio.

O próprio relatório da reforma diz, com toda a impertinencia para a Universidade: «A comissão nomeada pela Universidade para elaborar as bázis da reforma, dominada desde a sua constituição por irreductiveis questões teóricas, não chegou a conclusões práticas aproveitáveis».

Só o que o relatório não diz é que um dos teóricos irreductiveis era o próprio diretôr jeral de instrução pública, seu autôr, ao tempo secretario da comissão eleita pela Universidade, e que, se a comissão não chegou a conclusões aproveitáveis, não foi por cauza das suas discussões, mas, ao contrário, por êlas terem sido suspensas pelo reitor da Universidade, delegado

do govêrno, que, depois d'êla se reunir 2 ou 3 vezes, não mais a convocou.

A universidade não pôde, pois, formular o seu projeto de reforma, não pôde dar ao govêrno a consulta, que lhe competia, não, respondendo como uma criança aos quezitos, ás perguntas da direção jeral de instrução publica, mas desenvolvendo livremente o seu pensamento reformador, elaborando, como o relatório reconhece justo, as próprias bázis da reforma.

O sr. dr. Bernardino Machado manteve-se sempre dentro da lei e das normas universitarias; quem exorbitou foi o sr. dr. Avelino Calisto, intervindo na exposição livre das ideias que a lei do instituto universitario faculta aos professores e que estão nas tradições gloriozas da história da Universidade.

Este é o pensar jeral.

Este é o nosso modo de sentir e de pensar.

No sul de Angola

Sobre o dezástre no Cuamato não fórao dadas ao conhecimento publico mais noticias.

As linhas telegraficas aéreas e submarinas segundo parece, estão avariadas. Como documento comprovativo da seriedade e lealdade com que o ex-ministro de marinha informava o país, publicamos a carta do sr. major Eduardo Costa dirigida ao Diario de Noticias:

Sr. redatôr do Diario de Noticias

Em referencia á noticia dada pelo muito conceituado jornal de v. ácerca da expedição ao Cuanhama e na parte que me é atribuida na organização da columna de operações além Cunene, tenho a declarar o seguinte:

1.º — Que á data da entrega do govêrno jeral de Angola, por mim feita ao sr. conselheiro Custodio de Borja em 17 de março d'êste áno, nada estava resolvido ácerca da ocupação de Cuanhama, Cuamata, etc., nem entre mim e o sr. Aguiar ouvêra qualquer combinação sobre tal assunto.

2.º — Que a resolução de ocupar o país além Cunene foi tomada superiormente depois da minha chegada a Lisboa, não tendo eu sido chamado a dar qualquer opinião ácerca da organização da columna expedicionaria ou de um plano de operações.

Esta declaração tem, certamente, muito de superflua, pois não fazia sentido mandar á Africa o organizador da primeira expedição para, entre outras cousas, investigar os motivos porque este não pode cumprir a missão que lhe fóra designada.

Esperando dever a v. a fineza de publicar esta carta no proximo numero do seu tão apreciado jornal, e agradecendo as amaveis referencias ao meu nome, subscrevo-me com a mais alta consideração

De v. etc.

Eduardo Costa.

Lisboa, 14 d'outubro de 1904.

C. V. Campo dos Martires da Patria, 134, 2.º

Na sessão da câmara dos deputados do dia 7 do corrente mês, dizia o sr. Rafael Gorjão, ao tempo ministro da marinha «devo informar tambem a camara de que o sr. Eduardo Costa, é que foi de opinião de se entregar o comando das forças ao sr. Aguiar».

Quem falla verdade?

Disse mais o sr. Rafael Gorjão, que tomava e assumia as responsabilidades, caso lhe fossem exijidas.

Tendo s. ex.ª sahido de ministro como se poderão tornar agora efêctivas taes responsabilidades?! Tudo cantigas e quem morreu morreu!

16, 12 19
071 778
82
01
1380.070/6
225

DR. EMÍDIO GARCIA

Ainda á pouco o vira cheio de vida, falando com enternecimento da sua vida de Coimbra.

Foi na sua quinta dos Malheiros, aonde viéra socegar da vida trabalhosa de Lisboa.

A quinta encantadora...

Fica perdida a meia encosta dum monte todo perfumado de pinheiros e urze.

A casa fóra mandada fazer por elle, pequenina, para aconchegar a sua velhice tranquila, no calor da mulher e dos filhos queridos.

As ruas cercadas de vinha nova correm docemente pelo monte, abertem no barro vermelho, alegres da verdura tenra das párras novas, vão direitas a uma fonte, que sai duma mina funda e fresca, em que viceja a verdura macia dos fétos, e cai murmurando baixinho num tanque sobre que se debruça as dalias a ver-se na agua tranquila, a flôr inclinada, como a escutar melhor os segredos que a agua trás da terra funda.

Vejo-o ainda debruçado sobre o chão levantando carinhosamente uma flôr que caíra dobrada pelo vento que ajitava numa caricia a sua barba branca de que as palavras saíam docemente.

Foi um dia tranquilo e feliz da minha vida o que passei, na quietude daquêlê lar, admirando com saúde o olhar de alegre pás da mulher do dr. Garcia revendo-se no filho e no marido, que a sua ternura conseguira arrancar á vida fatigante e triste de Lisboa.

Conhecia bem aquêlê olhar, do doce olhar de minha mãi, sempre mais alegre e mais doce, quando se via como os filhos no meio do alegre e são labutar do campo.

Foi no convívio daquêlê familia modelar, que elle me contou a saúde da sua vida académica, e com entusiasmo me disse a alegria do seu primeiro triumpho, quando num dos primeiros annos, em pleno rejimen de universidade medieval, elle se levantou com toda a jenorizade e entusiasmo da mocidade defendendo a república.

Eu conhecia o facto que andava ainda na tradição académica, ao tempo em que eu vim para Coimbra estudar.

Era então elle novo e forte, de olhar negro, inteligente e doce, dum brilho e vivacidade que impressionávão. A sua cabeça grande, os traços fizionómicos fortemente accentuados, a sua cabeleira farta, revoltando em anéis negros em curvas Leoninas, dávão-lhe o prestígio dos fascinadores das multidões.

Quando se levantava nas aulas, calávão-se os condiscipulos a escutar attentos a sua palavra que começava arrastada e doce, e se animava gradualmente até adquirir volume e força para dizer alto as grandes ideias que bem cedo lhe dominarão o pensamento, e que fóraõ a sua preocupação constante até ao ultimo momento.

Foi assim que, um dia, falou alto na república, defendendo do seu logar de estudante a cauza do seu espirito contra a tão fossilidade do professor empoleirado na sua cátedra de doutor.

Mal pronunciou a palavra república voltárão-se os olhos dos condiscipulos para o professor, esperando, por aquêlê acto dezuzado de indisciplina contra ideais ieraticos, uma repressão pronta que men-

dasse sentir quem pelo fogo dos verdês á os se deixara levar de imaginações perigózas; mas o professor ficára dominado por aquêlê corajem jeneróza, e ouvia encantado como os seus discipulos mais novos.

Ao sair os condiscipulos abraçárão e levantarão nos braços aquêlê rapás, cuja eloquencia os dominou durante toda a vida, tão pronto a combater por um ideal, como a ajudar um condiscipulo.

E sempre duma alegria sádia.

Fóra das aulas não avia ninguém mais despreocupado e alegre e a policia académica fugia a rir, quando, de noite, via apparecer as carapúças vermelhas, daquêlê alegre bando que se juntava na quinta dos Alpóis, e que, na crónica alegre da vida académica, ficou com o titulo de *Bonnet Rouge*.

Fóra das aulas, não avia ninguém mais alegre e descuidado do que elle.

Quando entrava no palco do teatro académico, começava tudo a rir ao vêr a graça com que elle imitava jente que todos conhecião.

E ninguém lho levava a mal.

Era tão alegre e tão inteligente! Lembrar-me-á muito tempo aquêlê tarde, em que eu, ao ouvir a sua vida de luta pela ideia república, me sentia com mais força para lutar, com mais alento para viver.

Formado, continuou fazendo cauza com os academicos, prezidindo o seu club, pondo-se abertamente a seu lado.

E sempre evangelizando a república na cadeira de professor como na rua.

A todos ouvia, a todos aconselhava. A sua ação doutrinária fazia-se sentir em todas as corporações, e são grandes os serviços que prestou á associação commercial.

Creou e sustentou jornais, colaborou na imprensa de Coimbra e sempre defendendo o mesmo crêdo.

E' do *Defensor do Povo*, que elle dirigia, que datão as nossas relações.

Tinhão-me pedido um artigo e eu, percebendo que esperávão de mim uma coisa alegre ou um artigo científico sobre o mito relijiozo, rezolvi fazer um conto.

Eu, então, sabia só rir alto, e zangar-me.

Dáta dê-se numero a faze nova em que appareceu o meu enternecimento lirico, e a paixão pelo sentir injénio das crianças que me tem valido a amizade devotada de tanta mãi.

Vi então como o ideal democratico o dominava completamente, o cuidado com que fazia os seus artigos, o interesse com que os explicava aos mais ignorantes.

Afastado da politica, seguia e animava os lutadores.

Nunca lhe vi um dezalento.

Ainda o anno passado, ao saber-me em Li-boa, aonde tinha ido a convite da direção da Escola 31 de Janeiro, veio vizitar-me e, por me não encontrar, escreveu-me para Coimbra palavras de enternecimento, como se lhe ouvesse feito um serviço, obedecendo aos deveres que me impôo o patriotismo.

Como me lembra aquêlê tarde alegre doutono passada naquêlê, quinta, que parece ter-se escondido, para se embeber á vontade na melancolia, sempre a subir do lago verde que fóra lá ao fundo a triste ramaria das oliveiras do vale, em que se ergue ao lonje o penedo da sua tidade...

R. C.

Outro govêrno

Apezar de inesperada, a queda do ministério não deu logar na cidade a manifestações de alegria ruidóza.

E mais é anno de vinho...

Na Calçada não se viu nada de anormal e apenas parecia ouvir-se o movimento de movimentação á porta do sr. Francisco Nazaré, o simpatico vereador da instrução primaria da limpeza.

Ninguém tal supporta. Imaginava-se facilmente uma alegria doida, por ver finalmente acabar, depois de annos longos de poder, um govêrno que em tudo e por tudo vexára Coimbra e submetiera á uma tutela deprimente a verreação eleita pela cidade.

É que não mudárão as circunstancias.

Progressistas e rejenerações, que govêrnem, são sempre o mesmo partido de corrupção monárquica, sem differença de ideias nem de processos.

Progressistas e rejenerações têm colaborado na ruina do país do mesmo modo, e os dois partidos têm-se ligado sempre, abraçando o povo, todas as vezes que tem sido necessario levar a cabo uma grande obra de corrupção.

O que dividia os partidos, aparentemente, agora, foi apenas o nome do banqueiro que áde explorar o país para lhes garantir vida farta e regálada.

A luta das camaras é um espetáculo para iludir o país, e o ministério retira-se tranquilamente, depois de convencido de atraiçoar a patria, quando devia estar ignominiosamente; sai com a confiança da corôa, altamente apregoadá, retira com todas as onras da guêrra, quando devia fugir corrido deante da cólera que rebentára e conseguira finalmente triunfar.

E é substituido por quem?

Por aquêlê mesmo que colaborára na sua obra de corrupção criminóza, por os que, dizendo-se um partido de opposição, estiverão sempre ao lado desse govêrno, e o conservárão no poder contra a ira popular, pondo-se abertamente ao seu lado contra o interesse da nação.

O govêrno caiu, mas até na queda foi ajudado pela opposição que lhe cobriu a retirada vergonhosa.

No govêrno que se levanta, alguns nomes são ainda absolutamente desprestigiados, alguns nomes onéstos são indício provável para muitos de que este govêrno progressista não durará muito.

Engana-se quem tal pensa.

Este govêrno áde durar o tempo que a corôa intendêr que é do seu interesse. A' de durar o mesmo que durou o outro, e áde acabar com a confiança da corôa, porque áde bem servi-la.

Engana-se quem pensar o contrario.

Os partidos politicos têm as provas feitas em Portugal. Não são partidos da nação. São partidos da monarchia, e os interesses da nação e da monarchia são separados e contrarios.

Todos se ligão, não por um dever de solidariedade respeitavel, quando esteja em risco grave a instituição que defendem, mas sim todas as vezes que é necessario fazer ato de ostentação de baixo servilismo, ou de vil bajulação.

Em Portugal, os partidos politicos do govêrno perdêrão á muito a attitudê nôbre e firme que lhes impunhão os devêres da sua situação.

Em Portugal, os govêrnos monárquicos não andão, rastêjão.

E todos têm o mesmo ar servil, os que têm govêrno e os que se offercem para govêrnar, fazendo paráda do seu amor entranhado á monarchia.

Perante a possibilidade da entrada d'alguns deputados repúblicanos na camara, os que se aprezeñtão como podendo garantir de futuro a salvaguarda da nação pelo respeito da lei, unirão-se com os que chamávão gátos de corrupção para impedir que a vontade popular impozesse a el-rei a entrada dos eleitos pelo partido democratico.

Nos govêrnos monárquicos, os que estão, como os que são-de vir, não differem nem em processos nem em ideias, nem em intenções.

Ontem éráo os progressistas e francêcos que ajudávão os rejeneradores na exploração do país, ôje são os rejeneradores e francêcos que estão em disponibilidade para encobrir as manôbras do govêrno na exploração do país.

Por ôra á tempo para terçar armas, em torneios de rétorica.

As primeiras despêzas estão garantidas.

O govêrno saiu corréatamente, com a confiança da corôa...

BANQUÊTE

No dia 16, reuniu-se a camara no Hotel Avenida, num banquete em honra do seu prezidente, sr. dr. Manoel Dias da Silva, afirmando a sua solidariedade com o illustre professor da Universidade que tão intelligente e com tanta dedicacão, sacrificára todo o seu sabêr e toda a sua actividade á administração municipal.

O menú era o seguinte:

POTAGE

Consommé de tortue au monte Carlo

HORS D'ŒUVRE

Petits patés á la portugaise

RELEVÉ

Poisson sauce normande

ENTRÉES

Filet de boeuf á la Godard
Veau glacé á la parisienne
Galantine de perdreau á la cardinal

LEGUMES

Asperges sauce mousseline

ROTI

Dindoneau truffé

ENTREMETS

Pouding au madere
Grande piece montée
Gateau á la napolitaine
Pâtisserie assortie

DESSERTS

Vins: Coral, Granada, Topasio; Ambar
Porto, Madeira, Champagne
Café et liqueurs

O jantar começou ás 7 horas, acabando perto da meia noite.

Ouve brindes cordeais ao sr. prezidente da camara, enaltecendo os seus serviços e manifestando o seu reconhecimento pela lealdade cavalheiróza com que o sr. dr. Dias da Silva os tratará durante os trabalhos da sua jerencia.

O sr. dr. Dias da Silva mostrou-se muito comovido durante todo o banquete.

Foi uma festa alegre, em que parecia andar o espirito descuidado que domina as festas da mocidade em Coimbra; parecia um banquete de despedida de estudantes, a troça da primeira saudade do tempo de luta que passou.

A estuou se esta nota, quando o sr. Aureliano Viegas propôs que tirassem um grupo fotografico como recordação da sua bela camaradagem.

Deve estar justamente satisfeito o sr. dr. Dias da Silva.

No mesmo dia, em plena sessão universitaria, o sr. conselheiro Bernardino Machado o proclamava benemérito da Universidade pelos seus trabalhos na administração municipal, como o exemplo do que deve sêr um professor moderno, cuja ação deve irradiar da sua cadeira de professor para o meio social, convertendo-se em utilidade jeral, exercendo uma função patriótica.

Um facto, que se impôo, mostrando bem a união que prende indissolvelmente a vida da cidade ao funcionamento da Universidade.

A nós alegrá-nos vêr este movimento de unanime aplauzo do sr. dr. Dias da Silva cuja intelligencia, capacidade de trabalho e dedicacão pelos serviços publicos sempre louvamos.

CRECHE

A *Resistencia* offerceu á Creche o proçuo da venda da edição da oração inaugural do sr. conselheiro Bernardino Machado, que com a sua proverbial amabilidade accedeo ao pedido que, em nome deste jornal, lhe foi feito pelo sr. dr. Teixeira de Góvilha.

A venda teve o mais lisonjeiro acolhimento e nós, agradecendo ôje ao sr. conselheiro Bernardino Machado, não podemos deixar tambem de afirmar mais uma vez o nosso respeito e a nossa admiracão por quem acaba de mostrar tão alto a sua intelligencia e o seu caráter.

O sr. jeneral Almeida Pinheiro mandou celebrar ante-ontem, na Sé velha, uma missa de suffragio pelas vitimas do reconto do Cunêne.

Assistiu a officialidade do quartel jeneral e do rejimento de infantaria 23, uma fôrça de capitão do mesmo rejimento, e outra do destacamento de cavalaria.

A' missa, tocou a banda de infantaria 23. Terminada a missa ouve as descargos do estilo.

Literatúra e Árte

CAMINHO DO AMOR, por
JOÃO DE BARROS.

João de Barros, o vigoroso e acabado artista da *Canção das mulheres perdidas*, o môço apostolo das *Palavras sãs*, vem afirmar, com este nôvo livro, que sôb o seu cérebro anciôzo de vida, á um coração repleto de seiva que tambem sabe tirar da guitarra enfestoadá e cordiforme dos liricos, canções ligeiras em que por linhas de paixão o sentimento sôbe, galanteadamente e maciamente para essa mesma aspiracão sua — a vida.

O seu *Caminho do Amor* é uma das mais sinceras e sádias obras que eu conheço em verso portuguez.

Sincera, porque á elle apenas e simplesmente as ideias dum coração namorado que segredou em doce rima, as notas da saudade, as impulsões do momento, os brados irrequietos duma paixão verdadeira.

Não é a lira dum artista exaltado, vibrando á viração que as satias feminas levantão ao passar. É uma alma sentindo, querendo e dirijindo um sêr, para o fim sonhado, aceite e decidido.

Com elle não se deu o vulgar caso do poeta que busca em qualquer rôsto, ôje morêno, amanhã claro, num olhar d'ecazo, azulado ou cinzento, nôgro ou gárçõ, a narcôtria picada estimulante que lhe impulse a *vis amorosa*.

Prendidamente, numa esçôlha definida, o poeta canta só *uma* que amou e quis, não na maneira requeitada e esteril dum decadente, mas na plena e feliz realizacão dum ideal.

E para confirmar este acerto, divulgarei que esse *caminho do amor* fogara elle o caminho da vida e que ôje, numa alegria exuberante, João de Barros pôde erguêr ao ar o seu primeiro filho que, por uma coincidência fortuitamente rizonha, beijou a lã do mesmo dia em que o seu livro d'amôr safu, como se um feito eróico de májico desse braços e côrpo ao seu verso palpitante.

Disse eu tambem que esta obra é sádia e só quem a não lêr o poderá negar.

Fartos estamos da agoniada, plangente múza que todos os dias transformá a nossos olhos, mulheres amadas em tormentos cruéis e em capêlas tristes, onde os poetas aspirão a ser crucificados nos calvários dos côlos, nas cruzes dos braços, a ser sepultados nos olhâres de suas dâmas a quem é nzo chamârem goivos e lirios, perpétuas e martirios e que jeralmente têm por olhos contos de rezar, ave marias, e por cabêlos, barâços d'asfixia.

Abituados como estamos a essa furia satânica e postica que dis a donzêlas cazadoiras e inofensivas coizas acres de dôr, em que o coração fujindo ao sol, ao ar, á vida, busca apenas o banho... de lagrimas — môlho refervido e rançozo dessas nénias em que a paixão semelha a colica e parece, ás vezes, uma ventôza sarjada — devemos admirar como se ergue, nitido e forte — para lonje dessas almondegas indijestas que apodrecem nas vitrines — o verso claro e puro de João de Barros, despreteñciôzo e calmo, como uma grande aza que bate confiada, na direção do seu destino, a primeira palpitacão, cantando o amor sensato e natural que vê na amada a aspiracão alicre d'um futuro sereno e deleitado, que bebe em si o segredo da força, do equilibrio e da vitória, a iniciacão glorióza que Jozé Anastacio da Cunha revelou:

A alma começa a conhecer que existe,
Que até agora sabia só que amava.

Em João de Barros, a ideia d'amôr está, como deve, mais perto da ideia de vida do que da de morte, como por razões hereditarias, educativas, varizadas, succêde na maior parte dos cerebros.

É interessante que sendo esta obra aquêla que o autôr fêz mais em segredo, sem sequer pensar dá-la um dia ao publico — fôlhas confidenciazas de cartas, paginas votadas ao sigilio mais completo — seja, segundo creio, a que mais agradará e se divulgará nesse publico que desconhecia a feição lirica de João de Barros, acostumado como está á sua poesia d'intuizos.

Mas ainda aqui, nos devaneios dum noivado, o poeta conseguiu impôr a sua orientacão intranjiversa.

A' por vezes no seu livro maneiças

novas d'encantar a paixão que o domina:

E quando emfim morrer na enternecida
Lembrança d'este sonho e d'essa dor,
Veré maior que a Morte a nossa vida,
E maior do que a Vida — o nosso amor.

E' a consciencia de que pelo amor se chega á felicidade, o enjeito que o poeta fás da dor inutil que éle ensina a transformar em alegria, o equilibrado e simples dezfiar de coisas ternas, suaves, amáveis, a dedicação pelo lar que vai nascêr, que fórmão d'este livro uma béla obra de simplicidade, de suavidade, de equilibrio.

Sem abundancia d'imagens — João de Barros é um temperamento pouco imagético — sem tropos complicados, sem aleijões de vocabulario, o *Caminho do amor* irá estimado e resguardado dormir á cabeceira de muita noiva triste. Oxalá que éle podêsse integrar nos corações d'essas futuras mãis axiomas tão lindos como este:

Saber que um sonho igual vivê em nós dois — Que é esse o modo de nascer um lar.

que me fês lembrar êsses outros poderôz versos do citado Anastacio da Cunha:

Mesma vontade, mesmo pensamento,
Mesmos dezejos, mesmo terno ardôr;
Somos amfim (que glória! que protento!)
Nio dois amantes, mas um mesmo amor.

E seria êsse o mais merecido destino d'êste livro exemplar: ensinar os que amão.

Lisbôa, 1904. Out. 14.

Manoel de Sousa Pinto.

Jinázio Club

Comêção no próximo sábado as diferentes classes de ginástica para adultos e crianças do sexo masculino e feminino, sob a direção do professor Augusto Martins.

O orário é o seguinte:

1.ª classe para adultos:

2.ª, 4.ª e sábados, das 7 ás 8 da noite.

2.ª classe para crianças do sexo masculino:

3.ª e 5.ª, das 6 ás 7 da tarde.

Domingos, da 1 ás 2 da tarde.

3.ª classe para crianças do sexo feminino:

3.ª e 5.ª, das 7 ás 8 da tarde.

Domingo, da 1 ás 2 da tarde.

A ginástica ministrada ás crianças neste estabelecimento de educação, é exclusivamente a do sistema Suêco.

Abirão-se abértas as respétivas inscrições.

Em breve serão inauguradas as classes de esgrima e dança.

A direção rezolveu adquirir um campo próximo desta cidade, para se estabelecer jogos ao ar livre, para o que foi nomída uma comissão composta dos srs. Rodrigues da Silva (presidente), do diretor Francisco Martins e do professor de ginástica Augusto Martins.

Foi autorizada a permuta dos lugares de professores de instrução primaria entre os srs. Manuel Joaquim da Silva, de Lorrão e Manoel Rodrigues de Figueiredo, de Santo António dos Olivais.

Laboratório de microbiolojia

Movimento das analyses no Laboratorio de Microbiolojia da Universidade durante o mês de setembro:

Urinias, 15; expetorações, 20; corrimentos vaginaes, 45; pulmão de boi, 1. Total das analyses efetuadas, 81.

Pedi a sua demissão de governador civil o sr. dr. José de Matos Sobral Sid.

Indijita se como seu sucessôr o sr. dr. Antonio de Pádua que é tambem professor da faculdade de medicina, ou o sr. dr. Rocha Calisto, juiz de direito desta comarca.

Incêndio

Na tarde do dia 18 deu-se um incendio nas trszcas do prédio do sr. Aloizio de Pinho, a Sant'Ana, ardendo uns cazébrs, e uma porção de lenha e de carqueja.

Na mercearia do sr. Manuel Fernandes Dias, estabelecida no mesmo prédio ouve alguns prejuizos devidos á remoção de fazendas que teve de fazer-se antes de debeládo o incendio.

ANUNCIOS

EDITAL

JOÃO DA FONSECA BARATA, Vice-Ministro da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, de Coimbra:

Faço saber que, não se tendo realizado ôje a eleição dos vogais do Definitório, que, nos termos do art. 69.º dos estatutos, são de servir até á posse dos que forem eleitos na primeira eleição ordinaria, por não aver concorrido á eleição a maioria dos irmãos com direito a votar, será esta repetida no proximo domingo, 23 do corrente, pelas 10 oras da manhã, na igreja do Carmo, observando-se o dispôsto no cap. XVI, artt. 50 e seguintes.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados se passa o presente que vai sêr afixado á porta da igreja do Carmo, e publicado em dois jornais de Coimbra.

Coimbra, secretaria da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, 16 de outubro de 1904.

O Vice-Ministro,

João da Fonseca Barata.

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Commensaes

Na rua do Loureiro n.º 13, recebem-se de casa e meza.

Prédio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cisterna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Porto, na rua do Brugnor, n.º 148.

MOBILIA

Vende-se um aparadôr, dois guarda-louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondego, agua e gás.

Trata-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

OUTONO DE 1904

Raizes de Rainuculos, Jacintos, Tulipas, Anémonas, Narcizos, etc.

Sementes de Amêres perfeitos francezes, semente d'ortalhas nacionais e estrangeiras.

Rua Visconde da Lús, 12

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu proprietário fornecendo-se directamente das principais fábricas de productos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estrangeiros; está a párd do desenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possui uma collção variada das mais modérnas substancias e productos quimicos.

O aviamento de todo o receituário é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a casa de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noite.

Analizes completas

de urinias, expetorações, sangue, corrimentos ureterais e vaginaes, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azeites, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excçionais

Venda de bens

No dia 30 do corrente mez de outubro, pelas 10 horas da manhã, em Pereira e casa do Ex.º Sr. dr. Abilio Mendes Pinheiro de Magalhães Mexia, vender-se-hão, convido o preço, os bens abaixo descriptos e confrontados, pertencentes á Ex.ª Sr.ª D. Maria Eduarda Seabra Couceiro de Freitas, de Formozelha. Os preços das arrematações são livres para acredora. Os arrematantes depositarão no acto da arrematação 20 % do preço dos predios arrematados.

N.º 1

10 agulhadas ou 5400^{m²} de terra lavradia no campo de Formozelha, a confrontar do norte com a valha da insua, sul com a linha ferrea, nascente com D. Emilia Sarmento da Costa, poente com Antonio Rodrigues Pinto. Foreiro á confraria do Santissimo, de Santo Varão em 900 réis annuaes.

N.º 2

14 agulhadas ou 7560^{m²} de terra lavradia, no campo d'Ourique e sitio do Batafal, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com José Simões das Lapas e poente com Manoel Gonçalves d'Azevedo.

N.º 3

7 agulhadas, ou 3780^{m²} de terra lavradia no dito campo, e sitio da Agreira ou Silveirinha, a confrontar do norte com a estrada da Mondeguinha, sul com o rio Velho, nascente com Diogo Barata e poente com a misericordia de Montemor o Velho.

N.º 4

12 agulhadas ou 6480^{m²} de terra lavradia no campo da Carapinha e sitio de Treixedo, a confrontar do norte com dr. José d'Ornellas sul e nascente com os herdeiros de Antonio Pedro Couceiro e poente com o padre Simões Dias.

N.º 5

12 agulhadas ou 6580^{m²} de terra lavradia no dito campo e sitio da Vagem da Cova; confrontam do norte com dr. Roxanes, sul com dr. Tavares Lebre, nascente com Algiva da Camara e poente com a estrada do Campo.

N.º 6

6 agulhadas ou 3240^{m²} de terra lavradia no dito campo e sitio do Seiçal ou Mata Lobos; confrontam do norte com a valla do norte, sul com Vagem da Ponte da Cova, nascente com Antonio Augusto de Oliveira e poente com Luiz Antonio de Souza.

N.º 7

3 agulhadas ou 1620^{m²} de terra lavradia no dito campo e sitio do Cadaval ou estau do Rolho, a confrontar do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com os herdeiros de Joaquim Urbano Sampaio, nascente com Gervazio de Vasconcellos e poente com Antonio Mendes Laranjeira.

N.º 8

3 agulhadas ou 1620^{m²} de terra lavradia no dito campo e sitio dos Redemoinhos, confrontam do norte com os herdeiros de Fructuozo José da Silva, sul com a insua do Delegado, nascente com José Brandão de Mello e poente com Viscondessa de Maiorca.

N.º 9

3 agulhadas ou 1620^{m²} de terra lavradia no campo do marachão e sitio das travessas, confrontam do norte com João Maria Sant'ago, sul com Antonio Tavares, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 10

3 agulhadas ou 1620^{m²} de terra no dito campo e sitio a confrontar do norte com Antonio Rodrigues Pinto, nascente e poente com a estrada do Paul.

N.º 11

3/5.ª partes ou 2 hectares de terra lavradia no Monte de Santo Varão e sitio do Coelhal a confrontar do norte com João Maria Baptista e Alfredo Barjona de Freitas, sul com José Lopes, nascente com a estrada publica e poente com os herdeiros de Luiz Soares. Tem este prédio 157 oliveiras.

N.º 12

Um olival de terra lavradia no dito monte e sitio das Relvas, com 56 oliveiras, confronta do norte com Carvalhos, do Sebal, sul com Manuel Jorge Martinho, nascente com a estrada publica e poente com João Miranda.

N.º 13

Um olival com terra lavradia, ribeira d'arros e com 40 oliveiras em Santo Varão, a confrontar do norte com Antonio Coelho de Seabra, sul com José Joaquim Pereira e poente com João Maria Sant'ago.

N.º 14

Uma matta com matto e pinheiros, no sitio do Parizól, freguezia d'Arzede, que mede 264 agulhadas ou 142:560^{m²} a confrontar do nascente com Francisco Breda e Visconde de Seabra, sul com Jeronymo Magdaleno e herdeiros da viuva Pinheiro, nascente com os herdeiros de Fernando de Souza e poente com Visconde de Seabra e a estrada da Gandara.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lá...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómém e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómém.

PREÇOS REZUMIDOS

“REZISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno.....	25700
Semestre.....	13350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	25400
Semestre.....	13200
Trimestre.....	600

Brazil e Africa, anno.....	35600
Ilhas adjacentes, „.....	34000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha.....	40
Réclames, cada linha.....	60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFITARIA TULLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada ao jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais fins recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauzeisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijo, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construção e soldéz de telhões, manilhas, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construçoes e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómém e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e paos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómém como camizaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de arvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Tem todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compra sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitação-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitação-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONOGRAFOS

Manoel José Teles, Rua Ferreira Borges, n.º 100 a 106, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Borges, 27 a 29

Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expétorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bóca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogoforos — Anadia)

Salutuda-celicia

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTEXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogoforo Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronicos, Gotta, Litiase urica, Litiase biliar, Engorgitamento hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, C

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Directora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assinatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 58000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 25500 réis.

Trimestre, 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 13300 réis.

Cada número da *Moda Ilustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas de corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapetarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Ilustrada*, a tradução em português daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deão te os altos de duas moridas de cazas uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem es pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.ºs 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, offerece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquelle serviço pois estêve durante 16 annos, effectivos nos jardins dos srs. condes do Armeal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pôde procura-lo de Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra
Cassiano Augusto M. Ribeiro
Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.



VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafão de 5 litros	Garrafa de litro	Garrafão hectolitro
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vaee incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rollhas das garrafas e garrafões vaee o emblema da Adega impresso e fôgo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS.

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 947

COIMBRA — Domingo, 23 de outubro de 1904

10.º ANO

OS MESMOS

Progressistas e regeneradores têm dado agora ao público manifestações ostensivas do muito que se estimão.

O sr. Intze afirmou a sua amizade e a sua admiração pelo sr. Jozé Luciano em plena camara, como se fôra necessário fazê-lo para explicar a vida futura de tranziência e de comunhão de exploração, em que pretende entrar com este ministério.

Progressistas e regeneradores vão juntos ao peço, uns para se despedir da corôa, outros para lhe agradecer.

Progressistas e regeneradores trocáo nas camaras os mais efuzivos protestos de estima.

Os que entrão e os que saem ostentão o mesmo desprezo pela administração dos dinheiros publicos.

Intze Ribeiro sai do ministério, dizendo alto que pozêra de lado a velha praxe de corrupção do testamento, e no dia immediato comêça a aparecer as nomeaçôis rendôzas com o maximo impudôr, desde o galop'm até ao ministro de estado.

O sr. Jozé Luciano entra para corrigir desmandos economicos e força a nação a uma escuzada prezidencia sem pasta, e a toda uma nova organização dispendiôza dentro do ministério da fazenda, com a creação nova dum gabinete de prezidencia, com pessoal próprio com ramificaçôis com a sede na caza do proprio presidente do conselho.

E' que, apesar de todas as concessôis do sr. Intze Ribeiro, os progressistas estiverão muito tempo longe do poder, e virão-se na necessidade de irritar vaidades e adular ambiçôis para evitar a derrocada completa do partido.

A' muito ambiçôzo que é necessario fazer calar.

E' por isso que, apesar das apregoadas economias, se creou para o sr. Antonio Cabral o gabinete da prezidencia, é por isso que com tanta insistencia se fala na creação do ministério do ultramar, e no desdobraimento do ministério das obras publicas.

Tem uma dupla vantagem: crear logares novos e permitir as accumulacôis que por lei são defendidas dentro do mesmo ministério.

A necessidade da creação do ministério do ultramar á muito que se tornou evidente.

A grandêza das nossas colonias, cercadas por todos os lados de potencias rivais que nos levantão a cada passo dificuldades e conflitos, a complicação dos serviços administrativos, as necessidades multipas do comércio e da colonização tornão na verdade inadiavel a criação do ministério do ultramar; mas o que se não vê é a necessidade dum ministério da marinha.

O ministério da marinha deve ficar fundido com o da guerra.

Não temos senão um yazo de guerra difícil de classificar,

A nossa marinha de guerra é ridicula, e não permitem os recursos do país que se aumente por fôrma a dar serviço que não possa fazer-se no ministério da guerra, e a justificar a existencia da pasta da guerra e da marinha em dois ministérios distintos.

Os desdobraimentos, que por óra se annuncião de uma forma indeciza, ão-de fazer-se talvês, mas não no interesse público, antes para socegar animos irrequiêtos para contentar vaidades que imprudentemente se despertarão.

A vida do podêr dos progressistas anuncia-se, como a queda dos regeneradores, por dissipacôis.

Entre os dois não á a escolher. Averá esperança nos francáceos?

As dezerçôis, que por toda a parte se annuncião com a nova de lhe ter escapado o podêr, as filiacôis no partido progressista indicão que os francáceos nunca fizêrão diferença radical entre os srs. Intze Ribeiro, Jozé Luciano e João Franco.

COMO OS OUTROS

Respondendo ao sr. Dantas Baracho disse, segundo o relato do *Novidades*, o sr. ministro da fazenda:

Quanto ás reformas politicas, o governo progressista não renega o programa do seu partido. Basta estar á sua frente o grande liberal que é Jozé Luciano de Castro. A, todavia, outras questôis mais instantes para que o governo solicitará, a atencão do parlamente pel importancia capital e pela indiscutivel urgencia que têm. Das reformas politicas a seu tempo se occupará o gabinete, quando os outros assuntos momentozos estêjam liquidados e rezolvidos.

O sr. ministro do reino senta-se.
O sr. Dantas Baracho:
— E a lei de responsabilidade ministerial?

O sr. Pereira de Miranda:
— Fás parte das reformas politicas.

Ficará por isso a lei da responsabilidade ministerial para mais tarde...

Para o tempo do sr. João Franco?

Talvês não.
Talvês sim, dirão em alêgre ironia progressistas e regeneradores, que arrematarão a fogaça da governaçã.

Fogaça e melhorada de ãno para ãno...

O Vintem das Escôlas

A sr.ª D. Amelia Souza Lôbo, espôza dum illustre oficial reformado da capital está em Coimbra recolhendo assignatúras para *O Vintem das Escôlas*, cujo produto é, como todos sabem, destinado a subsidiar escôlas para difuzão do ensino nos filhos dos proletarios, concorrendo assim para a obra de educação nacional tão descurada sempre pelos governos portuguezes.

A illustre propagandista, tão notavel pela sua devoçã pelo ensino, como pela sua stividade jenerôza, tem tido o melhor acolhimento em Coimbra, que mais uma vês mostrou o seu interesse pelas emprêzas verdadeiramente utilitarias e nobres,

POLITICA LOCAL

Continuamos em plênos brátos. Tudo flutua entre acôrdo e dezaçôrdo.

Para o lugar de governadôr civil comêça a falar-se com muita insistencia no sr. dr. João Maria da Rôcha Calisto, juiz de direito em Coimbra.

Temos assim dois pretendentes com o sr. dr. António de Pádua.

Para commissário de policia virá o sr. major Lemos, antigo commissário em Coimbra, que foi exonerado no rejimen de nomeaçôis reparativas da invençã do sr. Intze Ribeiro.

Quanto ao acôrdo camarário feito com os progressistas, á alguns destes que na época de prosperidades que comêça e que maus auspícios pretendem ser breve, achão que bom seria rompê-lo e o partido progressista ir á urna só, quebrando o acôrdo feito.

Outros quêrem que o partido progressista mantenha a fé dos contrátos, e vá á urna em dôce aliança com os regeneradores.

Outros, mantendo a fé dos contrátos, fazem notar a necessidade de tutela progressista, sobre a futura veraçã e indicão carinhôzamente aos regeneradores do acôrdo que o melhor será abandonar voluntariamente a pretensã para evitar futuros dissabôres. Do que se ouve salta porém a impressã de que o acôrdo será rôto, es colhendo o primeiro pretexto, para não desgostar os partidários que o podêr trás com o sangue a fervêr.

As eleiçôis camarárias serão feitas pela lei nova e serão por isso adiadas.

Essa lei inutilizará, dizem, o sr. dr. Dias da Silva que não poderá ser reeleito, como pedião os interesses da cidade, e a viabilidade dos problemas administrativos que deixa em comêço de desenvolvimento e que tanto necessitãvao da sua atividade e do conhecimento que possui de todos os complicados assuntos de administração municipal, para serem levados a bom termo.

Engãna-se quem imagine que o sr. dr. Dias da Silva possa ter ação proficua sobre a administração municipal, estando fóra da camara.

Neste país de competencias raras as tutelãs sófrem-se pouco tempo.

Outro presidente á de sacudir fatalmente o sr. dr. Dias da Silva, ou á de desgostá-lo por fôrma a fazê-lo desinteressar da administração voluntária da camara.

O sr. dr. João Arroio disse uma grande verdade, quando caracterizou o partido progressista pela sua ingratiçã com os seus sectários.

Assim é.
Fôra da camara, a açã do sr. dr. Dias da Silva será nula.

E é bom pensar que se o sr. dr. Dias da Silva tem tido ultimamente dos progressistas militantes as p'ôvas de maior estima e de maior respeito, nem sempre assim foi, e talvês não seja estranha semelhante stitúde ao facto do sr. dr. Dias da Silva ter de abandonar a administração municipal.

O sr. dr. Dias da Silva tem a consideraçã pública, e os partidos monárquicos aproveitão sempre a força que lhes dá o valôr reconhecido dos partidários, com quanto muitas vêzes os ostilizem escondidamente na parte em que comprometem a sua marcha de corrupçã.

O sr. dr. Dias da Silva é um bom e onrado cidadão, mas como politico, na açãoz usual que a corrupçã monárquica deu ao termo, é pessimo.

O sr. dr. Dias da Silva não é capaz de violentar o seu procedimento para satisfazer ódios politicos.

Ora, sem odio politico, não á politica monárquica possivel.

O sr. dr. Dias da Silva é pois um máo politico.

Assim tem sido considerado pelos próprios correligionários a quem deve

ter ouvido muitas palavras dezagradaveis, que a consciencia da sua missão lhe deve ter feito desprezar.

Fôra da camara, o sr. dr. Dias da Silva não é senão util para o partido pela consideraçã, que sobre ele reverte do seu valôr intelectual e moral.

Fala-se no sr. dr. Ribeiro de Vasconcelos para presidente tambem.

A nova lei parêce excluí-lo.
Aparece ultimamente o nôme do sr. dr. Costa Lobo para o mesmo cargo.

Escolas primárias

O sr. dr. Alves dos Santos, inspetôr da 3.ª circunscriçã escolár, empenha-se por fazer ministrar aos alunos de instruçã primaria o ensino e exercicio da ginastica, como mandão os programas e o exige o desenvolvimento regular das crianças.

Tem feito delicias para obter a construçã dum edificio especial, dotado com todas as instalaçôis necessarias para que o ensino da ginastica se possa ministrar com vantajem e comodidade para mestres e discipulos.

Não querendo que as crianças fiquem, ainda este ãno, sem o ensino tão indispensavel á nossa populaçã escolár, em que os vicios de desenvolvimento são a regra, o sr. dr. Alves dos Santos pediu as salas do Jinazio Club para os exercicios de ginastica dos alunos da escolas municipais de Coimbra.

São muito para louvar estes cuidados e delicias do sr. dr. Alves dos Santos; porque o ensino da ginastica, indispensavel nas escolas primarias, tem sido sistematicamente posto de lado e servido apenas para alardê de erudiçã nos programas das escolas primarias.

No proximo mês de novembro, comêçará a publicaçã de uma nova revista com o titulo *Arte e Vida*.

É dirigida pelo sr. dr. João de Barros e editada pelo sr. Albino Casiano da Silva, cujas ediçôis são sempre de tanto primôr, e a quem se deve a fórmula porque se editarão os nôvos.

Lembrão-se todos das belas e originaes ediçôis das obras de Eujéolo de Castro, Alberto de Oliveira, Manuel Gato, cujo tipo foi depois seguido em ediçôis de Lisboa e Porto.

No corpo da redaçã da revista aparecem os nômes mais notados no movimento literário portuguez.

A diviza, ou emprêza, como lhe chamãvao os antigos, da revista foi dezenhada por Antonio Augusto Gonçalves.

Tem continuado a montajem da linha telefonica e não têmes a congratular-nos com os resultados que está dando o futuro melhoramento.

As árvores dos passôis e ruas de Coimbra têm sido tratadas com um desprezô notavel pelos empregados que andão montando as linhas.

No bairro de Santa Cruz os plátanos fóram tratados como coiza inutil e morta e, alem da ponte, na estrada de Santa Clara, as belas faias marjináis não merecêrão maior respeito.

Bem sabêmos que utilidade e belêza não pôdem muitas vêzes existir a par.

Em toda a parte têm desaparecido das ruas, pelas necessidades modernas, obras primas que vão encerrar-se nos muzeus.

Assim é preciso e assim se fás.
Aqui porém o caso é diferente; um leve desvio evitava tôdo o mal.

O progresso não é incompativel com a belêza.

O culto da belêza é uma necessidade da alma contemporanea.

Não é apenas o lirismo ciôzo da primavera que nos fás amar as flores e as árvores.

As árvores são tão necessarias á ijiêne material das cidades, como á ijiêne do espirito,

Literatúra e Arte

A INQUIZIÇÃO

I

Avia duzentos ãnos pouco mais ou menos que a inquiziçã campeava em Portugal quando coube a vês de aumentar a galeria das suas victimas a Antonio Jozé da Silva, antonomasticamente designado o *Judeu*.

E' no sinodo de Toloza, em 1229, em tempo de Gregorio IX, que se estabelecem os tribunais inquizitoriais propriamente ditos. A instituicã foi lavrando pouco e pouco, levando a toda a parte onde chegava o sangue e o luto, e veiu implantar-se, passados dois seculos e meio, em Espanha, país em que atinju o maior e mais aperfeiçoado grau de ferocidade.

Em 1477 Fernando o Católico solicitou do Papa então reinante, Sixto IV, o direito de estabelecer a inquiziçã nos seus Estados. A bula de 1 de novembro de 1678 outorgou essa concessã, que foi larga e despoticamente aproveitada. Quatorze Tribunais do Santo Officio, em Cordova, Jaen, Villa Real (depois em Toledo), Valladolid, Calahorra, Murcia, Cuenca, Çaragoça, Valencia, Barcelona, Mallorca e em varias cidades da Extremadura, quatro vezes por ãno realizãvao *autos de fé* em que desgraçados, ás centenas, êrão victimas das chãmas. Só em Sevilha no ãno do estabelecimento da inquiziçã se queimãrão 2.000 pessoas, 17.000 fóram penitenciadas (1) e a darmos credito a Zurita, historiadôr do reino vizinho, entre vivos, môrtos e auzêntes fóram condenados como erêjes, que judaizãvao, mais de 100.000 pessoas com as que se reconciliãrão com a Igreja (2).

O numero dos que sofrêrão o supplicio da fogueira durante a direçã de Torquemada foi de 8.800; 6.500 fóram queimados em estana; 90.000 fóram condemnados á infamia, prizão perpétua, confiscacã de bens e privação de cargos publicos (3). Estes dados são de Llorente, mas a admitir-se que elles ajão de sofrer qualquer corrupçã (4), o que résta é mais do que suficiente para fazer cair sobre o principal ajente dessa carnificaria, o ferôz e insensivel Torquemada, toda a reprovaçã dos seculos. Foi precisa a intervençã dos Papas. A 29 de janeiro de 1482 Sixto IV dirijiu um breve a Fernando e Isabel em que fala de victimas inocentes. A 23 de fevereiro de 1483 e a 2 de agosto do mesmo ãno de nôvo o mesmo Pontifice protestou contra a severidade do tribunal. O proprio Llorente mostra que no seculo XVII o tribunal abrandou a sua severidade, citando até numerosos cazos em que os Papas fizêrão absolver secretamente erêjes e proibirão impôr-lhes qualquer pena civil.

A expulsão dos judeus de Espanha pelo edito de 31 de março de 1492 e o estabelecimento da inquiziçã naquêle país para perseguir os que ficassem determinãrão medidas identicas em Portugal. D. Manoel levado pelo amor duma mulher (5) expulsou os judeus do nosso país por decreto de 5 de dezembro de 1496 e, se não fundou a inquiziçã, foi porque não pôde. Ou a rezistencia a essa medida partisse do Pontifice Leão X, aterrado com o uzo cruel e sanguinario que das armas espirituais e temporaes os inquizidô-

(1) Mariana, *Hist.*, l. xxiv, cap. xvii.

(2) Cit. por Lafuente, *Hist. gener. de España*.

(3) Cfr. a minha obra *Judeus em Portugal*, Coimbra França Amado, 1895, pag. 105 e seg.

(4) Hefele, *Le Cardinal Ximenes*, etc., Tours, 1856, 1 vol., especialmente no cap. xvii.

(5) Vej. o nosso livro *Os Judeus em Portugal*, cap. vi, e especialmente o vii, «O decreto da expulsão».

Lavacha 13

res espanhóis fazião, e temêsse por isso iguais abuzos no nosso país, ou essa resistência saísse da influencia dos judeus que tinham delegados em Rôma e que lá, para se salvarem, não deixarião de empregar todos os meios, desde a eloquencia da persuasão até á do dinheiro, sempre tão vitoriosa, o que é certo é que até 1521, anno em que o Rei Venturozo morreu, o Papa Leão X não accedeu ao pedido, que tinha levado a Roma e lá negociava o embaixador D. Miguel da Silva.

A glória d’essa conquista estava reservada para D. João III, que a obteve por bulla de Clemente VII de 17 de dezembro de 1531, confirmada por outra de Paulo III de 23 de maio de 1536.

Passados dezasseis annos, em 1552, o Cardeal D. Enrique organizava ou mandava pôr em pratica o primeiro Rejimento da Inquizição, a que se seguia em 1570 o segundo, tendo ficado ambos manuscritos. Mas as suas disposições essenciaes devião ter passado para os que vierão depois e existem impressos e que são por sua ordem:

1.º Regimento do Santo Officio da Inquizição dos Reynos de Portugal, recopilado por mandado do Ill.º e Rev.º Sr. Dom Pedro de Castilho, Bispo Inquizador Geral e Visorey dos Reynos de Portugal. Impresso na Inquizição de Lisboa por Pedro Craesbeeck. Anno da Encarnação do Sr. de 1613.

2.º Regimento do Santo Officio da Inquizição dos Reynos de Portugal. Ordenado por mandado do Ill.º e Rev.º Sr. Bispo Dom Francisco de Castro, Inquizador Geral do Conselho de Estado de Sua Magestade. Em Lisboa, nos Estaos. Por Manoel da Sylva. M.DC.XL.

3.º Regimento do Santo Officio da Inquizição dos Reynos de Portugal, ordenado com o real beneplacito, e regio auxilio, pelo Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha dos Conselhos de Estado e gabinete de Sua Magestade, e Inquizador Geral destes Reynos, e em todos os seus domínios. Impresso em Lisboa. Na Officina de Miguel Manescal da Costa. Anno MDCCLXXIV (1).

É interessante a istória d’estes Rejimentos sob qualquer dos aspéto em que os consideremos — litterario, legislativo, historico. De resto, feito o estudo para um d’elles, feito está para os demais, visto as disposições estatutarias permanecêrem as mesmas em todos. O Rejimento de 1640 foi aquêlle que vigorou durante maior periodo de tempo. Por êle podêmos sufficientemente avaliar do que era a vida, a õra, a propriedade, a dignidade humana, para a inquizição que arvorava, como armas, a cruz, simbolo do Deus da misericordia, ao lado do ramo de oliveira — a paz, a mansidão, a piedade, e da espada — a justiça, que vinga o direito offendido, aqui transformada numa arma sanguinaria e odienta!

Lá vinha a disposição do segredo, elevada até ao juramento: «É porquanto o segredo é uma das cousas de maior importancia ao Santo Officio, mandamos que todos o guardem com particular cuidado, não só nas matérias de que poderia resultar prejuizo, se fossem descobertas, mas ainda naquêlas que lhes parecerem de menos consideração, porque no Santo Officio não á couza em que o segredo não seja necessário (2)».

Isso não obsta a que, com os documentos na mão, possamos aquilatar a iniquidade do piedoso tribunal, para o que bastará apontar a circumstancia de que se omitia esclarecêr o desgraçado, que era prêzo, das accusações que se lhe fazião. Uma vês caído nas garras de tais abutres, difficil lhe era salvar-se. Interrogado uma e outra vês a que confessasse os seus êrros, insitado e por fim torturado, se nada dizia, porque nada tinha a dizer, visto estar

inocente, — embôra! — era condemnado como negativo!

Confessava tudo? — era condemnado como confitente!

Mas confessava parte sómente, não tudo o que querião os seus algozes? — era ainda condemnado como diminuto!

A tortura arrancava-lhe confissões de delitos, que nunca tinha praticado não concordando com os depoimentos das testemunhas? — ainda condemnado como ficto e simulado!

No meio da tortura dizia o que nunca avia praticado, e depois livre das dôres anulava as declarações feitas? — condemnado era ainda como repugante!

O! e êsse suplicio da tortura, friamente praticado por omens robustos, que bem podessem aturar o trabalho do seu officio, excedia, pela sistematização dos suplicios, tudo o que a crueldade da legislação civil tinha inventado e não encontra atenuante nem nos costumes, nem na legislação dos tempos. Seria preciso transcrever aqui todo o título XIV — De como se áde proceder com os réus que ovêrem de ser pôstos a tormento, e da execução d’êle — para se vêr que nada ex-jetamos. Mas preferimos pôr diante dos olhos dos leitores alguns exemplos da execução d’essas tremendas disposições. Eis um caso em que se trata dum réu acuzado pela propria irmã de judaizar, tão boa irmã, como boa filha, pois foi ella que tambem denunciara sua propria mãe do mesmo delicto. Os reus négão. A 1 de março de 1627 um dos supostos criminosos é posto a tormento. Dêmos agora a palavra ao notário:

«... foram chamados os ministros, e o reo despojado de seus vestidos e assentado no banquinho.
«Pelos senhores inquisidores foi protestado, que se elle reo no dito tormento morresse, quebrasse algum membro, ou perdesse algum sentido, a culpa fôsse delle réo, e não delles senhores inquisidores...
«E por os medicos e curgião dizerem, vendo e apalpando pelas costas ao reo, que se queixava de dôr em huma espada direita de doença, que tivêra de annos a esta parte, e vendo que havia nella alguma lesão, dis-êrão que convinha dar lhe tormento no poitro, onde logo foi posto.
«E lhe pozêrão os cordeis em todas as oito partes, onde de novo lhe foi feito o protesto pelo Senhor Inquisidor na forma acima dita, e admoestado de novo com muita caridade.
«E por dizer que não tinha culpas que confessar, lhe foram dando a primeira volta em todas as oito partes, e o senhor Inquisidor o foi admoestando da parte Xpõ Nosso Senhor por muitas vezes confessasse suas culpas, e elle respondendo que não, tinha que confessar, que era christão, repetindo esta palavra e dizendo, quando o admoestavão mas que morra! que era christão, que sobre os senhores Inquisidores havia de ficar que não fizera tal cousa!
«E sendo admoestado com caridade que confessasse, disse que não queria confessar, que o matassem!
«E cahindo no que tinha dito que não queria confessar, tornou a dizer que não tinha culpas que confessar.
«E tornou outra vez a dizer que não queria, que não tinha que confessar.
«E lhe dêram segunda volta em todos os cordeis. E sendo admoestado, não disse palavra mais que dar ais, misericordia de Deus me favoreça pois me não crêem! ella me socorra! Jesus seja com a minha alma. Estou acabado! dizendo estas palavras em tom como que cantava.
«E, sendo outra vez admoestado, respondeu não me digão nada, que heide morrer pela fé de Christo!
«E logo lhe foram dando a terceira volta em todas as oito partes, e elle dizendo misericordia de Deus me valha! não tenho que confessar! sou christão! não me digão nada!
«E logo lhe foram dando quarta volta e o foram admoestado com muita caridade, sem elle fallar nem dar um ai, só que se callassem, que era christão!
«E logo lhe foram dando quinta volta, e o tornou o senhor Inquisidor a admoestar com muita caridade da parte de Xpõ, que confessasse. Respondeo, sou christão, não me digão mais nada!
«E se lhe deo sexta volta, e setima volta, sem responder cousa nenhuma. Sendo os cordeis gçrossos, quebrãrão alguns.

«E foi visto pelos medicos e curgiães, que se lhe tinhão dado tractos muito expertos, e que até os cordeis delgados quebravão. E sendo admoestado com caridade, que pedisse tempo para cuidar suas culpas, respondeu que não tinha que confessar, que era bom christão, mas que o roatassem e lhe não dissessem mais palavra. Querem que diga mentira? Não o heide fazer!
«E por dizerem os curgiães e medicos que tinha levado todo o tormento, que podia levar e estar satisfeito ao assento, mandou o senhor Inquisidor o desatassem e o levassem ao seu carcere, de que fiz este termo, que elle senhor Inquisidor assignou... (3)»

Quem era este senhor Inquisidor? Importa lá... Se eram todos iguaes (4). Era o homo lupus, era a fera, com requintes de crueldade apurados no mister regular e metodico duma fun-

(1) Dum processo existente na Toare do Tombo e largamente dado em extractos no Combricense, de 3 de novembro de 1869, n.º 2324.
(2) Para conhecer do processo seguido em Espanha lê-se o livro do sr. dr. Ernst Schäfer — Beiträge zur Geschichte des spanischen Protestantismus und der Inquisition in sechzehnten Jahrhundert, Gütersloh, 1902. cçção que se acobertava com os titulos singulares de piedade e de misericordia!
(3) Mendes dos Remedios.
(4) Os motins em Coimbra

Do Relatorio e Contas da jerencia de 1903 da Associação Commercial de lojistas de Lisboa, que acabamos de receber, e que mostra a actividade desta florescente associação, transcrevemos a parte que diz respeito ao motim popular de Março.

Os motins em Coimbra

Do Relatorio e Contas da jerencia de 1903 da Associação Commercial de lojistas de Lisboa, que acabamos de receber, e que mostra a actividade desta florescente associação, transcrevemos a parte que diz respeito ao motim popular de Março.

«Não será, com certeza, falta de propozito nem menos cabido logar, inserir aqui o extrato do relatorio feito pelo nosso delegado em sessão de Corpos Jerentes de 17 de março.

Esse delegado foi o nosso prezado conhecido sr. Martins de Almeida, que dignamente se desempenhou de missão tão delicada, prestando assim mais um serviço relevante á coletividade que o conta no numero dos seus membros prestimozos e dedicados.

No dia seguinte á sua chegada a Coimbra vizitou o mercado de gêneros alimenticios, tendo encontrado os logares inteiramente dezêrtos, á excepção das padarias e açougues, que se achavão guardados pela força publica.

Poude apreciar pela attitude de diversos grupos que viu nas ruas que percorreu, a grande excitação em que todos estavão contra as irregulares exigencias do fisco.

Ouviu referencias á forma como o govêrno administrava os dinheiros públicos condemnando ao mesmo tempo o exercito dos fiscaes do sêlo, espalhados por toda a parte, criticando ainda outros actos e tudo com dezassombro.

Dirijindo-se ao presidente da Associação Commercial de Coimbra, a fazer a entrega do officio de que avia sido portador, foi recebido com a maior cordialidade, e sendo immediatamente convocada a direcção para a sua recção official, o nosso delegado foi alvo de demonstraçoens que vivamente o penhorãrão, e que fôrão muito onrozias e significativas do grau de sympathia que existe entre as duas coletividades.

Entrando-se nos detalhes da cauza primordial que motivou a sjiitação em Coimbra, foi declarado pelo presidente da Associação Commercial que essa perturbação se orijinará na inesperada exigencia do sêlo das licenças dos vendedores do mercado público, e que estando nessa ocazião autuados cerca de duzentos comerciantes por falta de sêlo industrial apôstos nas licenças camarárias, e tendo êstes tambem justificadas razões de queixa contra a forma vexatória e irregular porque procedião os fiscaes do sêlo, o comércio fizêra cauza comum com os vendedores de gêneros, avolumando os protêstos e encerrando as suas lojas como adzeção á cauza, fazendo notar a circumstancia de que nos acontecimentos fôra sempre alheia qualquer influencia partidaria, pois que êrão jerais os protêstos contra o modo porque ali se estava exercendo a fiscalização do sêlo.

Descrevendo a attitude do comércio combricense, acrescentou o nosso delegado que, apesar de terem já reaberto alguns estabelecimentos, a maior parte dos comerciantes se achavão no propozito de conservar as suas cazas

fechadas até que o govêrno dêsse uma satisfação condigna ás suas reclamaçoens e que se, alguns estabelecimentos lá se encontravão abêrtos, fôra em razão do chefe do distrito se têr comprometido a attendêr os interessados logo que se entrasse na normalidade.

Terminada a conferencia reiterãrão os directôres da Associação Commercial de Coimbra os seus agradecimentos á Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, penhorando o nosso delegado com inumeros oferecimentos e, aprazando-se uma nova reunião no otel, onde êle se encontrava, compareceu ali, pouco antes da sua retirada para Lisboa, toda a Direcção da Associação Commercial de Coimbra a fazer-lhe entrega duma mensajem de agradecimento que era dirijida á nossa Associação, acompanhando até á gare o nosso representante, onde lhe fôrão feitas as mais cativantes e cordiais despedidas.

Os factos que nosso delegado relatarão levãrão os Corpos Jerentes, que desde a promulgação da lei que avia estabelecido o novo rejime para a cobrança do sêlo da licença de industria vinhão reclamando para que ella fôsse modificada, a conferenciar novamente com o digno inspetôr jeral dos impostos e, mostrando-lhe que os acontecimentos de Coimbra tinhão vindo justificar ainda mais as suas anteriores reclamaçoens, conseguirão obtêr que o sêlo de licença de industria voltasse a ser pago conjuntamente com a contribuição industrial.

Nêste sentido publicou o Diário do Govêrno, de 25 de agosto, uma portaria elucidando as disposições do decreto de 27 de abril de 1903.

O relatorio pormenoriza os diversos factos desta laborioza e intelijente jerencia, fechando com muitos mapas de dados estatísticos referentes ao movimento desta associação, uma das mais poderozas do país.

Agradecemos a amabilidade da oferta.

Novidade litteraria

Acabão de sair na bêla edição das Obras de Autores Portuguezes, da casa editora França Amado, duas joias da nossa literatura de poucas conhecidas, a não ser de nome.

O grande espirito comico de Antonio Jozê da Silva é em Portugal pouco conhecido e estimado, apesar da voga que tem entre alemães, inglezes e francezes que o comparão a Molière.

A Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança, e as Guerras do Alecrim e Manjerona são das mais orijinaes e portuguezas obras da nossa literatura, das que tem andado sempre na admiração dos melhores espiritos.

De Bocaje se conta que fôra encontrado a rir perdidamente com a leitura da Vida de D. Quixote, dizendo a quem se admirava que o judeu tinha descoberto coizas que avião escapado a Cervantes.

O sr. dr. Mendes dos Remedios escreveu largos prefácios ás duas obras, com o são criterio, saber e dezassombro que nos tem feito sempre muito respeitar e muito admirar a obra deste trabalhador tão onesto como infatigavel.

É do prologo da Vida de D. Quixote o estudo sobre a inquizição, que ôje transcrevemos.

A vida e a obra de Antonio Jozê é estudada com conhecimento perfeito da atmosfera de corrupção e bestêrio que caracterizava a época de D. João V, apresentando pontos de vista orijinaes que mais uma vês affirmão o talento e o estudo do ilustre prefêctor.

A edição é como as outras da casa França Amado.

O sr. França Amado tem tido uma carreira de editor felis.

O directôr das suas officinas tipograficas, rodeiando de tão intelijentes cuidados as suas edições tem as feito notar, conhecer e estimar em todo o nôsso meio de livraria.

A escolha que fêz para directôr da sua coleção classica do sr. dr. Mendes dos Remedios é das que mais indicão a sua mão felis.

Ao autôr e editor agradecemos os exemplares enviados, com a jentilzêa abitual, a esta redacção.

Foi promovido a primeiro astrônomo do observatório da Universidade o sr. dr. Francisco Miranda da Cõsta Lobo.

Cartas inéditas de el-rei D. Pedro V

O Novidades publica no seu número de quinta-feira, a carta seguinte:

«Ainda mal arrefecido no leito da morte o côrpo do meu chorado pái, vem um jornal de Coimbra no seu numero 944 de 13 de outubro corrente, intitulado Resistencia, amesquinhar em ortografia sónica os méritos de escritôr que o falecido incontestavelmente possuia, e elevar por entre uma critica póstuma e parcial o nome dum vivo, o sr. dr. Mendes dos Remedios, ilustre directôr da bibliotheca da Universidade e lente da faculdade de teolojia.

«Embora me não cumpra analizar o trabalho d’este senhôr, que não tenho a onra de conhecêr, não posso desconhecêr o talento que revela o prefácio da obra citada. Mas, mênos ainda, dêvo calar no intimo, sem protêsto veemente, o aproveitarse do falecimento do autôr da sludida obra, que já não pôde defendêr-se, para criticar com manifesta ignorancia o seu trabalho, e enaltecêr á custa da sua memória os méritos dum seu colaborador.

«Se o seu trabalho mereceu criticas, porque não se publicãrão em sua vida? Ele se defenderia com a pena, e estou certo que não muitos averã que o fãção tão brilhantemente. As ilaçoens que daqui podem deduzir-se deixo-as ao critério do leitôr, que por certo com justiça analizará o procedimento avido, sem precedentes.

«Para provar que a meu pái era mais do que familiar o assunto, que não desconhecia na quazi totalidade a bibliografia dos estudos modernos da mêma natureza; que o não fêz simplesmente pelo impulso duma leitura do scuzo, remêto o leitôr para a coleção dos jornãs a Verdade, de Tomar, Portugal Velho, Vanguarda, Nação, Gazeta, Ecos da Avenida, etc., onde por variadas vêzes publicou interessantes artigos sôbre psicologia, questôis sociais, etc.

Os seus amigos e admiradores, que êrão muitos, são ainda um testemunho da sua vasta illustração e espirito superior. Chamãvao-lhe erudito. Mas achou a Resistencia, ou alguém por ella, sêr o momento actual o mais oportuno para publicar a revanche da carta inserta nas Novidades, n.º 5857, de 14 de maio de 1903.

Em conclusão: na bibliotheca do extinto encontrão-se cerca de 60 a 70 volumes de vários autores estrangeiros, sôbre os mêsmos assuntos; uma carta autógrafa de M. Paulhan enaltecendo o trabalho da Psychologia do senhôr D. Pedro V e vários jornãs apreciando com louvôr o mêsmo trabalho, etc.

Por julgar sufficientemente demonstrada a falsidade das asserçoens da Resistencia, termino pedindo a v. a publicação destas linhas nas Novidades e confessando-me por isso agradecido sou

Barreiro, 20 de outubro de 1904. De v. etc., Henrique Loureiro.»

As condições particulares em que ésta carta é escrita e o sentimento de piedade filial que a dita, opôe-se naturalmente a qualquer discussão.

Se escrevêmos sôbre ella é simplesmente para que ninguém por má interpretação do seu tento tome o sr. dr. Mendes dos Remedios como colaborador da Resistencia.

O sr. dr. Mendes dos Remedios é directôr do Arquivo bibliografico da bibliotheca da Universidade, e colaborador da Folha de Coimbra.

A Resistencia fêz apenas a retificação, que achou justa, ás noticias publicadas, porque nêste jornal se não olha ás opiniões politicas de ninguém, quando é necessário louvar a sua obra.

Quem dirije a Resistencia é tambem pouco acessivel ás sugestôis da vaidade ou do interesse, próprios ou alheios.

Afirmou o valôr relativo de dois trabalhos, não imaginando que isso pudesse ir maguar cruelmente alguém.

Os trabalhos estão publicados, são do conhecimento de todos, cada um poderá ter opinião própria, sem necessidade de discussões inoportunas e estêreis.

Quanto á carta do n.º 5857 do Novidades, se a lêmos, esquecêmo la já.

O Novidades é jornal, que lêmos muitas vêzes, mas não costumamos deixar para tarde a impressão que a sua leitura nos fã.

Nem nos parece que o Novidades seja jornal para impressôis a longo prazo.

(1) O illustre professor da Universidade de Coimbra Pascoal Jozê de Melo Freire dos Reis († 1798), escreveu tambem um Projeto dum novo Rejimento para o Santo Officio, que nunca obteve approvação, certamente pelas ideas humanitarias e tão contrarias ás segundas nos documentos similares anteriores, e que se conserva manuscrito na Bibl. da Univ. de Coimbra.

(2) Vejião-se sobre tais Rejimentos, Pereira Caldas, Os Rejimentos da Inquizição em Portugal, Braga, 1877, e J. Martins de Carvalho, no Combricense, na serie de folhetins a principiar em 9 de outubro de 1860 e a concluir em 6 de novembro do mêsmo anno.

O assassino do Mano

Fôro postos em liberdade os supostos autores do assassinato que a policia não tem sabido esclarecer. Assim devia ser.

O que se impõe, como um dever, é entregar o caso a quem tenha competência para o levar a bom termo.

A policia de Coimbra não está abilitada a esta ordem de averiguações, nada pôde por isso conseguir a não ser por acaso.

O crime não parece ter-se passado entre profissionais; apesar da existencia provavel de cúmplices, não se trata de criminosos explorando o assassinato por interesse, e, se esta circumstancia pode tornar provavel a descoberta do criminoso pela pouca idade e pela falta de endurecimento no crime, com que se conta, pôde tambem dificultar-la pelo meio especial em que se deu.

Não se deve contar mais com as palavras de prostitutas. Se elas tivessem o segredo do crime, á muito o terião revelado.

Esse meio é pouco para segredos. O que averia a fazer era mandar vir de Lisboa policia que se tenham distinguido em investigações desta ordem.

Se tal se fêz, como se dis, o crime será brevemente descoberto.

O sr. dr. Luciano Pereira da Silva, lente catedrático da Faculdade de mathematica foi nomeado segundo astrônomo do Observatorio astronomico da Universidade de Coimbra.

Pediu a sua demissão o sr. major Augusto Candido de Souza Araújo, commissário e policia em Coimbra.

Previsão do tempo

O meteorologista espanhól Escolástico fêz as seguintes previsões acerca do tempo provavel na segunda quinzena de outubro:

Até 20 — Vento sudoeste na Andaluzia, Levante, Mancha, Uélva e Mediterrâneo. Bom tempo nas duas Castelas; céu nublado e predisposição para chuvas na Extremadura, Asturias e Galiza. Temporal no Atlantico com reflexão no estreito de Gibraltar.

De 21 a 24 — Vento sudoeste em diversos pontos da península: borrasca no Cantabrico; ambiente úmido e céu nublado na Catalunha. Chuva ao norte e tempo frio nas rejioes centrais da península. Tempestades e varaiçadas no Levante, Andaluzia e Extremadura.

Nas Asturias chuva. De 25 a 26 — Temporal no Cantabrico. Mar agitado no Mediterrâneo. Frio nas rejioes centrais de Espanha e noutes frêscas no Levante. Andaluzia, Extremadura e Catalunha.

De 27 a 31 — Temporal no Atlantico. Borrásca no Cantabrico e temporal no Mediterrâneo. Tempo frio com jeadas, nas rejioes centrais da península néve nas grandes cordilheiras e váes próximos. Tempo revolto na Andaluzia, Extremadura, Levante e Catalunha.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Passatempo

O n.º 92 desta publicação é verdadeiramente interessante.

Nêle figurão os nomes consagrados de dois escriptores, Campos Junior na Cronica e Gabriel Pereira na descrição do tumulto dos Perestrêlos em Tórrea Vedras.

O n.º 93 que saíu em 17 do corrente, inicia a publicação do romance historico *Águia morta* de Antonio Campos Junior. Este romance que é todo guarnecido de finissimas illustrações, começa pela trágica derrocada de Napoleão, na noite sinistra de Waterloo. O escriptôr arrasta e subjugua o leitor fazendo-o assistir áquella luta de gigantes que, principiando ás 11 horas da manhã, acaba já de noite, o luar caído a jórros sobre aquêllo campo de mortos emquanto o último quadrado luta ainda como leões e Napoleão com o seu estado maior abandonão o campo em que as suas aguias perecerão. Todo o resto da obra é simplesmente sobérbo.

O *Passatempo* que passa a ser semanal, conta, entre outros colaboradores, com os distintos e laureados poetas Bulhão Pato, Gomes Leal, D. João da Camara, Lopes de Mendonça, com o notavel poeta e humorista Alfrêdo Ribeiro (Rui Barbo) com o illustre arqueólogo Gabriel Pereira, digno inspetôr das bibliotecas, e com Campos Junior que assume a direção literária da revista.

Nunca em Portugal se fêz uma publicação tão luxuôza, tão módica e que a par duma redação de elite apresente um romance historico tão empolgante como a *Águia Morta*, devido ao talento dum romancista cujo nome se consagrau no *Guerreiro e monje* e *Marquês de Pombal*.

Tôdos os pedidos a Grandêla & C.ª, rua do Ouro, Lisboa. Assinatura do *Passatempo*, incluindo o romance, custa apenas 750 réis por semestre.

Foi promovido definitivamente o professor de instrução primaria de Santa Cruz sr. Jozé da Silva.

A junta de paróquia de S. João do Campo, solicitou da camara de Coimbra a permissão de eleger nas próximas eleições cinco membros e não três, como até agora, alegando que a sua população figura no recenseamento em mais de 1.200 habitantes.

O sr. Luis Duarte Vieira foi apresentado na igreja paróquial de S. João da Cumieira, e o sr. Avelino Domingues, paroco colado na igreja do Espirito Santo de Lamas de Miranda, na igreja paróquial de N. Senhora da Conceição de Podentes, ambas da diocêze de Coimbra.

O sr. Jozé António Lopes Ferreira, notario na comarca de Anadia, foi transferido para idéntico lugar na comarca de Coimbra.

rio ajudá-lo nas ocaziões; porque muitas vêzes a audácia é impotente sem o consêlho.

Ombert, abituado á linguagem misteriosa e solene do boémia, sorriu com doçura e disse lhe adeus com a mão; depois dirigiu-se, através da clareira, para um massiço que a boémia lhe indicou.

Era necessario evitar a cidade de Fontainebleau, em que Ombert poderia ter um mau encontro: o duque de Orleans devia partir de manhã e seguir um caminho, que acompanhava a maior parte do tempo a margem esquerda do Sêna, até uma aldeia em que o esperávão muitos barcos para o transportar a Paris com as principais personagens da sua corte.

Tratava-se pois, para Ombert, de ganhar através da floresta, um ponto desse mesmo caminho que se encontrasse acima daquêllo em que o duque devia deixá-lo.

Ombert confiou de novo á boémia as rédeas do cavallo, e entregou-se, desta vês, com toda a confiança á sua amante, que meditava já talvez alguma nova traição.

Emquanto andávão, Ombert venceu o embaraço juvenil que o forçava ao silencio, e estabeleceu se uma conversação intima e fratérna entre êle e o seu guia.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Amelas e a rua Infante D. Augusto

Partidas	
Do largo das Amelas	Da rua Infante D. Augusto
8 ^h 30 ^m manhã	9 ^h manhã
9 30 "	10 "
10 30 "	11 "
11 30 "	11 30 "
12 30 "	12 "
12 30 "	12 30 tarde
1 tarde	1 30 "
1 30 "	2 "
2 30 "	2 30 "
3 30 "	3 "
4 30 "	4 "
5 30 "	5 "
6 30 "	6 "
7 30 "	7 "
8 30 noite	8 noite
9 "	9 30 "
9 30 "	10 "
10 "	10 30 "

Carreiras entre o largo das Amelas e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas	
Do largo das Amelas	Da estação B
3 ^h 10 ^m manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5 55 "	
8 10 "	
2 30 tarde	
3 36 "	
5 55 "	
6 "	
6 45 "	
8 58 noite	
11 22 "	
—	

Bilhetes de ida e volta

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 70 réis.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.

Do Theatro para baixo até ás Amelas ou Casa do Sal — 60 réis.

Recebem-se annuncios para serem fixados no interior de tôdos os carros em circulação pelo preço annual de réis 120000, sendo os annuncios e sellos por conta do annunciante.

A assignatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 120000 réis; e 90000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plataforma dos carros.

Zêa contou-lhe a vida aventureira e livre dos boémios; respondendo sempre com franqueza e injenuidade ás perguntas de Ombert, expôs-lhe a logica rigorosa e ferôz, em que é baseada toda a moral destes povos indisciplinaes que caíão então sobre o Occidente como as nuvens de gafanhotos de que fôra a escriptura; depois falou dos seus primeiros ãnos, da mãl, uma criança como êla, da mãl que amava com tanta ternura e que tinha matado.

Ao ouvir esta palavra, que soava no chilrear infantil da rapariga como o piar do môcho no meio da canção do rouxinol, Ombert voltou a cabeça espantado para a boémia.

— O quê?! exclamou. Sem duvida por acaso...

— Não! disse Zêa suspirando. Foi assim: a violeta florêsc antes dos lirios, e os botões d'ouro dos prados antes das rózas. Aos dize ãnos, minha mãl tinha uma filha que chamava Zêa; aos vinte eu era maior que minha mãl, e éramos ambas crianças. Um dia, que procurávamos morangos na floresta, chegámos ao cimo da Rocha que chôra. Naquêllo momento Carlos VI, que então não estava occupado, e que se divertia a caçar, passou com o seu séquito. Tôdos os senhores que formávão a sua escôlta nos disserão, ao passar, palavras que êrão ao mesmo

Côrtes de colêtes de fantasia, para o inverno, o que á de mais novidade.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

TEIXEIRA DE PASCHOAES

Jesus e Pan

PREÇO 400 REIS

Pedidos á livraria editora de José Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras 75 — Porto.

O producto deste livro revertêr á favor duma *Assistencia de creanças doentes* que se vae fundar em Amante.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de página a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e imprêssa em magnifico papêl.

Cadernêta semanal de 24 páginas e 1 crômo ou 32 páginas de texto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplár grátis a quem enviár a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volúmes.

Em publicação na A EDITORA, largo Conde Barão, 60 Lisboa

Cheviôtes inglêzas, o que á de mais moderno.

Machado — Alfaiate

Sofia 58 a 62

ANUNCIOS

OUTONO DE 1904

Raizes de Ranunculos, Jacintos, Tulipas, Anêmonas, Narcizos, etc. Sementes de Amôres perfeitos francezes, semente d'ortaliças nacionais e estrangeiras.

Rua Visconde da Lús, 12

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Trata-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

COMARCA DE COIMBRA

(1.ª publicação)

Éditos de dês dias

Pelo juizo de direito desta comarca e cartório do escriptão do 4.º officio, pende seus termos um processo de execução de sentença, em que figurão como exequente, Joaquim Carlos, cazado, proprietario, do logar e freguezia de Brasfemes e como executado Antonio Ferreira, viúvo, ferreiro, por si e como legitimo representante de seus filhos e como erdeiro de sua falecida filha Maria Jozé, residente tambem no dito logar e freguezia de Brasfemes, e pelo mesmo processo correm éditos de dês dias, a contar da última publicação do respêtivo anúncio, citando nos termos do art. 931 do Código do Processo Civil, os creadores dos executados que pretenderem deduzir preferencias o fâção no prazo marcado no § 1.º do art. 932 do dito Código. Verifiquei.

O juíz de Direito, Rôcha Calisto.

O escriptão do 4.º officio, Artur de Freitas Campos.

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Commensaes

Na rua do Loureiro n.º 13, recebem-se de cama e moza.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta casa depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu proprietário fornecendo-se directamente das principais fábricas de productos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estrangeiros; está a par do desenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possui uma collêção variada das mais modernas substancias e productos quimicos.

O aviamento de todo o reccoituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta casa encarrega-se de mandar os medicamentos a casa de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a hora do dia ou da noite.

Análizes completas

de urinas, expetorações, sangue, corrimentos ureterais e vaginaes, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, terrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excêcionais

Vende-se uma casa na rua do Rêgo d'Agua n.º 5 a 7. Bairro Alto. Para tractar João Favas, Largo de S. João.

flores de lis d'ouro: — Zea é a banda dum principe... Fôrão as suas ultimas palavras. Eu encostára a a uma arvore, e, ajoelhada deante d'êla, chorava sobre o seu coração. Durante êste tempo, minha pôbre mãl fizêra me um turbante com a banda bordada, e os seus dêsos apoiáão-se ao meu rosto até receber o seu ultimo suspiro com o seu ultimo beijo. Abri eu mesmo a sepultura, e plantei lhe um carrasqueiro que os falcões deixáão crescer. Mas não fui a S. Pol, e ganhei ódio aquêllo irmão do rei que teria amado se me não tivesse custado a mãl.

— E é por isso sem dúvida, interrompeu Ombert, que ontem opunhas uma resistencia tão ferôz ao fornecedor do principe? Aquella recordação só...

— O! exclamou Zea, que o tom azêdo do principe tornára doidamente alêgre, não era a unica razão. Esquece-se de que eu não estava em *toilette* de côrte; tinha esquecido a minha banda e o principe têr-me-ia tomado por uma mulher de má vida ao vêr me sair da mão dos seus archeiros. Não é assim que o quero vêr, porque o amo e odeio ao mesmo tempo. Ontem, creia, ao fugir-lhe, censurava a mim mesma o ódio injusto que me privava de pertencêr, quando mais não fosse entre dois sóis o mais nobre principe da terra.

(Continúa)

(48) Folhetim da "RESISTENCIA,"

O EXCOMUNGADO

XV

Mau encontro

O boémio tornára a vestir os farapos com que Ombert o tinha visto a primeira vês. Deu-lhe as boas vindas e indicou-lhe uma ospedaria, que lhe aconselhou preferisse a qualquer outra.

— Esta ospedaria, disse Ombert, convém sob todos os pontos de vista a um senhór cuja jerarquia é elevada, e a situação um pouco baixa. Os boémios não o inquietarão lá, e, apesar d'isso, não o perdêrão de vista, e servi-lo ão, sem o senhór saber, como amigos umildes e fieis. Este consêlho é o unico que dêvo dar-lhe. Conhêço a mocidade e sei quanto é esquiva aos enaiamentos que lhe não vêm da experiênciã. A necessidade á de trazê-lo ao nosso grêmio. Será recebido como irmão. Até êsse dia, guie-o o acaso! Muitas vêzes, proteje os ómens que se parecem com o senhór; mas é necessa-

União Vinícola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, à venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana*.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, o cûrão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcairão, jenuamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro
PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos.
Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

"REZISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 25700
Semestre 13350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 24400
Semestre 12200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 35600
Ilhas adjacentes, » 33000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha 40
Réclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os géneros, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauzeisses. Pudings de diversas qualidades, visto-semente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito;

medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustras, tijolos para ladrilhos de tornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanéis e paos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camizaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA
Rua Ferreira Borges

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta caza continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valór.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Mancel José Teles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgjico

Análizes clinicas

(Expetorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Água da Curia (Mogoforos — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogoforos
Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico Gotta, Litiase unica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 55000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 25500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 13300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os géneros, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em portuguezs daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 6g.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.º 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois esteve durante 16 annos, efetivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procurá-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

VINHOS DE PASTO GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo



COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafa de 5 litros	Garrafa de litro	Garraf. bordadas
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordadeza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

Officina tipografica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 948

COIMBRA — Quinta-feira, 27 de outubro de 1904

10.º ANO

BOATOS

Entre afirmações de ordem diversa, tem corrido o boato do aumento do ordenado dos ministros.

Para mostrar os esbanjamentos com que este governo começa não é porém necessário dar fóros de verdadeiro ao boato que aparece apenas como balão de ensaio.

Se o testamento do partido rejerador é ruindoso, a acção de batismo do governo progressista não se lhe avanta em propósitos de moralidade e economia.

Os chefes dos gabinetes, os secretários múltiplos florescem nesta situação por forma a atestarem pouco favoravelmente dos intuitos economicos do novo ministério, e mostram-nos também rezolvido a fazer prosperar as manhas do orçamento, com que não de ser pagos estes serviços que não figurão nelle.

Se o governo rejenerador deixou roendo no orçamento mais alguns dos seus partidários, inventando póstos e lugares com designações ridiculas ou vagas, a imprensa começa já anunciando futuras nomeações progressistas nem menos ridiculas nem menos vagas.

Começa-se já dizendo, como a garantir fidelidade futura, que este ou aquêlê terá *qualquer coisa* neste ou naquêlê ministério ou repartição.

A moralidade e economia dos que entrão equivale bem á moralidade e economia dos que saem.

Quanto a nós a necessidade de aumento de ordenado dos ministros não se fazia sentir.

Não falta quem em Portugal queira ser ministro.

Não será um aumento de ordenado que os fará perder ábitos adquiridos de esbanjamentos.

O ordenado dos ministros é na verdade insignificante e não está em relação com as despêzas que fazem.

Poderia, porém, estar muito bem em relação com as despêzas a fazer

Os ministros fazem despêzas com que não podem, que não são justificadas pelo ordenado, nem pela necessidade.

O ordenado dos ministros não é grande em Portugal, é até insignificante, mas a insolvencia dos ministros nunca veio do tempo que passarão nos conselhos da corôa.

E ninguem terá a injenuidade de acreditar que o cuidado com que no poder preparão a vida cômoda e regalada do ostracismo na opposição, seja forçado pelas dividas contraídas pelas necessidades de representação.

Não serão algumas centenas de mil réis a mais que farão com que os ministros de estado não favoreçam as companhias para se garantir um lugar de dirêtor, não será um aumento no ordenado que fará com que os logáres do estado sejam distribuidos escandalosamente pelos seus amigos e pelos seus parentes.

O abúzo do poder estabeleceu-se, como norma governativa, o

esbanjamento dos dinheiros públicos para conservar a fidelidade dos partidários e para fazer calar a ambição irrequieta dos contrarios que incomodão é ôje principio de todos os governos monárquicos em Portugal.

Quando o desperdicio está em ábito inveterado não é a facilidade de arranjar dinheiro que o fará parar.

Pelo contrario, isso só concorrerá para que o desperdicio continue em mais alta escala.

E o govêrno atual, que tem no seu passado tantos átos de desgoveryo e má administração, começa a vida da situação presente onerando o teozouro com mais um ministro de estado, e com todo um pessoal complicado, jenerosamente págo, afirmando assim o seu caráter perdulário, conservando-se dentro dos principios e norma da ruindosa administração, comum a todos os govêrnos de monarquia.

Antonio José d'Almeida

O sr. Silva Viana, na bela conferencia feita ultimamente no Ateneu Commercial de Lisboa sobre S. Tomé, mostrou a necessidade de combater a crise avassaladora de trabalho, determinada pela emigração constante de europeus, apresentando o alvitre de impedir a emigração aos que não justifiquem emprego certo, ou os recursos para poder alcançá-lo.

Lembrou que o unico auxilio que os emigrantes portuguezes tinham, tão longe da terra natal, era o que lhe poderia dar a humanitaria instituição formada pelo nosso brilhante correligionario dr. Antonio José d'Almeida com o titulo de *Pro Patria*, que tem por fim socorrer os europeus e repatriá-los.

O nome do nosso amigo foi muito aplaudido por todos os que bem conhecem os seus esforços para suavizar em S. Tomé a sorte dos umildes e desprotejidos da fortuna.

Antiguidades aricas

Este curso, aberto na universidade em 28 de fevereiro de 1903, pelo sr. Guilherme de Vasconcelos Abreu, distinto professor do curso superior de letras, vai abrir brevemente com o programa que já aqui noticiámos.

As aulas, que terão lugar na sala da biblioteca que serve de gabinete de leitura noturna serão de ôra e meia e terão lugar duas vezes por semana.

O curso da religião budica, que, pela sua analogia com o cristianismo, tem sido objeto de tão apaixonadas discussões, fás o objeto das lições dêste áno que é, por isso, de crêr que os estudantes da faculdade de tiologia não pèrcão ocazião de ouvir um profissional sobre assunto que tanto lhes interessa.

O curso da Universidade tem merecido as melhores referencias a todos os orientalistas, e a imprensa ingleza referiu-se a êle no acolhimento mais lizonjeiro.

Depois de duas convocações baldadas dos sócios da Associação Académica reunirão alguns estudantes determinando tomar uma deliberação em nome do pequeno grupo que acedêra ao convite por se vêr impossibilidade de reunir todos os estudantes.

A ordem do dia era contribuir para a subscrição publica aberta para um monumento ás victimas do último dezastre de África.

Rezolverão aderir a este movimento patriótico.

Jerónimo Silva

Nunca vi rizo de tanta bondade, tão alegre e tão sadio, em corpo tão forte.

O rizo dêle era uma tremura da vós, harmonioso, como o ritmo forte da contração dos seus músculos, e quem o ouvia rir, ria sem querêr, como as creaturas fracas reproduzem involuntariamente, no esbôço dum jêsto, o movimento que os impressionou pela sua força e pelo seu arrôjo.

O seu rizo era o rizo dum forte, soando claro como o rizo dos deuses novos da antiga Grécia, que comunicávo a alegria e a força do seu rizo ao vento que passava a murmurar, á agua dos ribeiros que saltava mais alegre sobre os seixos engastados na areia dourada, sobre que corria numa transparencia de esmalte a imájem azul do ceu sempre tranquilo.

Tinha o rizo pronto dos bons e dos fortes.

E era assim desde menino. Nunca se esqueceu aquêlê rizo de encobrir a bondade do seu coração jeneroso.

Ria para não faiar, como as crianças.

E têve toda a vida a injenuidade duma criança boa.

Era uma criança no carinho irrefletido com que protegia os mais fracos, na dedicação de todas as ôras da sua afadigosa vida.

Emquanto estudante, era o seu rizo a alegria de todas as festas de estudantes.

Não avia jinázio que o não disputasse e êle a todos servia sem preferencias, a todos dava o seu rizo sem rancôres.

Na Universidade, conservou a alivês da sua vida livre de estudante.

Todas as violencias se quebrávo contra o suor claro do seu rizo, ocultando a força da sua alma de lutador.

Era o seu rizo, que encantava mal começava a soar, claro como o som do oiro fino, que fazia socegar os doentes, mal se abeirava dêles, era a sua alma sempre a borbulhar ao cimo do seu rizo, que os dominava, dando-lhes a esperança, e que os ligava a êle como amigos antigos.

A sua intelligencia mostrava-se sem esforço; trabalhava despretençiosamente na alegria sã dos fortes de pensamento.

Era o seu rizo claro que dominava nas discussões politicas e o fês atravessar a vida mostrando sempre as suas convicções republicanas.

Toda a jenerozidade da sua bela alma se mostrava então com ardôr, mas o seu rizo continuava a soar sempre inalterável, tranquilo, forte e bom como a resonancia forçada da sua alma de oiro.

A consciencia da sua força nunca lhe deixava o perigo.

Para a luta deixava sempre jenerozamente o corpo forte, a sua alma boa; empenhava-se todo num esforço irrefletido numa audácia jenerosa.

Assim deve ter morrido.

O seu rizo dêve ter se levantado a socegar os que o vião em perigo.

Assim fôra toda a sua vida.

Assim dêve ter morrido.

Bom e santo Jerónimo...

T. C.

Reparição

Resparecerão, depois de uma interrupção na sua publicação os semanários de Lourenço Marques, *O Distrito* e o *Jornal do Comércio*.

Partido republicano

Reuniu ante-ontem, em casa do nosso amigo e correligionario sr. Cassiano Martins Ribeiro, a comissão central do partido republicano.

Comparecerão os srs. Francisco Viçosa, Manoel Antonio da Costa, Cassiano Martins Ribeiro, dr. Fernandes Costa, Antonio Augusto Gonçalves e dr. Teixeira de Carvalho.

O sr. Cassiano Martins Ribeiro justificou a auzência dos srs. drs. Anjelo da Fonseca, Costa Ferreira e Fausto de Quadros.

Por proposta do sr. Manoel Antonio da Costa foi lançado na acção um voto de sentimento pela morte dos nossos correligionarios drs. Emidio Garcia e Jerónimo Silva.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves apresentou um convite dos nossos correligionarios de Vizeu para a inauguração do Centro Republicano daquêlê cidade, rezolvendo-se agradecer a comunicação e convite e a representação naquêlê áto por alguns dos seus membros.

Por fim deliberou-se convocar as commissões paroquiais e municipal a uma assembleia para tratar de assuntos eleitorais.

Oração de sapiencia

Poucas vezes se tem visto um exito de livreria como o da oração inaugural do corrente áno lêtivo, pronunciada no dia 16, na sala grande dos átos, pelo sr. conselheiro Bernardino Machado.

O discurso que foi publicado na integra pelo *Mundo*, *Vanguarda* e *Resistencia*, teve, além disso, uma edição de 500 exemplares feita pelo sr. dr. Bernardino Machado, e outra de 1:000 exemplares feita pela *Resistencia* e vendida a favôr da crêche de Coimbra.

O sr. Moura Marques pôs ôje á venda uma nova edição, cujo produto revêrte também, em grande parte, a favôr da crêche; porque em Coimbra se não encontrava, á três dias, um unico exemplar á venda.

Poucas obras têm despertado um interesse tão vivo, e merecido á imprensa análizes tão demoradas e referencias tão elojoizas e de tanta justiça ao seu autor.

E' nos absolutamente impossivel transcrever d'uma vês só para aqui todas as referencias á primorosa oração, fa-lo-emos gradualmente e como no-lo consentir o espaço de que dispozêrmos.

Oje publicamos a do nosso colêga *Povo de Aveiro*, feita por quem, tendo assistido á festa academica, pôde julgar com inteiro conhecimento dos factos.

Não podemos deixar de exprimir o nosso pezar por a modéstia do sr. dr. Bernardino nos não consentir que para aqui transcrevamos as cartas que tem recebido dos ômens de maior sabêr e illustração do nosso país, e que são um testemunho unanime de aplauzo á sua oração inaugural, concebida no espirito filozófico moderno com tão alevantado sabêr e patriotismo.

A direção da Adega Regional de Entre-Douro e Lis propôs ao governo para dirêtor das suas adegas o seu consócio sr. Jacinto de Oliveira Zúquete, a quem não falta competência para bem exercêr este melindroso cãrgo.

E' de supôr que brevemente seja deferido o pedido da direção, que mais uma vês mostra o seu decidido empenho em vêr prosperar a nascente instituição.

Foi transferido para infantaria 16 o sr. Olimpio Pedro de Mélo, segundo sarjêto de infantaria 23.

UMA ORAÇÃO DE SAPIENCIA

O discurso inaugural do áno lêtivo de 1904-1905, na Universidade de Coimbra, foi este áno proferido pelo sr. dr. Bernardino Machado. E com o mais vivo prazer rejistámos que foi uma oração profundamente democratica, onde, a par da corréção e elegancia da fórma, se destacão as mais belas e rasgadas afirmações de principios.

Como sempre temos dito, sentimos pelo alto caráter e robusto talento do sr. dr. Bernardino Machado a maior admiração. Liga-nos a s. ex.ª uma sincera, uma verdadeira estima. Não nos tem isso impedido de manifestár, em questôis de principios, o nosso desacôrdo com o illustre catedrático, quando êle existe. Fizêmo-lo, e não deixaremos de o fazer, quando seja necessário, porque é um dêver democratico. Mas não o fizêmos, nem o faremos nunca alegremente. A nossa maior alegria seria podêrmos estar sempre de acôrdo com o eminente professor. Por isso mêsmo, é com uma grande satisfação que ôje o aplaudimos calorozamente pelo radicalismo de opiniões, que, com uma bela corájem civica, afirmou do alto da cathedra, rompendo dignamente com vèlhas uzanças, e pôndo de parte práxes estupidas.

E' preciso conhecêr-se o caráter obsoleto, despótico, impertinente nos seus fóros, afrontoso nas suas prozâpias, da Universidade de Coimbra, para se poder avaliar o valor civico com que o sr. Bernardino Machado foi ali combater a reacção sob todas as suas fórmas.

Querieriamos podêr publicar na integra tôda êssa bela oração. Como não temos espaço para isso, vamos transcrever os periodos mais salientes:

«O que é necessário, é um bom ensino. Dêsde a escola se fazem monarquias ou republicas, erguem-se ou aluem-se impérios. Ensino despótico: govêrno despótico; e o despotismo, ainda que seja o despotismo maternal do amor, produz fatalmente o enfraquecimento e a ruina das familias e dos estados. Só á uma educação salvadora, e para a qual nos cumpre urgentemente apelar, para transformarmos este apoucado Portugal de ôje no grande Portugal d'amanhã, digno erdeiro e continuador do eroico Portugal d'outr'ôra, ôna e glória da humanidade: é a educação liberal. Uma Universidade deve ser escola de tudo, mas sobretudo de liberdade. Nem o professor é um pontífice, nem o discipulo um cateumeno. Quem, como estudante, andou sempre de rastos, curvando a cada momento a intelligencia, a copiar, a decorar e a repetir as idéas e até as palavras do mêstre, para acariar as suas boas graças no precário exame final, que admira que, concluindo o seu curso de servidão, com um falso diplôma que o não habilita para empreênder nada por si, vá engrossar a miseravel turba de pedintes que estendem umildemente a mão a todos os potentados do dia, por mais ignobeis que êles sejam? Na obediencia passiva ninguem se prepara para as varonis rezoluções da vida.

Ser instruido é ser livre. Uma nação sem originalidade, que nada cria, inventa e descobre, e apenas vive de emprêsimos materiais ou espirituais, se, pelo prestijio do nome erdado, ainda consêrva a sua autonomia, não está longe de perdê-la. O que enaltece os individuos como as nações, é a grandeza de caráter, é o vigor e o rasgo da sua iniciativa, a sua perseverança inquebrantável, o seu dezassombro, a sua ômbridade.

O despotismo aniquila o próprio despota. Por isso nos cumpre proclamar bem alto aos nossos estudantes que êles não frequentão as aulas para, fidalgos já pelos dons da natureza e da

fortuna, que vão dissipando senhorialmente, se investirem dentro delas, sem ser mesmo em prêmio da sua proficiência, na prozália da fidalguia do talento, não menos vã e ruinóza. Nada de super-ómens, que ás antigas tiranias clericais e plutócratas vêmhã acrescentar outra, igualmente revolvente, a dos intelectuais, que tudo se julga permitido, a título da sua supermancia doutoral, até o mais escarnento desdem pelos ignorantes, e todos os preitos de vassalagem exigem, que jámais préstão a alguém o mínimo auxilio por que se não páguem logo leoninamente. Com tais oligarquias, a sociedade não dispense só uma, mas muitas listas civis. Eduquemos cidadãos, não príncipes. Búsque-se a verdade, não para a fechar e detêr como um ministério, um monopólio, um privilejo, para a convertêr, em sùma, numa autocracia, mas para enriquecêr com éla o património comúm, derramando-a aflux por todos os espiritos.

Uma Universidade póde lá deixar de ser política? Não é dentro déla que se ministra o mais alto ensino de direito público? Se os pensadôres não governãrem, governãrão os interesses e as paixôis, sem o freio da razão. Infelizmente, quantos dos nòssos òmens de sciência, para se esquivãrem aos descómodos e contrariadades, aos riscos, da vida pública, que é e tem de ser sempre afinal uma lùta acêza, se não dedignão de acorrentar-se á sorte dos aventureiros politicos de peôr fama, á espêra de que tudo lhes chêge sem cùsto um dia com a vitória cortezã dos magnãtes que os capitaneão!

Levantemos a vós perante o país e os poderes constituídos, exerçamos, juntos, a nòssa soberania de cidadãos e eleitôres, até para reivindicãmos os direitos augustos do ensino, intervindo sem subserviencia e dezaire no seu govêrno. As mesmas questôis ajitã a sociedade e a escola, e reverberã duma á outra. Ambas têm uma questão religiôza, uma questão econômica e uma questão política, e no fundo, uma questão de trabalho, que é idêntica para ambas.

Ateocracia alça lá fóra o seu pendão, tentando imperar, mesmo contra a legislação estatuida? Tambem aqui dentro da nòssa Universidade tenta ainda impôr, contra a civilização, rezas e juramento religiôzo, vélha liturgia já abolida por toda a pártie até na vizinha Espanha, a que a nòssa inércia comodista e tranzijente não liga importancia, mas que impôrta na realidade uma afronta flagrante á liberdade de consciência e o perjúrio, e a exautoração aviltante de todos os que têm por officio precizamente opôr ás abuzôis, óis preconceitos, ao êrro, á verdade, á fé no milagre a fé na lei. Secularizar a sociedade e secularizar a escola é tudo um e o mesmo problema.

O mesmo poder que lá fóra é discrecionário, edicta penalidades contra a liberdade de exame e de discussão, declarando-a um delicto e ilegais os partidos que a reivindicquem, conta para a ordem social sómente com o terrôr dos castigos, suprime as garantias do processo judicial, e persêgue, ás pranchadas, os manifestantes pacificos, cá dentro brande sobre a Universidade a férula do fóro acadêmico, amedã com a expulsão e pèrda de ãno os seus alùnos, acutilla-os, e já se atreveu a demittir o seu secretário e a retardar a devida promoçã de um dos seus lentes para os punir das opiniôis democrãticas onradamente expendidas por um e outro. E fê-lo exatamente, quando o empolgãvã na sua mão os mesmos autôres da lei de 13 de fevereiro de 1896.

Como estas, muitas outras afirmaçôis rasgãdamente democrãticas. Ao sr. dr. Bernardino Machado respondeu o sr. dr. Calixto, que está fazendo as vèzes de reitôr. Dizem-nos que não é costume discutir a oraçã de spiência. O sr. Calixto, porém, fêz este ãno uma excêçã, por amor das instituiçôis e da ordem. Pois mais lhe valera estar calado. Dizemos-lho sem nenhum espirito de parti pris, sem exaltaçã de partidário, sem paixã de sêctário.

O sr. dr. Calixto não fala bem. Tem facilidade de palavra. Mas a palavra fácil não bãsta. É preciso que éla seja apropriada, e que fale á inteliçã e ao coraçã, com toda a gradaçã de tons que a tórno dominadôra ou sedutôra. Ora se o sr. dr. Calixto, além de não possuir o número preciso de tãrmos para exprimir duma forma variada a mesma ideia, fala sempre no

mesmo tom, o tom clãssico, com o correspondente jêsto clãssico, do vèlho pregadôr d'aldeia. Ou eleva a vós, ou abaixa a vós, é canto-chão, coiza, sem vida, capaz de fazer as delicias dos rapazolas que chegam á Universidade, ou que saem déla como entrãrão, mas detestavel para os ouvidos de pessoas cultas e aprimoradas.

No entanto, a incorrêçã da palavra, a auzencia de modalidades, a carência da fórma, não se fazem muitas vezes sentir diante da grandeza da idéa. Porém aqui, o dezãstre do sr. dr. Calixto ainda foi maior. O sr. dr. Bernardino Machado não é lente de direito. Pois ao sr. dr. Bernardino Machado, que combateu as ditaduras, as violências, o arbitrio, ao sr. dr. Bernardino Machado que calorozamente defendeu a justiça, o direito, respondeu um lente de direito defendendo as ditaduras, justificando as violências, aplaudindo o arbitrio, um lente de direito admitindo a injustiça e pondo de parte o direito!

Seria fantastico, se não fosse uma coiza muito real, que vem confirmar plenamente a asserçã, por nós tantas vezes feita neste semanario, do desvairamento, da anarquia que domina a sociedade portugueza.

Nós já vimos o professor de medicina legal da Universidade de Coimbra afirmar que todo o omem morto nas ruas pela tropa, que sãia a restabelecer a ordem publica, está, sem averiguaçôis de qualidade alguma, morto legalmente. Caiu um omem morto em rezultado d'um tiro disparado por um soldado? Cairão muitos, depois de uma descarga? Enterrãrão-se. Não se averiguãse a tropa abuzou, se cometeu ou não cometeu um crime. Fôrão mortos em nome da ordem? Estão bem mortos. Agora um professor de direito defende as ditaduras e as violências de toda a casta! Quer dizer, supõndo-se um omem d'ordem, julgando-se o defensor das instituiçôis, é apênas um omem de dezordem, e um inimigo confesso do direito em que assentio éssas instituiçôis. O sr. Bernardino Machado podia dizer tudo quanto disse no espirito rigorôzo e na lêtra rigorôza da instituiçã. Até quando combateu a obrigaçã do juramento religiôzo. Porque a verdade é que permitindo a lei outras religiôis, além da religiã católica, admitindo o rejisto civil, se amanhã entrar na Universidade, como estudante, ou como lente, um cidadão que ao abrigo da lei, não é católico, e a mesma lei será contraditória, será despótica, obrigando ao juramento católico aquêlo ao qual permitiu outra religiã, ou ao qual consentiu que não tivêsse religiã nenhuma. O que fãz nestas condiçôis, um professor de direito? Pede, em nome do direito, que acabe o juramento religiôzo obrigatorio, por mais religiôzo que éle seja. Ou então poderá ser tudo, menos professor de direito. Acabando o juramento religiôzo obrigatorio, não ouve a minima ofensa á consciência, á dignidade do do religiôzo. Subsistindo éle, subsiste uma grave violência para tãdo aquêlo que não professar a mesma religiã, ou que não professar religiã nenhuma.

A suspensã das garantias, a ditadura, só muito exceçionalmente é admitida pela constituiçã. As pranchadas só muito exceçionalmente, em cazos sérios, se pôlem justificar. Mas não é essa excêçã que o sr. Bernardino Machado combate. Era a ditadura permanente em que vivemos, éra o desrespeito continuo e sistemático da lei que a toda a óra temos diante dos olhos, éra a pranchada arbitrarria, dezordenada, caprichôza, que se determina, e executa, contra a mais legal e ordeira das manifestaçôis.

Era o sr. Bernardino Machado, que não é lente de direito, éra o sr. Bernardino Machado, que é republicano, quem defendia o direito, a ordem legal, a constituiçã. Foi o sr. Calixto, que se dis monárquico, que se dis omem d'ordem, que se dis lente de direito, quem combateu o direito, quem se pôs fóra da ordem, quem repeliu a lêtra e o espirito da constituiçã.

E dizão me que éra um omem de talento! Como o talento é coiza rara, por mais que se abuze déssa palavra a cada passo!

Não. Não é um omem de talento. Nem na fórma, nem na essencia. Nem como artista, nem como pensadôr. É um professor como á muitos, nêsta decadencia affitiva em que nós vamos.

ANTÔNIO MANO

Os amigos dêste desventurado rapás vão mandar colocar sobre o seu túmulo uma lapide, cuja execução artistica foi confiada ao sr. Jozé Barãta. A propóziro diremos que se gorãvão os esforços da policia amadôr que avia feito as declaraçôis q e toda a jente se apressou em chamar fulminantes.

Não queremos com isto malsinar o procedimento dos que se têm empenhado em ajudar a autoridade.

O seu procedimento é pelo contrário muito para louvar, mas é necessário não perder de vista que, se não á probabilidades de vir a descobrir como autôr do assassinato, um omem endurecido no crime, não é menos verdade que, a não admitir a auzencia do criminozo seguidamente ao crime, quem o fêz tem uma vontade forte, e, aceitando as conclusôis do relatório médico legal como verdadeiras, o criminozo é omem forte e corajôzo, sobre tudo se se não admitir a existencia de cúmplices.

Os cúmplices poderão bem ter faltado. António Mano era quãzi uma criança, pequeno, de poucas carnes, leve.

O que dezejamos mais uma vês accentuar é que a policia não deve desancar nos esforços que fãzem os particulãres para descobrir o crime.

Pelo contrário, esses esforços seguidos, a attitude do público e da imprensa impôl-lhe a obrigaçã de dar á descoberta do criminozo tãda a sua atividade.

Concordamos tambem que a rezerva da policia, quanto ás suas investigaçôis secrêtas, e a vinda de Lisboa de pessoal próprio e abilitado se impôl.

Se alguma coiza á, fãz bem em guardar segredo.

As declaraçôis do correspondente do Primeiro de Janeiro pa êcem porêrém indicar que nada á, e que pelo contrário, na policia se toma pouco interêsse por êste crime que a sociedade quer vêr punido.

Nas ruas tem continuado o movimento de tropas e troças aos caloiros que o ãno passado quãzi se não déra. Bom seria que a autoridade intervisse sobre o assunto.

As tropas têm sido orijem de mais de um dezãstre lamentãvel. Bom seria evitar a tempo o que mais tarde pôde ser irremediãvel.

Não percebemos tambem como a autoridade não proibe que os estudantes andem embuçãdos pelas ruas.

Esta vélha prãxe é orijem de abuzos correntes.

As observaçôis que fazemos não são sem fundamento.

Tem avido já mais de uma questão em que se tem puxãdo por revólvers. Não denunciãmos; avizãmos apenas dum perigo eminente.

A dotaçã das óbras do cas que era, até ao fim do ãno econômico de 1:500:000 réis, foi elevada a réis 3:000:000.

Esta medida econômica estãva de á muito a ser pedida; porque a vèrba destinada a estas óbras, por dimiuita, era em grande parte absorvida pelos serviços de fiscalizaçã.

Chegar se-lã sssim facilmente a gastar o dinheiro votãdo para éla, sem a vêr terminada, apezar da sua urjencia para a defêza e belêza da cidade.

Estã concluida a inspeçã dos prédios da frêguazia de Santa Cruz, bãze de uma futura remodelaçã da contribuiçã predial, que, como parece demonstrar o inqurito, estãva irregular e abuzivamente distribuida.

É factô que se dá em Coimbra como em outras tãrras do país, na frêguazia de Santa Cruz como nas outras.

Quem mais tem, menos páza. Os grandes prédios, os de maior rendimento, andão qualificãdos em rendas irrizerórias.

Os prédios pequenos, os dos abandonados do favôr publico andão pelo valôr real de renda, o que dá uma desproporçã injusta na contribuiçã.

Se, além disso, atendermos a que o imposto é exajerado e foi estabelecido evidentemente, contando com a falsificaçã prevista do cadãstro predial, para estabelecêr uma renda determinada ao estado sem melindrar os grandes proprietãrios, resalta mais evidente a injusta tributaçã dos pequenos prédios.

Cartas inéditas de el-rei D. Pedro V

O nosso illustre colêga a Vanguarda publica a êste respeito o seguinte:

O nosso prezado colêga *Resistencia*, de Coimbra, publicou um artigo acerca do nosso malogrado amigo, Ernesto Loureiro, que carece de sêr esclarecido. Torna se para isso indispensavel reproduzir uma carta daquêle distinto psicólogo que vem lançar muita lùs sobre a questã.

Eis a carta:

«As *Novidades*, n.º 5857, de quinta feira 14 de maio, (1903) publicaram a seguinte carta sobre a publicaçã do livro editado pela casa França Amado, de Coimbra:

Cartas de D. Pedro V

No Séclo de ôje lê-se a seguinte noticia:

O sr. dr. Mênzes dos Remédios, distinto lente da facultade de teolojia, acaba de publicar uma obra muito curioza, inserindo umas cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V a Jozé Jorje Loureiro, seu ajudante de campo. Estas cartas são prefaciadas e anotadas pelo autôr. Divide-se esta publicaçã, que é uma edição da casa França Amado, em três partes: 1.º Em vésperas de reinar; 2.º Seis ãnos de govêrno; 3.º A trajédia.

A noticia supra contém inexãtidôis, que é necessário esclarecêr: nem a publicaçã foi feita por intermédio do sr. dr. Mênzes dos Remédios, nem o conteúdo do livro publicado se limita aos assuntos acima referidos; para o que basta lêr o titulo da obra, que é o seguinte: *Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V, prefaciadas e anotadas por Mênzes dos Remédios e seguidas dum estudo psicológico por Ernesto Loureiro*.

A história da publicaçã é a seguinte: Meu irmão Ricardo Loureiro, que vive em Coimbra, e eu, possuímos trinta cartas dirijidas pelo sr. D. Pedro V a nosso tio Jozé Jorje Loureiro. No principio do ãno passado, vindo meu irmão a Lisboa, disse-me que tencionava ir pedir a Sua Magestade El-Rei autorizaçã para serem publicadas aquelas interessantissimas cartas. Eu aprovei calorozamente a ideia, e com effeito, meu irmão Ricardo obteve audiência de S. Magestade El-Rei, que prontamente concedeu a autorizaçã pedida, depois de pessoalmente as avêr lido.

Antes de meu irmão se retirar, para Coimbra, combinãmos ambos juntar á publicaçã das cartas um estudo meu acerca da personalidade de Senhor D. Pedro V, a qual tem corrido desnaturada por aliã distintos escriptôres.

Chegado meu irmão a Coimbra dirijiu-se pessoalmente ao conhecido editor sr. França Amado, que se encarregou da publicaçã das cartas e do meu trabalho, ficando-lhe pertencendo a edição da obra, e dando-me um interesse na sua venda, o qual nunca foi discutido, e que ainda ôje ignôro qual venha a ser; sem que com o que digo pretenda por qualquer fórma desmerecer a bizarria e integridade de caráter do sr. França Amado.

Depois disto lembrei-me que o meu umilde trabalho muito ganharia no favôr do público sendo acompanhado por um prefácio escrito por mào esclarecida e douta, e por intermédio de meu irmão Ricardo mandei pedir ao sr. dr. Mênzes dos Remédios o alto favor de que se trata.

O sr. dr. Mênzes dos Remédios benevolamente accedeu ao nosso pedido, e em seguida meu irmão Ricardo fêz-lhe entrega das preciozas cartas encerradas em elegante pasta, a fim de serem depositadas na Bibliotheca da Universidade, de que o sr. dr. Mênzes dos Remédios é digno diretor.

Depois disto nos primeiros dias de Junho do ãno passado, eu fui a Coimbra e pessoalmente agradeçi ao sr. dr. Mênzes dos Remédios o favor do prefácio prometido, sem que até ôje eu e éle nos tornássemos a vêr, ou ouvéssemos trocado por escrito qualquer palavra em contrário do que avia combinado.

Já lhe agradeçi por escrito o favôr do prefácio proficiantissimo e vasto, como era de esperar de tãdo douto professor.

Com toda a consideraçã, sou de v. etc. — Ernesto Loureiro.

Aguardãmos as reflexôis prometidas, parecendo-nos porém não avêr relação alguma entre esta carta e o nosso primeiro artigo.

Literatura e Arte

Olavo Bilac — CRITICA E FANTAZIA. — 1. vol. Livraria classica editôra, Lisboa, 1904.

Da Olavo Bilac, o primeiro dos poetas sul-americanos, publicou a cãza editôra A. M. Teixeira, na sua colêçã de *Prozadores e poetas brasileiros*, um volume de crônicas e artigos, coberto pelo titulo *Critica e Fantazia*.

Sugradamente garantido pelo nome poderôzo que o assina, êsse tãmo tem, como éra de prevêr, páginas magnificas.

Se é um livro dezigual, não é de maneira nenhuma, um livro inferior.

Tecido de trechos feitos ao acãzo, ao sabôr da inspiraçã, na obrigação pontual do jornal apressado, expontaneos uns, traçãdos outros com evidente esforço, é comtudo um volume interessante.

Não consêgue entuziasmar fortemente apenas porque, estando nós, acostumãdos a vêr o poeta tocar familiarmente a perfeiçã nos seus vèrsos jentilissimos, é com êsse mesmo esperançôzo dezejo de perfeiçã que abrimos o livro do jornalista. É um êrro decerto mas é tambem o merecido preito a éssa alta individualidade da rima brasileira.

O livro compõe se de quatro partes: *Em Minas — Crônicas Fluminenses — Notas diãrias e do discurso Na academia*.

Os primeiros capitulos pertencem ao livro ôje exgotado — *Crônicas e Novélas*. São pedaçõs de descriptivo vigorôzo de vélhas aldeias e recantos da rejião minense, lijeiras notas históricas sobre a *Marilia de Dirceu*; *Fr. João Joseph*, o introdutor das ritas no Brazil (patusco frade!), o *Triunfo Eucaristico* de Simão Machado, etc.

Devo destacar déstas noventa páginas iniciais o primeiro retalho que se chama — *Os lazãros* — e que é realmente excelente.

Na segunda e mais volumôza parte — *Crônicas Fluminenses* — Olavo Bilac dá-nos a sua colaboraçã da *Gazeta de Noticias e d'A Noticia*.

Agôra já não é o enternecido bucolico do principio, o solitário e pensativo vizitante das parajens vélhas do Ouro Preto, Ouro Fino e S. João d'El-Rei, embevecido na contemplançã das ruinas, das cruzes dos altãres delidos, na vibraçã estremunhada dos sinos quiétos.

A sua proza que nas primeiras páginas cantava enternecida com resaibos de poezia — *Sobre os roxãis silvestres abertos em flores, nas faxãas de ouro dos últimos raios do sol, dança o voô leve das abelhas; e apenas o seu susurro povoava a solidã destes sitios ermos* — espaneja se e simplifica se ao contãdo da vida da grande capital.

O bucolista de Minas transfôrma-se no elegante cronista do Rio, afivêla as suas polainas, compõe a gravãta, enfiã a lapêla e éle aí vã, mênos poeta e mais cidadão, surpreender aspêtos, comentar noticias, censurar ridiculos, apreciar factos.

A crônica de abertura é um esplendido artigo, vivo e significativo — *Bras Bocô ou ssa o Eterno Descontente, o Incontênte, o Naris Torcido: o Brazil*. É para mim considerada sob a formula admitida e abitual, a melhor crônica do volume.

Muitas outras se lhe sêguem criticando a politica, os costumes, os tipos.

E destacando nêssa farta colheita, á alguns trechos em que o cronista se esquece do jornal e vai para a poezia e para a novêla. É um contô de Natal maviôzo e terno em que á frases lapidãres como ésta: *e o seio pequenino e tímido da virjem palpitava pèrto do seio sensual e cheirozo da meretriz*; o ardente ino pagão, arrebataado e fogôzo — *Laus Veneris* — uma pajina de estilo candente; *Um Fantasma* que com o *capitulo dos Mosquitos* traduzem tãda a *fantazia* do titulo.

Precizo ainda salientãr os capitulos: *O Jogo dos Bichos, Caok, Republicas e a Rainha Draga*. Quanto a crônicas d'arte, muito rãras neste volume á as *Falsificaçôis* e como principal — *A Verdade no Theãtro* — sobre Antoine. Olavo Bilac emite a seguinte opiniã: *No THEãTRE CANIOINE, — o que vale o mesmo que dizer: em todo o theãtro moderno, — o modo de representar é definitivo; mas o theãtro em si mesmo, o theãtro ideia, — êsse é de tranziçã. Se êsse theãtro não fosse de tranziçã*

ção, a arte dramática estaria agonizando. Vê-se que o notável artista da Via Lactea, enfileira ao lado dos inimigos do teatro moderno com a atenuante de considerá-lo magnífico o seu processo cénico. Discórdia inteiramente das suas opiniões as exaradas, nessa curta estacão, e apenas lamento não ter estado para formular certas objeções contra a corrente contrária ao novo teatro que parece querer regressar ao also *combinacionismo* romântico.

As *Notas Diárias* são prezas muito apidas em que se anotáram algumas impressões ligeiras. O livro encerra-se pelo discurso de recitação de Afonso Arinos, que é moldado nas fórmulas do jénero, com certas orijinalidades, aqui e além.

Rejistada assim a minha opinião sobre o livro, que amavelmente recebi por intermédio da acreditada cáza Moura Marques, résta-me felicitar o editôr pela esmerada edição que apresentou e pelo empreendimento louvabilissimo de divulgar em Portugal a literatura brasileira que quasi completamente ignoramos pela auzência dos produtos livrescos americanos no nosso mercado.

E' ótimo que se vá ensinando a todos os que maldizem sistemáticamente o Brazil, que á lá um nucleo de escritores que fazem galhardamente, inexcitavelmente, a campanha da arte. Rompa-se essa barreira criminóza que nos oculta toda a paizajem literária do Brazil e se tão difficil parece ser a exhibição periódica do movimento artistico brasileiro ao ménos que venha um editôr inteligente e orientado que edite para nós, o que por lá se fás de melhor.

Felismênte parece que se vai rasgando esse silencio a que os livreiros têm condemnado, em Portugal, as penas brasileiras. O ano passado, *O Sertão de Coelho Neto*, depois o *Padre Belchior de Pontes de Julio Ribeiro*, agora o livro de Olavo Bilac, e a *Pastoral de Coelho Neto* anunciada por Tavares Cardozo, fazem prevêr uma era melhor para os brasileiros. Não falando da grande edição projectada das obras do poeta Fonseca Xavier.

Lisboa, 1904. Outubro, 26.
Manoel de Sousa Pinto.

Os professores do liceu central de Coimbra enviarão uma representação ao rei, pedindo o conservação do sr. dr. Luis dos Santos Viégas no seu lugar de reitor. Esta deliberação, tomada por todos os professores do liceu, muito onra o sr. dr. Santos Viégas, cuja atividade, e zelo muito se tem feito notar na direção superior do liceu de Coimbra, promovendo o seu progressivo desenvolvimento e atendendo a todas as reclamações dos professores, no interesse do ensino.

Theatro Circo

Animáram-se por fim os espetáculos do teatro circo, e não fôrão baldados os esforços que a empréza fês por isso.

Os trabalhos da companhia éram bons mas corrião com uma correção monótona que é pouco do nosso temperamento.

Todos os trabalhos apresentados são bons, com quanto não sejam novidade. E' difficil inventar ôje qualquer coiza em espetáculos de circo, por isso as companhias tem recorrido ao intermédio scientifico e á excentricidade.

Os cavalos adestrados passarão de moda. Oje os cavalos do circo sabem lêr, escrever e contar. Tem todas as abilitações legais para ministro do estado.

Folgamos que o encento das bailarinas e a animação da Feira de Sevilha nos garantão algumas noites elégres no aborrecido inverno de Coimbra.

Arte e Vida

Por erro de informação, cometemos no nosso ultimo numero algumas inexactidões a propózito desta revista, cuja impressão já começou.

A revista é dirigida pelos srs. João de Barros e Manuel de Souza Pinto.

A composição e impressão é das oficinas do sr. Albino Caetano da Silva.

O editôr é o sr. Moura Marques.

Dêve chegar depois de amanhã a Coimbra o illustre diplomata e fino literato dr. Albérto de Oliveira.

Vem reunir-se aos seus condiscipulos numa festa de saudade.

O sr. dr. Eujénio Sanches da Gama, que pertenceu tambem ao mesmo curso, e escreveu a sua recita de despedida, uma das poucas com valôr real, fês uma saudação aos seus condiscipulos para sêr distribuida durante o banquete.

E' d'este curso que dáta a *balada de despedida* nas recitas do quinto ano juridico.

A primeira balada foi feita por Alberto de Oliveira.

As eleições do corpos jerentes da ordem terceira de Coimbra, fizêrão-se no domingo, segundo os estatutos ultimamente aprovados, dando o seguinte resultado:

Ministro, sr. dr. Manuel Joaquim de Castro; vice ministro, sr. Jozé Albino da Conceição Alves; secretario, sr. Augusto Gonçalves e Silva; teou-reiro, sr. Jozé Monteiro dos Santos; definidores, srs. dr. Antonio Maria de Souza, Augusto Leonardo de Carvalho Francisco Antonio dos Santos e Benjémin Ventura; vigario de culto, sr. Antonio Maria Pinto.

Jozé Lópes das Nêves, condutôr de terceira classe foi transferido da direção dos serviços fluviais para a das obras publicas de Coimbra.

O sr. Guilherme Augusto Victorio de Freitas começará no dia 18 a inspecção ao distrito de recrutamento e reserva n.º 15.

O sr. conde do Ameal foijagraciado com a comenda da Conceição, e o sr. visconde do Ameal com a comenda de Cristo. As nossas felicitações.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Amélas e a rua Infante D. Augusto

Table with 2 columns: 'Do largo das Amélas' and 'Da rua Infante D. Augusto'. It lists departure times for various routes, including 'Partidas' and 'Chegadas'.

Carreiras entre o largo das Amélas e a estação B dos caminhos de ferro

Table with 2 columns: 'Do largo das Amélas' and 'Da estação B'. It lists departure times for various routes, including 'Partidas' and 'Chegadas'.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 reis. Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 reis. Recebem-se annuncios para sêrem fixados no interior de todos os carros em circulação pelo preço annual de réis 12000, sendo os annuncios e sellos por conta do annunciante.

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra ilustrada com numerózas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remeter adiantadamente a ésta empréza a importancia de dês cadernêtas ou tômos.

Brinde a todos os assinantes

Acceptão-se pedidos de qualquer numero de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, largo Conde Barão, 50

Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colónias e Brazil.

Acceptão-se correspondentes em todas as terras do reino.

Córtes de colêtes de fantasia, para o invérno, o que á de mais novidade.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES
(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 24 pájinas e 1 cómo ou 32 pájinas de texto — 60 réis. — Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes — Um exemplar grátis a quem enviar a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volumes.

Em publicação na

A EDITORA, largo Conde Barão, 60

Lisboa

ANUNCIOS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES DA BEIRA ALTA

Avizo ao publico

A partir do dia 1.º de novembro proximo futuro, serão suprimidos os comboios n.ºs 25 e 26, do orario de 1 de Julho do corrente anno, que correspondião em Pampilhóza com os comboios n.º 55 Expêssõ e n.º 8 Cor-reio da Companhia Real.

Lisbôa, 20 de outubro de 1904. O enjenheiro diretor da Companhia, Marquês de Gouvêa.

EDITAL

O doutôr Jozé Pereira de Paiva Pita, provedôr da Santa Cáza da Misericórdia de Coimbra

Faço sabêr que até ás 3 óras da tarde do dia 16 do proximo mês de novembro, se recebem propóstas em carta fechada para o fornecimento dos seguintes jéneros para consumo dos Coléjios de orfãos e orfãs de S. Caetano: 800 litros de feijão branco; 1:000 litros de feijão vermelho; 2:000 litros de feijão frade; e 1:000 litros de grão de bico.

As propóstas serão entrégues na secretaria da Santa Cáza, aonde se achão patêntes as amostras e condições da arrematação, em todos os dias uteis desde as 10 óras da manhã até ás 3 óras da tarde.

Na sessão de Mêza dêsse dia abrir-se-ão as propóstas e adjudicar-se-á o fornecimento se os preços conviêrem á Santa Cáza.

Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 21 de outubro de 1904.

O provedôr, Jozé Pereira de Paiva Pita.

MOBILIA

Vende-se um aparadôr, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cômoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

Leilão de Penhores

A Cáza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario, João Augusto S. Favas.

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, lindas vistas sobre o Mondêgo, agua e gás.

Tráta-se na Praça do Comércio, n.º 14, 1.º

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Commensaes

Na rua do Loureiro n.º 13, recebem-se de cama e meza.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.º 38, que consiste em magnifica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cisterna e da companhia, jardim e quintal com arvores de fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.º 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.º 148.

40) Folhetim da "RESISTENCIA,"

O EXCOMUNGADO

XV Mau encontro

Ombert mordeu os labios e ficou talado.

Ao fim de alguns minutos, Zea continuou, com um tom scismadôr, e como se respondêsse aos proprios pensamentos:

— E, apesar disso é necessario que êle mórta... O sangue quer sangue... Pobre senhôr, tão nôvo! tão nobre e tão bonito...

Ombert enterrou as espóras nos flancos da inocente Gibby, que caracolou e rinchou dolorosamente.

Zêa acariciou com a mão a vítima da sua estouvada garridice e animou-a com um tom cheio de doçura.

Depois de uma pausa bastante comprida, Ombert, que não podia dissimular o seu despeito, exclamou repentinamente e como um ómém que se importa pouco com adoçar e preparar uma transição:

— E o amôr! o amôr afinal... Porque esta manhã falou-me de tudo ex-ceto do amôr. Tem, sem dúvida, a êste respeito, ideias tão estranhas como so-

bre relíjiao e sobre moral. O que é o amôr na Boémia?

—O amôr! respondeu Zea, abafando a muito custo o rizo que começava a apossar-se dêla; e repetiu apertando fracamente Ombert contra o peito, e estreitando com os joelhos os joelhos do barão: O amôr...

Parecia sonhar e apertava cada vês mais os laços magneticos com que enleava o amante.

—O amôr dos lirios palidos da Touraine, disse por fim, é um sópro passageiro que os abate e os levanta alternadamente, mas que jámais os pártre. O amôr das rózas de Paris é um perfume suave e fugitivo que o vento leva e dispersa.

—Muito bem! disse Ombert com smargura, mas o perfume da violeta dos bosques não é nunca levado pela briza? Retem-no, ao passar, todas as sébes dos caminhos? E o botão douro dos campos recuza os sucos amargos do seu cális a todas as borboletas do ar? Mas deixemos esta linguajem obliqua, em que é mais ábil do que eu e com que me sinto embaraçado, de se equivoocar com imagens e de ocultar maus pensamentos sôb uma linguajem florida como o altar de S. Martinho na catedral de Tours. Responda-me, Zea, e não me tire a corajem de lhe ralhar, apertando-me assim contra o seu coração pérfido, cuja escuridão se esconde

tambem sôb flôres. O que é o amôr de uma boémia? Diga...

—O amôr duma boémia, disse gravemente Zea, é o reconhecimento pelo prazêr.

—O quê! Mais nada?

—Mais nada; mas não basta?

—Para si, talvez...

—E para o senhôr, então? exclamou Zea, cujo acento se tornou de repente duro, brêve, e impetuôzo, para o sr., que me fala, não é de mais? Não repellará amanhã a recordação importuna dêsta noite de que já talvez se envergonha? Quando os encantos, que eu murmurei ontem á sua volta, tivêrem cessado de atuar, como o perfume, que se evôla, quando os meus braços que vos enlaçávão, não aquêcêrem já o vosso sangue, que vos restará dêssa noite de felicidade além do remórso e do cansaço do prazêr? Porque as noites de boémia, querido noviço do amôr, não são noites de Touraine. Eu sei bem o que me espêra, e a esperança é uma armadilha, cuja isca conhêço. Ontem amava-me porque eu éra a Zea, a castelã fóra vendida, jemia como uma criança tímida, o seu olhar pedia misericórdia, éra ao mesmo tempo meu senhôr e meu vassálo, éra o meu Ombert; e amanhã, se a boémia acompanhada por um urso e por o anão, fôr fazer as suas abilitades debaixo de uma varanda cheia de bêlas damas a

de nobres senhôres, o sire de Roche Corbon voltará á cabeça córando, e fará afastar a bêla castelã, cujos olhos azuis e languidos procurávão os do conde Adhemar.

Ombert teve um sobresalto vivo, mas contêve-se, esperando que Zea lhe dissêsse mais. Zea, debruçada sôbre o flanco de Gibby, seguia o efeito das palavras no rôsto do barão; depois de uma curta pausa, continuou:

—Al está o que êles nos oferêcem, e exijem em trôca que o nosso pensamento os adôre e os siga de lonje, como dizem que êles adôrão o seu deus, e que os nossos sentidos lhe sejam fieis até á morte. Nós, os filhos do Ejito, nascêmos muito perto do sol para não vêr mais cláras as coizas do mundo, e deixamos éssa relíjiao ás mulhéres do Occidênte, que tem tantas e tão diversas ao mesmo tempo. O amôr de uma boémia é uma longa recordação e uma terna benevolência; não se alimenta com proméssas e juramêntos, não inventou palavras vazias e sonôras para enfeitar os dons simples da natureza; crê que o prazêr é santo, e toma-o por Deus; se não tem outros, a este pelo menos sêrve-o bem...

Ombert, que não ouvira éstas ultimas palavras, interrompeu a maligna prégadôra e disse-lhe:

—Talvês tenha razão, Zea, e fês-se mal, sem duvida, em exijir no amôr

mais do que se pôde dar... prometteu-me a sua benevolencia, a minha segui-la-á por toda a parte. Quanto ao reconhecimento de que falou, sinto que lhe devo mais do que a qualquer outra...

é uma confissão que tenho prazer em fazer-lhe. Mas Zea lembrou-me devêres e sentimentos que fóra a primeira a fazer me esquecer; não me queira mal por eu lhe fazer perguntas sobre um assunto de que parece ter as luzes que eu não tenho. Não foi por acaso que pronunciou o nome do conde Adhemar e eu compreendi a aluzão que quiz fazer, a o amôr que êle tem por Catarina. Acabe com uma brincadeira cruel e diga-me a verdade inteira: êsse amôr do conde é compartilhado?

—Não sei, respondeu Zea, e talvez que éla mesmo o ignôre tambem, mas eide sabê-lo. Quem poderá nunca compreendêr os sentimentos de toda a jênte? O senhôr embrulhou tudo com grandes frázes, talvez éla o ame como eu amo o duque de Orleans.

—Mas êsse conde de Adhemar, quem é, dônde vem o seu podêr misteriozo?...

—Sô do senhôr depende o sabê-lo dentro em pouco. Ouça...

O barão apurou o ouvido e ouviu um ruido confuzo de vózes, misturado com o dos passos de muitos cavalos.

(Continúa)

348

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de districtos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Ló...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Saccharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Saccharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os toom uzado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro
PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestos para ecclesiasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

“REZISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 3\$600
Ilhas adjacentes, „..... 3\$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Saneisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito;

medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas; balaustras, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e paos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE
Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lus — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinas uzadas em troca pelo seu justo valór.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Mancel José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgjico

Análizes clinicas

(Expetorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bóca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Litiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Directora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5\$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2\$500 réis.

Trimestre, 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras do bordados, 1\$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em portuguez daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafas de 5 litros	Garrafas de litro	Garrafas de meia-litro
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	350	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafas ou duzia de garrafas.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.º 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois estêve durante 16 annos, efectivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rollhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Officina tipografica

12 - Rua da Moeda - 14

N.º 949

COIMBRA — Domingo, 30 de outubro de 1904

10.º ANO

INTZE-RESSANO

Deu-se o primeiro conflito, na camara dos deputados, e parece que ella se não tornará a reunir.

O governo progressista, tanto tempo lonje do poder, parece estar farto de tutelas e recusa a cooperação leal dos seus colégas rejuvenadores.

O sr. Ressano Garcia, o grande campeão da moralidade progressista, levantou o escarcéu da maioria com as suas pouco lizonjeiras referencias á administração do sr. Intze.

Á cólera da maioria que lançava em rôsto ao governo o maltratar quem promettera não lhe levantar dificuldades e lhe prestára o seu apoio já, não discutindo propostas que se prestávão a discussão pouco favoravel para o novel governo, respondeu o sr. Pereira de Miranda dizendo que a maioria apoiára por não poder fazer outra coiza, respondeu a minoria com gritos pedindo a dissolução.

Desde que a entente dóce do sr. Intze e Jozé Luciano não pudéra obstar a que explodisse o escandalo dos fósforos, era de presumir que a minoria progressista teria força para sacudir a tutela injustificavel da maioria rejuvenadora.

Nada se lucrará com a troca se não vêr, talvez, entrar na camara com côr de progressistas, alguns influentes politicos que ainda á bem pouco tempo éráo partidários decididos do sr. João Franco.

Poderá o sr. João Franco consolar-se mais tarde, recebendo no seu grémio alguns vultos progressistas e intzaceos, que não deixarão de vir-lhe, se lhe chegar o poder.

No entanto o cázo dos tabacos consérva-se cada vês mais obscuro. Os pretendentes á concessão apparecem e desaparecem sem ninguem saber porquê, como os concorrentes a uma adjudicação de grande interesse.

São os negocios em prespétiva que cauzão todas as diverjencias entre os partidos rotativistas.

As perguntas anciózas da maioria da camara dos deputados que quér saber até onde lhe será permitida a colaboração com o governo, responde este com frases dúbias que pouca esperança pôdem deixar aos leais colaboradores deste ministério.

Não é a diferença de opiniões que os sepára, não é a diferença de ideal que os divide.

Ainda á pouco trabalhávão a par na ruina do país.

O poder passsou das mãos duns para as dos outros entre protéstos de amizade e cumprimentos cerimoniaes.

O que os divide é apenas o interesse.

Cada um tem o direito de se vender.

Chegou a vês aos progressistas.

Cái a immoralidade do sr. Intze, triunfa a moralidade do sr. Ressano Garcia!

Manhas reais

L'illustration, o grande jornal illustrado francês conta no seu último número a seguinte curioza história a propósito dos Humbert, tanto tempo considerados como reis da finança.

De quem é o quadro? — Frédéric Humbert, como é sabido, consagrava á pintura as horas vagas que lhe deixávão os embarços financeiros; fazia, ou pelo menos passava por fazer, quadros; expunha mesmo alguns, e foi assim que obteve no Salon de 1890 uma medalha com um quadro intitulado Luis XIII e Mlle de Hautefort.

Ora, á tempo, um amador comprava a um negociante dois Roybet: Uma benção na corte de Luis XIII, e um Richelieu esperando o rei. Alguns amigos avizados, tendo sido convidados a vir admi a sua aquisição, notáráo uma semelhança singular entre certas personalajens destas composições e outras muito mais modernas, que o caso dos cem milhóis tornára famozas.

Roybet tinha frequentado a familia Humbert...

Levantou-se uma dúvida terrível sobre a autenticidade da assinatura do mestre.

Como dissipá-la, senão consultando o próprio mestre?

— Essas duas telas, declara este, são realmente obra minha. Primitivamente formávão o quadro unico, que eu tinha autorizado Frédéric Humbert a expôr com a sua assinatura. Na venda Humbert, como me não tinham pago, aproveitei a ocasião de readquirir o que era meu. Nada mais simples.

A anedóta é picante; a galeria diverte-se e os comentários correm. Cada um aprecia a seu módo o desdobramento da tela e esta substituição de assinatura.

Como todas as realêzas se parecem...

CAMINHOS DE FERRO

Reuniu na quinta feira á noite, na séde da Associação Comerciál de Coimbra, a grande comissão eleita para defendêr os interesses desta cidade, ameaçados com o projeto da rede complementar ferro-viaria d'entre o Mondego e o Têjo.

Esta comissão não tinha á mais tempo tomado deliberações sobre tão importante assunto, porque tem procurado obter esclarecimentos bastantes para se orientar convenientemente.

Rezolveu agora dirijir uma representação ao sr. ministro das obras públicas, ponderando: Que Coimbra seja a résta das seguintes linhas: de Coimbra á Covilhã, via larga, continuação do ramal de Coimbra a Arganil; de Coimbra a Porto de Mós para Soure ou Miranda do Corvo, via larga. Estas linhas terião um leito unico até Miranda do Corvo ou Louzã, como acontece com a linha do Minho e Douro até Ermesinde. Outra linha de via reduzida de Coimbra a Santa Comba Dão. Esta linha já está estudada e seria a continuação do ramal de Vizeu em ligação com a linha projetada por Lamêgo a ligar com Trás-os-Montes.

Desta fórma, sem prejuizo d'outra qualquer terra, Coimbra seria compensada em parte, de lhe avêrem tirado o entroncamento da Beira Alta.

Coimbra, pela sua posição topografica, pela sua importancia social e material estava naturalmente indicada para centro converjente das linhas jerais do país. E' preciso pois, que de futuro se modifique a orientação seguida, fazendo aqui converjir todo o movimento das linhas a construir e que póssão ligar-se com os interesses desta terra.

Com o projeto atualmente estudado da rede complementar d'entre o Mondego e Tejo, julga a comissão dsfendêr assim os interesses de Coimbra; mas no cázo desse projeto sêr abandonado, como é natural, a comissão procederá de futuro como a defeza dos interesses da cidade o exijirem.

O Jornal do Povo, fôlha rejuvenadora da Guarda, de envolta com alguns insultos grosseiros á imprensa republicana, escreve a propósito da edição da oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado feita pela Rezistencia:

Achamos caro. Mas, para bem se avaliar da mercadoria, não seria melhor, mais leal e bonito que no final inserissem tambem a resposta dada pelo illustre e talentozo lente dr. Calisto? E talvez o negocio da Rezistencia fôsse melhor...

O Jornal do Povo fala sem ter lido, naturalmente, por achar caro. A edição da Rezistencia foi vendida a favor da crêche de Coimbra.

A Rezistencia não quis explorar o escandalo em beneficio de caridade, como teria feito talvez o Jornal do Povo em beneficio próprio.

Foi por isso que a Rezistencia não vendeu o seu numero á porta férrea, á saída da sessão inaugural, como pedia o seu interesse, explorando o escandalo que lhe assegurava a venda.

Foi por isso que a Rezistencia não fês a venda da oração do sr. dr. Bernardino Machado senão no dia immediato ao da sessão inaugural, deixando passar a efervescencia do primeiro momento.

O negocio da Rezistencia limitou-se a auxiliar a crêche, como tem feito sempre que se lhe oferece ocasião.

A exploração da Rezistencia consistiu em não explorar um escandalo.

E nem por isso a edição deixou de se esgotar.

Quanto ao discurso do sr. dr. Avelino Calisto, não á ainda a sua edição oficial.

E' conhecido apenas pelas notas da Rezistencia e do Povo de Aveiro.

Quando sair, publique-o o Jornal do Povo.

A Rezistencia não lhe inveja o negocio.

Aos grupos

A academia este ano não consegue reunir-se; tudo se fás em representações de grupos.

Um grupo de estudantes pediu a elrei a conservação do commissário de policia.

Um grupo de estudantes rezolveu aderir á subscrição aberta em Lisboa para o monumento aos mortos de Africa.

Um grupo de estudantes telegrafou ao ministro do reino pedindo feriado para segunda feira, ligando assim, como de justiça, o domingo, abuzivamente separado dos feriados dos santos por uma antipática segunda feira de sulas.

Já nem para pedir um feriado se arranja uma assembleia jeral concorrida!

O decadencia...

Dr. Bernardino Machado

Por esse país fóra — quér pelos jornais diários que representam a imprensa civica portugêza, quér pelo folhêto, em que se publicou para sêr pôsto á venda revertendo o seu pôdoto em favor de uma bela instituição — por esse país fóra, diziamos, já quazi todos os que sabem lêr, e se preocupão com os interesses da pátria, conhecem o monumental discurso que o distinto lente dr. Bernardino Machado pronunciou como — «Oração inaugural do ano létivo de 1904 1905, na sala dos atos grandes da Universidade de Coimbra no dia 16 de outubro de 1904».

Monumental, esse discurso. Elegante na fórma, nobilissimo na doutrina, altivo como protéstto, esse discurso é um libêto formidavel contra um rejimen criminozo, um punhado de verdades que andão na boca de todos os que têm alma, um latego de raios de luz zurzido sobre a notivaga carcassa oficial do país.

E com tanta força foi zurzido que a carcassa doeu-se. O país oficial, representado pelo dr. Calisto, repontou com veleidades de defeza, como se a verdade não estivesse aí patente a todos que têm olhos para vêr e quêrem vêr, como se ouvesse si algum capás de arrancar o tagante impiedozo, mas justiceiro, da mão de um ómém da estatura de Bernardino Machado!

Não pôdem, não. E se outras provas não ouvesse, de sobejo, para se mostrar o que é o país oficial, a sua fraquêza, o seu crime na nossa decadencia — evidente em todos os ramos da atividade social, — na nossa ruina vergonhoza, se outras provas não ouvesse aí estava essa, concludente, lójica, absoluta e esmagadora — a de sêr negada a palavra ao dr. Bernardino Machado para replicar, a de esse país oficial, representado pelo dr. Calisto, se collocar ao abrigo de uma lei anacrónica, sofisticada, adrede sancionada para acobertar o módo, adrede invocada para servir de refugio a quem não pôde mantêr-se airôzamente em campo abêrto, combatendo, desde que não á entuziasmo para a defeza de causas condenadas por injustas.

Porque, a cauza sobre que o dr. Calisto tentou um lance de defeza, é uma cauza condenada. Só pôde têr de fensôres por devêr de officio, carâteres amoldaveis, almas onde o egoismo tôma o lugar da consciencia. A verdade não pôde sempre encobrir-se com sofismas.

Mais tarde ou mais cedo éla irrompe luminosa, como um raio de sol dentre uma nuvem que o vento esfarfapa.

E a verdade estava aí na boca de Bernardino Machado. O distinto professor que tem levado a sua vida a evangelizar a verdade, não podia agora fazer o contrario. Alma que parece ter sido moldada em luz, não pôde têr logar para a mentira. A mentira é para os obsidiados da verdade, para essa órda famélica de exploradores que tem feito do Portugal oficial uma caverna de bandoleirismo! A mentira é para os lentes sem consciencia, para os sacerdotes sem sentimento, para os militares sem civismo, para os politicos sem vergonha.

A mentira é para os que, como dis o distinto professor, enão só atacávão as franquias do ensino mas ferião rudemente a sua existencia: fechárão-se escolas primárias tanto de instrução jeral como de instrução profissional. acabou-se com os muzeus agricolas, industriais e comerciais, suprimirão-se quazi por toda a parte, as aulas de instrução complementar, inicio da educação jeral da classe média, não se abrirão os liceus femininos, mal sorteados logo ao nascêr, e regateárão-se aos institutos de instrução, de todos os

graus, os mais indispensaveis meios de ação.

Este parágrafo só por si mostra-nos um quadro pavorozo. Mostra-nos esse rejime, em que vivêmos, de corruções e falsidades, a cauza principal da nossa decadencia. Um povo sem escolas de instrução e educação — e as poucas que possui ainda nas tristes e deprimentes circunstancias em que nol-as mostra a palavra justiceira de um dos primeiros professores do país, pelo seu talento, pelo seu sentimento, pelo seu caráter — um povo assim não pôde sêr senão o que está sendo e como lá por fóra já todos os povos o apontão.

Oxalá que as grandes almas, como a do Dr. Bernardino Machado, não esmoreção, se manifestem, se põnhão em campo armados e corajozos para a luta, numa ancia nobilissima de erguêr esse nosso Portugal do atascadeiro em que se encontra e onde mãos infames e protervas mais procurão radicalo!

Oxalá!... E ao expressar aqui o seu desejo, O Combate envia ao mesmo tempo as suas mais sinceras felicitações ao distinto professor dr. Bernardino Machado, pelo seu brilhante discurso onde tão alto e tão nobremente fálão, um cerebro e um coração, de bondade de pás e de justiça.

Estão em Coimbra os bachareis formados em Direito no ano létivo de 1891 a 1892.

Pertencêrão, a este curso os srs. Artur Montenêgro, deputado e lente da Universidade; conde de Penha Garcia, deputado; Alberto d'Oliveira, encarregado de negocios na Suissa; Agostinho de Campos, redator principal do Illustrado e chefe da Caixa Geral dos Depozitos, António Pereira Reis e Manuel d'Azevedo Ennes, advogado em Lisboa; Jozé Ventura da Camara, auditor administrativo em Lisboa; Ernesto Leite de Vasconcelos, diretor da Escola Penal Agricola de Vila Fernando; Guilherme Quilinan, adido de legação; António Candido de Nogueira, presidente da camara de Parêdes de Coura; Frederico dos Santos, deputado; Romano Santa Clara Gomes, antigo deputado no Funchal; Manuel Galvão, commissário de policia repressiva de emigração clandestina; Paulo Falcão, advogado no Porto; Eujenio Sanches da Gama, professor do Liceu de Coimbra, Alberto David, delegado em Vila Nova d'Ourem; João Antunes, conservador em Condeixa, Neves Alvim, conservador em Ourem, etc., etc.

Ouvirão ôje pelas 11 horas da manhã uma missa de sufrájo pelos discipulos mortos André Paulo de Sá, Daniel F. Pinto Guedes, Joaquim J. Sales Caldeira, Rui de Pina Macedo Ferrás, Francisco de Assis Godinho, Manuel Xavier Mourão Garcês Palha e Ruela Tavares.

Irão depois cumprimentar os antigos professores do curso e vizitar a Lapa dos Esteios.

A' noite, reunirão no Otel Avenida, num jantar.

De O Combate que está justificando tão nobremente a sua diviza — Pela Justiça. Pela Verdade. Pela Equidade, recortamos ôje o belo artigo sobre a oração inaugural do sr. dr. Bernardino Machado, publicado noutra logar.

Oférta

O sr. Antonio Joaquim Roza, atualmente em Coimbra em excursão de recreio, ofereceu uma moeda de ouro do reinado de D. Maria I, para o medalheiro da Universidade, onde não existia.

O sr. dr. Antonio de Mattos Cid, foi encarregado da rejencia da cadeira de história e jeografia, ultimamente creada na Escola industrial Brotero,

PENITENCIARIAS

Os jornais tem sido solícitos em proclamar aos quatro ventos a sensacional notícia da saída de qualquer penitenciário — quando tal facto se dá, pormenorizando bem o acontecimento.

Para exemplo veja-se o que acaba de se dar com o ultimo caso succedido nesta ultima semana.

Ora é na esperança de que, se a minha vós encontrar éco, eu possa contribuir para se obviar a inconvenientes que fluem daquella conduta, que venho fazer rapidas considerações sobre penitenciarias.

E parecerá que venho debater um assunto já gasto e todavia não é assim.

O que a propósito de penitenciaria para ai se tem dito não passa de mais ou menos bilis partidária, couza em que me não intrometo, porque sempre me indignou que questôis momentôzas de interesse publico fôsem desvirtuadas pelo prisma da chicana da facção politica. Se por ventura a questôis já foi debatida, olhada pelo lado que a considero, nem por isso me parece de mais o que vou dizer.

As penitenciarias, rejeitas com a proficiencia e luzes sobre ellas já pôde derramar a ciencia moderna nas suas ultimas afirmações, serião inegavel e incontestavelmente indispensaveis como meios terapeuticos na sociedade. Terião por escôpo curar o que a escola não poderá ou soubera prevenir.

Praticamente, porém, são um grosseiro arremêdo do que deverião ser para merecer o nome com que se pavoneião. Opôe-se-lhe o grande obice da carencia de illustração orientada em solidos principios. O erro é, como não pôde deixar de ser, o de conhecimento; porque não sou eu que venha acuzar os que servem esta, como qualquer outra instituição, de obrarem de encontro á própria consciencia.

A consciencia não é principio nem fim de cousa alguma. E' sim uma como que lente que recebe o feixe de principios tirados de varias causas, e, fazendo-os convergir sobre esta ou aquella acção, nos patenteia a relatividade entre esta e aquellas.

E' um ponto luminôzo em a nossa vida. Mas a luz não parte d'ela: ella sómente a foca.

Ora se os ômens, a quem incumbe guiar a sociedade pelos caminhos menos escabrosos, nem sempre se desempenhão bem do seu mandato, será não porque não queirão, senão porque lhes falta muita vês um farol de luz bem projectada que ajude a illuminar-lhes o caminho que tem a trilhar.

E é por tudo isto que eu mais uma vês insisto que quem tiver uma ideia a difundir.

Poderá não avêr entre essa ideia e a verdade absoluta do obieto que ella representa uma equação perfeita, mas, pelo menos, será uma aproximação, ou melhor, — a expressão duma das inumeras faces do poliédro a que equivale qualquer facto ou o obieto por mais diminuto que pareça.

E' evidente é que quanto maior for o numero de faces representadas, tanto mais próximo se estará de afirmar a verdade.

Pela minha parte, pois, falando jenericamente parece-me, e sem grande receio de errar, que a objectivação do obice de que acima falei se pôde resolver em — *caducidade* e portanto *insufficiencia* dos códigos na classificação dos delictos; *publica incompetencia* dos individuos a cujo cargo está a jerencia de taes estabelecimentos; e *condenavel conduta* dos oráculos da opinião publica em casos intimamente ligados com aquella instituição.

O código penal, assim como todos os outros, e como muitas outras coizas enferma do capital defeito de pretendêr insistente e inoportunamente limitar a dilatada e copada fronde no gômo onde uma vês esteve. A illustração, a educação, e as varias necessidâdes em jeral evoluirão; a consciencia de moralidade sofreu uma profunda revolução; quazi escapámos já ao preconceito relijiôzo, que não foi de modo algum estranho ao lejislar daquelles códigos; o ômem abandonou o reino, que se criara á parte, para entrar na harmonia da natureza: pois apesar de tudo isso, aquelles códigos não evoluirão de forma a acompanhar *parsi passu* a consciencia coléctiva que se ia libertando do dogmatismo que inspirára a jéneze dos mesmos.

São mais sentimentais que razão veis. Mal constatóo a calunia que assassinou e punem escrupulosamente a bofetada que castigou.

Toda a vês que o ato é contrario á lei não tem senão uma classificação — é um crime. O remedio tambem é unico e preestabelecido — a pena.

E todavia o ômem que matou pôde ser onêsto; e aquelle que fêre um animal que mal nenhum lhe fizera, e de cujo ato interesse nenhum lhe advem; é com certeza um criminoso. — E' um doente de sensação e de sentimento. Os ofrimento alheio puro e simples é para elle motivo de gozo.

Roubar dos pais pôde muito bem simplesmente indicar que outros tantos são os filhos a quem a fome irá inexoravelmente vitimar, se não fôr esse ato desesperado; roubar um lapis, um lenço, uma pequena couza, classifica o seu ajente na categoria daquelles para quem á fascinação na propriedade alheia.

— E os códigos considerão e julgão tudo ao contrario.

Castigão quem carêce de rejeneração, e para quem o cárcere, portanto, não será mais do que ferôz cultura aquellas más qualidades, que talvez apênas fôsem a dezabrochar, e tãntão muita vês rejenere o que é normal, transformando-lhe, pois, a penitenciaria em carcere desproporcional com o delicto.

(Continúa).

Flôro Enríques.

Fôrão eleitos para prezidentes das mêzas, nas proximas eleições camarasias, em:

S. Bartolomeu — Jozé Antonio Lucas, efêvico e Miguel dos Santos e Silva, substituto;

Sé Nova — Perfirio Novais e Francisco Corrêa;

Santo Crus — António Nunes Corrêa e Aureliano Jozé dos Santos Viegas;

Santo Antonio dos Olivais — Miguel Jozé da Costa Braga e Jozé Antonio do Vale;

Souzela — Jozé Marques Pinto e Francisco Joaquim da Costa;

S. João do Campo — António Francisco e Jozé das Neves Carneiro;

Sernache — Francisco Maria de Souza Nazaré e Manuel Teixeira da Cunha;

Taveiro — João Gomes d'Oliveira Mendonça Cortês e Jozé Ferreira Barbedo Vieira;

Castelo Viegas — António Maria Ferreira Malva e Vitor da Silva Feitor.

Reuniu ontem a congregação da Faculdade de Medicina para a distribuição das cadeiras vagas pela ausencia ou impedimento de alguns professores.

As cadeiras que avia a distribuir érao a de Propedeutica, vaga pela nomeação do sr. dr. Padua para governador civil de Coimbra, e de clinica médica, vaga pela ida para Lisboa em commissão nos serviços sanitários do sr. dr. Jozé Matos Sobral Cid e a de clinica médica vaga pelo impedimento do sr. dr. Adelino Vieira de Campos.

A cadeira de clinica médica foi distribuida ao sr. dr. Luis Viégas, e a de patologia interna ao sr. dr. Elizio de Moura.

A cadeira de Propedeutica foi distribuida, em accumulção, ao sr. dr. Elizio de Moura.

E' ôje a ultima representação da companhia equestre dirigida por Madame Majestrick.

A feira de Sevilha, as bailarinas espanholas, e os excentricos musicais completarão ultimamente a companhia formando um excelente conjunto, que, se tivesse aprezensado de principio, talvez ouvesse garantido concurrencia mais regular ao Teatro Circo.

Tomou ôntem, qela 1 ora da tarde, posse do seu logar de governador civil deste districto o sr. dr. António de Padua.

Ouve o cerimonia do costume: múzica, foguetes e os capêos altos do estilo.

Por portaria da direcção jeral de instrução publica foi concedida, ao sr. Antonio Ejidio Quaresma Lopes de Vasconcelos, autorização para a matrícula no primeiro anno de Matematica, com dispensa do exame de alemão.

A direcção jeral de instrução publica autorizou o sr. Mario Coutinho de Figueiredo a fazer exame de farmácia em Coimbra.

Ijiene escolar

De um estudo, firmado pelo distinto sub-delegado de saude, dr. Jozé Joice, e á tempo publicado, vamos respigar alguns trechos acerca do modo e do criterio porque a ijiene — tão util nas suas applicações e tão benéfica nos seus resultados praticos — é executada e desenvolvida nas escolas da capital.

E' mais uma «jirandola de foguetes» que sobe ao ar em nra dâo excellencias do nosso rejime escolar.

«Dizer o que são as nossas escolas será trabalho superfluo para quem por dever de officio tenha obrigação de as conhecer.

Mas, sobretudo, um ponto para que dejezo chamar a atenção dos que me leem, é que a nossa ijiene escolar é ainda perfectamente primitiva, rudimentar e anacrônica, e que a maior parte das nossas escolas, sobretudo as primarias, num país sabiamente dirigido, num país em que as couzas de instrução fôsem tomadas a sério, deviam ser condenadas por perniciosas, como a antizeze dos fins que são destinadas a preencher.

Em cazas sem ar, sem luz, ao azo perfectamente da exploração particular, o mestre, ou a mestra da escola estabelece uma ou mais aulas.

Colocada a respétiva tabolêta, arma o réclame, inventa novas aptidões, publica mapas dos resultados nos exames, expôe diplômas e titulos de capacidade scientifica, e, como qualquer estabelecimento industrial, abre as suas portas á concurrencia publica, annunciando instrução mais barata e aproveitamento mais rapido dos alunos nas disciplinas que constituem o mapa em exposição.

E isto tanto se fâs num quarto andar da Baixa como nos arredores da cidade.

A propósito me recordo que já vi annunciado, na rua da Bitesga, escolas infantins e jardins da infancia pelo sistema Froebel.

Em Portugal, a lei que exige uma rigorôza inspeção médica ás cazas de malta, as ospedarias e ôteis, com respeito a accumulção e ijiene das respétivas abitações, com respeito ás escolas, permite que em quintos andares da cidade, em ruas escuras e sujas, junto de cazas duvidôzas, e de ruas igualmente duvidôzas, se estabeleção coléjios e cazas de educação.

Seja-me licito lembrar que numa das ruas do Bairro Alto se estabeleceu um coléjio de meninas no mesmo prédio em que existia uma caza de metretizes.

E não á maneira de tornar uniforme a fiscalizaçao das escolas emquanto este assunto, e como este, muitos outros de ijiene e policia sanitaria não forem devidamente regulamentados.

Não á, em Lisboa, escola alguma que seja modelo, que satisfaça completamente a todas as prescrições da ijiene.

O licêu, se agora funciona numa caza que tem «algumas» condições para um estabelecimento dessa natureza, está comtudo longe de satisfazêr, pela falta de outras condições importantissimas, as necessidâdes e aos dictames de boa ijiene.

O seu mobiliario é velho e digno de figurar num bazar pobre de antiguidades.

Estabelecêrão se aulas sem que do antemão fosse determinada a sua capacidade para o numero de alunos que érao destinados a comportar.

Nos arredores do edificio, a iniciativa particular, com a mira de especulção, estabeleceu cafés e lojas de bebidas com os respéivos bilhares, e, os estudantes, no intervallo das aulas, veem para o largo, e para as ruas proximas, contender com os tranzeunos e dirigir chalaças ás mulheres, em doce convivio com os galêgos que se vão fornecer de agua ao chafariz próximo. A guarda municipal é a encarregada de manter a ordem e a disciplina.

Dentão para cá, esse estado de coizas pouco tem melhorado.

A escola é uma instituição preponderante nos nossos destinos, pois, embora se lhe notem e se põnhão a tôda a luz os erros, as imperfeições e as fallhas, incessantemente cometidos em matéria ijiénica, as couzas não mudarão. E' faral e calamitôzo.

Pois valia bem a pena considerár que na escola primaria, como um centro e um foco, está um elemento de força, de duração, de prosperidade, de grandêza da pátria querida.

O conhecimento da ijiene precisa ser jeneralizado pelo Estado, fazendo-o penetrar no seio de todas as classes da sociedade. Preciza-o porque a ijiene

ensina a conservar e a prolongar a vida e a evitar as doenças, porque prescreve o amor do dever e do trabalho, e porque nos defende contra muitos erros e prejuizos que embruscam o nosso espirito.

Ensinar esta sciencia «prezervadora e salvadora sómente nas universidades e nas escolas superiores especiais é disposição tardeira que já não aproveita a tempo e na medida em que é necessário divulgar a.

As mãis, aos parentes, aos mestres a todos que têm de desenvolver as primeiras facultades das crianças, corre o dever de lhes inculcar os principios da ijiene e o seu alto valor. Por isso, sômos sinceramente de parecer que o estudo da ijiene deve figurar — como estudo jeral e facil — no programma do ensino primario.

Esse tudo deve consistir em expôr os principios da ijiene com clareza, concizão, e por uma forma agradável e proporcionada á idade e á evolução mental das creanças.

Não seria muito penôzo ensinar-lhes como devem olhar pela saude, como devem vestir-se e alimentar-se, como devem assear-se, e como podem possuir um espirito integro e dois braços fortes, laboriosos. E as universidades e as grandes escolas naturalmente, não terião ciumes.

Carta do Rio de Janeiro

SR. REDATÔR. — Deixarão os jornais de falar nas «Manobras do Outono» para lamentar a triste nova que o telegrafo nos deu da catástrofe porque acaba de passar o nosso querido Portugal, cujo orgulho sempre tão altivo pelas armas, agora sófre um revês inesperado que tantas lagrimas tem arrancado a todos os que são portuguezes, e a muitos ainda que afastados da sua patria querida, mas cuja ideia e pensamento constantemente vão para junto da Bandeira Gloriosa da terra que lhes serviu de berço.

Tenho visto compatriotas nossos deixar deslizar sinceras lagrimas ao ouvir ler por mim os telegramas aqui recebidos dos correspondentes em Lisboa de diversos jornais braziteiros: é dolorôzo bastante para um coração portuguez ouvir a triste noticia da morte dos nossos bravos soldados nas margens do Cúnene! A 15 dias apenas que recebo a fatal nova do falecimento de meu sempre chorado irmão com residência na ilha do Principe, que me custou lagrimas das que poucas vêzes brilho nos olhos de quem como eu, está já um pouco com o coração frio e com indiferença pelas lagrimas; e eis que, quando ainda dominado pela surpresa, vejo cair as lagrimas ao saber da morte d'esses outros meus irmãos d'armas talvez miseravelmente assassinados nessa terra que, se tantas glórias assinala na historia portugueza, atêsta tambem o sacrificio de muitas vidas que pela sua dedicação patriótica tem garantido ao nosso país a admiração de todos os povos cultos.

Não são só portuguezes que, profundamente maguados, lastimão a morte no combate, ou pelo assassinato, dos nossos soldados; tambem os filhos do Brazil tomão parte na dor que nesta hora nos opprime, a nós soldados da Bandeira portugueza: o *Jornal do Brazil* de ôje, cujo numero envio, na sua primeira pagina encerra uma omenagem á memoria dos portuguezes massacrados em Africa.

Numa igreja desta capital é amanhã rezada missa por alma dos que pela pátria portugueza succubirão.

Foi aqui recebida com entusiasmo a noticia da simpática offta dos voluntários para o dezagravo das armas portuguezas em Africa.

Queria pôder comprehendêr como explicar qual o motivo porque só em março próximo pôde seguir nova expedição para Africa, como aqui se diz em vista de telegramas vindos de Lisboa; cinco mêzes, cento e cincoenta dias!... Como explicar tanta demôra? Não tem o governo ômens? Mande os chamar ao estrangeiro; aqui tem elle munitos, — eu mesmo não me excêtu do numero que o mesmo governo é cauza unica de a maior parte d'elles, abandonarem a sua pátria procurando assim meios de vida que o nosso governo nunca pensou de facilitar-lhes, antes os tem, e continua a facultar. Não tem o nosso governo dinheiro? Menos viâjens réjias, menos festas... e mais economias no funcionalismo publico. Tambem não

tem soldados? Cure mais dos officiaes e faça com que procedão de forma que o soldado nunca pôssa abominar a farda uma vês vestida.

Faça sr. redatôr destas minhas dezlinhadas, mas sinceras palavras, o uzo que entenda, ficando-lhe muito grato pela publicação das mesmas o seu assinante

Rio de Janeiro, 9—10—904.

P. V. Trindade.

Ultimas publicações

Da acreditada Livraria Editora Viuva Lavares Cardoso de Lisboa acabamos de receber:

Guerra a Guerra, por Cezar do Inso — 1 vol.

São as conferencias realizadas no Atheneu Commercial de Lisboa sob a bandeira da Liga da pás.

As conferencias versão sobre os temas — O duêlo —, — A guerra —, — Os perigos da guerra —, — Os amigos da guerra —, — A mulher e a guerra.

O autor apresenta como lema a frase de Victor Hugo dezonremos a guerra, e a elle subordina toda a sua argumentação apaixonada e jenerôza.

OS AMIGOS DAS CRIANÇAS, por Guilherme Jozé Ennes. — 1 vol.

Sob este titulo trata da açã que tem sobre as crianças os parentes e professores, a escola, e as colônias de férias.

E' uma obra cuja leitura se impõe aquelles a quem interessão os problemas de pericultura tão desprezados entre nós.

A obra do sr. Guilherme José Ennes é feita com cuidado e conhecimento das necessidâdes urgentes do nosso país.

Desta curiosa obra, cuja leitura recomendamos, e a que teremos mais de uma occasião de nos referir, tiramos ôje o pequeno trecho que publicamos, sobre ijiene escolar.

No dia 3 do próximo, mês teremos o julgamento de duas causas commerciaes: uma contra os erdeiros de Jozé Lopes Sénior, de Condeixa, por uma divida de 1800000 réis a António Jacob Júnior, e outra intentada contra Jozé da Cunha por divida de réis 1290920 a David Souza Gonçalves.

Fôrão admitidos á matricula do primeiro anno da faculdade de teologia, depois do respétivo exame de abilitação, os srs. Bernardo Pedro e Francisco do Livramento Gonçalves Brandão que concluirão o seu curso no Seminário de Coimbra.

O sr. conselheiro Bernardino Machado, partiu ôje para a Figueira da Fôs, aonde vai assistir á inauguração da aula de geometria da associação de carpinteiros dessa cidade.

Ouve ontem duas audiencias jerais, respondendo na primeira, por ofensas corporais, o mendigo Antonio Simões de Magalhães, da Cova do Ouro, e na segunda, por subtração fraudulenta, Enrique Ribeiro, da Figueira da Fôs.

Amanhã terá logar a ultima audiencia deste trimestre, julgando-se uma tentativa de subtração com arrombamento.

E' advogado do réo o sr. dr. Frederico Guilherme Nunes de Carvalho.

Estêve em Coimbra, de vizita a seu filho, o sr. Manuel Emidio da Silva, autor dos interessantes artigos *Coizas e loizas do Diario de Noticias*.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor — Moura Marques

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a luz

FIGUEIRINHAS JUNIOR
Livraria editora — Lisboa

ORARIO DOS COMBOIOS

SERVIÇO NO RAMAL DE GOIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

- 6,0 — Tramway: Figueira.
- 3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
- 6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
- 8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceres e Sul e Sueste. Os passageiros de 1.^a e 2.^a: para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
- 9,30 — Tramway; Figueira.

TARDE

- 12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
- 1,25 — Tramway: Figueira.
- 2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa).
- 3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
- 6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Este comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.

- 6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceres e Beira Baixa.
- 7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
- 9,7 — Rapido: Porto.
- 11,30 — Correio: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

- 12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sábados Vizeu.

- 3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.^a e 2.^a classe.)

TARDE

- 12,6 — Tramway directo da Figueira.
- 1,5 — Sud-Express: ás segundas, quartas e sábados.
- 3,10 — Tramway de Alfaiates e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira.
- 4,15 — Tramway do Porto.
- 6,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres e Figueira.
- 7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes).
- 7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
- 9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
- 11,40 — Tramway, directo da Figueira.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

Carreiras entre o largo das Amelas e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Amelas	Da rua Infante D. Augusto
8 ^h 30 ^m manhã	9 ^h manhã
9 30	10
10 30	11
11	11 30
11 30	12
12	12 30 tarde
12 30	1
1 tarde	1 30
1 30	2
2	2 30
2 30	3
3 30	4
4 30	5
5 30	6
6 30	7
7 30	8
8 30 noite	9
9	9 30
9 30	10
10	10 30

Carreiras entre o largo das Amelas e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Amelas	Da estação B
3 ^h 10 ^m manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5 55	
8 10	
2 30 tarde	
3 36	
5 55	
6	
6 45	
8 58 noite	
11 22	
—	

A assignatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 12000 réis; e 9000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plantaforma dos carros.

Todo o serviço que for feito alem do indicado neste horario é considerado extraordinario.

Na estação da rua Infante D. Augusto recebem-se encomendas e fazem-se despachos para a grande e pequena velocidade nas estações do caminho de ferro, para o que haverá serviço especial de transporte.

Só se recebem volumes cujo peso maximo não seja muito superior a 100 kilos.

CORES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; vermelho, estação B; branco, Casa do Sal; amarello escuro, reservado.

Reconheceu logo Adhemar e o endiabrado Savoisi.

O primeiro tinha o chapéo ornamentado com uma pena branca e fluutuante, a banda era da mesma cor; estes dois senhores marchávão á frente e conversávão familiarmente.

Os cavaleiros, que formávão a sua escolta, conservávão-se respeitozamente afastados.

Savoisy sorriu impercétivamente, dando com o barão, mas o conde apenas pareceu reparar na boémia.

Passou de repente e debruçou-se sobre Savoisy, a quem disse algumas palavras a meia vós.

Entretanto Ombert, que não precisava saber mais nada, mas que não podia furtar-se a um certo embarço, voltou-se para Zea e disse-lhe em vós baixa:

— O conde de Adhemar vejo eu bem, mas onde está o duque?

— O duque de Orleans, respondeu Zea é um dos chefes que vai falar-me.

Ao acabar de dizer estas palavras, Ombert viu que a boémia lançára em volta do pescço uma banda branca semeada de flores de lis de ouro.

Entretanto o cavaleiro da pena branca, deitando sobre a boémia um olhar cheio de desdem e de cólera, disse:

— Quem é o garço que trás assim pelos campos as flores de lis de França! Zea deixou-se escorregar da garupa

Acaba de sair:

PÃO NÓSSO

ou

Leituras Elementares e Enciclopédicas por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 pájinas, adornado de inúmeras e admiráveis estampas, em ótímo papel, contendo no çóis elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o rezumo de todas as disciplinas que se estudão na escola primária. É o livro *post escolar* por excelencia, indispensável a todos, por ser formado daquella série de conhecimentos, que é imperdoável — vergonhoso até! — não possuir.

Preço... (BROCHADO... 500 réis (CARTONADO... 600

Do mesmo autor:

PARA AS CRIANÇAS

- A B C do Povo, para aprender a lér brochado. 50
- O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
- O Segundo Livro de Leitura » 250
- O Terceiro Livro de Leitura » 350

Todos estes livros, editorados em Paris, são preciozas lições de coizas, illustradas com admiráveis gravuras.

LIVRARIA AILÁUD

Rua do Ouro, 242 1.^o

LISBOA

E em todas as livrerias.

Córtes de colétes de fantasia, para o inverno, o que á de mais novidade.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

DUBUT DE LAFOREST

Os Ultimos Escandalos de Paris

Grande romance illustrado de numerozissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mistérios de Paris* e *Rocambole*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos ocorridos na actualidade.

Brinde a todos os assinantes: — Uma elegante capa de brochura para cada volume, impréssa a duas côres e com dezênhos apropriados ao assunto tratado no mesmo volume. Um premio da loteria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa nas condições do prospecto me distribuição.

Cheviótes inglêzas, o que á de mais moderno.

Machado — Alfaiate

Sofia 58 a 62

do cavalo e, pondo um joelho em terra, disse com uma vós que se esforçou por tornar, ao mesmo tempo, trémula e máscula:

— Monsenhór, este presente veio-me duma irmã, a quem vossa altêza...

— Basta, exclamou o príncipe, claramente abrandado, lembro-me confuzamente dèssa istória; recordar-me-ás as particularidades, em Paris, para onde te ordêno que me sigas!

Acabando de dizer estas palavras, o príncipe deignou á boémia o cavalo dum dos seus ómens de armas. Esse cavaleiro era precisamente o que Ombert avia desmontado na véspera.

O barão, apezar da cólera surda, que se erguia n'ele não pode deixar de sorrir do acazo daquela coincidência.

O jentilómem do príncipe picou-se com a expressão de ironia que viu passar no rosto do seu vencedor e aproximou-se do duque de Orleans, falando-lhe em vós baixa e mostrando-lhe Ombert; mas a sua denuncia não teve como resposta mais de que um olhar desdenhoso do príncipe, que pôs o cavalo a tróte e se afastou rapidamente seguido pela escolta.

Ombert tinha o privilégio das organizações felizes que consiste em uma certa aptidão em deixar-se moldar pela sorte.

As suas faltas vinhão mais da sua inexperiencia do que da falta de senso.

ANUNCIOS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES DA BEIRA ALTA

Avizo ao publico

A partir do dia 1.^o de novembro proximo futuro, serão supprimidos os comboios n.^{os} 25 e 26, do orario de 1 de Julho do corrente anno, que correspondião em Pampilhosa com os comboios n.^o 55 *Expêss* e n.^o 8 *Correio* da Companhia Real.

Lisboa, 20 de outubro de 1904.

O engenheiro diretor da Companhia, **Marquês de Gouveia.**

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COÍMBRA

MADEIRAS nacionais e estrangeiras: riga, flandres, mógno, vinhático, pau preto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalipto e pinho em todas as dimensões. Têlha massalha e portugueza, tijoulos, louza para coberturas e em todas as suas applicações. Cimentos de diversas márcas, çál idrállica e jêss. Louças sanitárias. Azulejos. Manilhas de grés e barro. Ferrágens para construções civis, pregaria, ferro, chumbo, zinco, estânho e férro zincado etc. *Láca Japoneza*, tinta de esmálte para férro e madeira. Óleos, tintas, vernizes, pinceis, asfalto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos processos mais modernos

Encarrêga-se de construções completas ou pequenas reparações

Executam-se todos os trabalhos em carpintaria, marcenaria e serrallharia, para o que tem sempre pessoal devidamente abilitado.

Alugão-se aparelhos para elevár materiais até ao pézo de 3:000 kilos. Vigamento de férro. Concértos em pulverizadores. Tubos, discos, cônes, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadores de diversos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões.

Depósito de côfres á prova de fogo e fogóis de férro.

Vende-se uma caza no Bairro Oriental de Montarroio com os n.^{os} 25 e 27. Quem pretendêr comprar dirija-se ao sr. João Márques Mósca, rua Martins de Carvalho.

MOBILIA

Vende-se um aparador, dois guardas louças, duas secretárias uma estante para livros, uma cómoda, uma montra de cristal, e outras peças miudas.

Para tratar, na Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, 156.

Devia enganar-se muitas vèzes ainda, mas nunca cair nos mesmos erros.

Algumas óras de cavaco tinhão-no preparado para esperar tudo da boémia: por isso ficou mediocramente surpreendido com aquella partida. Pensou imediatamente que a fuga de Zea ocultava algum projéto ligado ás manóbras secretas de Réchin, e um résto de confiança, que por acázo foi justamente dado, fêz-lhe dar fé ao olhar atêtuozo que a boémia lhe tinha deitado ao partir.

Mas um outro ponto o preocupava e inquietava mais.

Tinha no duque de Orleans um rival onrado de todas as seduções de que se julgava desprovido, e tudo lhe fazia pensar que Catarina amava o príncipe e talvez tambem o simples jentilómem.

Todos os seus projétos se achávão destruidos pela identidade do conde Adhemar e do duque de Orleans.

Avia encontrado no seu duplo papel o ómem nas mãos do qual a principio rezolvera pôr a sua sorte, e, se a condúta digna e comedida do conde lhe dava ocazião de esperar muito da jenerozidade do príncipe, sentia-se muito mortalmente ofendido por ambos para nada pedir nem a um nem a outro.

Começava ao mesmo tempo a vêr claro nos seus negócios. A audácia inaudita dos monjes de Moustiers explicava-se pelo poder do seu protetor, e o laço, que prendia o príncipe á abadia,

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbrá

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu proprietário fornecendo-as directamente das principais fábricas de productos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estrangeiros; está a pár do desenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possui uma collêção variada das mais modernas substancias e productos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a óra do dia ou da noite.

Análizes completas

de urinas, expétorações, sangue, correntes ureteráias e vajinaes, etc. etc. e bem como análizes d'aguas, vinhos, azietes, torrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excépcionais

Leilão de Penhores

A Caza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario, **João Augusto S. Favas.**

CAZA

Arrenda-se o primeiro andar, rua Fernandes Tomás, ponto central da cidade, muitas e boas acomodações, .indas vistas sobre o Mondêgo, agua e lgás

Tráta-se na Praça do Comércio, n.^o 14, 1.^o

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

Predio em Coimbra

Vende-se um situado na rua do Corpo de Deus n.^o 38, que consiste em magnífica casa de abitação com pára-raios, gás e agua de cisterna e da companhia, jardim e quintal com arvores do fructo.

Para tratar, em Coimbra, Confeitaria Telles, rua Ferreira Borges, n.^o 156, e no Pôrto, na rua do Brugnor, n.^o 148.

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até este preço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimento garantido, ou se emprestão sobre ipotéca bem garantida.

Carta á administração d'este jornal com as iniciais A. B. C.

deixava de ser um mistério desde que se tornava evidente que os interesses de um e de outro se servião mutuamente.

As menôres circunstancias, que para êle avião sido outros tantos pontos obscuros, recebião daquella luz nôva uma solução natural.

A tentativa de rapto, de que Catarina estivera para ser vítima, talvez resignada, não contribuiu pouco para o pôr na verdadeira direção.

Debaixo do capús do monje audacioso que tinha perseguido, via transparecer a pena branca do duque de Orleans. Eirão estas as ideias que assaltávão o barão, enquanto tomáva uma refeição frugal numa taverna isolada.

Espantava-se de que o sangue real tivêssa estado para corré na sua adága já por duas vèzes, e não podia deixar de estremecer pensando que estivera duas vèzes para tropeçar nas táboas do cadafalso.

Cada descobêrta trazia muitas mais, e a memória excitada figuráva-lhe os menôres detalhes do combate que tinha dado, de olhos vendados, contra tantos inimigos encarniçados para o perder. E na tempestade de ipótezes que o assaltávão, como vagas, todos os avizos misteriozos de Jean Réchin lhe apparecião, como faróis que illuminávão tudo de repente. A esta luz súbita, via de todas as partes recifes, dscólbos, mas de balde o porto,

(Continúa)

(41) Folhetim da "RESISTENCIA,"

O EXCOMUNGADO

XV

Mau encontro

A boémia continuou: — Monsenhór duque de Orleans vai passar acompanhado pelo conde Adhemar, agrada-lhe vê-los a ambos? Este encontro poder-lhe-ia explicar bem mistérios, mas não será sem perigo para o senhór.

Como Zea previra, o barão sorriu desdenhózamente.

Ombert, tirando as rédeas das mãos da boémia, transpôs rapidamente á órla dum caminho que o seu guia lhe fazia propositadamente costear á uma quarto de óra, e viu a trinta pássos um cortejo de ómens de armas.

Para vêr de frente os cavaleiros, que compunhão o bando, encostou o cavalo á sêbe marjinal, e fêz sinal a Bertram, que o alcançára, para tomar a mesma atitúde, mas a alguns pássos á rétguarda.

Entretanto aproximáva se o cortejo.

No meio de alguns ómens, completamente armados, Ombert viu dois cavaleiros vestidos de tunicas compridas, yobértas de velúdos e de pêles.

União Vinícola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal afetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana*.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uzo dos *Sacharolides d'alcatrão*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uzo dos *Sacharolides d'alcatrão*, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem uzado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avuleo, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómém e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómém.

PREÇOS REZUMIDOS

“REZISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 28700
Semestre..... 18350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 28400
Semestre..... 18200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 38600
Ilhas adjacentes, „..... 38000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFITARIA TÊLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauessiss. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retrotes vasos para jardins e platibandas, balaustrés, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómém e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómém como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA
Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta cáza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem vizitar esta antiga e acreditada cáza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta cáza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Mancel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bôrjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expétorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Litiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA IL USTADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 58000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 28500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 18300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em portuguez daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.



COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miudo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Clavado de 8 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordalera
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafas ou duzia de garrafas.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.º 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nésta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois esteve durante 16 annos, efetivo, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda hoje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

VINHOS DE PASTO GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

N.º 950

COIMBRA — Quinta-feira, 3 de novembro de 1904

10.º ANO

“A Universidade e a Nação”

O subito, e quasi diríamos burlêsco episódio politico, de que resultou a recente e pitorresca aparição do actual ministério progressista, ministério que os graciosos, nem sempre dados á piedade, fôrão alcunhando logo de *ministério sem pés nem cabeça*; tal aparição, verdadeiramente symptomatica e característica de uma sociedade sem talentos e sem vergonha — sobre tudo *sem vergonha* — fêz com que tivesse na imprensa uma repercussão de mediano interesse, muito abaixo por certo da sua altissima significação moral, essa scena estupendissima, nova e surpreendente mesmo para os próprios que já tudo esperão dos atuais costumes portuguezes, e que tivéra lugar em Coimbra, no dia 16 deste mês, adentro da vetusta, histórica, e como que disséramos tambem ierática *sala-dos-capêlos* da nossa Universidade.

Não á memória de um tão lastimozo dezastré.

São as amplas e venerandas parêdes daquêllo templo da Sciencia, testemunhas silenciosas e incorruptíveis de discussões ardentissimas, de atos de um sabêr estranho, de rasgos oratórios dignos dos bons tempos da Rôma antiga — dos dias de Tullo Hosulio, de Cicero, e de Appio Claudio —; e bem assim de tempestades de justiça, como essa que a mocidade académica de 1857 ali dezenadeára, á vós potente e prodijioza de Vieira de Castro.

Tudo naquêllo Areopago do sabêr nacional se terá dito, com subtilêza ou com crueldade, com ironia ou com irreverente paixão.

Tudo! Menos o que ali, no dia 16 deste mês, disse o sr. dr. Calisto quando, como um Inquizidôr extraviado, se permitiu fazer calar; em nome de uma obediencia monástica, á vós verdadeiramente sagrada de uma das primaciais figuras daquêllo Instituto, o sr. dr. Bernardino Machado!

Scribantur hæc in generatione altera! — como se dis no Psaltério.

Aquillo nunca entre nós se virá; e com assegurada esperança crêmos que jámais se verá.

Jámais.

Foi assim:

O sr. dr. Bernardino Machado, antigo e respeitadissimo catedratico da faculdade de Filozofia da Universidade fôra incumbido de recitar este ano a classica *Oração de Sapiencia*. Esta *Oração* constitue uma das práticas mais antigas da nossa sciencia official. Chamou-se-lhe, nos séculos xv e xvi o *principio no Estudo*, e como tal anda consignada já no testamento da infante D. Henrique (1460). Lia a nos primeiros tempos um Lente de Teologia; no seculo xv era pronunciada por um mestre-de artes.

Estas alocações revião, em regra, tôda a orientação mental do seu tempo. Valião como espêlhos do sabêr coléctivo, official, de uma idade.

As Universidades, quer pela vós dos seus teologos, quer dos seus presentados, quer ainda dos seus mestres-de artes fazião as suas afirmações de caracter intelectual, educativo e critico, tais como o estado dos espiritos e o cabedal da sciencia lho consentião, mas sempre, é claro de uma fórma eminentemente didática.

Por um tão alto motivo, não avia tipo classico, estático e improgressivo, para impôr a estas *orações*. Na Universidade de Paris, por exemplo, a versatilidade do seu criterio durante a idade média, em questôis de astrologia, é patente.

No século xiii (1296) não condêna os astrólogos; no seculo xv (1494) pronuncia-se pelo suplicio da fogueira, como o unico castigo proprio a punir os séctários da astrologia.

O mesmo se dá nas universidades

de Bolonha e Pádua, quando sobrevieo a luta entre *averroistas* e *lulistas*.

Em Padua o *averroismo* impéra desde Pêdro de Albano (1246 a 1312) até pleno século xvii — precisamente o século de Bacon e de Descartes — e já quando, desde Dante, o materialismo epicuriano, representado nos seus mais atrevidos sequazes, se achava naquella parte do Inferno onde se agrupão os que *fazem morrer a alma como o corpo*.

Suo cimitero da questa parte hanno
Con Epicuro tutti i suoi seguaci
Che l'anima col corpo morta fanno

Quando a Renssença, como precursora da Reforma, vem crear o conflito pedagogico, como uma das mais potentes afirmações do livre-exame, conflito cuja grandêza e vastidão de horizontes só pôde sêr comparado ao dos *nominalistas* e *realistas* dos séculos escolasticos, o criterio das *orações doutorais* renova-se, rompendo de vês, com o ciclo acanhado e estreito dos convencionalismos eruditos, falsamente chamados *majistraes*. Foi o que, desde logo, as Universidades inglêzas e alemãs, Witemberg e Oxford, principalmente, experimentarão na crise mental do seculo XVI, movimento de reação indomita contra o automatismo idealista dos *factos consagrados*, em que figuras como Pedro-Martir de Vermigli se apartão para sempre da comunhão de Rôma. Esta independencia vem até os nossos dias, sendo d'ela, ainda agóra, um modelo eterno os discursos pronunciados por Michelet, á setenta annos, na abertura da faculdade de letras em Paris, discursos, cnjas síntezes jurídicas e filozoficas levantarão ôje, em Coimbra, do Inquisidor Calisto, verdadeiros gritos do mais atrabiliario protêsto!

Claro, que foi, cedendo a estas alturas e eternas sugestôis do seu espirito, quando tratou de atualizar quanto possível, a *oratio sapientia* do seculo XVII com a dignidade mental dos nossos dias, que o sr. dr. Bernardino Machado orou na sala dos capellos, no dia 16 de outubro.

Omém de uma probidade transcendente, que em muitos pontos atinje os dominios do ascetismo; intelligencia de uma lucidês etérea, que alia á bondade inata de um santo a suprêma faculdade de percepção mais prônta e mais integral, o dr. Bernardino Machado orou como um sábio, como um mestre, como um patriôta, como um portuguez, e sobre tudo, como uma consciéncia do seu tempo.

Por isso em vês de fixar-se pela diviza classica, monastico-académica do seculo XVII, deu á sua *oração* inaugural o titulo intencionalmente umão de *A Universidade e a Nação*.

Este discurso é um documento unico na moderna história da psicologia portugueza. Moldado num estilo de uma plasticidade rãta, envolve-o a sômbra de uma melancolia suprêma. Basta lêr o intróito, de uma candura e de uma simplicidade patriarcal: — «A tristêza que sinto, quando penso no nosso ensino! Professôr, ambicionci consagrar-me sobre tudo á causa da educação nacional. E foi, cheio de esperança, que fis por éla as minhas primeiras armas, crêndo assegurados os seus triunfos pelo ardôr com que os mais estrenuos caudilhos de todos os partidos acudião, á porfia, a sustenta-la nos seus escudos.

Este é o têmea.

No proseguimento da sua palêstra, á qual o futuro istoriador da nossa desgraçada patria á de ir procurar os elementos da nossa ruina mental, da dezonrôza bancarrôta do nosso ensino, trata o dr. Bernardino Machado de justificar o seu dolorozo acôrto. Nada falta á majistraissima lição. Um rejimen de tiranias mánsas, absorve em seu proveito tôdas as energias nacionais compatíveis com a aviltadora mo-

ral do mesmo rejimen. Não á instrução nacional, do mesmo modo que não á defêza nacional.

Não á ensino, como não á exercicio; e não á exercicio, como não á liberdade. Sômos, neste momento, o fantasma de um povo: — de um povo docil e fatalista, que se lamenta, e que aceita, amaldiçoando-a em seu intimo, essa mesma tirania que, expoliando-o, o conspurca. «Em tudo, eu identifico — conclue o sr. dr. Bernardino Machado — no meu pensamento e no meu coração, a imagem da escola com a imagem da Patria...»

Não á memória, entre nós, de uma oração tão eloquente, tão impregnada de profundissimas verdades, nem tão sinceramente sentida.

Recorda, ao nosso espirito, alguma coisa de sagrado, de apostólico, dos dias da Reforma. Era se assim omém no seculo XVI. Por um momento a *sala dos capêlos* apparece-nos, numa transfiguração estranha, na sala histórica de Poissy, em que o sr. dr. Bernardino Machado, tendo deixado a comunhão monarchica como Vermigli deixára a comunhão de Rôma, por um alto impulso da sua consciencia, fala para o futuro como Theodoro de Beze. São os primeiros rumôres de um desmoronamento, que a história mais tarde celebrará. O mundo das ficções arcaicas derruindo, para dar passagem á nova Umanidade, que, por em quanto, só dentro das almas alvorêce.

Com uma differença, e essa importantissima: — é que á oração de Theodoro de Beze, em Poissy, a Inquisição Papal, representada ali na figura estranha e odiosa do cardeal da Lorêna — o Farnesio francês — não opôs mais que esta adversativa: — «*Il eût été à souhaiter que Beze fût muet, ou que nous fussions sourds!*»

Isto em 1561.

Trezêntos e quarenta e tres annos depois, em 1904, o Inquizidor monarchico de Coimbra, menos sanguinario por certo, mas muito menos crente sem duvida na monarchia que o cardeal lorêno, permite-se apenas a liberdade de opôr aos evangelhos da Sciencia Nova, a facundia, sensível e deploravelmente retardada, de sua profissão. Isto é: a Theodoro de Beze redarguiu o Padre Theodoro de Almeida, da Congregação do Oratório. A Savonrola, responde o conselheiro Acacio!

E, em seguida, quando o suposto eretico da casuzica azul-e-branca péde a este novo Inquisidor da Arcada, a este Cujas da Ajuda, licença para lhe corrigir os dezacertos, ou sequer, como fizêrão os bispos espanhoes em Trento, para opôr anatema a anatema — *anathma vos estis* — o sr. dr. Calisto, o Lainez da *pôrta-ferrea*, nega-lhe a devida licença! Em technica inquisitorial chama-se a esta negativa — *«não conceder mês»*.

Isto num templo de Sciencia, aonde a discussão como meio de apurar verdades, constitue não só um processo de critica, como tambem uma faculdade para a prática de um seguro exame!

Espantozo!

Tal a escandalôza novidade que no dia 16 d'este mês, e a dentro da *sala dos capêlos*, se perpetrou em Coimbra. Novidade que em boa razão se desdôbra em duas, visto que não só se inaugurou o sistema de se discutir ali, como em acto de conclusôis magnas, a *Oração de Sapiencia*, mas tambem se inovou o principio da intolerancia mais odiosa e mais cega, qual a que assenta no dogmatismo indiscutível, irritante e imperunente, de uma sciencia politica, jurídica, histórica e pedagogica, que apenas se nos impõe pela alvura dos seus cabêlos.

Que bello documento para a História da Universidade de Coimbra; e mais que isso, que corrosivo exemplo que a mocidade académica recebe de alguns dos seus professores!

No sul de Angola

Ainda não chegarão os relatórios sobre o dezastré do Cuamata e parece que só por eles o governo rezolverá o que á a fazer.

Dis-se que foi aceita a demissão do governador jeral de Angola, sr. Custódio de Borja, e que será nomeado para aquêllo lugar, o sr. Ramada Curto.

Este cavalheiro é um chefe de repartição do ministerio da marinha e medico reformado do ultramar, que fêz toda a sua carreira ou grande parte, na provincia de Angola.

Dizem-nos ser um funcionario sério, pouco dado a aventuras e bom administrador a principiar pelo que é seu.

Sendo governador jeral de Angola no último ministério progressista, parece que fêz elevar o seu ordenado de 6 a 9 contos de réis.

Conhece os omens e as coisas de Angola como poucos.

É muito amigo do comandante da coluna dos Cuamatas o sr. capitão Aguiar, tendo sido quem o nomeou governador do distrito de Mossamedes de onde depois passou para o da Huila.

O sr. Ramada Curto não tem comparação possível com o actual governador sr. Custódio de Barja.

Mais se dis que os distritos de Mossamedes e Huila formarão um território autónomo, debaixo da direção do sr. major Eduardo Costa, que será o organizador e comandante da nova expedição.

Parece que tudo isto são boatos; porque o ministro, comom edico que é, ainda está tateando o pulso ao câzo.

Governador civil

Diz-se com insistencia que será brevemente nomeado governador civil substituto de Coimbra o sr. dr. Anibal Ferreira da Costa Maia.

O sr. dr. Maia é digno a todos os titulos deste lugar pela sua onestidade, pelo conhecimento que tem do meio coimbrão em que se criou, pelo seu espirito conciliadôr e pela sua atividade que todos conhecem tão prestadia e jenerôza.

Para nós, a atividade do sr. dr. Anibal Maia teria applicação mais util na administração camararia.

O sr. dr. Maia tem qualidades de administradôr que são conhecidas por todos com louvôr; sabe administrar com zelo e com economia, tem um decidido amor pela sua terra, onde conta com o respeito de todos.

O seu lugar era naturalmente na administração do municipio de Coimbra.

No que deixamos dito, em nada vai a amizade que á muito liga o director da *Resistencia* ao sr. dr. Maia de quem tem sido companheiro de trabalho.

Se a nossa amizade falasse, éla nos aconselharia a afastar o sr. dr. Anibal Maia do governo civil e da administração municipal; porque de mais sabemos que a sensibilidade e o primôr do seu caráter ão de sofrêr no meio de mesquinha luta politica monarchica em que vai empregar a sua grande e intelligente atividade.

Registo civil

Na segunda-feira, foi rejistado, com o nome de Enrique, o filho do nosso correligionario sr. dr. João de Barros.

Fôrão testemunhas os srs. dr. José Carlos de Barros e Enrique Raimundo de Barros, irmãos do nosso amigo.

Parte amanhã para Lisboa o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado.

Festa de trabalho

Foi no domingo a inauguração do retrato do sr. Martins fundadôr da associação dos carpinteiros figueirenses, unica que atéta a vida do movimento associativo dos operarios figueirenses.

Ao mesmo tempo se inaugurava tambem para os associados a aula de geometria, rejida por um operario o sr. Cezar Caniceiro.

O sr. conselheiro Bernardino Machado fôra convidado por esta prestante associação para assistir á esta festa, convite que aceitou como em tempo noticiámos.

O sr. dr. Bernardino Machado era aguardado na estação pelo presidente e delegados da Associação dos Carpinteiros e pelos nossos amigos e correligionarios srs. Manoel Gaspar de Lemos e drs. Cruz e Cortezão.

Dali se dirijirão todos para a casa da associação, tomando o sr. dr. Bernardino Machado e as pessoas que o acompanhãvao lugar no palco, sendo recebidos com vivas, ao som do ino da associação, tocado por uma banda composta de associados.

Abriu a sessão o sr. Cezar Caniceiro da Costa, empregado das obras da barra e professor da aula de geometria, que se inaugurava.

O sr. Caniceiro fêz notar mais aquêllo melhoramento nôvo que ia atestar no livro das atas a vitalidade e o progresso da associação dos carpinteiros.

Mostrou a necessidade que tinham os associados de se instruir e convidou a inscrever-se até quarta feira próxima os associados que dezessem frequentar a escola e que ainda o não tivessem feito.

Dirijindo-se depois ao sr. conselheiro Bernardino Machado agradeceu-lhe o ter accedido ao convite da associação, dizendo que este se onrava por o vêr ali, no meio dos operarios e propondo o para presidente da sessão daquêllo dia.

Estas palavras fôrão recebidas com uma prolongada salva de palmas, tomando o sr. conselheiro Bernardino Machado o lugar da presidencia.

Ofereceu em seguida o sr. dr. Bernardino Machado a palavra a quem quizesse fazer uso d'ela, e, não a pedindo ninguém, tomou a êle dizendo numa linguaagem simples, mas elegante e cheia de cor e vida, as palavras que as nossas notas não podem deixar de dar apagadas e sem brilho:

Meus senhores!

A minha prezença aqui significa a muita simpatia, que tenho, pelas classes trabalhadoras da Figueira, por todas as classes, e direi mesmo por os omens de todos os partidos politicos da Figueira.

E sobre tudo pela classe dos constructôres civis da Figueira, que nos afirma nesta festa o seu extraordinario desenvolvimento e valôr.

Faço justiça a todos os partidos que se tem empenhado pelos progressos materiais desta boa terra, mas não posso por isso tambem deixar de acentuar e pôr em evidencia os esforços do partido democrata pelo desenvolvimento e progressos morais do povo da Figueira, desenvolvendo o formentando o principio associativo nas classes trabalhadoras, dando assim um exemplo de quanto podem os pequenos, de quanto vale o povo.

E' agora comum vêr arvorar a luta como dominando a sociedade, vêr afirmar como principio social a lei da luta pela existencia.

Esta associação é uma prova cabal de quanto é falsa tal assertão.

Seria um contraseno que a lei de atracção que é a lei dominante dos cor-

pos brutos, não fosse também a dos que pensão e sentem.

Felizmente que não á acto das classes trabalhadoras que o não ateste.

As classes dirigentes, pelo contrario, affirmão em toda a parte o prestígio e a força dominadora da lei da luta pela existencia.

Essa luta affirmão-na élas no campo relijioso, no campo economico e no campo social.

E' éla que domina os clericais que com as suas paixões e ódios, alterando uma relijio de pás e de justiça produzem a divizão na familia e de lá a lévão para a sociedade.

Para os arjentários é ainda a luta o principio dominante da vida.

Os plutocratas vivem em luta acéza e cruel, e déla temos nm exemplo, agora mesmo, entre nós.

Os partidos politicos que só vivem de subservencia aos chéfes ou ao chéfe... não têm outro principio para impôr a sua subservencia.

Vão até á luta ferós na rua ou na praça publica contra os direitos superiores do povo e da patria.

A lei de 13 de Fevereiro d 1896 é a prova mais frizante da açáo dos dirijentes que quérem na sociedade a divizão e a luta.

Pois é a concórdia e a pás o principio dominante da sociedade, como mostra este exemplo d'óje, como mostra esta classe dos construtores civis associando-se para o trabalho.

Não pôde deixar de encarecer os seus esforços, dando uma memoria especial ao sr. Martins seu benemérito fundador, cujo retrato se inaugura óje.

Esta associação que ainda até á pouco tempo éra simples associação para o trabalho, coméça óje num movimento associativo para a instrução, para o ensino.

E' o mesmo em toda a parte. Em toda a parte o povo trabalhador se une para fazer as suas reivindicacões em nome do trabalho.

No primeiro de maio, nas suas procissões civicas, nos grandes centros, o operario levanta-se pedindo as oito óras de trabalho, reivindicando assim o seu direito ao descanso; associão se as classes trabalhadoras, para, unidas, terem a força necessária para defender o trabalho, a sua vida.

Unem-se também as classes trabalhadoras para a instrução.

Assim se fórmão as universidades populares, cada dia mais numerosas, onde vão ensinar os intelétuais, onde ensinão também os filhos do povo.

E' o que se dá aqui.

Um trabalhador, é um operário que vem ensinar os filhos dos operários e dos trabalhadores.

Onra seja ao trabalhador, que assim se distingue.

(Prolongada salva de palmas.)

Meus senhores!

Esta vida nova social é auspiciosa e prometedora de melhores dias para Portugal.

Associando-se para o trabalho o povo melhora as suas condições economicas e envidará mais tarde os seus esforços para a prosperidade da sua terra, acabando por intervir directamente nos negocios do seu país.

Assim se fás o aprendizado da vida publica, no seu multiplo aspecto relijioso, economico e social.

Não se pôde ser verdadeiramente um ómem sem a vida relijiosa.

Não se é verdadeiramente ómem sem a associação para o bem.

E dessa associação estão dando os melhores exemplos ás classes trabalhadoras.

O povo fés dos seus sports obras de utilidade publica.

Os sports populares são as suas corporações de bombeiros voluntarios, as suas corporações de socórras a naufragos.

Emquanto que os sports das classes aristocraticas são uma maneira elegante de matar o tempo, os sports populares são obra de altruismo e da utilidade social.

E' esta a verdadeira relijio, a necessaria.

Uma relijio que enlace e prenda corações, a relijio da vida e do amor, bem contrária déssa outra de trévas e da morte.

Palmas e aplausos prolongados.

As classes populares, reunindo pelo espirito associativo os seus esforços, e multiplicando-os subirão por tal fórma na escála economica que o capital oppressor de energias, satisfás as necessidades de familia, e se aproveita no interesse da patria.

Assim vão cumprindo as classes

populares todos os seus devéres civicos, todos os seus devéres politicos, tomando parte cada vés mais átiva na governação.

O povo tem direito a eleger quem o governe.

E' éle que fás os comicios. E' éle a grande força. E' éle o que mais ama a sua terra.

Aprenda a incorporar-se; a unir-se, a mostrar a sua vsntade.

Vá a todas as eleições, sejam élas quais fôrem. Não abdiqúe dos seus direitos.

Espére tudo; que tudo tem direito a esperar.

E com fé!

Os dirijentes dos partidos politicos não são os que mais prometem.

As divizões que os separão, as lutas e os ódios aniquilão todos os esforços.

O povo, o povo sim, esse é que é a garantia do futuro do país.

Néle á o coração, o braço e a vontade, que tão jenerosamente se tem mostrado já na istória politica do nosso país.

Ele, e só éle, é que vále.

Ele, e só éle é que trabalha.

Quem fás crescer no sul as seáras que pouco a pouco nos vão fazendo menos tributários do estrangeiro?

São os grandes capitalistas, os possuidóres de grandes terréneos?

Não! São os rendeiros, o pequeno proprietario, o povo.

No norte, quem renova a vinha? E' ainda o povo.

Quem mais se socializa? E' ainda o povo.

Quem ama os filhos mais, quem os fás compartilhar do trabalho de cada dia, quem os leva para o pé do arado, quem espera cheio de anciedade a óra em que a mulher lhos traga, quando vái levar-lhe as refeições?

E' o povo trabalhador.

Esse é o verdadeiro chéfe de familia.

O dirijente é aristocrata, entréga o filho ao coléjio que o eduque.

Quem serve a sua raça são os filhos do povo.

E os da Figueira são muito meus dilétos, onra desta terra, esperança para este país e principalmente para mim que tanto confio nos seus ómens.

O final do discurso do sr. dr. Bernardino Machado foi recebido com uma calorosa manifestação de simpatia, rompendo os vivos ao illustre professor no meio das palmas mais entuziásticas emquanto a orquestra executava o ino da associação.

Tomou depois a palavra o presidente da associação que agradeceu pendoradissimo a aita consideração que o sr. dr. Bernardino Machado viéra dar com a sua presença á Associação que éle prezidia, tendo palavras de enternecimento para o grande professor, o grande mestre das letras, o grande amigo das classes trabalhadoras, terminando por dezejar lhe em seu nome e no dos outros sócios uma vida longa e de prosperidades.

O presidente da Associação terminou com mais calorózos aplausos, tocando de novo a múzica.

O sr. conselheiro ofereceu de novo a palavra a quem quizesse fazer uzo déla, e, como ninguem a pedisse, o sr. presidente da Associação dos carpinteiros tomou-a de novo, e numa linguaem despertenciosa, com toda a simplicidade da verdade e todo o calor da convicção, disse que não poderia éle calar-se ainda, apesar da fraqueza dos seus dotes oratórios e da sua falta de principios.

Que era grande a sua alegria por aquélla festa, que se sentia bem ali naquella caza, vendo aquilo tudo, feito pelos carpinteiros, á sua custa, e com o seu trabalho, roubando óras ao descanso do lidar quotidiano, trabalhando alegremente naquéle palco que avia de poupar aos associados mais de uma óra de umilhão, e serviria de socórrro pronto aos sócios.

Quem tem experimentado a amargura da vida sabe que não é nos outros, na loja que se encontra o auxilio nas ocasiões de crize.

Só quem trabalha a par tem caridade com os que não tem trabalho.

A loja vive de vendêr.

Aquéle teatro que éles tinham construido com tanto entuziasmo, avia de enchugar muitas lágrimas.

Quando algum percizasse de ser socorrido fazia-se naquéle palco uma representação.

A ninguem custa a dar dinheiro

pelo prazer, e o vintem dum o pataco d'outro dáva os mil reis que ajudarião a livrar da crize o operario trabalhador.

Mas éra necessário que todos trabalhassem para que a sociedade continuasse a prosperar.

A' quatro ános, não avia nada d'aquillo, e ninguem avia de dizer que éles, só, podéssem ter feito tanto em tão pouco tempo.

Isto é vontade de trabalhar.

A aula que se inauguráva éra um grande melhoramento.

O artista que trabalha sem saber, trabalha sem consciencia, não pôde fazê-lo bem.

Só o estudo dá uma consciencia ao ómem.

E só o operario que tem a consciencia de que sabe pôde dizêr de cara levantada: sou artista!

Venhão frequentar a aula, reunão-se todos.

Esta associação éra, á quatro ános, nada, daqui a seis, á vontade com que trabalhamos todos, pôde ser uma grande coisa, e muito poderosa.

Trabalhemos todos por fazer a força desta associação.

A estas ultimas palavras, souo por toda a sala uma salva de palmas, levantando-se vivas ao presidente, á associação dos carpinteiros e ao sr. conselheiro Bernardino Machado.

O sr. dr. Bernardino Machado encerrou então a sessão, agradecendo o afetuoso acolhimento que lhe tinham dispensado, exprimindo o seu voto pelo progresso da associação, o seu desejo pela felicidade de todos.

Assim terminou esta festa tão simpática pela alegria que se notava em todos os associados, como pelo alto fim social a que viza.

No fim foi distribuida a seguinte poesia oferecida ao sr. dr. Bernardino Machado.

SAUDAÇÃO

Nas lutas colossais da liberdade
A vult, como facho da verdade,
A luz da instrução,
Dos cerebros as trévas dissipando
E nélas, jenerosa, derramando
Seu intenso clarão.

Mais do que a voz orrenda dos canhões,
Mais que o rijo vigor dos esquadrões
Impondo seus direitos,
Nos brada a voz angusta da Sciencia
Chamando-nos á grata obediencia
Dos seus douts preceitos.

Rasgados horizontes de ventura
Desvendando-se da tetrica negrura
Que a instrução redime.
O ómem compreende só então
A sua nobilissima missão,
Tão santa, tão sublime.

Méstris: Sois vós os livros conscientes!
Das vóssas preleções elequentes
Provém nosso valór.
Por isso, a vós, que mestre sois eleito,
A omenajem rude do meu peito
Vos venho aqui depór.

E. V.

O sr. dr. Bernardino Machado partiu no rapido da noute para Coimbra, tendo na estação uma despedida afetuosa dos operários figueirenses, e dos nossos amigos e correligionários daquella cidade.

Theatro Circo

Terá óje lugar nesta elegante caza de espetáculos a segunda apresentação do artista transformista catalão sr. Torski.

A estreia deste artista fês-se na terça feira com o *Relampago*, imitação de personajens célebres, e *Escritório de teatro*.

Torski foi muito aplaudido e bem merecia sê-lo.

Tem uma apresentação insinuante e modésta, dis com naturalidade, e em cada papel, ou transformação encontra meio de sublinhar um ridiculo com espirito.

Torski dominou o publico que mostrava desejos de o vér imitar alguns dos nossos ómens publicos.

E' na verdade sorprendente a forma como modifica o rosto, dando ao mesmo tempo um jésto ao corpo, e alterando o jésto por fórma a dar-nos completo a presonajem, em que se transfigura.

A apresentação das presonajens é acompanhada da recitação de textos caracteristicos, feita elegantemente e com finura de espirito.

Espéra-se, com verdadeiro interesse a sua reparação de óje.

CRÓNICA

Terra de eterna mocidade.

O outão morre lentamente com o encanto de perfume e cor dum alvorecêr de primavera, e na alegria dos que coméçáo a estudar, soa mais alto o rizo alacre dos que vjêrão na saudade das óras sem cuidados da sua despreocupada mocidade.

E parecião éles os mais rapazes na sua alegria sã.

Com éles se ia saudózo o nóso olhar, vendo-os passar a rir, os braços enlaçados num abraço, á móda antiga, como antigamente era de uzo andarem estudantes nas ruas da cidade e nos atalhos pequeninos dos campos em que parece ouvir-se nas moitas vérdes dos salgueirais a frauta pastoril do velho Anacreonte.

E'ráo éles os verdadeiros estudantes, pela alegria com que sorrião a todos, pelo cuidado com que espreitávão em cada olhar a ocasião de fazer soar o rizo de mocidade, que aqui rirão pela primeira vés, e que julgávi perdido na vida amarga que lhes torcêra os lábios e lho fizêra fuir do rôsto.

Após a estranhêza de encontrárem tão diferente a cidade que avião deixado á dôze ános, veio a alegria, ao reconhecerem os lugáres em que passáráo mais a rir e a amar do que a estudar.

Ao vê-los, aparecia em rostos velhos a expressão de alegria que á muito andava longe déles, e as tricánas que envelhecém tão cedo, como se ou véessem sido fadadas para a alegria e amor duma jeração só, corrião aos abraços déles a lembrárem istórias que de todo não tinham ainda esquecido.

E os filhos dos amigos que lhe lembrávi, ao voltar das ruas, os rostos que á tanto não vjão, e o rizo que conhecião de tão alegre e que, á muito, os pais já não sabem rir...

Terra de amor e de saudade.

Parecia um jantar de rapazes aquéle jantar em que se reunia outra vés quem andava tanto tempo separado.

A alegria com que dizião alto o menu.

- POTAGE
Saint Germain
Consommé á la Victoire
- HORS D'OEUVRE
Pétits friands
- RELEVÉ
Poison sauce crevettes
- ENTREES
Filets de boeuf á la godard
Medaillons de veau á la fumière
Croustades de foie gras é la gelée
- LEGUMES
Asperges au sauce blanc
- ROTI
Dindon au cresson
- ENTREMETS
Puding á lá parisienne
Bombe glacée á Panánás
Patisserie assortie
- VINS
Coral, Granada, Ambar topasio, Porto, Madeira
Champagne et liqueurs

A alegria com que todos ouvião o Sanches da Gama explicar o simbolo da duzia como opposição ao sistema decimal de uzo em festas e comemorações.

Como todos seguião a expressão daquéle rôsto cheio de alegria sã, de clamando as suas declarações reaccionárias; que oppõem a duzia á décim e que exijiriam a remodelação das crónicas da India de João de Barros, como manifestação anticipada do espirito da renascença, ofensa á tradicional duzia portugueza, de tanto encanto em mul tiplos e submultiplos na moéda da prata e ouro!

E, como em nome da sciencia, éle citava eruditamente, o velho Spencer, de tão tristes noites no seu passado de estudante, figura a quem tudo se podia perdoar por têr morrido em plena luta contra o sistema decimal.

O seu corpo pequeno como que se encolhia para dar mais valór á ironia alegre, que os amigos juntos lhe trazião á flôr do rôsto.

E as imprecações que se levantáráo de toda a parte num protésto, quando éle annunciou que ia lêr uma poesia que fizêra em onra do seu curso, e em sua onra?!

Puzêra-lhe o titulo de *Cabelos brancos*, e confessava que os primeiros cabelos brancos lhos fizêra nascêr o curso.

Quando? Quando?! interrompião de todos os lados.

Quando, dizia com falso agastamento Sanches da Gama, encolhendo os ombros, nas guerras do alecrim e de manjerona da nossa récita de despedida.

E deixava serenar as rizadas que rebentáráo alegres á evocação daquélla festa, e que rompêrão em aluzóis ao Antunes a mais léve e delicada bailarina que tem alegrádo os ólhos de estudantes, a graça do par, um espanhol que, na redução da jentileza, lembrava um capricho de biscuit.

E a sorte que dêráo os futricas com o grémio sentimental, charge tão alegre do bom umór de Sanches da Gamal...

Por fim tudo serenou e éle pode lêr, na sua dição alegre, vibrante do seu mordênte espirito, a sua poesia ouvida com tanta atenção, sublinhada de sorrisos.

CABELOS BRANCOS

Aos meus condiscipulos, na reunião do curso de 91-92.

Passou o tempo dos rizos francos, Das mil loucuras da mocidade, Cabelos brancos! Cabelos brancos! Porque me vindes lembrar a idade?

Todos alegres, sonhando planos, Entre mil rizos, tudo éra graça; E assim passáráo «os cinco ános»... Tudo que é bello bem cedo passa...

Anos de estudo? Erão seméstris. (Tirando as férias e a quinta-feira... Ódios? — apenas aos nossos mestres, Mas éráo «ódios de bricadeira!»...)

«Alguns» dos nossos, mortos na estrada... Não mais lhe ouvimos a vós amigal... Mas a saudade angustiada Mortos e vivos a todos liga!

Deixémos isto, e recordemos A «vida airada» que aqui passámos, «Rapaziadas» que aqui fizémos, Tudo que vimos, tudo que amámos...

Longas conversas sobre o ideal, Almas injenuas buscando a luz... Lindos passeios pelo Choupai, «Jogos da malha» em Santa Cruz...

E as «cavaqueiras», depois da ceia, Sobre aventuras que fazem rir... E as serenatas á lua cheia Que os passarinhos vinhão ouvir!

Sonhando sempre coisas etereas Dos mil castelos feitos no ar... Vindas de férias, vindas de férias, Ai que romances para contarl'...

A mocidade de agora é triste, Ou finje sê-lo não sei porquê... Intimidade — já não existe — Trató-se agora só «por você»!

Nunca passeião pelas estradas, Não vale a pena... tudo os aterra... Não fálão nunca das namoradas, Nem contão cazos da sua terra...

Teem vergonha, que exquízite! De ser alegres na mocidade... Cabelos brancos... ai a velhice!... Só gabo os moços da minha idade...

Mas gosto ainda dos rizos francos E da sincera viva expansião... Cabelos brancos! cabelos brancos! Mas não os sinto no coração!...

Coimbra. 30-10-904.

A. SANCHES DA GAMA.

E quando Agostinho de Campos, outro minúsculo, se levantou a falar como móstre, no espirito moderno, sem o prejuizo da linguaem da cabeleira, e do respeito tradicional dos exempláres fósseis da instrução oficial?...

E o Alberto de Oliveira, outro pedis, com aquéles comovidos vérsos, recitados na sua vós dolente, acentuando o ritmo e a harmonia.

Alegre festa de rapazes...

Quando entráráo no teatro os estudantes aplaudirão-nos, como a irmãos mais velhos, e o País, o muzico tão querido das antigas jerações academicas, julgou-se novo também e em pleno teatro academico, deu o sinal á sua muzica e começou o ino academico, que parecia mais novo e mais alegre.

E éles começáráo a rir e a gracejar como se fóssem rapazes.

O País lembrou-se da alegria da sua despedida e começou a baláda que éles cantáráo em côro.

Lembrávi-se bem...

Alberto de Oliveira verificava admirado que não errávião os vérsos, como na récita.

Ensinára-lhes a harmonia daquéles vérsos a experiencia amarga, que lhes deu a vida o encanto da saudade...

Cartas de el-rei D. Pedro V

O nosso colega de Tomar—A Verdade publica a este respeito o artigo que a seguir transcrevemos:

Meu caro amigo Mario

Péço-lhe o favôr de fazer publicar no seu semanário as seguintes linhas:

A pouco veiu-nos á mão um numero do periódico de Coimbra, intitulado *A Resistencia*, onde lêmos um artigo cujo autor classifica de injustos os amigos e os admiradores do sr. Ernesto Loureiro, que, após a sua morte, apreciaram o seu talento e o seu saber e nesta apreciação ás referências ás *Cartas inéditas de D. Pedro V*, que ele fêz publicar, seguidas de um estudo psicológico sobre a personalidade do mesmo rei. Entende o illustre articulista que é faltar a um dever de justiça falar daquella obra e omitir o nome do sr. dr. Mendes dos Remedios, que a prefaciou e anotou.

No numero d'esses injustos entramos nós, que neste semanário publicamos um sinjêlo e umilde artigo no qual nos referimos ás *Cartas inéditas* e não falamos no sr. dr. Mendes dos Remedios, que muito respeitamos. Isto ainda em vida do autor, quando fizemos a apreciação do seu trabalho. Depois sintetizámos todas as suas admiráveis produções; colijimos essas perolas dispersas para as engastar na sua corôa de glória. E que nos importava que algumas delas se encontrassem de mistura com outras alheias, tambem de subido valôr? Estremamos o que lhe pertencia e não tinhamos que bolir no que não era d'ele.

Mas eis que lá na Lusa Athenas se alevanta severo juiz a incriminar-nos porque omitimos o nome de um douto professor a quem devemos respeito e admiração pelo seu saber, mas que nada tem com os merecimentos literários da sr. Loureiro, que só a si deveu a gloria que alcançou. E faltamos a um dever de justiça! Em que?

A um dever de justiça e até de humanidade e de respeito pelos mortos faltão, por certo, aquêles que depreciam os que já passaram desta vida, porque atacão sem piedade quem já não pode defender-se.

Os escritos do sr. Ernesto Loureiro são sempre apreciados e tidos em grande conta na imprensa de Lisboa, o até, em outros tempos, neste semanário, que com eles florescia e primou como periodico de provincia. Todos lhe admiravam a beleza do estilo, a fluencia da linguagem e a vastidão de conhecimentos. Era um erudito. O sr. Loureiro dedicou-se com afinco ao estudo da filozofia moderna; possuia uma magnifica bibliotéca dos melhores autores, cujas doutrinas consubstanciou, porque facil era na sua robusta intelligencia comprehendêr e assimilar as mais transcendentes questôis filozóficas, e disse deu provas em artigos, que escreveu em varios jornais da capital. O seu trabalho sobre a psicologia da personalidade de D. Pedro V, em que fêz applicação das doutrinas de Paulhan, foi elojiado pelo próprio Paulhan em carta que lhe dirijiu e que talvez ainda exista em poder da familia. E' esta carta uma irrefutavel prova da lucidês do seu espirito e do quanto estava a par dos estudos modernos daquelle natureza.

Como vem agora alguem dizêr que o sr. Ernesto Loureiro não era familiar tal assunto, que desconhecia na quasi totalidade até a bibliografia dos estudos modernos da mesma natureza e o fêz, por isso, sem este valioso auxilio e pelo impulso duma leitura do acaso! E' espantozo.

Como amigo intimo que fomos do illustre finado, não podemos deixar passar sem reparo estas asserções gratuitas e tão mal cabidas depois do seu passamento. Porque é que logo em seguida á publicação do livro, quando em varios jornais apparecerão elojios ao sr. Ernesto Loureiro, o autor do citado artigo não veiu dizêr o que dis agora e esperou que a morte cerrasse os labios e paralisasse a mão de quem casualmente lhe podia mostrar se era ou não ignorante das modernas doutrinas? E acuzo os outros de faltarem a um dever de justiça quem tão injustamente deprecia um morto! Mas, se o corpo exanime desceu ao tumulo, onde vai nutir-se para sempre essa porção de matéria e forma, que constituia o homem fisico, o talento e o satêr, que em vida o distinguirão, ficarão cá reproduzidos nos seus escritos para clamarem bem alto: é injusta a arguição.

Tomar.

JOÃO MARIA DO NOSSO!

Continuamos acentuando que na pequena local escrita na *Resistencia* não censuramos, nem podiamos censurar, louvores excessivos a um morto illustre, da parte dos seus amigos ou das pessoas de sua familia.

Exajêro, se o ouvêsse, seria respeitavel.

A *Resistencia* não pretendeu tirar o valôr a ninguem, nem podia fazê-lo.

As cartas estão publicadas, os trabalhos de Loureiro e Mendes dos Remedios são conhecidos de todos, cada um poderá têr sobre elles opinião própria.

A *Resistencia* irá arquivando nas suas páginas todos os documentos publicados, e responderá a todos elles.

E a respôta é bem facil. A *Resistencia* referia-se a um artigo especial, a sua nota sublinha palavras dum unico artigo.

Poderia dizêr já qual é, mas prefere responder a todos os que sobre este assunto se publicarem.

E como não obedece a paixôis, respeitaveis ou não, aguarda, com toda a serenidade de consciencia, a occasião de respondêr.

“Os Serôis”

Está em Coimbra o sr. Alberto de Oliveira, a quem a arte portugueza deve os mais relevantes serviços.

E' do sr. Alberto de Oliveira a iniciativa do gremio artistico de Lisboa, que começou com o modesto titulo de *Grupo do Leão*, aluzão ao café em que de preferença se reunião os artistas, e a que dêrão com os seus notaveis quadros a decoração artistica, unica em Lisboa.

Foi ainda Alberto de Oliveira o organizador dos catálogos illustrados das exposições anuais, outra innovação tão auspiciosamente iniciada no nosso pequeno meio literário.

Alberto de Oliveira veio a Coimbra estudar quais as illustrações que deverião acompanhar o artigo que o sr. Manoel Gaio está escrevendo para a revista *Os serôis*.

Os serôis vão continuar a sua publicação, que ultimamente se fizera com tanta irregularidade e que acabara por se interromper.

Comprou a propriedade o sr. Augusto de Oliveira, o editor bem conhecido pelo seu arrojô, pelo conhecimento dos assuntos de livraria, e pelos cuidados com que veste as suas edições, que ficarão bem, mesmo aos melhores editôres estrangeiros.

O livro de versos de António Corréa de Oliveira — *ARA* — poderia ter a marca, mesmo dum editor inglês.

Augusto de Oliveira, comprando *Os serôis*, propõe-se a melhorá-los, e quem conhece o intelligente editor, cheio de audacias modernas, conta com uma publicação que nos dá de onrar, e assinalará mais um progresso na arte do livro, tão descurada em Portugal.

Alberto de Oliveira tem vizitado os museus e mostra-se tão encantado com as belezas da excênçãoal paisagem de Coimbra, como com o movimento artistico da nossa terra que em grande parte desconhecia.

Os nomes do editor e diretor dos *Serôis* são garantia segura de que esta publicação será em tudo uma publicação util e moderna.

O primeiro numero deve apparecêr em principios de janeiro com data de Dezembro.

Bombeiros voluntários

Por absoluta falta de espaço não podemos referir-nos ôje á inauguração da associação dos bombeiros voluntários da Louzão, o que faremos devidamente no próximo numero.

Está sendo construido ao cáis um barracão para nêle representar uma companhia d'operêta que em breves dias deve chegar a Coimbra, tendo-se feito ouvir em varias terras do país e ultimamente na Figueira da Fôs.

E' dirijida pelo atôr Vitor Tsinha que fazia parte da companhia do *Theatro lisbonense* que no ano passado esteve na rua Sá da Bandeira em frente da manutenção militar.

Tomou posse do lugar de agrônomo do distrito de Coimbra, exercido até agora cumulativamente pelo sr. Albano Nogueira Pereira Lobo, agrônomo do distrito de Aveiro, o sr. Alexandre Nogueira do Couto e Almeida que á pouco foi transferido para Coimbra,

PENITENCIARIAS

Sendo o individuo o produto de varios factôres, qual o mais intanjêvel: — antecedentes physio-psicológicos e concomitantes morais e fizicos — antecedentes a crança nervôza dos antepassados, e concomitantes as relações com o mundo contemporaneo, o cunho impresso no organismo pela especialização do labôr, pela abastança ou pela fome, pelo clima glacial, temperado ou tórrido, tem necessariamente que se diferenciár, porque aquêlas quantidades entrão diversas e de varios modos na constituição do seu todo.

Daqui a razão porque uns são intelligentes mais, outros ménos; uns justos, outros injustos; uns bons outros maus.

Umaz vês influirã a quantidade, outras o arranjo das quantidades ou a constituição do todo. O que é intelligente e fisiológicamente bem constituido será bom.

O estúpido nunca poderá sêr rigorosamente bom (pôsto que dêles seja o reino do ceu), o intelligente e o estúpido fisiológicamente deformes serão, com muita probabilidade, maus.

Um ômem de pouca firmêza intellectual — bom de caracter — perseguido pelos outros ômens e, injustamente apodado de prevêrso, virã, com muita probabilidade, a tornar-se naquilo de que o acuzão. Quantos não terão devido a sua criminalidade a factos desta ordem?

Quando, pois, um agressôr da ordem, da justiça e do bem se manifesta urje izolã-lo para prevenir o contãjo: — a maldade é contagiôza — e curã-lo, porque a maldade é uma doença, ou melhor, — rezultado de doença.

Para curar êstes estados mórbidos é que, parece-me, se instituirão as penitenciarias. Se emprêgo a dubitativa é porque encontro flagrante antagonismo entre o espirito que deveria ter prezidido á sua instituição e a praxe seguida no seu funcionamento.

Quem réje tais estabelecimentos é um encartado em direito.

Ora, publicamente pelo menos, a competencia de tais funcionarios não pássa além da interpretação da lei, função que ali é inteiramente descabida.

A respeito de todos os que ali estão internados a lei já foi interpretada. Erro se o ouve foi de diagnóstico.

Uma vês ali dentro a questão é rejenera-los.

Penitenciaria é o lugar onde fãz penitencia, penitencia é sinônimo de arrependimento e para avêr arrependimento carêce-se de sufficiente consideração entre o que se fêz e a régra do justo e do bem que prescrevia o que se deveria ter feito, carêce-se de educação da intelligencia para intendêr e da vontade para querêr; carêce-se dum sacerdote que depure a consciencia do peccador. Nos séculos passados seria isto munus do padre, ôje, porém, que a psicologia se subordinou em provincia da fisiologia, terá que incumbir a quem, á similhança do que fazia o padre que perscrutava a alma do penitente, possa e saiba observar e corrigir o organismo do penitenciário. Ao médico, pois, tão meticulôza missão. Mas ainda não será todo e qualquer médico competente. Terá que sêr um que, dotado de facultades de bom observadôr, se saiba especializar naquella tão delicada como árdua tarefa.

Todavia, apezar de todos os defeitos, ainda muito se pôde conseguir. Com tôdas as suas imperfeições é preferivel ao carcere, para não falár já na estulta e barbara deportação.

Um e outra transformarão o infeliz, que um erro judicial para lá aja arremessado, em criminôzo, e refinirão as más qualidades do delinquente.

São um triste legado que, através das edades, chegou até nós para macular a civilização odierna.

Podêmos guiar-nos e com segurança, na computação da liberdade dum pôvo culto, pela maior ou menor facilidade com êle deporta.

Ora não é sufficiente que a penitencia rejenêre, porque a obra não fica acabada — á de completãr-se ou fenece na prova que se lhe segue no mundo.

(Continúa.)

O numero de pessoas que vizitãrão o *Muzeu de Antiquidades do Instituto* durante o mês de outubro último, foi de 192.

Americanos

Fôrão alterados os orários dos americanos, conforme a tabêla que publicamos noutra logar e para que chamamos a atenção dos nossos leitores.

A propôzito dirêmos que o concessionário continua envidando os seus esforços para que Coimbra tenha em breve a tração eléctrica, e que se estão elaborando os respêtivos projectos para serem apresentados ás companhias estrangeiras que pôdem encarregãr-se da montajem d'este serviço em Coimbra.

Além das linhas já existentes, está em estudos a volta pela Feira e Largo do Muzeu e o prolongamento até Cêlas.

Os trabalhos não têm andado com rapidês que era para dezejãr; porque as companhias são minuciozas nas indicações que pedem para estabelecer o seu orçamento definitivo.

A despezã com a montajem é relativamente grande, mas o sr. Andrade está convencido de que ella se fará e que não faltarão capitais.

A montajem da linha é que constitue a grande despezã, e néla é que está a dificuldade da execução do projecto.

Montada a linha as despêzas são menôres, do que com a tração animal, e a empresa não poderá deixar de dar lucro; porque o publico está praticamente convencido das vantajens mêmo do sistema da tração actual, apezar de todos os seus defeitos, em que avulta a morozidade do serviço.

E' transcrito do nosso colega *Norte* o brilhante artigo de José Caldas sobre a oração inaugural que oje publicamos.

FALLECIMENTO

Faleceu ôje o sr. Jorge Loureiro, filho do sr. Ricardo Loureiro, diretor da filial do Banco de Portugal em Coimbra.

Sucumbiu a uma tuberculôze, de marcha fulminante, que não foi possível debelar, apezar de toda a sciencia dos médicos, e de todos os extremos da familia amantissima. Era um rapás nôvo, ainda á pouco, cheio de saúde e vigôr; via a vida a sorrir, sempre no carinho amorozo dos seus.

O funeral terá lugar amanhã, 4, pelas 3 ôras da tarde, saindo o préstito fúnebre da sua rezidencia na rua dos Loios.

A familia enlutada sentidos pézamos.

Cursô de 1891-92

Comparecerão a esta simpática festa os seguintes bachareis:

Agostinho Celso d'Azevedo Campos, Alberto Tomás David, Alvaro d'Azevedo Leme Pinto e Mélo, António Cabral da Silva Torres, António José Curado, António Pereira Reis, António Vicente Leal Sampaio, Aires de Castro e Almeida, Ernesto Leite de Vasconcelos, Eujénio d'Albuquerque Sanches da Gama, Francisco José de Faria, Guilherme Quilinan da Silva Machado, João Augusto Antunes, Joaquim Alberto Martins de Carvalho, Joaquim d'Almeida Dias, Joaquim Nunes Mexia, José Capêlo Franco Frazão (conde Penha Garcia) Manoel Mouzinho d'Albuquerque, Mascarenhas Galvão, Nuno Freire d'Andrade, Pedro Gorjão Maia Salazar, Alberto d'Oliveira, Luis Nêto Ferreira, Romano Santa Clara Gomes, José António d'Almeida.

Enviãrão telegramas e cartas de saudações, manifestando ao mesmo tempo grande magua por não comparecerem, os srs. Adelino Adelio dos Santos, Adelino Soares Rodrigues, Afonso Coutinho de Souza Caldeira, António Augusto Cardoso Alves, António Candido Nogueira, António José Pereira da Silva, António Pereira de Sá Soto Maior, Artur Pinto de Miranda Montenegro, Francisco Ferreira Monteiro, João Duarte de Carvalho e Souza, João Lopes Carneiro de Moura, Joaquim Alves Torres, Joaquim da Silva Neves de Souza e Alvim, José António de Faria Velôzo, José Maria Nogueira, D. Luis de Souza e Olsitein, Quirino Avelino de Jesus, Artur José Soares, Paulo José Falcão, Manuel Borjes d'Azevedo Enes e Joaquim Alvares da Silva.

Não responderão ao convite tó e falecerão 8,

Jorge de Loureiro

(Falleceu)

Maria Alexandrina Silvã Loureiro, Ricardo Loureiro, Beatriz Loureiro de Lima, Domingos Silvã Briffa, Raul Loureiro e sua mulher Maria Emilia Valdez de Loureiro, Maria Piedade Valdez Briffa, Jayme do Espirito Santo Lima, comprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de seu muito querido filho, irmão e cunhado Jorge de Loureiro, cujo funeral se deve realizar amanhã, 4, pelas 3 horas da tarde, saindo o préstito funeral da casa da sua residencia, na Rua dos Loyos, para o cemiterio da Conchada.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias	Da rua Infante D. Augusto
8 ^h , 30 ^m manhã	9 ^h manhã
9	9,30
9,30	10
10	10,30
10,30	11
11	11,30
11,30	12
12	12,30 tarde
12,30 tarde	1
1	1,30
1,30	2
2	2,30
2,30	3
3	3,30
3,30	4
4	4,30
4,30	5
5	5,30
5,30	6
6	6,30
6,30	7
7	7,30
7,30	8
8	8,30
8,30	9
9	9,30

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias	Da estação B
3 ^h , 8 ^m manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5,51	
8,13	
2,30 tarde	
3,45	
5,50	
6,15	
6,35	
7,50	
11,17	
noite	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas da manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vesperas de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

CORES DOS FABRIS

Verde, indica a Alta; vermelho, estação B; branco, Casa do Sal; amarello escuro, reservado.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 reis. Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 reis,

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana*.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se a atenção sempre, o cuidado as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro
PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)
COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras.

Confecções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestias para ecclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

“REZISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 28700
Semestre..... 18350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400
Semestre..... 16200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 35600
Ilhas adjacentes, 34000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimento desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Saneisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 21 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balsustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo FONÓGRAFOS

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quaes tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA
Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra
99 — Rua Visconde da Lús — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Tem todos os modélos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem visitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se póde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestações e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valór.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

Mance José Téles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgjico

Análizes clinicas

(Expétorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bóca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Litiase urica, Litiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTRADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Directora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 58000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 28500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 18300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradução em portuguez daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand José Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.



COIMBRA

Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafa de 6 litros	Garrafa de litro	Garrafa botallera
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	550	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrações ou duzia de garrafas.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrendão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.º 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 anno de idade, de Sernache dos Alhos, ofe rece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois esteve durante 16 annos, effetivo, nos jardins dos srs. condes do Armeal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr póde procura-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios, mobiliaes e estabelecimentos contra o risco de incendio.

VINHOS DE PASTO GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bor daleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas roilhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA FERREIRA BORJES

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 951

COIMBRA — Domingo, 6 de novembro de 1904

10.º ANO

INTOLERANCIA

Na sua oração inaugural do ano lectivo de 1904-1905, recitada ultimamente na sala grande da Universidade de Coimbra, Bernardino Machado pronuncia-se contra o que elle chama «a superstição, entre nós tão arraigada que diríamos quasi atávica, de que todo o adversário é um eréje, um energumeno, que mercede, com a excomunhão, os maiores doestos, as maiores torturas e todas as penas perpétuas e eternas».

Bernardino Machado assignala, em suma, a intolerancia no carácter português.

Existe essa intolerancia?

Existe. E como não seria intolerante o espirito de um povo educado por jezuitas! A intolerancia está no nosso carácter e está nos nossos costumes. O nosso inimigo é aquelle que não é da nossa opinião. Diverjir simplesmente não direi já na escôlha de um principio mas na escôlha de uma gravata é, entre nós, motivo de discórdia. E' vêr a istória das nossas lutas liberais, desde as que precederão a implantação do liberalismo até ás que o ajitáram num periodo de quasi vinte annos. Ela é filha da mais ferô, da mais bárbara, da mais cruel intolerancia. Se a intolerancia miguelina foi levada aos ultimos extrêmos, a intolerancia liberal não o foi menos. A liberdade tem o seu advento — e o que vemos? Os liberais ortodoxos perseguindo os liberais scismaticos. Até a reconciliação de 51, em quanto o radicalismo liberal não capitulou, não ouve socêgo em Portugal. Os principios odiáram os principios, os omens odiáram os omens.

Se dissérmos que a intolerancia é o stigma de todas as civilizações de carácter sacerdotal e católico, não estamos longe da verdade. A Espanha, como a Italia, como a mesma França, sofrêram dêsse mal. Em Portugal, no entanto, o mal da intolerancia parece têr lançado raizes tão fundas no espirito nacional que, por assim dizer, como que lhe ficou pertencendo e é uma das suas caracteristicas. Por isso e com razão, Bernardino Machado a supôu um mal atávico. Nós temos a intolerancia no sangue.

Passou-se pelo menos meio século depois que as nossas lutas politicas termináram. A partir de Gramido, a nação pôde dizêr-se, vive numa rejência de acôrdo. Algumas diverjências individuais fôrão-se, pouco a pouco, dissipando, ou pela morte, ou pela conciliação. Sem as necessidades do sistema parlamentar não averia sequer partidos. Assim, á dois partidos, mas sem diferenças essenciaes e existindo apenas para desempenhar uma função mecânica. Rejeneradores e progressistas estão tão pouco separados pelos principios que não pôdem razoavelmente odiar-se. Pois bem! odeião-se, senão os que estão no poder e nas funções parlamentares, os que por todo o país representão a sua influencia e a sua força. Rejeneradores e progressistas, na provincia, são ainda inimigos, e não raro vêem ás mãos.

Mas o facto característico da into-

lerancia dos nossos costumes é a situação dos partidos avançados para com os partidos conservadores.

Em todas as nações rejidas pelo sistema parlamentar, os partidos chamados avançados, como o partido republicano e o socialista, têm o seu logar fazem a propaganda das suas ideias ao abrigo da lei comum, disputão os sufrájos da opinião com as mesmas armas de que se servem os seus adversários, finalmente tem assento nos parlamentos, tomão parte nos negócios publicos, intervem na vida do Estado.

A Espanha é o Estado liberal mais reaccionário de toda a Europa. A liberdade de imprensa, por exemplo, não goza ainda nesse pais retrógado dos beneficios de uma lei especial e está sob a acção do direito comum. Pois nesse pais retrógado o partido republicano tem direitos e funções em tudo semelhantes ás dos partidos conservadores. Só lhe falta estar no poder, porque está em toda a parte: na imprensa, no parlamento, nas reuniões, nos comícios, na praça publica, nos costumes e até no orçamento. A Espanha atribue, com effeito, aos seus ministros onorarios uma pága vitalicia, de que não izentou os ministros republicanos de 73, que só não a recebem porque a recusáram. Castelar, no entanto, recebeu-a.

A monarchia italiana é por ventura em toda a Europa aquélla que está mais cercada de adversários. Comtudo, o Estado reconhece por tal fórma a existencia dos partidos anti-dinásticos que não ezita mesmo em apelar para o seu concurso. A democracia italiana, como a democracia espanhola são factos perante os quais se inclinão os partidos conservadores dos dois paizes.

Em Portugal, o triúno da democracia em toda a parte não conseguiu ainda, não direi já dar-lhe uma situação legal dos partidos conservadores, mas sequer familiarizá-los com ella, até ao ponto de a reconhecerem tão sómente para a chamarem pelo seu nome. Á pouco tempo, na camara, o presidente do consêlho do último governo viu-se em graves embarços para designar o partido républicano, não querendo evidentemente servir-se da palavra — *re pública*, que lhe queimava os lábios, e mais tarde, no decurso de uma entrevista que teve com o jornalista espanhol Morote, alludiu ao facto de aver républicanos em Portugal englobando-os numa fráze vaga e assignalando-os pela designação de *utopistas*. Era o nome que se dava no tempo de Saint-Simon aos socialistas d'ôje.

Não me quero já referir, por não ser este o logar próprio para estas discussões, á situação extra-legal dos partidos anti-dinásticos, absolutamente banidos da vida pública. Na politica portugueza os républicanos, por exemplo, são verdadeiros párias. O Estado não os trata como adversários: trata-os como eréjes. Eles não têm entrada no parlamento, elles não têm logar na administração pública, mas — o que é peor! elles não têm logar nos costumes. A intolerancia ferôs dos portuguezes estabeleceu que, assim como á infermidades, assim á ideias contájozas. A democracia foi izolada como a fébre ti-

foide. A ortodoxia conservadora só mantém relações com os partidos avançados, com a condição dêsas relações serem clandestinas.

Mas — ó funda — ó arraigada! ó indelével intolerancia! — os partidos avançados, por sua vês, banirão da sua vizinhança não só os factos, mas os omens. Estabelecerão uma divizoria que separa os principios e separa também os individuos e que não se pôde simplesmente transpôr para apertar a mão a um amigo. Ai daquêlle que o fizer! Esse é um transfuga.

A intolerancia, no entanto, não está apenas nos costumes politicos. Está numa vasta ordem de ideias. Em regra, discordar é indispor-se. Ter uma opinião é quasi sempre têr um inimigo, que corresponde aquêlle que não a tem.

O que é próprio da intolerancia não é a discussão: é uma mudês rancorôza. Discutir é aceitar em principio a ideia do acôrdo. A nossa intolerancia ereditaria não discute: embezerra. Discute? Ah! então é terrivel! Não é discussão, não é controversia, não é contradita: é cólera. Quando dois omens em Portugal têm duas opiniões diferentes e as debatem, as suas intenções são jeralmente omicidas. O tipo da polémica portugueza é a injúria. O polemista característico de Portugal é Jozé Agostinho de Macedo. Não se conhece nada mais odioso e desbocado em todas as literaturas do mundo. O outro é Camilo. Fôrão raros os seus adversários que elle não condecorou com o epíteto de — burros. O nosso espirito de intolerancia é tal que mesmo os mais jenerozos interesses da intelligencia engalfinhão os omens.

João Chagas.

CAMARA MUNICIPAL

Realizão-se ôje as eleições e até á ora se tem conservado secreta a lista propôsta por rejeneradores e progressistas.

Nessa lista não está o nome do sr. dr. Dias da Silva.

Sentimos, e sentimos tanto mais que é o unico ato da sua jerência que temos a censurar.

Era agora que o sr. dr. Dias da Silva podia trabalhar afoitamente para bem da administração municipal, organizando os serviços com a competencia excepcional que lhe dava a sua intelligencia, o seu saber, e o conhecimento de todas as necessidades desta cidade.

Não devia, porisso, fazer-se riscar da lista dos seus partidários politicos.

O sr. dr. Dias da Silva soubera conquistar a confiança pública, administrava á vontade, sem rivalidade e ódios politicos.

O sr. dr. Dias da Silva devia ficar. Retirando-se, o sr. dr. Dias da Silva entrega ao seu sucessor uma missão espinhóza — a de completar o que apenas deixa esboçado e a caminho de realizção.

E o sr. dr. Marnôco é um novo cheio de talento e de boa vontade, mas que desconhece completamente o meio de Coimbra, e que por feito e carácter não pôde contar nos nomes indicados senão com a cooperação leal de bem poucos.

E o sr. dr. Marnôco terá apenas a missão difficil, mas de glória pouco aparente, de realizar os planos que o sr. dr. Dias deiza apenas esboçados, mas que absorverão todos os rendimentos do municipio.

O sr. dr. Marnôco tem apenas a sua bela vida de professor.

A sua dedicação pelo estudo é um exemplo a todo o professorado.

Se nas cadeiras universitarias á professôres que se lhe avantajão noutras qualidades, nenhum lhe é igual na atividade produtiva de trabalhos scientificos, reveladores de raro estudo e intelligencia.

O sr. dr. Marnôco tem sabido conquistar nome que o onra e á facultade em que ensina, contra a má vontade que dentro e fóra da universidade lhe granjeára a sua excessiva sensibilidade, bem própria do seu espirito de eleição, mas que lhe imprimiu sempre um feiço de rezerva pouco proprio a granjeár-lhe simpatias.

O que fês na Universidade fa-lo-á no meio politico de Coimbra o sr. dr. Marnôco e Souza, estamos certos disso.

Mas têr-se-á de afastár do ensino, em que está dando um exemplo raro de atividade no meio portuguez, e terá de dispendir inutilmente a sua enerjia num meio ostil que não poderá ser nunca o que queríamos para o seu carácter e para a sua intelligencia sempre em trabalhos tão nobres e alevantados.

O sr. dr. Dias da Silva não devia impôr-lhe não duro sacrificio.

E não o devia impôr também ao seu partido.

Foi o nome do sr. dr. Marnôco e Souza que obstou a que, contra a vontade do sr. dr. Dias da Silva, os seus partidários não rompêssem o acôrdo para o fazêrem continuar á frênte da administração municipal.

Se o sr. dr. Dias da Silva tivésse deixado figurar o seu nome na lista propôsta, não teria avido necessidade do acôrdo.

A lista triunfaria.

O sr. dr. Dias da Silva devia têr por isso aceite a propôsta em nome dos interesses politicos de seu partido, em nome dos interesses da cidade.

E nunca se deveria formar com aquêles nomes a lista de uma vereação que deve ter uma administração difficil e de pouco brilho politico.

Poucos se salvão naquella lista de nomes, sem passado politico, sem dedicação e sem vontade, lista que foi necessário trazer em segrêdo para não têr de cair no ridiculo publico.

Não! O sr. dr. Dias da Silva acabou com um mau ato politico a sua jerência, não servindo nem os interesses do seu partido nem os do municipio.

Dizemos-lho com a mesma sinceridade com que louvamos tantos atos da sua administração municipal de tão rara atividade, intelligencia, orientação e amor do bem publico.

Descanço dominical

A comissão iniciadora do encerramento das lojas de barbeiro ao domingo acaba de ver satisfeitos os seus desejos pela anuência dos proprietários dos referidos estabelecimentos aos desejos dos seus empregados.

A partir do dia 13 do mês corrente as barbearias de Coimbra fecharão ás 3 horas da tarde.

Assim se faça par muito tempo!
Este numero 13 é de enguicho...

Tuna académica

Nesta associação continhão abertos os concursos para sócios executantes, que se realizão todos os dias depois das 6 horas da tarde.

Sport-Club

No salão desta associação realizou-se ontem um espetáculo, cujo produto reverteu a favor de um grupo de artistas que fazião parte da companhia Mejstrick.

NA LOUZÃ

A multidão que viêra esperar á entrada da povoação o sr. conselheiro Bernardino Machado não dispersára apesar da chuva, e aguardava, ao abrigo dos portais a sua chegada, espreitando curiosamente.

No teatro ornamentado de colgaduras de damasco, prêzas em prêgas elegantes, apinháva-se a multidão, vendendo-se nos camarotes muitas senhôras.

A luz corria profuzamente dos lustres, dando alegria e viço ás fôres.

Um pequenito arvorava acima da multidão um grande e belo ramo de fôres prêzo na estremitade dum páo com um laço de fita.

Começou por falar o sr. Bernardino Padilha, a alma da associação dos bombeiros voluntários, espirito intelligente e empreendedor, estrenuo propagandista das ideias democraticas.

Annunciando a inauguração duma corporação de salvação publica, o sr. Bernardino Padilha disse que se tratava também já da formação duma caixa de socóros, do estabelecimento duma aula noturna, e de uma caza de reunião e prazer para os associados.

Agradeceu ao sr. dr. Bernardino Machado a sua anuência ao convite, que lhe avião feito, e propo-lo para presidente, proposta que foi recebida com uma salva de palmas.

Terminou levantando vivas ás classes trabalhadoras, aos louzanenses, e aos cooperadores daquella festa.

Ao terminar teve uma ruidôza salva de palmas.

O sr. conselheiro Bernardino Machado, ocupando o logar da presidencia agradeceu o acolhimento que lhe avião feito e propôs para secretários os srs. drs. Carlos Sacadura e João dos Santos.

A seguir, o sr. dr. Bernardino Machado deu a palavra ao sr. dr. Carlos Sacadura.

O sr. dr. Carlos Sacadura pede que lhe relêvem arrojô tão grande. Viêra alegre e satisfeito como simples espêctador, e, mal chegára, vira-se a braços com pedidos e instancias de pessoas a quem nada podia recusar.

Tinha de falar de improvizo a uma assembleia illustrada e selêta, ia falar em competencia com oradores experimentados. Estava porém na sua terra, tudo lhe relevarião porque sabião que falava do coração.

Traça um quadro colorido dos orôres do incendio nas populações abandonadas de socóros e fás avultar os que, desprezando o interesse, se sacrificáram para lhes valêr.

Terminou brilhantemente fazendo notar que o povo associando-se para os perigos, contra a doença, e para a instrução abandonáva o caminho antigo que tudo esperáva dum poder superior não se sabia qual.

O orador foi muito cumprimentado e aplaudido.

Tomou a seguir a palavra o sr. dr. João Santos que, em linguaagem levantada, se referiu á ancia de saber e de progresso que é a preocupação de todos desde as cidades mais populôzas ás aldeias mais umildes.

Em Portugal não faltão embarços as mais jenerozas iniciativas, por isso elle louvava mais a inauguração que se fazia e era reveladora de tão boa vontade.

A seguir viria a escôla nocturna e no fim a associação para o prazer, e em tudo isto se encontrava muito boa vontade e dedicação.

Referindo-se ao sr. dr. Bernardino Machado disse que era, foi e á de ser sempre um carácter, louva o seu amor pelas classes trabalhadoras, admira o seu talento privilejiado.

Termina felicitando os filhos da Louzã que tem dado tantas provas de abnegação e altruismo, ôje em dia em que ellas são o apanhio de raros espiritos.

Ao acabar de falar rompeu de todos os lados uma grande ovação ao sr. dr. João Santos.

O sr. dr. Fernandes Costa levantou-se então e começou falando na sua linguagem fluente, com grande sentimento e entusiasmo.

Louva aquêla que era a sua terra; descreveu-a em linguagem apaixonada, indicando o seu desenvolvimento progressivo, falando com calor dos melhoramentos que se annunciavão.

Para o sr. Bernardino Padilha e para a sua iniciativa, teve palavras do mais comovido afeto, exaltando a utilidade do principio da associação. Citou a propósito a istória da estriga do linho do oradôr sagrado Palhares.

Terminou por uma invocação ás senhõras, exaltando a religião nova da dedicação e do amor.

O nosso amigo, cujo discurso foi cortado de aplausos, teve no fim uma manifestação do muito que é querido e respeitado pelos seus patricios.

A seguir levantou-se o sr. Teixeira de Carvalho e disse:

Senhõr presidente, minhas senhõras, meus senhõres:

Vou falar-vos; porque o acázo me fêz encontrar esta manhã o sr. dr. Bernardino Machado.

Vinha para aqui. Antecipadamente sabia eu que o trazia o devêr; falou-me em vir com elle e eu vim.

Vim sem preparação, nem sabêr para o que vinha, disso pégo as desculpas, que dêvo, á consideração que me mereceis, ao respeito pelo presidente e pela mêza que elejêstes.

E estou satisfeito por ter vindo; porque mais uma vês vejo quão enganados andávão os que dirijirão os meus primeiros passos na vida e que me ensinãrão que o mundo morria na luta de todos os egoísmos.

Não, senhõres! Estamos no principio de uma era nova, vejo-o bem, era de pás e de amor.

Segui a religião nova e não vos enganais com aparências.

Numa luta ferõs batem-se agóra dois povos. Não vos enganais, sêde umanos amai russos e japonêzes.

A tódos nos liga a solidariedade umana.

Os russos amigos da nossa raça, bâte-m-se pelo preconceito do poder, os japonêzes, uma raça estranha, bâte-m-se pela cauza da pátria e do progresso.

Um povo agoniza nas mãos dum autocrata, outro cõbra nova vida pelo patriotismo.

Não tenhais inimigos nem parcialidades.

A ambos deveis amor.

Ao Japão dêve a Europa a renovação da sua arte agonizante, á Russia devemos o grito que soltamos nos combates pela cauza da humanidade.

Tolstoi e Dostoiwski são dois russos.

Começamos uma era de pás e de amor.

Era que ninguém sonhára.

Por isso me encanta esta festa de solidariedade umana.

Era nova. Vêde-o bem.

Aqui achais trabalhando ao lado do povo os que tão longe andávão dêle. Vêdes nésta sessão, applaudindo o povo, as aristocracias da raça e do talento.

Aqui vêdes os representantes dos jenerais gloriõzos que combatêrão ao lado dos humildes e fizêrão grande, na istória, o nome portuguez.

A trabalhar com o povo vêdes a aristocracia do pensamento, os que ainda á pouco se izolãvã na torre de marfim da iluzão e da quimêra.

Senhõres, mais do que a jenerozidade dêste grupo de õmens que sem mira no lucro se mostrãvã prontos a sacrificar a vida na luta contra o fogo, me interêssa o verificar mais uma vês, aqui, a existencia do principio associativo, o grande orientadôr da sociedade contemporanea.

Quer principiou a ligar-se contra o incendio, pensa já em ligar-se para a instrucção, pensa já em unir-se para o prazer como para a dôr.

Assim se fás a aprendizajem da vida civica.

Assim aprende o povo a conhecêr a sua força.

Assim aprenderá a combatêr, e a triunfar.

A pouco o meu amigo e correligionário, dr. Fernandes Costa falou-vos de Palhares, o grande oradôr sagrado.

E uma figura simpática da nossa istória.

Chamãvão-lhe o apostólico Palhares; porque a sua vós nunca soubêra mentir e dizia a verdade a tódos na linguagem franca e rude dos apóstolos.

Anda na tradição que os ministros lhe fizêrão sabêr um dia, que o afastariã do pulpito, se tornásse a falar mal dos govêrnos deante de el-rei.

Calou-se elle, e, na primeira festa em que teve de subir ao pulpito deante do rei, disse na sua vós forte e clara: Senhõr, proibem-me que fale contra os govêrnos, dôra avante não falarei senão contra os desgovêrnos.

E continuou censurando o ministêrio.

Se agóra vivêsse, teria muito de que falár contra os desgovêrnos o apostólico Palhares.

Não averia porém, talvez, quem soubêsse ouvi-lo.

Lembra-me a istória, que dêle vos contou Fernandes Costa, a parábola das vâras de Jezus.

Eu não sei bem se é de Jezus...

Ao fim da minha longa vida, eu confundo muito, e não pôsso assegurar-vos se o que vos vou contar é de Jezus ou de um escravo grêgo a quem chamãvão Esdopo.

E sempre a mêsa a vós dos bons quêr elles sejião deuses ou escrãvos.

Não estranheis que vos fale em deuses quem tem passãdo a vida em preocupaçõs tão divêrsas, na vida da sciencia, não estranheis que vos fale em religião quem pásse, justamente, por avêssõ a tódos os preconceitos.

Não sei se o que vou contar-vos é de Deus ou do escravo, mas aparêce-me agóra como do Cristo, na lembrança de religião do amor que me ensinou minha mãi.

Ja o Cristo por um caminho estreito. As sêbes floridas afagãvão-lhe o rôsto, na caricia lêve em que as trazia o vento perfumãdo da primavêra.

Falãvão os apóstolos da inutilidade dos seus esforços: tão poucos e tantos e tão poderõzos os contrãrios!

E Cristo, sem dar palavra, ia cortando das sêbes astes pequeninas que limpãva de flores e fôlhas novãs.

Por fim, quando os apóstolos se calãrão, Cristo saiu do dôce alheamento em que andãva sempre sobre a terra, e estendêdo uma aste ao mais novo disse-lhe: vê se és capã de a partir.

S. João partiu o raminho a sorrir. Voltou-se então para S. Pedro e estendêdo lhe as outras, que reunira num feixe, disse-lhe: parte êssas sem as separar!...

E de balde S. Pedro torceu os musculos, o feixe ficou inteiro. Sêde bem unidos, concluiu Christo, e triunfareis.

Já vêdes, senhõres, que é bem velho o santo principio da união das classes, que fás a garantia do progresso da humanidade.

Era muito antigo, mas a humanidade esquecêra-o.

E são os esforços dos frãcos e dos humildes que o fizêrão revivêr.

E dos pequenos esforços que se levanta a obra grande.

Da umilhação da era que comêça virá a glória do futuro triunfante.

Senhõres Deixai-me contar-vos...

Perdoai: eu sou um velhõ que já não sabe senão contar istórias.

Tenho passãdo a vida como os pedintes; chego ao fim da vida com a sacõla cheia.

Na estrada longa, em que tenho andado, tenho batido a muita porta.

Em poucas cãzas me tem deixado entrar, mas tódos me tem dado alguma coiza: no mundo dão esmõla, mesmo aquêles a quem o não pede o coração, para não fazer falar os outros.

De todos tenho recebido alguma coiza: trago a sacõla cheia.

Na vida, que me tornou amarga o ódio e a ingratiãdo, eu aprendi o que só ensina o sofrimento; eu aprendi a amar.

Tenho a sacõla cheia, para todos tenho a palavra que abrandã o sofrimento, tenho cheio o coração.

Deixai-me tirar dêle uma parábola e esta pôsso dizer-vos que é de Cristo.

Era pela manhã cedo; Cristo caminhava apressado, porque aquêle dia seria sem descanso.

No silencio dos apóstolos, sou de repente, numa jura, a vós de S. Pedro que ia á frente de todos, e, quando Cristo lhe perguntava o que era, respondia: a ferradûra dum asno! e atirava para longe um bocãdo de ferro, sem fôrma, ruido pelo tempo.

Cristo debruçou-se sobre o chã e apanhou a ferradûra, limpãdo-a ao seu manto.

S. Pedro resmungou, encolhendo os ombros.

Na terra, que tinhão de atravessar. Cristo vendeu a ferradûra e comprou cerejas que escondeu numa dôbra do seu manto.

Levantou-se o sol, os apóstolos continuãvão caminhando.

Apertou o calor; S. Pedro, o mais impaciente, começou a queixar-se.

Cristo tirou da abãda duas das cerejas que levãva escondidas e deixou-as cair com uma benção.

Ao vê-las cair no chã, S. Pedro baixou-se e apanhou-as para matar a sêde.

Continuãrão andando, S. Pedro continuava queixando-se, e, a cada queixa, Cristo deixava cair sobre a terra algumas cerejas que S. Pedro apanhãva, bendizendo o milagre.

Era o calor sufocante.

Da arca, levantava-se o sol a ardêr, e a cidade distante oscilava na tremulaçõ quente do ar, deixando a todos na duvida de que fõsse a iluzão duma mirãjem.

S. Pedro sentou-se sobre uma pedra a escaldar e disse que não podia andar mais.

Cristo parou e deixou cair da abãda as cerejas todas.

S. Pedro debruçou-se sobre o chã e começou comendo avidamente.

No fim ergueu-se, com uma força nova e ia já andando, quando se lembrou de que não agradecêra a Cristo.

Voltou-se e Cristo, abençoãdo-o, disse-lhe a sorrir: Vê S. Pedro, se te tivesses baixado uma vês só para apanhar a ferradûra, poderias ter comprado as cerejas como eu, e não terias de te abaixar com umilhação, tantas vêzes, sobre a terra do caminho.

Assim é, senhõres, por nos querermos poupar a pequenos esforços no principio da vida, por não nos baixarmos por orgulho, andamos depois a vida inteira a curvar-nos com umilhação, e procuramos justificar-nos com dizermos que temos necessidade de comêr!

Não desprezeis os esforços por humildes, elles vos poderão poupar a umilhação da vida inteira.

Senhõres Desculpai-me o ter abuzado tanto das vossas atençõs.

Não sei falar, tenho sempre bem pouco para dizer, e, se aquêles que tendes sempre na vossa estima e no vosso respeito, me trazem consigo quando os chamais, não é pelo meu saber, nem porque lhes possa angariar a simpatia para a cauza que defendem.

Não! Trazem-me; porque eu sou como os rochedos abandonados, em que nem a urze mêdra; mas que dão um encanto novo á vós potente do mar.

E eu venho sempre contente, porque, por experiencia da minha longa vida, sei já que, ao pé das multidõs, me encho de uma enerjia nova.

Ao pé de vós, nas vossas alegrias, como nas vossas dôres, o meu ser fraco vibra todo das aspiraçõs da vossa vida forte.

Como os rochedos das praias de-zêrtas, que tirão do rude bramir das ondas o encanto da vós armoniõza do mar...

Quantas vêzes não andamos nós á beira mar a querer entender a vós que se levanta das ondas.

Mal êlas se formão ao longe, parecê-nos ouvir uma vós que ora fala d'amôr, ora se ergue em cóleras, e que por vêzes nos fás olhar anciados, como se nos gritasse por socôrro alguém que esteja para morrêr afogãdo.

Aproxima-se a onda, a vós do Mar torna-se mais clara; mas quando julgamos que vamos ouvi-la bem, a onda quêbra e aquêla vós morre num jemido, abafado nos beijos do murmurar da onda que recõlhe.

Assim andamos sem a compreendêr, muito tempo; até que um dia, o acázo do caminho nos lêva ao pé dum rochedo desconhecido e abandonãdo que o mar roeu de muito lutar com elle, e ficão-nos os ouvidos prêzos da vós encantada com que nêle são o êco tão confuzo do falár aspero do mar.

Eu chêgo ao fim da vida como êsses rochedos aridos e abandonados, só conhecidos dos que andão longe dos caminhos em que tódos passão a rir e a folgar.

Estou bem longe já do meio do caminho da vida, vêjo formãda já a onda que á de levar-me, mas môrro contente porque eu sinto que tãdo o meu ser vibrará da vossa vida, e que, até ao meu ultimo momento, até ao fim, a minha vós se á de levantar, sem eu quêrêr, no grito que condênsa tódas as vossas aspiraçõs e que os outros não ouvem no vósso tumultuar revõlto, e môrro contente, porque sei que até ao ultimo momento a vossa vós forte me fará gritar, como agóra, por um impulso de tãdo o meu ser, que não pôsso reprimir nem escondêr, o que annuncias, sem os outros entendêrem, o triunfo próximo da democracia!...

Disse. Serenada a manifestação de benévolo acolhimento que tivêrão as palavras do sr. dr. Teixeira de Carvalho, levantou-se o sr. dr. Bernardino Machado que falou na mais elegante simplicidade referindo-se com louvõres calorõzos á festa.

Depois de agradecer as deferencias que lhe fõrão dispensadas, acentuou o carater altruista, verdadeiramente relijioso, da associação que em tão luzida festa civica se inaugurava, sãb os olhãres benévols das senhõras, sempre prontos a animar e a aplaudir as açõs nobres e jenerõzas.

O partido liberal e democrático, a massa trabalhãdora que fundamentalmente o constitue, atêsta por as suas iniciativas valorõzas, quanto é capã de tódas as mortificaçõs e sacrificios, não egoistamente, sectariamente, para se salvar a si, mas, umanamente para salvar os outros. A sua religião é uma religião de vida e de amor.

Se á ainda reacionãrios fanãticos que intentão, restaurando ominõzos tempos, acendêr fogueiras para nelas lançar os liberaes, por elles, culpados de erezia, nós liberaes devêmos dar pelo contrãrio, em tãda a parte, o exemplo de que sãmos capãzes de afrontar os maiores perigos associãdo-nos, organizãdo-nos mesmo em corporaçõs como aquêla de bombeiros voluntãrios para nos lançarmos, se tanto fôr preciso, ao meio dos incendios e arrancãmos ás suas chamas amigos ou inimigos, sêja quem fôr, tenhão ou não as nossas opiniõs e as nossas crenças.

E é, lutando contra o mal na natureza, que nos disciplinãmos e irêmos, aguerrindo para lutar contra o mal na sociedade, os vícios, a corrupçã, a tirania.

Os que um dia, em breve, manejarẽ destramente o machado e a agulheta da mangueira para dominarem o fogo estarão no dia seguinte, aptos para empunharem uma espãda e apontarem uma espingarda em defêza da familia e da pátria contra os inimigos externos ou internos.

Não era ocaziã para desdobrar o quadro dos sofrimentos e vexames que attribuiã a alma nacional. O dia era de radiõzas esperanças. Via-se ali quanto se pôde confiar no futuro, graças ao esforço e abnegação do nosso bom povo trabalhãdôr.

O côpo de bombeiros voluntãrios da Louzã, nos exercicios a que ia entregar-se, nos atos de eroismo, que certamente avia de praticar, quando os seus patricios necessitassem de apelar para o seu auxilio, o que, mais que tudo, fortificãria, era o seu coração. Pelo aumento pois de cordelialidades que os seus benemêritos membros trarião aquêla tão simpática povoaçã, elle os cumprimentava, e especialmente ao seu incansavel presidente o sr. dr. Bernardino Padilha.

O sr. Carlos Sacadura fechou a sessão agradecendo em seu nome e no de tódos os louzanenses a onra que o sr. dr. Bernardino Machado lhes dêra accitando o convite que lhe avião feito.

Evacuou-se então o teatro, no meio dos vivas, e a multidão foi inaugurar a caza da Associação.

No teatro ouve a seguir um profuzo e delicado côpo de água.

O primeiro brinde foi levantado pelo

sr. dr. Bernardino Machado a Bernardino Padilha e seus colêgas, ás autoridades locais e aos dignos representantes ali prezentes, dos diversos partidos políticos, que tão simpãticamente tinhão compreendido o alcance da nova instituiçã.

Trocãrão se depois os brindes de melhor cordelialidade entre todos, com referencias elojiõzas ao nucleo republicano, que agora comêça a sua vida politica na Louzã.

O sr. conselheiro Bernardino Machado fêz vótos porque o nosso partido republicano na Louzã fõsse o que elle sempre mais dezeja ser na sociedade portuguezã, um centro de atração de forças, e de dedicaçõs de todos os que pugnão pelo bem da nossa querida pátria.

Foi um bêlo dia, que se é de muita alegria para o sr. dr. Bernardino Machado e para os seus amigos que, dia a dia, verificão o prestijio do ilustre caudillo republicano, não o dêve ser menos para o sr. Bernardino Padilha que viu inaugurada com tanto brilho a obra que lhe dêve tantas canceiras e cuidados.

Com aquêle fino tacto que parece marcar o aje da eloquência de s. ex. reverendissima, o sr. bispo de Coimbra e conde de Arganil, senhõr de Coja e Alcaide mór de Avõ, fêz um discurso monumental sobre a deficiencia das congruas.

Deus fêlo grande no corpo. Os õmens fizêrão-no grande nas onrarias. Ele fêz-se grande no discurso grande...

E' um discurso istórico. S. ex. ofereceu o seu voto para a chefatura do sr. Jozé de Alpoim!...

O sr. Alpoim agradeceu e fêz o elojo do sr. bispo conde.

Foi o contacto politico de duas grandêzas.

Tinha o quêr que fõsse duma cêna preistorica.

O sr. bispo conde foi terno, sem brandura.

Mostrou-se senhõr de Coja, com alguma coiza da ameaça como alcaide mór que é de Avõ. Com o talento literario de que dão sobejas prõvas os seus discursos, em que tão onrõzamente figura o que recitou no Bussaco por ocaziã das manõbras, o sr. bispo conde traçou o quadro negro da mízeria dos pobres curas, que andão gordos e anafados pela graça de Deus, e alguns dos quais conseguem dar dinheiro a juros, porque o senhõr dos exercitos lhe multiplica as batatas do passal com a mesma maravilha com que multiplicou os pãis e os peixes.

Com a autoridade que lhe dá a sua longa vida politica, o sr. bispo conde sagrou futuro chefe do partido progressista ao sr. dr. Jozé de Alpoim.

E foi pedindo o aumento da congrua...

Excelente õmem e excelente politico.

Por fim ameaçou o govêrno com a cólera dos seus curas que por ora tem sofrido tudo, mas que um dia se poderão levantar contra o govêrno!

Pobre alcaide mór de Avõ...

Ofêrta

O sr. Jozé da Rocha Brito ofereceu para o medalheiro da bibliotêca da Universidade varias moedas antigas, nacionais e extranjeiras, de prata e ouro.

Até ao ultimo momento pôde avêr uma surprêza.

Para a camara propõsi-se a seguinte lista:

Dr. Marnoco e Souza, presidente.

Vereadores progressistas:

Dr. Silvío Pélico, vice-presidente.

Dr. Pereira Jil, Miguel Braga e Victor Feitor.

Rejenêradores:

Francisco Vieira de Carvalho, João António da Cunha, Serafim Gomes Ferreira e dr. Jozé Falcão Ribeiro ! !

E' êste o esforço maximo da ligação de dois partidos monarquicos.

Foi necessario reunirem-se para constituir esta lista em que poucos nomes á de jente de valor.

Ao que chegarão os partidos monarquicos...

PENITENCIARIAS

(Conclusão)

Se o ómém, compelido por motivos de ordem moral e de ordem económica, não tivesse de viver em sociedade, e não dependesse desta como a parte do seu todo, sêr-lhe-ia suficiente a virtude para satisfação da sua moralidade. Ao ómém, porém, já pela necessidade de cambiar afetos, produzindo-se a simpática e mutua corrente de sentimentos: já pela enormidade da luta que êle, abandonado a si, teria de sustentar com os elementos, em que carceraria de pujantes faculdades para simplesmente se manter, é-lhe forçoso aliar-se com os seus semelhantes; conglumar com êles seus esforços, compartilhar as suas dôres e fruir em comum os prazêres para com a máxima probabilidade d'êxito conseguir o seu fim: — viver feliz e constituir um êlo ferás entre os antepassados e os vindouros.

Ora em sociedade não é bastante que em nosso íntimo reconheçamos a conveniencia de nossos actos com a propria regra. Exije-se-nos que dêmos satisfação aos outros membros da comunidade do quantum de onestidade em nós cabe: — carecemos de ser onrados daquela vaga qualidade que se chama onradês.

E onradês e virtude não são a mesma couza. A virtude reconhecemo-la nós, a onradês tem de ser afirmada pelos outros.

Se praticamos o bem, apesar de tudo e com intenções puras, sômos virtuosos, se esta virtude nos é reconhecida pelos nossos semelhantes, aparte mesmo as nossas intenções, sômos onrados.

Mas a opinião nem sempre espera pela análise de nossos atos para á vista dêles nos julgar. Guia-se, a maior parte das vêzes, para proferir o seu temível *veredictum* por uma simples apparencia — por um ato anterior que nos fôra imputado e que não praticáramos, ou que praticado já sobre êle refeitimos o suficiente para nos conduzirmos de modo diverso.

A opinião julga-se abilitada a rotular moralmente um ómém logo que de posse de improba tradição a respeito dêste.

Parece que aquêla fráze do Bispo d'Hipona — *«pelo peccado o ómém tornou-se em maná de perdição»* se inoculou em todos os cerebros e cristalizou em substrato de convicção, de fórma que na avaliação dum carâter se parte sempre, ou quasi sempre, da ipóteze de que seja um mau!

Uma vêz impressa a nota d'infamia num ómém, êste está perdido. Outros que vênhão julgão-se dispensados de investigar os factos anteriores determinantes de tal *veredictum*.

Como é para o mal, assinao de crus.

E todavia é bem difficil esquadriñar as notas que constituem um carâter.

A onradês da pobre vitima é uma coiza tristemente afundada e irremediavelmente talvês. De nada lhe valerá a mais inconcussa onestidade. Os que com êle tratão não a vêem, e se a vêem, como são lojicos e é impossivel a coexistencia no mesmo individuo de onestidade e dezonestidade, concluem lejitimamente que o mesquinho tambem é ipócrita!

Eis como uma consciencia se pode submergir.

A dignidade é mola cuja elasticidade tem limites.

Não é em vão que as nossas rétas intenções são desvirtuadas uma e outra vêz.

Assim como o ingrato nordeste, precipitando-se jelado sobre os pomares floridos, lhes emurchêce as tenras florinhas, esvaindo-se a esperança dos apertórios frutos, assim a calúnia invadindo a purêza duma alma lhe vai fannar as mais elevadas faculdades e com estas a efétuação de atos jenerozos.

E a calúnia não consiste só na imputação doutros que se não praticáram. E' sim tambem a exajeração da maldade do que se fêz, é o conceito de que perdura no espirito ao ajente a propensão a fazer o que uma vêz cometeu, ou era capaz de cometer, e de cujo estado de alma já se lhe operou a regeneração.

«Na própria terra ninguém é profeta» é proloquio popular e mui verdadeiro: A razão é porque os patricios em vêz de ponderar a moralidade de cada um pela qualidde d'atos que efétuam, estabelecem primeiro um juizo baseado em coizas passadas sem escôlho

nem critério, e depois não avalião o ómém pelos atos, senão os atos pelo ómém.

Terá o penitenciário que reccar sobrar em tão nefasto baixio? Aqui providenciou a lei que evita que os reclusos se conhêção mutuamente e isso é bem. O penitenciário não terá mais do que ir viver para terra onde antes não fôsse conhecido. — Seria assim...

Mas a sua frente vái um pregociro clamando o seu nôme, estadeando-lhe o crime que lhe fôra imputado, aprezeptando-o á sociedade como um ómém que vem da penitenciária que para a opinião pública equivale ao cárcere.

Este pregociro é a imprensa periódica — essa colossal avlanca que umas vêzes se elêva a fuljentiissima estrêla de progrêso, propulsora de todas as liberdades, para outras descambár em vorájem onde se submérjem carateres.

E assuntos não faltão, empolgantes, atraêntes.

Eu levanto, pois, a minha vôs, indignado com esse procedimento, leviano nas intenções, mas funêsto nas consequencias, da imprensa em patentear todo o passado, tristemente memorável, dum ómém que talvês esteja rejenerado, mas cuja onestidade percerá perante o *passaporte amarello* que êla lhe concede. E, quando não proceda por um modo positivo, ao menos, poderá cooperar com o seu silencio na elevação de muitos carâteres a quem os preconceitos alheios, mais do que os próprios vícios, degradárem para as infimas raias da dignidade umãna.

Coimbra, 24 de outubro de 1904.

Flores Enriques.

GABÕES D'AVEIRO

Machado — Alfaiate

R. da Sophia, 58 a 62

COIMBRA

A tinta de escrever pôde matar?

Dis a êste respeito *L'illustration*:

A' tres ânos, um jornal médico suíço lança uma certa comoção no publico, fazendo-lhe sabêr que, segundo as experiencias que acabávão de se realizar, a tinta dos tinteiros descobertos — como é a dos estudantes e das pessôas que tem de escrever muita vêz — contem uma quantidade consideravel de bactérias patojénicas e que, assim, as pessoas — sobretudo as crianças — que tem o mau âbito de levar a pena á bôca, para a enxugar ou limpar, ou ainda o de lambear as nódoas de tinta para limpar o papel em que cáem, se arriscão a envenenar-se introduzindo nas vias digestivas microbios maléficos. A tinta parecia pois constituir um perigo publico, atendendo á falta da limpeza abitual nas crianças. E' na verdade tão perigôza? Tal é a pergunta que fêz a si mesmo B. Heymann, de Breslau.

Heymann começôu por observar a composiçã jeral das tintas, e isso começôu por o socegar: é na verdade muito pouco propria para servir de liquido de cultura a microbios,

Depois estudou a flora microbiana da tinta. E, ainda neste ponto, teve a satisfação de demonstrar que é muito restricta e consiste unicamente em alguns bolôres banais.

Por fim, quis vêr se os microbios pôdem viver na tinta, e introduzindo culturas dêles no liquido incriminado, procurou qual éra a sua sorte. E' simplesmente deploravel; para êles, não para nós.

Porque a tinta se mostrou bactericida, mata os microbios, em lugar de os fazer viver.

Os spóros do *penicillium* morrem no fim de dôze ôras de banho; as bactérias patojénicas morrem mais depressa ainda, ao cabo de uma ôra.

Não á microbios que resistão a um banho de tinta.

Não pôde por isso êla constituir um perigo publico.

E a conclusã a tirar é que, se convem por limpeza que as crianças não lambão os pingos da tinta, não metão as penas na bôca, a sua saúde não tem nada a sofrêr em tal pratica. A tinta não introduzirá nos sens côrpos nenhum jermen infeciôzo, ou se o introduzir será sob a forma de cadaveres inofensivos.

E' necessario ser limpo por simples amor da limpeza e não por medo da morte.

Carta do Rio de Janeiro

17-X-904.

Mandadas celebrar pelo conselheiro sr. Camêlo Lampreia, nosso ministro aqui, realizãrão-se no dia 12, pelas 10 ôras da manhã na matris da Candelaria, nesta cidade, com a assistencia do que á de mais distinto no comércio, nas finanças e na administração pública desta capital, as exéquias dos nossos soldados assassinados na emboscada preparada pelo jentio do sul de Angola. Os jornais desta capital refêrem-se tôdos a êste ato que foi dos mais imponentes que se tem realizado nos tempos brazileiros, achando-se a igreja ampla, repleta dos que chorávão a pátria ferida.

Durante a cerimônia tocou no côro a banda do côrpo de marinheiros.

Na lista das pesseas presentes á cerimonia, entre centenas de nômes, nôto-se os seguintes:

Conselheiro C. Lampreia e senhóra; dr. A. Penna, vice prezidente da República; almirante Julio de Noro, ministro da marinha; comendadôr Palma, consular jeral dos Paizes Baixos; dr. Alberto Fialho, ministro do Brazil em Portugal; comissôis do Monte-pio dos empregados das repartições do govêno português; Liceu literário português; Real Associação beneficiante dos artistas portugueses; Real A B Condes de Matozinhos S. Cosmedo Valle; deputado Oliveira Figueirêdo; representantes do Banco união do comércio e Companhia de seguros «Mercurio»; Diretoria do gabinete português de leitura e comissão do Centro beneficente da colônia portuguesa.

Continúa sendo o assunto de tôdos as conversas o revês sofrido por Portugal; os jornais são arrebatados das mãos dos vendêdores por tôdos os que se interessão pela pátria portugueza, ávidos de lêrem os telegramas enviados de Lisboa pelos correspondentes dos jornais.

O *Portugal Moderno* em seu numero de 8 do corrente, fêz um apêlo á colônia portugueza, nesta cidade, solicitando o seu auxilio em favôr das familias dezamparadas dos nossos soldados môrtos pela Patria; e agora acaba de distribuir umas listas por diversas câzas comerciais, e sociedades portuguezas, para angariar donativos para tão levantado quanto simpático fim.

P. V. Trindade.

AVIZO

A comissão iniciadôra do encerramento das barbearias aos domingos, participa aos ex.ºs freguezes que foi rezolvido de comum acordo com os signos proprietarios dos referidos estabelecimentos, a encerrãrem-se todos os domingos, ás 3 ôras da tarde, a principiãr no dia 13 do corrente.

Coimbra, 3 de novembro de 1904.

Acaba de sair:

PÃO NÓSSO

ou

Leituras Elementâres e Enciclopédicas por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 páginas, adornado de inúmeras e admiráveis estampas, em ôtimo papel, contendo noções elementâres sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudão na escola primária. E o livro *post escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado daquêla série de conhecimentos, que é imperdoavel — vergonhoso até! — não possuir.

Preço... [BROCHADO... 500 réis [CARTONADO... 600 »

Do mesmo autor:

PARA AS CRIANÇAS

A B C do Povo, para aprendêr a lêr brochado... 50
O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
O Segundo Livro de Leitura » 250
O Terceiro Livro de Leitura » 350

Todos estes livros, editorados em Paris, são preciosas lições de coizas, illustradas com admiráveis gravuras.

LIVRARIA AILAUD

Rua do Ouro, 243 1.º

LISBOA

E, em todas as livrarias.

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

(Desde 6 de novembro de 1904)

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias	Da rua Infante D. Augusto
8 ^h 30 ^m manhã	9 ^h manhã
9 » »	9,30 »
9,30 » »	10 » »
10 » »	10,30 »
10,30 » »	11 » »
11 » »	11,30 »
11,30 » »	12 » »
12 » »	12,30 tarde
12,30 tarde »	1 » »
1 » »	1,30 »
1,30 » »	2 » »
2 » »	2,30 »
2,30 » »	3 » »
3 » »	3,30 »
3,30 » »	4 » »
4 » »	4,30 »
4,30 » »	5 » »
5 » »	5,30 »
5,30 » »	6 » »
6 » »	6,30 »
6,30 » »	7 » »
7 » »	7,30 »
7,30 » »	8 » noite
8 » »	8,30 »
8,30 » »	9 » »
9 » »	9,30 »

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias	Da estação B
3 ^h 8 ^m manhã	Depois da chegada dos comboios excepto nos rapidos em que as partidas são logo depois das d'estes.
5,51 » »	
8,13 » »	
2,30 tarde	
3,45 » »	
5,50 » »	
6,15 » »	
6,35 » »	
7,50 » »	
11,17 » »	

Aos domingos e dias santificados são suprimidas as carreiras das 9 e 10 horas das manhã, das Ameias, e das 9,30 e 10,30 da rua do infante D. Augusto.

Nos dias santificados e nas vespéras de feriado são prolongadas as carreiras até ás 10 horas da noite.

PREÇOS DAS PASAGENS ENTRE OS DIFFENTES PONTOS

Estação B dos Caminhos de ferro a Rua do Infante D. Augusto (Universidade) — 80 réis.

Estação B dos Caminhos de ferro ao Largo das Ameias ou Mercado (Manutenção Militar) — 50 réis.

Largo das Ameias ou Casa do Sal (Choupal) á Rua do Infante D. Augusto (Universidade) — 40 réis.

Casa do Sal (Choupal) as Ameias — 40 réis.

Largo das Ameias, Casa do Sal (Choupal) ao Largo de D. Luiz — 40 réis.

Gazometro á Estação B dos Caminhos de ferro — 40 réis.

Largo das Ameias, Casa do Sal (Choupal) ou Infante D. Augusto (Universidade) ao Mercado (Manutenção Militar) — 30 réis.

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) ou Gazometro ao Largo de D. Luiz — 30 réis

Gazometro ao Largo das Ameias — 30 réis.

Casa do Sal (Choupal) á Estação B — 30 réis.

Gazometro ao Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) — 20 réis.

Gazometro ou Largo de D. Carlos ao Mercado (Manutenção Militar) — 20 réis.

Gazometro á Casa do Sal (Choupal) — 20 réis.

Praça 8 de Maio (Samsão) ás Ameias — 20 réis.

Arcos do Jardim á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 20 réis.

COBES DOS FAROIS

Verde, indica a Alta; vermelho, estação B; branco, Casa do Sal; amarello egu'ra, reservado.

ANUNCIOS

Bolacha Bernardino Machado

A *Fábrica Progrêso* de bolachas e biscoitos, na rua da Moeda, acaba de expôr á venda uma nova marca de bolacha em Omenajem ao Conselheiro Bernardino Machado.

Esta nova marca de bolacha encontra-se á venda em todas as mercearias d'esta cidade.

Joaquim Miranda & Filho.

CARVÃO DE KÓQUE

Vende-se ao fundo do Bêco do Castilho, cuja câza tambem tem entrada pelo antigo Quintal do Prior, ao preço de 150 réis cada 15 kilos.

Pôde sêr partido no local da venda onde existem os instrumentos necessários para tal fim.

Moveis antigos

Vende-se duas cadeiras de coiro, um contador, uma meizita de custura de pau preto com pés torneados e uma cama antiga de pau de caixão que pertencêrão ao Convento de Lorvão.

Quem pertendêr pôde dirijir-se a Clementina Ribeiro dos Reis, rua do Visconde da Luz; que está encarregada da venda.

Antonio Ferreira Pereira, previne os seus amigos, e freguezes, de que mudou o seu estabelecimento, que estava situado na Avenida Navarro, para a rua de Ferreira Borges n.º 151 e 152.

- Cheviotes inglêzes, o que á de mais moderno.

Machado — Alfaiate

Sofia 58 a 62

Leilão de Penhores

A Caza Auxiliar de Credito Industrial previne que: desde 15 a 30 de Novembro terá principio o costumado leilão, que durará até ao fim de Dezembro proximo futuro.

O Proprietario,

João Augusto S. Favas.

Impressor

Precisa-se na Typ. França Amado.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio — Coimbra

Esta caza depois das modificações que acaba de sofrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu proprietário fornecendo-se directamente das principais fábricas de productos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estrangeiros; está a par do desenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possui uma collêção variada das mais modernas substancias e productos quimicos.

O aviamento de todo o reccituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direção do seu administrador.

Esta caza encarrega-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a ôra do dia ou da noite.

Analizes completas

de urinas, expetorações, sangue, corrimentos ureterais e vajinaes, etc. etc. o bem como analizes d'aguas, vinhos, azietas, torrenos, etc., etc.

Preços absolutamente excêcionais

Côrtes de colêtes de fantasia, para o inverno, o que á de mais novidade.

Machado — Alfaiate

Sofia, 58 a 62

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até êste preço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimento garantido, ou se emprestão sobre ipotêca bem garantida.

Carta á administração dêste jornal com as iniciais A. B. C.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUZITANA

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e cûrão as mais das vezes com o uso dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacarolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os teem uzado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para celezasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

PREÇOS REZUMIDOS

“REZISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 3\$600
Ilhas adjacentes, „..... 3\$000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fór onrado.

Avulso 40 réis

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sêcos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando-se de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito;

medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, pipões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, lavas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

CÁZA MEMÓRIA

DE

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lus — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valór.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

FONÓGRAFOS

Mancel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.ºs 34 e 35, — Coimbra.

SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

DE NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expétorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuosas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

Agua da Curia (Mogofores — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTREXEVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofore Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico Gotta, Litiase urica, Litiase biliar, Engorgitamento hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

MODA ILUSTADA

Jornal das familias — Publicação semanal

Diretora: D. LEONOR MALDONADO

Condições de assignatura: por anno com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5\$000 réis.

Semestre, 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas; 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 números com 550 gravuras de bordados, 2\$500 réis.

Trimestre, 13 numeros com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 numeros com 260 gravuras do bordados, 1\$300 réis.

Cada número da *Moda Illustrada* é acompanhado dum número do *Petit Eco de la Broderie* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mesa, enxovais para crianças, tapeçarias, croché, ponto de agulha, obras de fantasia, rendas, etc., etc. Encontra-se na *Moda Illustrada*, a tradção em portuguezs daquelle jornal.

Assina-se em todas as livrarias do reino e na do editor — Antiga Casa Bertrand Jozé Bastos — rua Garrett, 73 e 57 Lisboa.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrêndão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frente para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos, n.º 7 a 17.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois estêve durante 16 annos, efféto nos jardins dos srs. condes do Armeal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pôde procurá-lo em Sernache dos Alhos.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo



COIMBRA

Installação revisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (15 de outubro de 1904)

Marcas	Garrafas de 1 litro	Garrafas de 1/2 litro	Garrafas de 1/4 litro
Tinto GRANADA	500	100	70
» CORAL	500	100	70
» AMETHYSTA	400	—	—
Branco AMBAR	500	—	80
» TOPAZIO	—	—	120

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafas ou duzia de garrafas.

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garraffão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebero pelo custo.

Prevenção. — Os garraffões levam o carimbo da Adega em lacra, e nas rolhas das garrafas e garraffões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.